EM PORTUGAL E NO ESTRANGEIRO

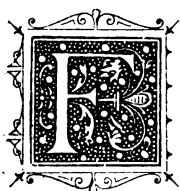
MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

EM PORTUGAL

E NO

ESTRANGEIRO

(ENSAIOS CRITICOS)

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA — LIVRARIA EDITORA
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54
1899

A RAINHA

ORAM-ME amavelmente pedidas algumas palavras que acompanhassem o retrato de S. Magestade a Rainha, offerecido hoje por este jornal[1] como um brinde precioso aos seus numerosos leitores.

Não ha realmente mais agradavel incumbencia.

A Rainha, no espaço de oito annos, que tantos ha que occupa ao lado de seu regio esposo o throno d'esta nação, tem logrado fazer de cada alma portugueza, ainda a mais inaccessivel e a mais esquiva, uma alma rendida e grata.

Não ha rudeza ingenita que se não deixe

[1] *Diario Illustrado.*

subjugar pela magia irresistivel do sorriso da Rainha, pela indefinivel doçura, intellectual, pensativa, do seu formoso olhar...

Vinda directamente de uma grande casta, á qual durante seculos só ensinaram que tinha enormes direitos, e a que nunca ousaram dizer que tinha, por isso mesmo, enormes deveres — Ella, só, pelo trabalho disciplinador e depurador do seu entendimento claro e recto, percebeu que os direitos lhe chegavam ás mãos já mutilados, já desfeitos, e que só os deveres restavam inteiros, amplificados, augmentados pela acção complexa do tempo.

E esses deveres, esmagadores, como são, e incompensados como tambem infelizmente a vida moderna os fez, acceitou-os a Rainha, a todos, sem hesitação, com uma intrepidez viril a que dá singular encanto a sua belleza tão feminina, um *não sei quê* de infantil, e como que, de timidamente receioso, que lhe ficou na expressão reflectida do seu rosto de linhas suavissimas.

Póde bem dizer-se, sem receio de exagerar, que não ha entre as senhoras da sua Côrte uma senhora que menos se divirta do que a Rainha. E a isto, que apresenta-

mos apenas como simples affirmação de um facto evidente, devemos porém acrescentar como louvor supremo — e que mais que a Rainha trabalhe.

S. Magestade a Senhora Dona Amelia interessa-se por todas as instituições de beneficencia do paiz, intervindo em algumas, como por exemplo no benemerito Instituto Ultramarino, directa e efficazmente; fundou por iniciativa propria em Lisboa um Dispensario, que foi um grande exemplo que já fructifica n'outras terras de Portugal, e que foi ao mesmo tempo uma obra sublime de piedade feminil, de piedade maternal; não ha um desgraçado que bata em vão á porta do seu Paço; não ha uma ideia boa e sympathica que no seu coração não encontre agazalho e guarida.

Ser distinguido pela sua graciosa e alta benevolencia constitue hoje um premio, desde que se sabe que uma intelligencia fina e culta preside ao seu criterio delicado. A Rainha lê, estuda; adora a Arte; cultiva com delicadissima intuição, e critica com discernimento raro varios ramos d'ella; protege-a no que póde e sempre que póde: e do seu bolsinho, de que os indigentes

exgotam muita vez a ultima mealha, ainda logra extrahir, não sei por que milagre de ordem, subsidios que dão por exemplo aquella maravilha da estatua de Teixeira Lopes, representando a sua remota antecessora Izabel de Portugal.

Penetrar por um favor precioso nos seus aposentos intimos, é ficar com uma impressão inolvidavel d'esta alta personalidade feminina, séria nos gostos, grave na comprehensão da vida, intelligente na applicação das suas faculdades e do seu tempo.

Não ha nada frivolo ou pueril n'esta nobre mulher coroada.

E, o que não pode deixar de captivar um coração portuguez: a gente vê sobre as mezas de elegantes pés torneados ou sobre os gueridons graciosos do gabinete em que a Rainha escreve e classifica a sua vasta correspondencia, ou da deliciosa salinha toda branca em que trabalha ou lê, entre feixes de flores, e entre os retratos dos mais queridos, os livros de poetas e de prosadores portuguezes, o desenho por concluir de algum monumento nosso, ou de alguma peça da nossa joalheria mais rendilhada e fina...

Ao pé das peças esplendidas de Saxe que adornam os contadores portuguezes lá estão peças authenticas da nossa ceramica do Rato.

As nossas cousas merecem á Rainha uma especial predilecção, e n'este paiz em que tantas mulheres teem a triste vaidade de ignorar a sua lingua, a sua litteratura, a sua historia, a sua patria emfim — porque a patria é tudo isto — Ella, que nasceu sob outro ceu, e que bebeu na infancia a musica de outra lingua enriquecida pelo lavor de tantos genios, fala a nossa querida lingua harmoniosa, ingenua e bella, com encantadora correcção, a que um levissimo resaibo de pronuncia estrangeira dá infinita graça; cita e conhece os nossos melhores escriptores, encanta-se com os nossos monumentos; aprecia o nosso artistico mobiliario antigo, as nossas rendas, os nossos bordados, a nossa opulenta ourivesaria sacra, tudo que tem um cunho bem individualmente portuguez.

Tem percorrido quasi todas as provincias do paiz com attenta e interessada curiosidade. E conhece o caracter de cada região que tem atravessado, e a sua alma

de artista abre-se sympathicamente a cada aspecto d'este paiz portuguez tão variado, tão estranho, que Ella entendeu logo, e que tantos, aqui nascidos e creados, não entenderam nem entenderão nunca.

A humilde graça idyllica do Minho, com a sua verdura humida, de milheiraes e pampanos; a grandeza da Beira, alcantilada, grandiosa e austera; a tristeza d'esse Douro de abruptas serranias e de asperas montanhas, de cujas espaldas, outr'ora verdes e viçosas, escorria o quente licôr da mais generosa seiva, e que hoje parece o escalvado cemiterio de uma farta e feliz vida extincta; o encanto especial do Riba-Tejo, com as suas fortes manadas de touros e de cavallos, os seus campinos pittorescos, de pampilho ao hombro, galopando ao longo da extensa leziria ondulante, onde a luz viva e a fresca ventania põem cambiantes e fremitos; o Alemtejo, com os montados opulentos, as florestas de azinhos e sobreiraes, as casas caiadas, os olivedos cinzentos; o Algarve, jardim do littoral debruçado no mar azul, todo elle florido de amendoeiras, laranjaes, palmas e alfarroba — todo este paiz, feito de con-

trastes vividos e de ardentes antagonismos de côr, tem na Rainha uma admiradora enthusiasta.

Que o digam os *croquis* e desenhos e cartões que ella não deixa de trazer de cada região que percorre, e onde, sobre o detalhe exacto e colhido em flagrante realidade, paira a poesia subtil, a alma invisivel que das cousas se evola, e que as espiritualisa e completa...

Mas n'estas viagens, que a Familia Real faz de vez em quando, e que são talvez para a Rainha a unica festa da sua mocidade tão pouco affeita a festas, — os reis constitucionaes são, creio eu, as pessoas que menos se divertem n'este tempo! — não é sómente a belleza e a variedade dos aspectos da Natureza que attrae e encanta o seu olhar.

O que decerto a deve enlevar mais, é a ternura que em cada provincia, em cada cidade, em cada villa, em cada aldeia, acolhe sempre, invariavelmente, a joven Rainha de olhos doces e sorriso captivante, que chamando a si, sem escolha de categorias e classes, todos os portuguezes, rende os corações mais duros, os desarma se estavam mal prevenidos, os subjuga,

se nenhuma idéa preconcebida os tem preparado á resistencia.

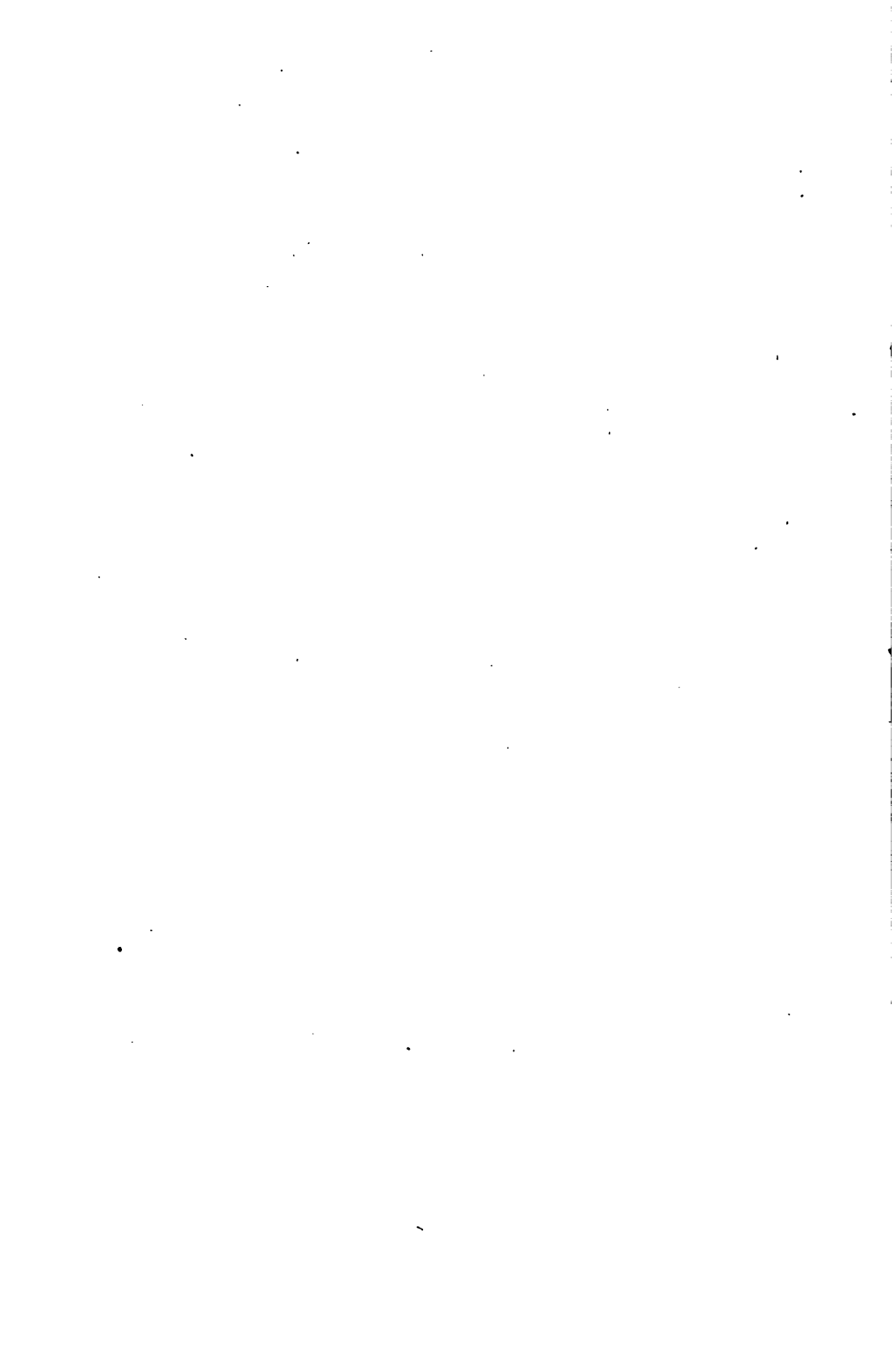
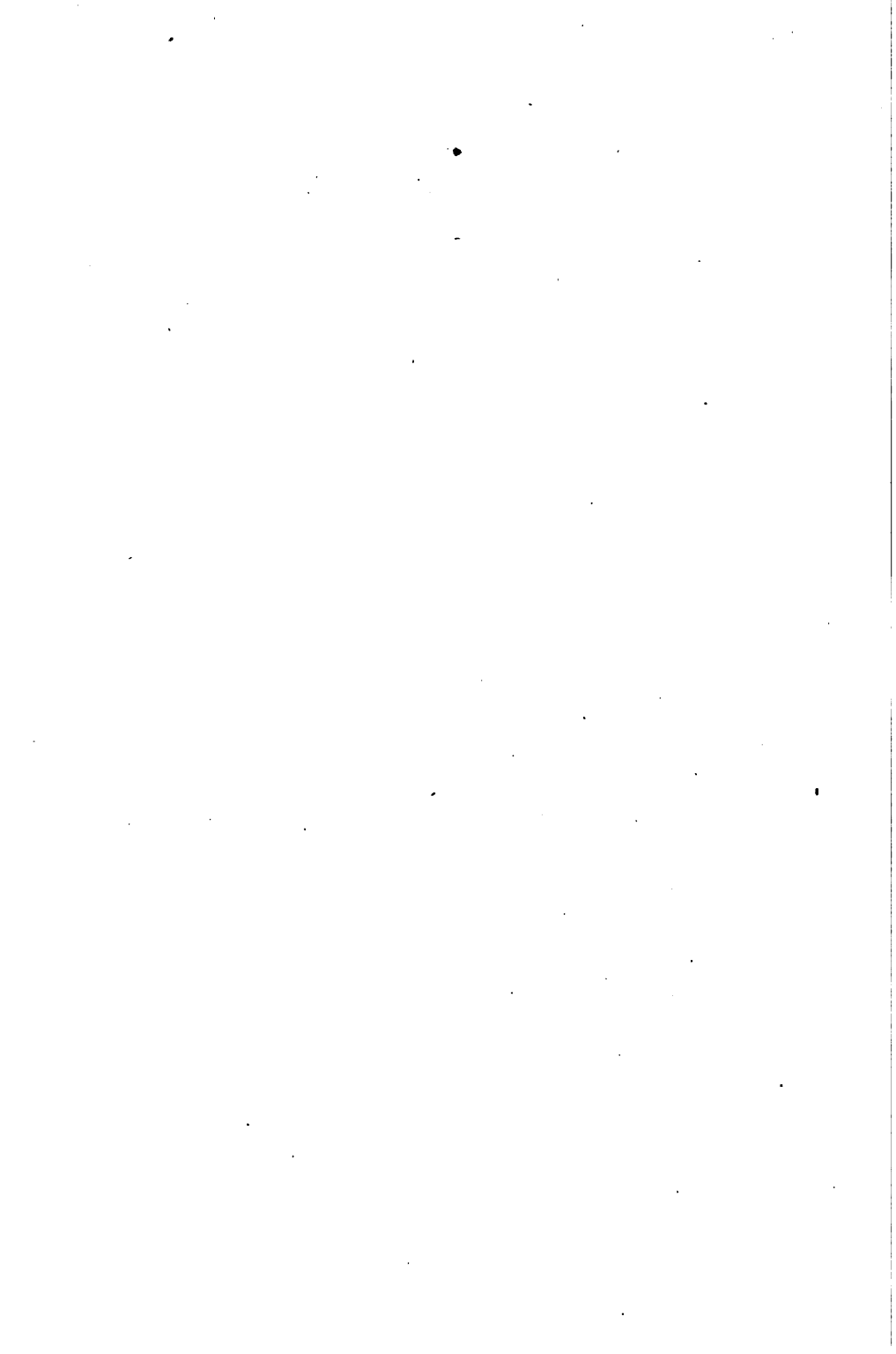
O submisso e humilde camponez do Minho, o montanhez da Beira altivo e bravo, o alemtejano grave, hospitaleiro e leal, o algarvio palreiro onde transparece um não sei quê da alma da Grecia, o ribatejano lavrador de muito tino e poucas falas, o maritimo ingenuo, de voz cantada e rythmica lembrando a voz do Oceano — todo este povo onde tantos povos se misturam e se condensam, curva-se respeitoso quando passa a Rainha, rende-se enamorado quando a Rainha sorri.

E' que elle adivinha talvez com o seu rude bom senso, mais profundo que a sciencia e que o genio, que essa Corôa de Portugal, cujos primeiros florões d'oiro foram rendilhados, brincados, como os minaretes mouriscos d'onde a mão de Henrique e a mão de Sancho os arrancou; que se fortaleceu com o ferro forjado ao calor das pugnas castelhanas; que se foi cravejando, no correr dos seculos, das perolas arrancadas aos fundos mares, das esmeraldas, dos rubis, das saphyras do magnifico Oriente; dos diamantes fulgidos dos opulentos Brazis; está hoje — não sei

se por culpa dos homens, se por decretos do Destino — feita de mais espinhos que de pedrarias, e é usada entre ruinas de um grande passado, como um symbolo de Saudade e não como um emblema de Esperança. Representa uma gloria que se foi, não traduz um orgulho do que resta.

Desde que esse par juvenil que hoje vemos no throno portuguez ahi se assentou, quantas amarguras elle tem soffrido sem culpa, de que farta colheita de dôres elle tem sido o ceifeiro innocente!

Nem só invejas devem inspirar hoje os reis. Não é a sua hora mais propicia esta hora do tempo que vamos atravessando. As culpas que não commetteram, são elles que as expiam, e em nenhum filho do homem tem mais applicação a terrivel sentença da Escriptura do que n'estes representantes tardios de uma tradição que não podem renegar e que já não podem cumprir.

Que a bondade e a graça da Rainha suavisem á realeza as agruras e ao povo portuguez as apprehensões sombrias, as miserias e as dôres.

JOÃO DE DEUS

I

A poetas que, pela extrema simplicidade e pela graça espontanea da sua arte, parecem ter bebido a inspiração naturalista na alma primitiva, e rica de occultos thesouros, das multidões inconscientes.

Era um d'estes o poeta idylico que a Patria portugueza hoje[1] pranteia com uma unanimidade que a glorifica,—porque além de tudo não era esperada, —e que vae das regiões officiaes, que a emoções d'estas pareceriam inaccessiveis, até ao casebre do mais obscuro operario analphabeto.

Possuir um engenho d'estes, para todos comprehensivel pela singeleza e pela espontaneidade natural, e comtudo feito do que ha mais requintado e fino na sensibilidade, é raro em periodos de ex-

[1] Publicado logo depois da morte de João de Deus n'um periodico do Brazil.

trema civilisação reflectida e consciente; mas tambem é verdade que para apreciar na sua verdadeira significaçåo e na sua verdadeira luz esta poesia ingenua, é necessaria uma faculdade critica já muito cultivada e perfeita.

As litteraturas adiantadas e complicadas produzem o drama, a philosophia, o romance, a historia, a critica sobretudo, porque é critica a sua faculdade primordial; mas é só nas litteraturas primitivas que a poesia de sentimento jorra em torrentes indominaveis, da alma collectiva dos simples.

Assim como só na sua infancia incerta e nebulosa os povos teem em si a virtualidade de crear mythos — e os criam deliciosos, impregnados de graça e venustez como na Grecia luminosa, ou cheios de terror e de tragedia como na sombria Scandinavia — assim só tambem na alma da humanidade ainda adolescente é que desabrocha a flôr divina do lyrismo, tal qual a vemos candidamente florir na poesia popular, onde os mestres d'este seculo, Wagner, Heine, etc., a foram colher para esmaltarem com ella as suas mais primorosas creações artisticas.

Sentir a alma deliciosamente ferida pelos maravilhosos aspectos do Universo, como o Adão biblico ao vêr desabrochar as rosas côr de purpura da primeira aurora que illuminou o mundo; *sentir presente e vivo* o mysterio divino das coisas; amar o

Creador atravez da sua obra, com um amor feito de enthusiasmo e de ternura; amar a creatura atravez do creador, tendo nas entranhas, tendo no coração a sensação pungitiva e doce de que tudo que vive tem a mesma origem e o mesmo fim, e que a piedade que lhe inunda a alma provém da consciencia d'esta fraternidade universal, da qual os privilegiados teem o instincto sem terem a formula; fundir, na mesma adoração, de um pantheismo inconsciente, a estrella, a flôr, a mulher, o Deus que tudo creou e tudo anima; ser estranho a todas as coisas que não sejam a Verdade pura e simples, a Natureza, directamente comprehendida, o Amor, força dominadora e absoluta, que juntamente com a Morte forma a mysteriosa dualidade, que tudo submette, e rege e transfigura e cria; passar na Vida, alheado, absorto, por assim dizer inconsciente,—porque o extase não passa de uma inconsciencia divina—sem curar das revoluções do Pensamento, dos sonhos ambiciosos da philosophia, dos descobrimentos ou das hypotheses de que a Sciencia se vae lentamente elaborando e construindo; de tudo que constitue os multiplos interesses da Vida não saber senão que a vida é doce aos que amam; de tudo que faz o variadissimo kaleidoscopo do mundo, não saber senão que o mundo é bello nas suas linhas, nas suas côres, nos seus relevos, nas suas miragens, nos seus mares ora tumultuo-

sos, ora mansos, no seu céo ora azul e sereno, ora nublado e triste; das ondas que se levantam no oceano indomito das paixões humanas não conhecer senão a onda espumea e cariciosa que vem quebrar-se em morbido langor nas plagas d'ouro da mocidade; do proprio Amor não conhecer nunca senão duas faces, a doçura de o sentir, a saudade melancholica de o haver perdido; ignorar a colera, o desespero, a ambição, o prazer da lucta, a ancia feroz do mando, as tragedias da desconfiança, a acre e dissolvente tortura do desprezo que não exclue a paixão, da paixão que o ciume acrysola em fogo do inferno; — ser uma boa alma simples, reflexo do que a Vida tem de melhor; — possuir o dom milagroso de eliminar d'ella tudo que é mau no somnambulismo dulcissimo de uma existencia longa: —eis o que fez de João de Deus alguma coisa de tão raro e melindroso, de tão gracioso e fragil, que parece que a analyse o dissolve, que a critica o não logra apanhar, e que a falta de outro ser igual ou parecido, ao qual elle possa ser comparado, produz, nos que ignoram os quilates d'uma joia tão rara, mais espanto diante do preço que se lhe attribue, do que realmente conhecimento do seu valor estranho e unico...

O genio d'este homem, verdadeiramente homem de Deus, especie de Francisco de Assis, sem a santidade que ao seculo XIII era possivel e, como Fran-

cisco de Assis, irmão da agua mais pura e fluida, da flor mais mimosa, perfumada e tenra, da andorinha mais leve e fugidia, da planta mais flexivel e delicada, da estrella mais scintillante do espaço e da hervinha mais humilde da leiva, — o genio d'este homem explica-se pela sua vida; a sua vida completa-a e doura-a o seu genio.

N'outras eras, elle pintaria na sombra fresca de um claustro as visões de Fra Angelico; conversaria como o sonhador das *Fioretti*, com a Natureza inteira; e ninguem se admiraria que elle não *fiasse* nem *tecesse*, porque os lyrios do valle que andam vestidos do linho mais nevado e que teem no seio o ouro mais fulgente, não *fiam* nem *tecem* e nem por isso são menos bellos...

Mas João de Deus não nascera n'essa Edade Média *enorme e delicada*, como outro grande poeta, morto agora tambem, lhe chamou deliciosamente; n'essa Era, que tantos julgam só de sombra e de terror, havia logar para quem sonhava, como havia logar para quem combatia.

N'ella a acção energica e violenta precisava de ser compensada pelo sonho ondeante e fino e casto...

Foi o tempo dos scelerados e dos Santos, dos homens do sangue e dos homens do extase, dos que combatiam sem treguas na ferocidade, e dos que oravam sem desfallecimentos na fé...

Os mysticos enchem os conventos, os retiros, as

cellas e um poeta como João de Deus seria n'esse seculo um abrazado nas mysticas delicias do amor divino.

Como feito assim, — especie de creatura de outras eras transviada na sociedade moderna, que tudo classifica, que tudo hierarchisa, que tudo dispõe com symetria geometrica, que define tudo e tudo sujeita á concepção estreita da mais estreita noção de ordem — como feito assim, havia de elle ser apto para a vida, e estar preparado para a lucta e para a concorrencia em que até os fortes succumbem tanta vez?

Não sei bem por que milagre de persuasão e de ternura a familia conseguiu que elle se munisse do indispensavel diploma de... bacharel. Mas ainda aqui, esta apparente victoria da disciplina e da razão, se deve a causas que estão por assim dizer em antagonismo com tudo que é razão e disciplina.

Em Coimbra *"na cidade gentil do austero estudo,,* o que o attrahiu, o que o fez permanecer longos annos, pois que mesmo depois de formado elle alli ficou erradio e preguiçoso — foi a sua paizagem doce e suggestiva, foram aquelles salgueiros verdes sobre o rio sinuoso, foi aquella larga fita tremeluzente do Mondego, durante o dia de prata, quando o sol a faz faiscar em movediças escamas argenteas; durante a noite, de ouro, quando a luz do luar se funde nas suas aguas murmurosas; foi o

aspecto medievico da velha cidade outr'ora guerreira, hoje sabia, mas sempre melancholica como tudo que traz comsigo uma remota lenda tecida de saudades; foi o ecco de tantos amores que ali cantaram e passaram; foi a camaradagem de moços que o adoravam, porque elle era bom e doce e humilde; foram os olhos de alguma tricana tentadora, como aquella Maria que o poeta tanto gostava de ver:

sentada á porta a fazer meia.

Tudo isto passado por aquella imaginação meio de arabe, meio de celta, tão dada ao sonho, á chimera, á transfiguração ideal das coisas mais vulgares, produziu na vida de João de Deus um periodo verdadeiramente encantado, em que a sua musa se desatou em versos admiraveis de graça, de ternura e de paixão meridional.

II

E' injusto e faz má obra de critico quem chama a João de Deus um dos maiores lyricos d'este seculo; d'este seculo que teve Byron na Inglaterra; Heine na Allemanha; Hugo, Musset e Lamartine

em França; Garrett em Portugal; no Brazil, Casimiro de Abreu, Alvares de Azevedo, etc.

A poesia d'este periodo da vida de João de Deus é deliciosa, talvez pela inconsciencia com que foi cantada, talvez pela mysteriosa graça com que, traduzindo apenas sentimentos elementares do coração—isto é, o amor da mulher e não da mulher abstracta, da mulher symbolo, mas da simples rapariga que todos podem encontrar na vida e amar e captivar;—parecem apesar d'isso dar fórma á metaphysica mais requintada e mais subtil do sentimento, e crystallizar em palavras de uma melodia acariciadora, emoções raras da sensibilidade mais vibratil...

Tudo isto tem um valor extraordinario. Talvez que em nenhuma *litteratura* se encontre uma poesia tão simples, pois que não se chama litteratura ao producto espontaneo da imaginação inculta de um povo, e nunca um poeta se approximou mais, na fórma e na essencia, d'essa producção anonyma e collectiva do que o nosso João de Deus nas suas trovas e cantares. Mas isto não dá direito ao titulo do *maior lyrico do seculo*, e é um mau serviço falsear assim a apreciação d'este delicioso engenho de que a modestia foi sempre um culto.

Na sua irreductivel espontaneidade, que lhe vem da alma, que lhe é ingenita como o canto ao rouxinol, que lhe é natural como a plumagem multi-

côr ás aves trópicaes—João de Deus não cantou nunca, não soube nunca cantar senão aquillo que sentia...

Passada a sazão fecunda e inspirativa do amor juvenil, elle fez como essas aves com as quaes a sua musa interior se parece tanto. Calou-se. E digo calou-se porque nunca mais fez nada á altura d'esse periodo felicissimo, e tudo que fazia não o fez mais sob a irreprimivel necessidade de expandir o que sentia *na hora em que o sentia.* Versos a pedido, traducções, improvisos, poesias de encommenda, etc., isto não é João de Deus.

O sr. Theophilo Braga, meu illustre mestre e amigo, editou um livro do poeta com perto de 700 paginas, no que, a meu vêr lhe fez um pessimo serviço, pois que editou coisas que o proprio poeta renegaria por certo.

N'essas 700 paginas ha cem talvez que são maravilhosas; seriam essas que para gloria immortal de João de Deus eu queria vêr apenas conservadas. São os versos do amor, os versos da mocidade, os versos da paixão.

Quando esta morde com os seus ardóres o joven algarvio impetuoso e quente, elle, dirigindo-se á mulher amada, diz esta phrase immortal no seu naturalismo ingenuo:

Uivaria de amor a fera bruta,
Que pela grenha te sentisse a mão

E quando *ella*, a amante, doida, leve, esquiva e caprichosa, vem saltando de fraga em fraga, filha indomita da Natureza, gazella inquieta das montanhas, é elle ainda que n'um arranco sublime de inspiração e de carinho, tremendo de a vêr cahir e despenhar-se, exclama fremente:

O' lobos, ide em bando
Trepai pelo rochedo
Uivai! mettei-lhe medo
Levai-a recuando!...

Quando a querida flôr se esfolhou ao vento aspero do destino, que elegia aquella, que a chora com uma saudade em que ha tudo que de mais terno, brando e triste tem a nossa divina lingua portugueza:

Ah! quando no seu collo reclinado
Collo mais puro e candido que o arminho
Como abelha na flôr do rosmaninho
Osculava seu labio perfumado.

Quando á luz dos seus olhos (que era vêl–os
E enfeitiçar-se a alma em graça santa)
Lia na sua bocca a Biblia santa
Escripta em lettra côr dos seus cabellos.
....

Quando a cruz do collar do seu pescoço
Estendendo-me os braços como estende
O symbolo de amor que as almas prende
Me dizia... o que ás mais dizer não ouço.
....

Quando o oiro da trança aos ventos dando
E a neve do seu collo e seu vestido
Pomba de que o seu par ia perdido
Já de longe lhe ouvia o peito arfando.
....

Tinha o céo da minha alma as sete côres
Valia-me este mundo um paraizo
Distillava-me a alma um doce riso
Debaixo de meus pés nasciam flôres!...

Mas *ella* morreu, e o poeta que fixa n'uma visão tão perfeita cada uma das graças d'aquella mulher que era a sua vida; e que ao recordar cada movimento do seu lindo corpo, cada relance do seu meigo olhar, cada emanação da sua pura alma, cria um pequenino quadro perfeito, pela nitidez do contorno plastico e pelo mysterio da suggestão intima, isto com as palavras mais singelas, com as imagens menos raras, menos rebuscadas,—tem agora um impulso de dôr violenta, e chama a sua amada e quer vêl-a, e pergunta ao mudo espaço onde ella está:

Que é d'esses cabellos de oiro
Do mais subido quilate
D'esses labios de escarlate:
Meu thesoiro!

Que é d'esse halito que ainda
O coração me perfuma
Que é do teu collo de espuma
Pomba linda!

Que é d'essa alma que me déste
D'um sorriso, um só que fosse
Da tua bocca tão doce:
Flôr celeste!
....

Tudo, tudo lhe foi implacavelmente arrancado pela morte e na immensa piedade de si e *d'ella* o poeta geme:

Foste a concha da praia! A flôr parece.
Mais ditosa que tu! Quem te ha partido
Meu calix de crystal onde hei bebido
Os nectares do céo... se um céu houvesse!

Fonte pura das lagrímas que choro
Quem tão menina e moça desmanchado
Te ha pelas nuvens os cabellos de ouro!
....

A vida é o dia de hoje
A vida é ai que mal sôa
A vida é sombra que foge
A vida é nuvem que vôa.

A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve
E como o fumo se esvae
A vida dura um momento
Mais leve que o pensamento
A vida é folha que cahe!
....

Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares,
Uma após outra lançou.

A vida — penna cahida
Da aza de ave ferida
De valle em valle impellida
A vida o vento a levou!

N'estas poesias e em algumas que valem estas e que pertencem ao mesmo genero e ao mesmo periodo, — está todo João de Deus, está o poeta que a posteridade reconhecerá como um dos primeiros do seu tempo e do seu paiz.

Não ha nada aqui que não seja simples, adoravelmente simples. Nem epithetos raros, nem adjectivos coriscantes e coloridos, nem rimas difficeis. Um rythmo que é a alma occulta d'estes versos, vivifica-os, impregna-os de inefavel harmonia.

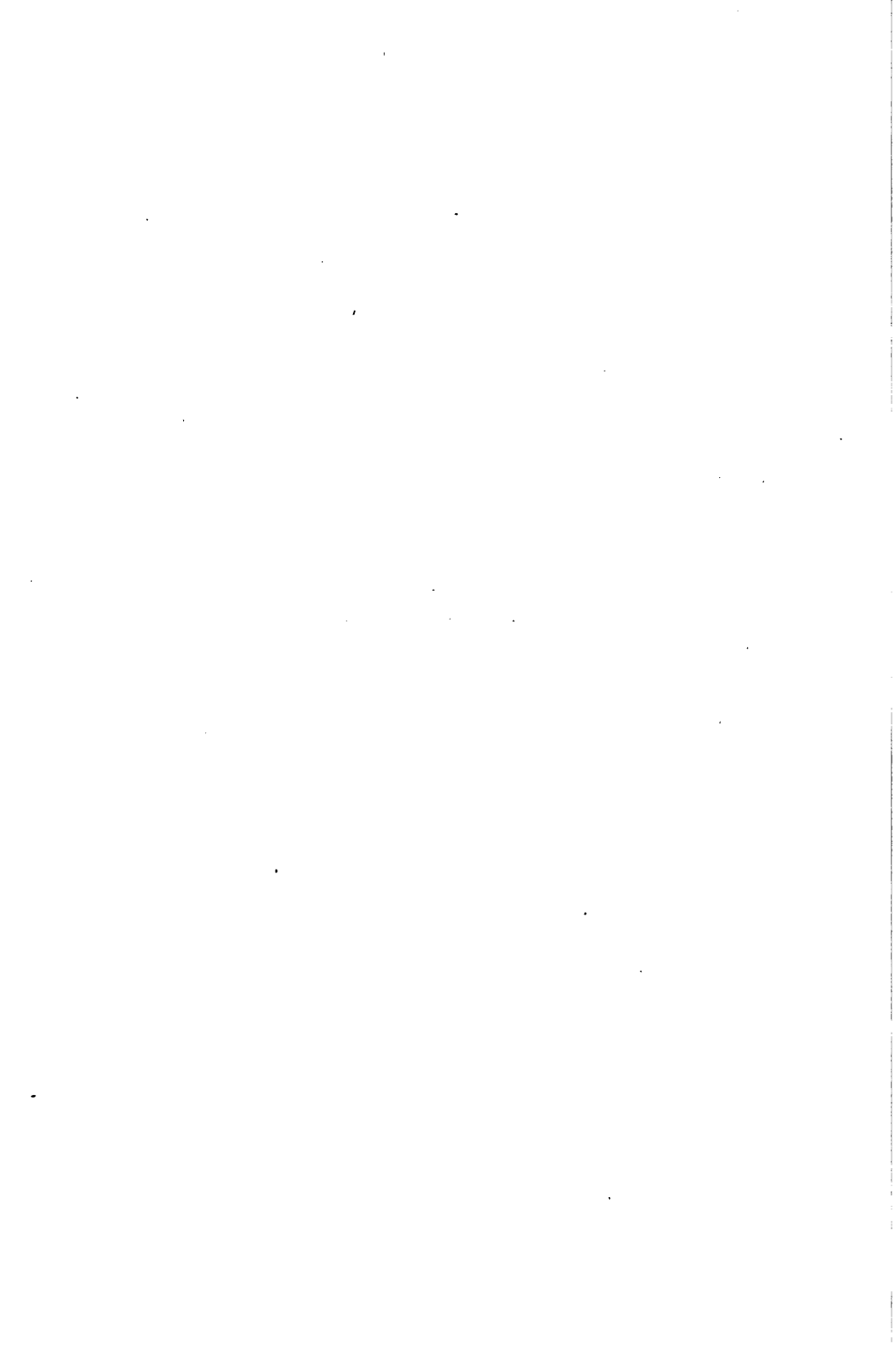
Esta poesia é o menos *litteraria* que pode ser: é este o seu valor incomparavel. No espaço intermedio que separa a poesia anonyma e inculta de um povo, da arte complicada e trabalhada dos seus perfeitos artistas, floresce este lyrio esbelto, perfumado e puro, que participa do que ha de mais ingenuo na alma de uma raça e do que ha de mais bello na sua litteratura.

Por isso mesmo, não deixa de produzir uma impressão extranha a imprevista resolução de levarem o cadaver d'este poeta singelo e espontaneo para o templo dos Jeronymos. Alli, n'esse templo que ainda não é um Pantheon nacional consagrado ás grandezas de todo o genero, como por exemplo

Westminster ou Santa Genoveva, só ficam bem por excepção os que fizeram a nossa historia como Vasco da Gama, e os que a cantaram como Camões, ou a escreveram como Herculano.

Para João de Deus um quintalinho cheio de flôres, as flôres dos nossos campos, as flôres dos nossos vallados, as flôres das nossas balseiras — e n'elle um singelo monumento em que a esculptura só pozesse os symbolos do seu genio, que foi tambem uma bella, perfumada, risonha e divina flôr silvestre.

Camillo Castello Branco

I

CARTA A CAMILLO

MEU mestre e meu amigo:— Depois de muitos annos de ausencia, levados na thebaida silenciosa de S. Miguel de Seide, a trabalhar, a trabalhar incessantemente, levantando para o alto espaço illuminado esse monumento tão genuinamente portuguez, que é a sua obra, v. ex.ª chega á terra onde nasceu para passar alguns dias.

Vem alquebrado pela doença, que ha longos annos lucta cruelmente com o seu bello organismo, de uma resistencia nervosa tão rara e tão forte!

Os seus olhos, que tão bem souberam vêr a linha sinuosa e ondeante das coisas, os aspectos pittorescos da paizagem, o contorno plastico de cada objecto em que se fixavam, os seus olhos de artista, namorados da luz, avidos da côr, a que não faltou aquella *vizão violenta* que só é dada aos genios, es-

tão hoje quasi apagados, semi-mortos, nostalgicos de todas as alegrias que perderam!

A sua fina mão aristocratica, na qual a penna floreada gentilmente foi uma espada, um escalpello, um pincel, um escopro, e muita vez um azorrague juvenalesco, cae pendida e inerte, com a recordação inolvidavel dos bellos dias de combate, dos bellos dias de trabalho, e de colera vingadora, e de riso enorme, que repercutia em fanfarras metallicas nas paginas fulgurantes de tantas obras immortaes!

A Arte, a sua consoladora e a sua amiga, a companheira ideal da sua longa vida, a que nas horas de dôr, fulminante e desesperadora, teve para a sua alma o balsamo raro d'essa Ironia que é feita de lagrimas e que consola mais do que ellas: a Arte, para que viveu, sem que outra preoccupação qualquer tivesse o poder de captivar-lhe a ambição ou de estimular lhe a vontade; a Arte já não póde levar ao seu espirito cançado, e que a *nevrose* extenua, senão o soluço abafado de uma saudade inexprimivel!

Como é triste esta hora da sua vida para si, meu grande amigo, e para os que de perto ou de longe o teem acompanhado com o affecto ou com a admiração, os dois sentimentos mais preciosos e mais doces que ha no intimo da nossa alma e no intimo do nosso coração!...

Mas se é triste a hora para os que lhe querem

muito, e admiram em v. ex.ª o temperamento de artista mais desinteressado, mais completo e mais vibratil que a historia das letras portuguezas póde apresentar, nem por isso devia ser ménos jubiloso, menos enthusiastamente communicativo o acolhimento que Lisboa lhe fizesse...

V. ex.ª é o singular exemplo do homem de letras portuguez, inteiramente absorvido pela sua arte, pedindo-lhe sómente a ella as commoções e as amarguras que podem encher uma existencia inteira.

Viveu sempre dentro da sua obra, como os architectos medievaes a um tempo artifices e ascetas!

Para que a sua visão das coisas attingisse o grau de aguda subtileza, quasi doentia, que ella adquiriu tão extraordinariamente; para que a sua sensibilidade tivesse aquella delicadeza, melindrosa e morbida, que toca as raias do soffrimento, e que as impressões exteriores sacodem com extrema violencia; para que o seu riso se enriquecesse com todos os tons mordentes e crús, estridulos como um uivo de agonia, sonoros e vibrantes como o embate de dois crystaes, dilacerantes como o soluço de alma que se despede, gelidos e desdenhosos como a suprema desillusão e o derradeiro desengano; para que o *dom das lagrimas* fosse na sua voz tão maravilhoso e tão intensamente vivo; para que emfim o seu genio nos apparecesse tal como é, complicado e forte,

composto de tudo que ha de mais impressionador e de mais apaixonado, de mais *sentido* e de mais humano, foi necessario, meu pobre grande artista, que elle se fizesse das suas lagrimas de homem, dos desesperos do seu coração, das doenças do seu espirito, das amarguras da sua vida, do ardor concentrado do seu mysticismo, das mil impressões dolorosas e complexas que a vida, tão hostil para si, lhe tem imprimido em longos annos de combate interior e de tempestades silenciosas!

As boas horas que nós, os que o temos lido com palpitante interesse, lhe devemos, foram arrancadas á propria substancia do seu ser, ao sangue quente das suas veias, á vibração ardente dos seus nervos irrequietos.

Essa doença, que o anniquila, deve ser nos sagrada!

Adquiriu-a por amor de nós!

Não ha uma dôr n'esse corpo torturado que não seja repercussão de uma pagina, mais vehemente ou mais triste, dos innumeros livros que o seu braço infatigavel atirou durante trinta annos á voracidade da nossa admiração.

Olhe, meu amigo, nós todos os que viemos depois d'essa geração a que v. ex.ª pertence, somos muito mais velhos do que ella!

Quem ha ahi que seja capaz de viver e morrer por uma idéa, de lhe dar a seiva intacta do seu

temperamento, a força do seu cerebro, as horas do seu tempo, a mocidade e a velhice?!...

Quem é que tem tanto amor a uma coisa impalpavel, duvidosa, negada e escarnecida por uns, desdenhada estupidamente por outros, e que os ingenuos e os crentes chamam Gloria?!...

Esta hora do seculo é má para os cultores do Ideal. O mundo contemporaneo ama a habilidade e a força! Somos mais frios, mais inestheticos do que as feras mythicas que a lyra de Orpheu domesticou!

Mas este resfriamento da atmosphera moral, em que a humanidade respira, fez-se mais rapidamente do que era permittido esperar. Os nossos avós tiveram o enthusiasmo, os nossos paes tiveram a convicção, nós temos a indifferença, a estagnação da alma mais esterelisadora e mais immovel...

São os *velhos* que ainda emprestam á nossa vida intellectual, á nossa vida moral um pouco de luz e de calor. E' com os velhos que ainda aprendemos a amar alguma coisa, que não seja o mesquinho interesse, a aspirarmos a alguma coisa, que não seja a satisfação egoista dos prazeres materiaes. São os velhos que ainda nos provam com o seu exemplo fortificante e masculo, que não alcançou o direito de viver aquelle que não vive para alguma bella obra ideal de sciencia, de arte ou de virtude!

E n'este momento perturbado e escuro, em que a

gente entrevê o caminho sem comtudo acertar n'elle com firmeza, é bom, é santamente consolador o exemplo de trabalho e de fé, de perseverança e de amor, que nos vem dos que já descem, vagamente pensativos, a alta montanha que nós ainda subimos vacillantes, incertos, acurvados ao peso de um pessimismo debilitante e cruel!

O Romance que é hoje uma das manifestações mais caracteristicas do pensamento moderno, o molde amplo e portentoso em que couberam á vontade a phantazia, o *humour* e a piedade infinita d'um Dickens, a veia sarcastica, tão amargae cauterisante de Thackeray, a força creadora e potente de Balsac, a alma atormentada de Doiestowesky, —o Romance foi para o seu espirito a trama em que elle bordou, com os recamos e doirados preciosos de uma lingua admiravel de graça e de vigor, os relevos mais originaes da vida portugueza, as inspirações mais caprichosas e mais captivantes de uma ironia apaixonada e mordente, da qual o *riso* ressalta em ondas torrentuosas, e as lagrimas se estillam em amarissimos caudaes!

Se me perguntassem a mim qual o romance que prefiro, de tantos que a litteratura portugueza lhe deve, eu lembrar-me-hia immediatamente d'aquelle delicioso *Amor de perdição*, perola iriada, perola delicada e transparente, que é um achado raro até na vida intellectual de um cerebro como o seu;

lembrar-me-hia das encantadoras *Novellas do Minho*, nas quaes o drama mais completo encontrou a fórma mais simples e mais genial, e a paizagem do norte a sua côr mais propria, a sua expressão mais viva, o seu desenho mais potente; mas responderia logo, sem hesitar: — Não prefiro nenhum dos romances em particular; amo os a todos, porque são o reflexo da alma portugueza em alguns dos seus aspectos especiaes mais verdadeiros e mais nativos, porque são o repositorio riquissimo de uma graça como já não tornamos a ter, de uma graça estranha, unica, de uma originalidade tão poderosa que ninguem ousaria disputal-a ao grande escriptor da nossa raça, com quanto haja n'ella as scintillações metalicas do sarcasmo de Swift, a observação fria e impessoal de Henrique Beyle, a soluçante risada da lyra em que o *Intermezzo* desfiou as suas contas de crystal!...

Na sua mão impetuosa e valente, que não conheceu nunca as hesitações e os *tatonnements*, de que se envaidece e com que se enfeita a tão difficil e lenta producção dos modernos escriptores, a lingua foi sempre uma escrava submissa, e teve docilidades e voluptuosidades de odalisca, prestando-se flexivelmente aos caprichos de quem tão poderosamente a submettera.

Ninguem arrancou d'esta lyra de mil cordas, ainda um tanto rude, mais variadas e mais opulen-

tas harmonias, ninguem soube assim fazer rir e fazer chorar a alma dos que o leram!

Deante d'esta alta individualidade da arte portugueza curvam-se, bem sei, todos os que seguram uma penna, ou fazendo d'ella a sua humilde enxada, ou fazendo d'ella o seu altivo brazão; mas este enthusiasmo e esta admiração, que está no animo de nós todos, não sabemos infelizmente dar-lhe fórma!

Nós, portuguezes, não temos senão um modo de provar que admiramos alguem, e, esse modo, permitta Deus que passem longos e longos annos sem o applicarmos a v. ex.ª...

E, no entanto, como seria justa, merecida, opportuna uma bella manifestação litteraria, uma festa, um banquete commemorativo, consagrado ao primeiro escriptor de Portugal, áquelle que personalisa e representa superiormente o unico dos elementos moraes da nossa nacionalidade que não está avariado e ferido de morte: a lingua patria, esta lingua formosissima, que seria uma maravilha se em cada seculo apparecessem dois homens que desentranhassem d'ella as riquezas que a sua mão lhe soube arrancar!

É bem humilde para o glorificar a minha voz obscura de mulher; mas a si, meu querido mestre e meu querido amigo, se o meu espirito deve o prazer ineffavel de uma admiração sentida e profunda,

deve-lhe a minha alma mil provas de affecto e de paternal ternura, que nunca esquecerei. E' ella principalmente que eu invoco ao dirigir me a si, é em nome d'ella que — tenho a certeza — v. ex.ª ha de acceitar benevolamente estas palavras singelas de saudação e de bem querer.

II

CAMILLO CASTELLO BRANCO E A SUA OBRA

TODA a imprensa tem fallado a respeito do grande escriptor morto, e não faria decerto falta alguma á sua apotheose a minha homenagem modestissima.

A mim, porém, é que me não soffre o animo deixar de falar n'elle.

Quiz lhe muito em vida, e devi-lhe individualmente muito affecto e uma estima muito particular para que possa deixar cerrar-se para sempre a sepultura que o guarda, sem eu derramar sobre essa terra negra e triste os oleos perfumados da minha saudade!...

De resto, ainda que eu o não amasse individualmente, com as suas virtudes e os seus erros, as suas faculdades extraordinarias e as suas fraquezas de creança nervosa, as suas paixões indomitas e a sua poderosa intellectualidade em que havia tambem o

arrebatamento de uma paixão—ainda que eu o não amasse individualmente, elle foi sempre para mim uma figura curiosissima, interessantissima, digna do mais desvellado e cuidadoso estudo.

Disse Taine algures que um escriptor moderno era um homem que, tendo algumas paixões vivas, sabia a grammatica necessaria para as exprimir bem.

Ora, se isto é assim actualmente, em quasi todas as litteraturas, principalmente nas litteraturas latinas, onde os livros continuam a ser, através de todas as mudanças de nome, mais um producto classico, mais um arremedo da vida, colhido em outros livros anteriores, do que a propria natureza reflectida em todas as suas violencias e em todas as suas *nuances* infinitas pela imaginação intensamente sensivel de alguns homens escolhidos;—a verdade é que o nosso Camillo se distanciava absolutamente d'esta regra quasi geral do mundo contemporaneo.

Elle pertencia pelo seu genio vivo, original, refractario a todas as disciplinas sociaes, á grande raça dos artistas da Renascença, e á especie estranha, constituida de individuos todos accentuadamente excentricos, de que a litteratura ingleza nos apresenta os traços mais salientes e os exemplares mais completos.

Quem lêr as biographias dos escriptores mais notaveis do norte, principalmente da raça anglo-saxo-

nia, fica deslumbrado pela intensidade prodigiosa de vida animal, de energias instinctivas, de faculdades indisciplinaveis que essas vidas denunciam.

Parece que o caracter de cada um d'esses artistas está tão estreitamente identificado com a sua obra, que os dois formam um inseparavel *todo*.

Se taes homens escrevem, não é porque se dêem como ficto o destino de escriptores, ou porque tenham o amor dos longos estudos e das demoradas contemplações.

Escrevem para expandirem a exuberancia de força vital que não conseguem exhaurir de outro modo.

São pela maior parte organisações ardentes, absolutamente irreductiveis ás leis da vida commum, tendo paixões que os absorvem e devoram; raptos de phantasia creadora que os immortalisam; visões, ou funebres ou radiosas, que enriquecem a Arte com novas *maneiras* de conceber a Vida e o Universal Mysterio.

Ao par de tudo isto, ha n'elles a necessidade indeclinavel de se desdobrarem e de pôrem o mundo na confidencia das suas impressões hyper-agudas.

Ás vezes, como a Burns, é nos campos onde trabalham, conduzindo á mão a rabiça do arado, ou o carro onde loureja a messe da ultima colheita, que a Musa os surprehende e os prostra, inermes, deslumbrados, perante o esplendor mysterioso da sua apparição imprevista.

Outras vezes, na sublime inconsciencia do genio, elles, para ganharem o pão quotidiano, transformam velhas lendas, velhas chronicas, velhas historias, em soberbas creações immortaes, que um raio sublime de naturalismo e de verdade atravessa e illumina de lado a lado.

Em alguns, como em Carlyle ou em Dickens, o trabalho é uma especie de somnambulismo morbido. *Vêem,* e precisam de dizer o que viram dentro de si mesmos, em uma linguagem imaginosa, symbolica, violenta de contrastes, convulsa de ironia ou de lagrimas, acre de lancinante pessimismo, enternecida, lyrica, sarcastica.

Swift escreve para desafogar a exasperação do seu orgulho tenebroso, para enganar a loucura que avança, vertiginosa e feroz, ao encontro do seu cerebro...

E assim em cada um d'elles, tomado de per si, a preoccupação do publico, o pensamento do leitor ou da gloria litteraria, são elementos secundarios e quasi imperceptiveis.

Do mesmo modo na Renascença o pensamento e a acção completam-se, identificam-se, alternam-se na vida dos grandes artistas. Na embriaguez de sua immensa e complexa energia interior, subitamente encontrada, o homem liberto das peias de um fanatismo que lhe limitava os vôos, multiplica-se em creações com que se affirma perante a propria con-

sciencia, subitamente arrancada ás trévas da escholastica medieval.

No nosso tempo já não póde succeder assim. As condições sociaes transformaram se de tal modo, que não póde coincidir com ellas o livre e espontaneo desabrochamento de energias individuaes e de caracteres originalmente accentuados.

Se as litteraturas do Norte ainda os possuem, isso provém de que na raça germanica e saxonia a *sociedade* não tem tomado, como na civilisação latina, nem um molde tão uniforme nem uma tyrannia tão esmagadoramente oppressiva. Em todo o caso, tambem lá se vão tornando raros.

Foram dos ultimos os que citamos. Byron pagou bem caro o direito de ser o que foi, pertencendo á sua casta altiva e á sua aristocracia hypocrita e dominada pelo *Cant*.

Não teem direitos mais amplos que o commum dos mortaes, aquelles a quem incumbe a dolorosa e agra missão de consolar estes de serem *communs* e de serem *mortaes*.

E o escriptor moderno — quer dizer o temperamento superiormente organisado, que tem de reflectir, centuplicada e concentrada em si a energia de paixões de uma certa raça, os *estados de alma* de uma certa civilisação, os seus momentos de crise,

ou os graus mais altos a que póde ascender o seu pensamento, a quinta-essencia da faculdade emotiva de um certo typo de individuos, a noção particula que, em determinados instantes do seu movimento evolutivo, o Homem tem da vida e do Universo — o escriptor moderno, é quasi sempre, mercê do tempo em que vivemos e da uniformidade da civilisação a que pertencemos, um modesto burguez que não conhece da vida senão o que aprendeu nos livros que tem manuseado dia e noute; da sociedade, nas suas multiplas faces — a politica, a financeira, a *mundana*, a sentimental, senão o que pôde aprender em dous ou tres salões que frequentou; do amor, senão o que lhe inspirou a pobre e humilde creatura com quem, por economia, se casou aos vinte annos; do jugo esmagador e implacavel de tenebrosas paixões, senão o que lhe foi revellado n'uma pallida existencia de *plumitivo* sempre curvado em dous a uma banca de trabalho.

D'aqui provém a pouco e pouco este funesto resultado.

Uns *vivem*, outros contam a vida; uns *sentem*, outros descrevem o sentimento; a obra escripta contrapõe-se á existencia activa, em vez de a completar, e os que menos veem a saber da realidade são aquelles que teem de a surprehender em flagrante e plena acção...

Se não é esse o unico, é todavia um dos motivos

principaes, que determinam a falta de sinceridade palpitante, de intensidade suggestiva, de febre ardente e contagiosa, de sentida verdade, na litteratura latina do nosso tempo.

Os amantes insaciaveis d'estas qualidades — as primeiras n'uma obra litteraria — vão procural-as avidamente em outras zonas, em outras civilisações.... O norueguez Ibsen, os russos Tolstoi e Doiestowesky, o americano Bret Hart, o inglez Stevenson, etc., etc., se não são os perfeitos e equilibrados artistas da fórma, que a França hoje possue, teem como compensação suprema essas qualidades de vida, essas virtudes communicativas que faltam ao nosso velho occidente.

Surfaite ou incompleta; exaggerada — e, portanto, insignificante — na phrase feliz de Larochefoucauld, ou muito menos intensa do que na vida real — a *paixão* que os escriptores contemporaneos, nos revelam, é tudo, menos essa força da natureza indomita e bravia, instinctiva e omnipotente, que abraza n'uma chamma sanguinea as paginas de escriptores, ainda secundarios, do seculo XVI, taes por exemplo como Marlowe, o antecessor de Shakespeare, ou Benevenuto Cellini, o violento artista que endoudecia de enthusiasmo reis, Papas e princezas!

Um burguez que sabe bem grammatica — essa

definição do escriptor cabe incontestavelmente a quasi todos os poetas e romancistas modernos, mesmo ao impeccavel Leconte de Lisle, mesmo ao parnasiano Coppée, mesmo ao fino analysta Bourget, mesmo ao desequilibrado Maupassant.

Balzac escapou á monotonia esterilisante da vida moderna porque teve o genio de um vidente, a força fecunda de um gigante, a *visão* violenta de um grande poeta. Zola, tão visionario como Balzac, mas muito menos grande do que elle, escapa-lhe tambem pela intensidade das imagens que a sua phantasia evoca.

Os outros, porém, os de hoje, os *dandys* da litteratura, os mundanos do romance, os *gulosos* da psychologia feminina, o que é que elles teem visto, sentido, experimentado da vida de paixão em que pretendem iniciar-nos?

Faz se porventura da medulla dos seus ossos, do acre fel das suas lagrimas, da flamma abrazadora das suas paixões, da sua lucta violenta contra as convenções sociaes, a philosophia amarga que os seus livros distillam?

Teem uma tranquilla existencia de estudiosos; escolheram o *modo de vida* litterario como podiam escolher outro qualquer; trabalham quanto seja necessario para o equilibrio muito ponderado das suas finanças; são burguezes que teem uma fina intuição das coisas de sentimento, e que sabem a ne-

cessaria grammatica para a traduzirem em bello estylo.

Não podem ser, não são grandes poetas como foi Camões ou o Dante, como foi Byron, o revoltado, ou Rousseau, o plebeu orgulhoso que o seu tempo esmagava.

Mudaram as circumstancias, mudaram os homens. A litteratura é um producto do *meio*, revelado por organisações superiores e em harmonia ou violenta contradicção com elle.

Por isso hoje as obras que nós lêmos se recommendam pela impeccavel perfeição da sua factura; pela delicadeza engenhosa do seu processo; pela subtileza das suas observações e pela penetração psychologica com que sondam e comprehendem as almas artificialmente modeladas por esta civilisação facticia; pela graça das suas *nuances* sentimentaes; por tudo emfim que póde ser adquirido na leitura, no estudo de gabinete, na meditação, na requintada sciencia dos nossos dias.

Mas falta-lhes o grande sôpro genial, que em certas horas, passa pela cabeça dos eleitos, produzindo n'elles uma especie de mysterioso assombro; mas falta-lhes a prodigalidade de vida, de côr, de luz, de movimento que illumina e vivifica as télas de Rubens ou os dramas de Shakespeare; mas falta-lhes a comprehensão dos segredos reconditos da Natureza animada, da alma primitiva, ingenua e rude

onde a paixão germina, fructifica, e se faz floresta sombria e densa, impenetravel aos profanos... E' que ninguem sabe exprimir com plena verdade, completa e profundissima, senão aquillo que sentiu, e raros são os homens de hoje que, recebendo da natureza o delicado instrumento de sensibilidade que é indispensavel para bem sentir a vida, o podem exercitar amplamente, fortemente, no meio banal que a vida contemporanea creou para os seus filhos.

Tentemos, pois, embora muito rapidamente, e nos limites de um artigo d'esta ordem, dizer por que estranhas circumstancias Camillo Castello Branco se esquivou a esta lei fatal e teve ensejo de deixar desenvolver em si, n'um sentido logico, as disposições estranhas com que o dotou o seu berço de infortunio, e o modo, doloroso embora, por que essas faculdades naturaes e essas circumstancias exteriores favoreceram o seu genio tão triste, tão original e tão fecundo, cooperando para crear a sua obra admiravel.

*

*   *

Lêr a biographia de Camillo, escripta por um dos homens que mais o admiraram e amaram, e a quem elle pagou depois, na crise tragica da sua vida, toda

á immensa piedade com que o seu biographo o ungira em horas de humilhação tremenda e de amarissima desventura [1]; — lêr a biographia de Camillo, é penetrar, atravez dos incidentes exteriores da sua existencia, n'uma d'estas organisações fadadas para á desgraça individual mais completa, e para o enriquecimento dos annaes da intelligencia e da sensibilidade humana, sob uma das suas fórmas mais curiosas e interessantes.

Camillo não conheceu sua mãe; o pae morreu-lhe aos dez annos; a familia que lhe ficou, acceitando a missão de sustental-o, não se julgou comtudo na obrigação restricta e legal de o amparar moralmente...

E logo no seu corpo nervoso, accessivel em extremo ao soffrimento, germinou na primeira infancia, quasi sempre tão descuidosa e calma, essa semente de dôr que havia de desabrochar mais tarde esplendida e sinistramente nas negras flôres do Tédio, nas rosas ensanguentadas e inquietadoras da Ironia, nos goivos melancolicos da lugubre tristeza...

O seu pessimismo, doloroso como uma chaga aberta, acre como um veneno organico, não foi o producto de uma philosophia, como em tantos outros tranquillos demolidores, que tomam a Vida por obje-

[1] Este homem foi Vieira de Castro.

ctivo dos seus permanentes ataques, sem que a Vida lhes tenha feito senão acaricial-os em berço de ouro.

Não. Camillo não foi nunca um philosopho, nem um pensador, nem mesmo um critico doutrinario.

Era um *impressionista* sublime, uma alma que ao abrir-se fôra dilacerada pela dôr, e que se vingava da injustiça do destino adverso, condemnando o mundo n'um libello em mil folhas e mil aspectos, impregnado de humorismo incomparavel.

O seu temperamento predispunha-o a soffrer muito, a soffrer de tudo, a sentir o *mal de viver* em toda a sua infinita e lancinante amargura.

Tinha as vaidades de um artista, e as fraquezas intellectuaes de quem não soubera vencer nem dominar despoticamente o *meio* em que fôra obrigado a viver.

Era além d'isso um voluptuoso, e, ainda no outro dia, um pensador delicado affirmava, que ao pé das tristezas infinitas do epicurismo, a afflicção de um crente suspenso no abysmo onde se debruçou Pascal, póde quasi chamar se uma alegria sã!...

Camillo tentou mil cousas em que fixasse emfim o destino errante da sua suppliciadora imaginação.

N'uma hora de fé, n'uma d'aquellas horas de mysticismo violento em que elle se lançava na idéa religiosa como n'um mar sem fundo, lembrou-se de seguir a vida da Egreja; provavelmente a miseria e as formulas do seminario desenganaram o apaixo-

nado coração que alli tinha ido bater, pedindo paz, — a paz que nunca nos aquieta, senão quando a trazemos dentro em nós!...

A vida juridica tambem um minuto o tentou, e do mesmo modo fugiu d'ella assustado, porque não ha carreira social que não tenha por base, onde assente sólidamente, um formulario repugnante ás imaginações de fogo e de torturante vivacidade.

Das crises de religiosidade doentia viram-n'o passar sem transição para as crises do blasphemador scepticismo e do sarcasmo crú e feroz.

E sempre os mais contradictorios estados tinham como origem a mesma agonia interior tão dolorosa para os que a conheceram; a insaciabilidade do coração, a aspiração fervorosa para a verdade, que tanto mais irrita os que a procuram, quanto mais lhes foge, occulta em formulas vãs e em ôcos symbolos...

*

* *

Juntamente com o temperamento de hysterico, em que actuavam mysteriosas hereditariedades e atavismos desconhecidos, e com a adversa condição de orphão desamparado, collaborou na obra da sua formação moral e intellectual o meio romantico, a quadra de lyrismo desordenado, de *byroniana* de-

clamação, de artificial descrença, em que elle viveu e se desenvolveu.

N'esse tempo, passava pelo mundo um sôpro de insania, talvez um pouco mais sympathico que este que hoje sopra — e mais sympathico porque revelava na alma humana mais capacidade de sentir, de abnegar de si, de amar sinceramente — mas em todo o caso funesto nas consequencias que teve e nas catastrophes de ordem moral que determinou.

A pallida legião desgrenhada das heroinas de Sand e de Balzac passava ao longe n'um nimbo de visão, contando as mysteriosas e acres delicias que na revolta dos seus instinctos, e na proclamação dos omnipotentes direitos da Paixão, tinha encontrado ao fim da lucta ingente e tragica...

O Inferno estava cheio n'esse tempo de peccadoras fascinantes... A Humanidade, depois de se haver desenganado a respeito da immortalidade e da immutabilidade de muitos idolos já quebrados, tinha ainda fé n'um idolo que julgava eterno e a quem offerecia entre hymnos de adoração fremente o seu coração como uma hostia... Esse idolo chamava-se: o Amor.

Camillo respirou essa atmosphera callida e perturbante... Os seus primeiros romances attestam a influencia profunda que as theorias subversivas de toda a ordem social, proclamadas pela littera-

tura d'aquelle periodo como um dogma, exerceram na sua imaginação de moço...

O que elle escrevia nos seus romances tão formosos e tão apaixonados d'essa epocha da sua mocidade, não era um simples entretenimento de litterato observador, que traduz em letra redonda as doutrinas mais em voga.

Camillo viveu aquella vida; chorou aquellas lagrimas de sangue e fel e volupia dilacerante; precipitou-se n'aquelles abysmos; rasgou a sua carne n'aquellas sarças onde ficou o sangue de uma geração inteira de phantasistas e de loucos...

Um celeberrimo incidente da sua vida sentimental, incidente que se tornou para elle a vida inteira, e de que acceitou as responsabilidades e as tremendas amarguras, atirou-o sem refugio possivel para o bando dos rebeldes, mas dos rebeldes que não se limitam a resistir e que atacam com heroica intrepidez todos os reductos do adversario. O adversario n'este caso era a sociedade, com todas as suas armas, com todos os seus rigores, com todas as suas proscripções e tambem, valha a verdade, com todas as suas hypocrisias.

Eu não levo a mal á sociedade que seja hypocrita até um certo ponto. Esta qualidade faz parte inevitavel do seu ritual. No dia em que a sociedade deixasse de ser hypocrita, seria cynica, e entre dois males, ambos desagradaveis, antes Tartufo que D. Juan!

Camillo, porém, ferido por ella, na sua honra, na sua liberdade, no seu coração, em tudo que tinha de mais dolorido e mais sensivel, não lhe perdoou nunca, e isso percebe-se perfeitamente.

*

* *

Parte d'aqui a sua isolação, o exacerbamento doentio de todas as suas melancholicas disposições nativas, a consciencia intermittente dos seus erros, e permanente da injustiça com que os homens, galardoando n'outros esses mesmos erros, lh'os tinham feito cruelmente expiar a elle... Porquê? Unicamente porque era maior o seu talento e mais irremediavelmente tragica a sua desventura.

A obra de Camillo, a parte caracteristica e fundamental da sua obra, aquella em que se revelam as suas faculdades extraordinarias de sarcasmo, de amargura, de ironia indomita, de humorismo violento, a que ha-de ser sempre estudada como o mais eloquente documento de um temperamento *riquissimo* — no sentido que a critica dá a este vocabulo, quer dizer de um temperamento para cuja formação total collaboraram os mais diversos elementos — deriva toda d'esta enorme contradicção do seu destino.

Muito arrebatado, dominado pela força indomavel de muitas paixões; com delicadezas de sensitiva para a opinião; tendo ao par da mais clara lucidez de consciencia, o orgulho da sua rebeldia, e o resentimento da sangrenta injustiça com que o vulgo o julgou sempre; com o dom do genio e a sensibilidade extrema que o transforma em martyrio; ora sceptico como Voltaire, ora sentindo como Pascal a vertigem mystica a perturbar-lhe o entendimento; — Camillo é um dos mais interessantes exemplares do desequilibrio entre a intelligencia e a vontade, que nos artistas é desgraçadamente de uma frequencia notavel.

A sua obra é enorme, collossal, revela mil qualidades de talento, mas não obedece, como é sabido, a uma orientação segura, ou a uma crença fundamental e dominante.

Ha, porém, uma cousa a que elle foi sempre fiel, até nas mais febris improvisações e nos mais fugitivos pamphletos.

E' á pureza e á integridade e enriquecimento da lingua patria. Como cultor da nossa lingua, Portugal deve-lhe tanto como ao maior dos seus heroes.

Emquanto uma raça ou uma nação possue, como instrumento e como expressão completa do seu genio, uma lingua tão maravilhosa, tão adequada a toda a especie de sentimentos, de idéas ou de fórmas, tão malleavel, tão rica, tão formosa como a

que nos legou Camillo, essa raça, essa nação teem o direito inalienavel de *viver*, de durar, de continuar a manifestar-se ao mundo pela idéa ou pela acção. As linguas são a alma das raças, crystalisada em fórmas mais ou menos bellas, mais ou menos perfeitas.

A lingua portugueza teve, sob o escôpro magico de Camillo, a suprema grandeza, o supremo encanto e a suprema graça, o comico mais hilariante, a mais acerba e contundente ironia, a tristeza profunda e vasta e amarga como o Oceano!...

Se tudo o mais nos fôr arrebatado por violencia, — n'este mundo, onde só os *fortes* parecem hoje arrogar-se o direito de viver, — ficando-nos a lingua que os nossos grandes e tão pouco recompensados escriptores nos modelaram magnificamente, alguma cousa nos resta, cuja ideal essencia não póde ser destruida pela vontade dos mais poderosos inimigos.

Sejamos, pois, profundamente gratos, eternamente gratos áquelles que, a poder do mais heroico esforço e do mais tenaz e fastidioso estudo, nos crearam essa lingua vingadora de tanta humilhação, compensadora de tanta magua; áquelles que tiraram, por um segredo que é só d'elles, da materia prima com que Deus fabríca as paixões, os amores, as dôres humanas, elementos com que enriqueceram para sempre a nossa vida moral e intellectual.

Perdoemos aos nossos heroes — ou da acção ou

da intelligencia — o tributo que pagaram á imperfeição da sua especie. E' livre de carnaes impurezas, que a alma d'elles surge aos nossos olhos, ou nas paginas dos seus livros, ou na posse de conquistas que lhes immortalisam os nomes.

Amemos os que soffreram para revelar ao nosso olhar interno um novo aspecto do Universo; para recuar os limites da arte ou da poesia ou do sentir humano, accrescentando-lhe mais espaço, mais luz, mais riqueza; para nos iniciarem n'uma *nova* ou *diversa* maneira de contemplar a vida, de adorar enternecidamente o mysterio que nos envolve e cerca; de exprimir a nossa inquieta curiosidade ou a nossa temeraria revolta. Amemos os que souberam fixar definitivamente em fórmas de uma belleza esculptural, e por isso mesmo duradoura, os sentimentos transitorios que vão agitando e commovendo umas após outras as gerações que se succedem na terra.

A Arte faz-se do sangue e da medulla e das lagrimas dos grandes artistas; elles atravessam a série de todas as experiencias tragicas, para nos elucidarem, sem que tambem nós nos percamos no Inferno a que elles descem em fremitos de espanto!...

Em circumstancias normaes Camillo seria talvez muito mais feliz, e muito menos merecedor da censura placida de quem, não conhecendo as tentações que espreitam a cada encruzilhada dos cami-

nhos, homens da tempera d'aquelle homem, — sabem conter-se nos limites de uma existencia tranquilla e burguezmente mediana. Nós, que tanto haveriamos perdido se um só dos elementos que concorreram para a formação d'aquelle curiosissimo e interessantissimo typo de artista e de escriptor houvesse faltado a completal-o, nós só temos a relêr a sua obra com desvanecimento patriotico, e a amar o seu grande nome, como a um dos poucos que nos illustram n'este ultimo quartel do seculo.

III

A VIUVA DE CAMILLO

A' bisbilhotice nacional, sempre occupada de pequenos *cancans*, em que entram por dóses eguaes a vaidade irritada, o amor da intriga réles, as ambições mesquinhas e as invejas ainda mais mesquinhas, passou inteiramente despercebida a morte d'esta mulher por tantos titulos notavel.

D. Anna Placido foi durante mais de trinta annos a companheira inseparavel, devotada até ao sacrificio heroico de um dos maiores e mais vibrantes artistas de que a raça portugueza póde justamente ufanar-se.

Iniciado n'um periodo de romantismo exaltado e morbido, em que se tinha perdido a justa proporção das coisas, e em que se praticavam ostentosamente e á luz clara do sol, loucuras que hoje se perpetram sob os véos de requintada e mesureira hypocrisia, — o amor que uniu o grande romancis-

ta portuguez a esta intelligente mulher, depurou-se na desgraça, acendrou-se na perseguição, sublimou-se no sacrificio mutuo, e quando a sociedade o legalisou já elle tinha attingido pela grandeza da sua constancia, pela nobre expiação que procurára longe do mundo, uma dignidade que a longa doença atroz de Camillo e os extremos heroicos da sua enfermeira não fizeram senão tornar mais pathetica e mais inimitavel.

Se não fosse esse grande amor, que os censores encartados de uma sociedade em demolição olhavam com desdem altivo, mas que ao menos, se feriu a moral e se levou a tristeza ao coração de alguem, não teve a indulgencia absolutoria dos pseudo-catões a proporcionar-lhe a segurança e a impunidade: se ultrajou a sociedade foi por ella abertamente condemnado; se teve por essencia o peccado, teve como consequencia o duro castigo, a dura expiação; — se não fosse esse grande amor, que hoje pertence á historia da litteratura portugueza, Camillo não teria sido o vibratil, o apaixonado artista que foi.

Das suas lagrimas de paixão candente se fundiu o ouro fulvo do seu estylo; das suas revoltas mal contidas, se fez essa ironia chispante e dolorosa, que é a feição mais caracteristica d'este talento enorme; da sua indignação ao vêr castigado e humilhado tão atrozmente na mulher amada o que ao mesmo tempo se incensava e se adulava em ou-

tras mulheres triumphantes e por isso mais peccadoras, menos sinceras, menos absolutas no sacrificio e por isso mesmo mais calculistas, se fez o desdem acre, doloroso, corrosivo e frio, com que elle soube estygmatisar as baixezas do seu tempo; e das suas ternuras intimas, dos seus arroubos deliciosos, da exultante felicidade que tão grande immolação lhe inspirou, se fizeram as notas enternecidas, meigas, dulcissimas, que a espaços vibraram em amollecidos langores na orchestra tão completa e tão rica da sua voz genial!

E' triste lei, mas lei inevitavel, que os grandes artistas soffram, se debatam em tentações tremendas, succumbam em combates sobre-humanos, saiam da senda estreita mas segura por onde nós humildes mortaes somos obrigados a transitar por felicidade nossa, rasguem os pés nús nos enredados labyrinthos onde a urze da paixão floreja aguçada de espinhos, para que das suas impressões se extraia a chamma coruscante do seu genio; para que da sua experiencia comprada a preço de tantas angustias se colham os dramas que nós admiramos como espectadores, os romances que nós lemos com enlêvo, os poemas que a nossa vigilia decora deliciada, sem se lembrar das lagrimas que os amassaram: como a bella mulher em cujo collo se enrosca uma gargantilha de preciosas perolas ou um collar de luminosissimos diamantes se não lembra da horrivel

tragedia que encerra a vida de um mergulhador ou a vida de um mineiro.

Mas então para ser um grande talento é preciso por força ter ido de encontro ás leis sociaes e ás leis divinas? pergunta talvez um leitor mal disposto, tentando encontrar na minha doutrina historica uma heresia moral.

Nem sempre; e generos de talento existem de certo que, pelo contrario, precisam para expandir-se e desenvolver-se da serenidade absoluta do meio exterior, da perfeita harmonia de todos os elementos circumdantes.

Mas, a esta familia de placidos obreiros do genio pertencem os grandes sabios como Pasteur, — o *santo* recem-morto,— como Claude Bernard, como Darwin; os philosophos creadores de theorias abstractas, como Kant, ou Hegel, ou Spinosa; os grandes observadores da Natureza, como Buffon ou Humboldt.

O grande artista, esse dá-nos sempre na sua obra immortal o transumpto, o reflexo das suas dôres ephemeras.

Tirem a Goethe as experiencias sentimentaes da sua agitada e febril mocidade, que o suicidio tentou, e que tantas ruinas e dôres fez em torno de si, e terão talvez *Wilhem Meister*, as *Affinidades electivas*, a segunda parte do *Fausto*, a *Iphigenia*, mas não terão nem Werther, nem Margarida, mas não terão nem Mephistopheles, nem a primeira encar-

nação do Fausto. E Goethe é de todos os artistas o menos *humano!*

Soffrer muito é a lei fatal a que não escapa quem pensar muito; a creação é uma agonia do genio, como a perola é a secreção de uma doença.

Certa qualidade de artistas vibrateis de nervos, desiguaes mas impressionadores, de quem o riso tem arrancos de lagrimas e cujas lagrimas têm illuminações de estrellas, são por força as victimas d'uma imaginação desnorteadora e doentia, de uma impressionabilidade dolorosa e extrema, de uma fantasia capaz de caprichos e de loucuras.

Quem não via ao lêr Camillo Castello Branco, ao conversar com elle, ao contemplar aquella figura tão fragil e tão eloquente na sua irrequieta expansão, que o talento d'aquelle homem era todo sensibilidade e nervos, imaginação e desequilibrio cerebral?

Onde havia elle de ir buscar aquelle ardor sombrio da sua phrase, aquella amargura causticante da sua ironia, aquelle chispear ondeante e caprichoso da sua inspiração, aquelles arrojos subitos e aquellas quedas desoladoras no abysmo da mais negra tristeza, senão ao thesouro sagrado das suas dôres mais pessoaes e mais intimas? Onde havia elle de aprender aquelle seu modo tão caracteristico de amar a natureza viva, de a descrever, de a *sentir*, de a fazer participar das alegrias ou das dôres

humanas á força de lhe prestar uma alma consciente, uma alma sensivel, senão ás longas contemplações que na desgraça, no isolamento, no odio á sociedade, o consolaram divinamente?

Tirem da vida de Camillo o seu romance de amor, o seu romance de lagrimas, em que o peccado se transformou, pela expiação, em uma virtude, e em que a paixão se fez, pelo sacrificio, um culto ideal, — e não terão na litteratura portugueza esse artista pessoal, esse artista soberbo, ante o poder de estylo, a soberba ironia, o riso caustico, a eloquencia apaixonada e flammejante de quem se curvam ainda hoje os mais novos, os mais irreverentes, os mais iconoclastas!

É por isso mesmo que a morte de Anna Placido, a Musa dolorosa de tanto poema de lagrimas, não deveria passar sem uma palavra de commentario para os que prezam esta querida lingua portugueza, o unico patrimonio, creio eu, de que ainda ninguem pensou em espoliar-nos.

*

* *

Foi em Coimbra ha de haver uns bons dezenove annos que eu vi pela primeira vez Camillo Castello Branco (a quem me ligava já uma certa intimidade

epistolar) e a sua dedicada e querida companheira de trabalho, de infortunio e de gloria!

Camillo não era ainda *Visconde;* era alguma cousa de mais ou de menos; era simplesmente o auctor das *Memorias do Carcere*, do *Amor de Perdição*, das *Memorias de Guilherme do Amaral*, do *Retrato de Ricardina*, etc., etc.

Foi Gonçalves Crespo, o meu querido morto, o meu querido poeta, quem me conduziu a essa modesta casa em que o grande romancista trabalhava, pensava, escrevia, cheio ainda de actividade e de vida.

Foi na sua bibliotheca, vasta sala cheia até ao tecto de estantes carregadas de livros, ao pé da meza torneada de carvalho do Norte, onde havia manuscriptos d'aquella linda e nitida calligraphia, que era um encanto dos olhos, que o romancista glorioso recebeu com extremos de amabilidade inolvidavel a peregrina humilde que alli ia saudal-o.

Anna Placido, moça ainda, ou pelo menos no declinar de um estio magnifico, conservava os cabellos de azeviche, os grandes olhos negros e luminosos de uma perfeita belleza peninsular.

Estava longe, bem longe a tempestade cuja explosão terrivel echoára pelo paiz inteiro, e que tinha dilacerado aquelles dous sêres; estavam longe as horas amarissimas do carcere, a humilhação da descaroavel publicidade, a indignação hypocrita de

tantos que, — julgando-se occultos, sob véos não diaphanos, que os esquivassem á indiscreta curiosidade alheia,—commettiam delictos eguaes, sem receberem castigo identico, julgando-se antes, pelo contrario, muito auctorisados a exercerem censura e a julgarem como juizes austeros; mas os effeitos de todo o passado horror, ainda se distinguiam visivelmente nos dous infelizes que a paixão arrastára e que a vingança tinha esmagado sem piedade.

O riso de Camillo era acre, convulso, doloroso como um *tic;* o olhar de Anna Placido era uma linda luz velada de lagrimas.

Desde esse dia, a nossa correspondencia que já existia ha muito, tornou-se frequentissima entre mim e Camillo Castello Branco, e começou entre mim e sua esposa.

D. Anna escrevia admiravelmente. A longa intimidade do seu espirito com o espirito de Camillo, isolados ambos de todo o contacto social, tinha feito com que o seu estylo se parecesse com o do marido de uma maneira quasi inconfundivel.

Já se vê que elle pensava melhor e sentia mais *pessoalmente;* quanto á fórma, á expressão eram parecidissimos entre ambos.

A phrase d'ella sahia fundida n'este cunho de lei, que a posteridade ha de chamar *camilliana,* como chama *horaciana* a uma certa fórma de perfeição classica.

Esta semelhança extraordinaria entre as duas maneiras de escrever, levou muito gente a duvidar da authenticidade de escriptos que pertenciam unicamente á mulher.

D. Anna Placido escreveu, além da *Luz coada por ferros*, varios romancinhos e numerosos artigos jornalisticos, todos muito notaveis e de uma belleza de estylo incontestavel. Publicou além d'isso traducções vernaculas que valem bem mais que muitas obras *originaes* — que vemos por ahi admiradas. Pelo menos a phrase d'esses originaes é bem mais franceza, que a versão d'estes livros estrangeiros.

Seria talvez a sympathia pre-existente entre os dous espiritos, um tão grande, outro tão distincto, e o parecido molde do seu pensamento, que os approximára, e os levára a tantos extremos de paixão.

*

* *

Não tardou depois d'esta minha visita feita em Coimbra a Camillo Castello Branco, que elle e sua esposa voltassem para essa pittoresca e solitaria casa de S. Miguel de Seide, á sombra de cujas densas carvalheiras quasi toda a existencia do grande romancista se esvaío melancolicamente.

Ambos tinham sido muito fundamente feridos e

nas mais intimas fibras do seu coração, para que podessem reconciliar-se com os homens e com o mundo.

Camillo achava no trabalho, no trabalho intensissimo, aturado, brutal, a especie de allucinação com que fugia de si mesmo.

D. Anna Placido sujeitava-se docilmente a esta solidão profunda e que, para um espirito menos culto, seria intoleravel. Ainda assim, nem um nem outro eram felizes.

Da infelicidade constitucional de Camillo dão testemunho os seus livros de uma tristeza tão dilacerante ou de uma tão dolorosa e acida ironia; da melancolia que devorava o coração de Anna Placido sei eu pelas suas cartas que são um longo lamento.

O filho louco ululava pelos escuros corredores de S. Miguel, ou perdia-se nas mattas sombrias que circumdam a habitação, e o nervosismo excessivo do artista e do escriptor mais se exacerbava n'esta infernal contemplação. De mais a mais, a loucura, ao ferir o querido primogenito de Camillo, ferira um cerebro de poeta sensitivo e delicado. Jorge tocava flauta deliciosamente, e era uma dôr d'alma para os desgraçadissimos paes ouvil-o horas mortas, arrancando ao doce instrumento em que uma alma doente parecia estar captiva, trilos de uma suavidade morbida, notas de uma saudade intraduzivel, queixas de um ineffavel langôr.

Que admira que um dia, quando as lagrimas tinham já cegado os olhos do grande artista, elle pedisse á bala de um revólver a solução do seu destino, que em toda a parte fôra glorioso e que em Portugal foi apenas atroz!

*

* *

Na longa crise da sua cegueira, eu vivi muito com Camillo Castello Branco, todo o tempo que elle passou em Lisboa. E' me dôce a idéa de que a minha companhia, a minha voz o consolaram muita vez.

Provava-me elle isto mandando a esposa escrever-me a cada instante, quando eu tardava, para ir vêl-o e estar com elle. Foi atravéz de mim que elle se relacionou com esse grande medico portuguez, que tambem, nascido em outra nação, teria um nome europêo, e que é incontestavelmente uma das mais puras glorias nossas. Refiro-me a Sousa Martins.

Camillo pedira-me para eu o relacionar com o eminente medico, e este foi para elle um amigo da ultima hora, mas por isso mesmo mais precioso, mais desinteressado ainda. Visitava-o, tratava-o, distrahia-o, passava noites e noites a entreter o cégo genial com as chispas do seu espirito que é uma illuminação.

Mas por mais heroicos esforços que um grupo de amigos intelligentes e dedicados fizessem para o arrancar ás trevas da sua cegueira, Camillo não se consolava. Era um horror assistir áquella agonia! Que eloquencia nas lamentações! que energia na revolta! que espasmos de dôr, que convulsões de lagrimas n'aquelles olhos que já não podiam vêr e que podiam chorar ainda!...

Quando a esperança, que teimosamente o acompanhára, se esvaío de todo, percebemos bem os que assistiamos áquella tragedia intima que o suicidio estava perto, e que nada salvaria delle esse cerebro de uma sensibilidade tão extrema que chegou a ser doentia.

Mas quem poderá exactamente exprimir o que foi a dedicação de Anna Placido durante esse longo periodo? As noites passava-as sem um bocadinho sequer de somno, porque o seu infeliz marido não dormia; os dias passava-os sem repouso, porque o doente demandava um constante cuidado, que ella não cedia a mais ninguem o direito de exercer.

E nunca n'aquelles bellos olhos já apagados um vislumbre de impaciencia, e nunca n'aquella voz um pouco cantada, deliciosamente *minhota*, uma nota de irritação. Vivia sem esperança, e achava talvez n'esse estado sobre-humano, que Schopenhauer reputa o unico feliz, o segredo da sua prodigiosa serenidade.

Pobre mulher!... Como poude ella viver sósinha tantos annos, depois *d'elle* partir para sempre!...

Nunca mais escreveu a ninguem, nunca mais deixou a sua triste casa entre arvores, onde o idyllio, o drama, a tragedia final do seu destino se haviam successivamente desenrolado!

Que pena que ella não nos deixasse em algumas paginas de *Memorias* a historia do seu pensamento, o reflexo das suas saudades, a descripção das suas passadas alegrias!

De tudo que elles foram restam os livros de Camillo, em que ha paginas de uma belleza absolutamente impeccavel e que em todas as litteraturas seriam consideradas o producto de um cerebro genial.

Não resta uma obra completa, porque elle escreveu talvez cincoenta volumes, e em tantas paginas não é possivel que tudo seja perfeito, mas livros ha como o *Amor de Perdição*, como as *Novellas do Minho*, que são verdadeiras obras primas, eternamente vivas pela sinceridade com que foram escriptas, pelo sôpro creador que as anima e immortalisa.

Nós, portuguezes, não damos o minimo valor ás riquezas possuidas. Se um estrangeiro nos não avisa do que valem os nossos homens de lettras, nunca o chegamos a perceber completamente. Ora Camillo tem justamente a qualidade ou o defeito de ser muito do seu meio, muito da sua raça, muito do

seu momento historico, para que a critica estrangeira possa nunca penetral o e explical-o.

Mas, que bella obra emprehenderia o escriptor nacional que fizesse um profundo estudo sobre esta figura tão caracteristica, sobre esta obra tão portugueza, sobre as influencias que actuáram n'ella e a fizeram tal qual foi...

Souza Martins e Pasteur

I

APESAR de nunca ter ido ao Brazil[1], imagino bem que Souza Martins é ahi sobejamente conhecido.

Muitos dos brazileiros que teem vindo a Portugal o consultam, e a colonia portugueza ahi residente, nas suas visitas á mãe patria, raras vezes escolhe outro medico. De resto, ainda mesmo que elle não fosse uma personalidade conhecida lá fóra, mereceria sel-o e, portanto, é de todo o ponto opportuno e actual o retrato que vou traçar d'elle.

Não temos em Portugal outro exemplar do medico moderno, como os que Paris possue e que constituem uma das attracções do Paris scientifico d'este ultimo quartel do seculo.

Professor tão brilhante que é um prazer até para

[1] Artigo publicado no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro em Março de 1896.

os profanos escutal-o na cadeira onde elle revella as complexas faculdades do seu engenho raro; e tão amado, que falar d'elle aos discipulos é ver illuminarem-se-lhes as physionomias juvenis de um raio de affectuoso enthusiasmo e de carinhosa alegria; orador espontaneo, abundante, torrencial ás vezes, que em dias em que fala na *Sociedade das Sciencias Medicas* attrahe ahi não sómente a fina flôr da sua classe, mas toda a casta de curiosos de todas as classes da sociedade culta; clinico de uma tal agudeza de olhar e de uma visão tão repentina dos mais reconditos segredos de um temperamento, que não ha hoje caso grave em Portugal em que se dispense a consulta d'este espirito rapido, perspicaz, *primesautier*, quasi divinatorio em muitos casos; conversador que, ora maravilha pela subtil delicadeza e pela sagacidade penetrante da observação, ora faz morrer a rir pela torrente comica da sua *verve* incomparavel; — Souza Martins é hoje uma d'estas figuras consagradas, indispensaveis em uma Academia ou em uma sala, na Cathedra de uma escola, á cabeceira de um doente em perigo, á mesa da mais intelligente aristocracia, no convivio intimo dos mais finos engenhos; em toda a parte onde se pense, onde se discorra, onde se ame o brilho, o renome incontestado, a bondade, a graça, o conceito feliz.

Ao vêl-o, ainda a pessoa mais superficial e mais

ignorante percebe que tem diante de si *alguem*, e que esse alguem é differentissimo de todo o resto da gente.

Physionomia revolta, estranha, atormentada; testa de cerebral ampla e pensadora; grenha que seria romantica se não fosse simplesmente... selvagem e indomavel ás caricias persuasivas do pente; olhos de palpebras pesadas e olheiras doentias, pequenos, de uma expressão intensa de vida, de uma vivacidade irrequieta, mas que ao defrontarem com o *caso* medico, com o problema pathologico interessante, se tornam fixos, penetrantes e impenetraveis á interrogação exterior; agudo perfil de passaro; replica tão prompta que produz deslumbramentos ou irritações ferozes, vontade de rir ou vontade de... lhe bater; voz incisiva, secca, que, ao pé dos doentes queridos, se amollece e véla de um modo encantador; bocca saliente, mais depressa esquinada do que rasgada, de agudos dentes longos e de labios grossos, sob um bigode raro, — bocca adequada áquella verbosidade, que é um prodigio, pois que ninguem pensa nem fala tão depressa, ninguem, na mesma somma de minutos, é capaz de metter tantas idéas e tantas palavras.

Eis mal esboçado o retrato do clinico eminente!

Nenhuma das feições de Souza Martins, observada isoladamente, se singularisa por qualquer particularidade caracteristica, ou sequer é notoriamente expressiva.

Nem o olhar é fulgurante, nem a bocca é cruamente ou subtilmente ironica, nem um *tic* qualquer sublinha a finura do seu sorriso; mas tomado no seu conjuncto, a estructura do rosto todo em angulos, a revolta do cabello todo em ondas crespas, a mobilidade extrema da cabeça toda em movimentos bruscos e rapidos, dá na vista, attrahe de um modo irresistivel, ou repelle de um impeto indominavel.

Quem o conhece adora-o ou então... abomina-o.

Com elle não é possivel o *meio termo* que se traduz por uma pacata indifferença.

Até ha quem, adorando-o, o abomine quando elle está nas suas horas de aspero mau humor.

Eu não pertenço ao numero d'estes.

Gosto d'elle sempre com extremoso affecto.

Ha n'este rosto, incorrecto como é, capacidade para exprimir a severidade mais contundente e mais acre, a compaixão mais ineffavelmente cariciosa e terna, a ironia mais comica — porque sob este aspecto elle é mais um comico que um *humorista,* — a frieza mais repulsiva, a alegria mais cordial e mais franca, a graça mais vivaz, o affecto mais profundo, a attenção na sua mais concentrada intensidade, a voluntaria ou involuntaria distracção, no seu aspecto mais irritante e desesperador...

Não é decerto uma cara qualquer a que tem em si *materia prima* para produzir toda esta escala enorme de effeitos e de impressões.

Na physionomia macerada, cavada, devastada de Souza Martins, transluzem, em um resumo eloquente, as preoccupações do tempo a que elle tão genuinamente pertence, porque não ha homem mais do seu tempo do que elle!

Pertence-lhe pelo amor ardente, incondicional, quasi *fetichista* que a sciencia lhe inspira; pertence lhe pela curiosidade insaciavel e insaciada, ardente e morbida de todos os phenomenos da Natureza, de todos os segredos da Vida, de todos os problemas mais ou menos insoluveis que o audaz Pensamento moderno se tem proposto e tem sêde de resolver; pertence-lhe pela noção do Dever desinteressado, sem recompensa e sem sancção, cumprido unicamente pelo gosto superior e altivo de o cumprir; pertence-lhe pela inquietação febril da phantasia, pelo nervosismo impulsivo das impressões, dos desalentos, das tristezas, dos enthusiasmos; pela inconstancia dos caprichos da imaginação; pela impossibilidade de fixar em um ponto só a sua mira, de canalisar em uma direcção sómente a sua actividade; pela complexidade do entendimento sempre alerta; pelo *dilettantismo* artistico; pela insaciabilidade de emoções...

Ia accrescentar que infelizmente Souza Martins é tambem, pelo scepticismo, filho do seu tempo, mas percebi que esta classificação seria inteiramente impropria, applicando-a a um espirito d'esta tempera

6

e d'esta especie. Quem acredita com tão profunda certeza na sciencia, a ponto de perfilhar, com a mesma fé que não escolhe, as verdades definitivamente adquiridas e consagradas e as hypotheses absolutamente inverificaveis, como por exemplo a theoria darwinista da evolução das especies, não tem direito a ser appelidado um sceptico.

E' um crente ás avessas, o que não é positivamente a mesma cousa.

Uma tal virtualidade de fé presuppõe um temperamento capaz dos maximos sacrificios, do sacrificio até da propria vida, pelo que julgar a verdade. Ora, para o sceptico, este abandono de si proprio a uma idéa qualquer, esta abnegação de todo o seu entendimento perante uma theoria por outros enunciada, é absolutamente impossivel.

Renan que deu do sceptico a definição mais brilhante insinua, não ouso dizer affirma, que o homem superior dotado com essa fórma de espirito, não póde morrer por *uma idéa* nem por uma *verdade*, visto que não ha aos olhos d'elle *uma idéa* absoluta, nem *uma verdade* una.

Souza Martins, pois, tendo tudo do seu tempo, até a complexidade de faculdades e aptidões, tem a robustez de fé de uma alma simplista de outras éras, o que não deixa de revestil-o de um certo encanto ingenuo...

II

Este homem que já tem, como todas as celebridades, uma lenda engraçadissima feita das respostas scintillantes ou ferozes, que elle dá a sujeitos fátuos e pedantes, a doentes abelhudos que querem saber o *porquê* de todas as cousas, a provincianos formalistas que o chamam cheios de fé, e que elle apavora com as suas réplicas terriveis, e as suas entradas e sahidas de cyclone; — este homem de aspecto exterior rispido e sacudido, tem no fundo uma d'essas almas de creança ternas e amoraveis, em que os sentimentos mais elementares e mais simples do coração escolhem dilectissima morada.

Não é talvez um requintado, em que a psychologia encontre curiosos themas de observação rara; é um sentimental da ordem de affectos genuinos e espontaneos, que se chamam o amor da familia, a amisade viril, o amor das creanças, a piedade pelos humildes... No seu fôro intimo não é um desdenhoso, nem um fastiento, nem um pessimista; ha de morrer crendo, sem dar por isso, em todas as bellas cousas por amor das quaes a humanidade viveu e medrou largos seculos, e por falta das quaes se vae hoje dia a dia extinguindo o que de melhor e mais sympathico havia na nossa especie. A sua

paixão, pelo torrão patrio e até uma pontinha de *chauvinismo*, para falar á franceza, tem n'a elle affirmado já, com toda a expansão do seu temperamento meridional, em varios lances da nossa Historia mais recente.

Quando foi do centenario de Camões os amigos julgaram que elle lhes endoidecia; veiu a triste, a dolorosa pagina do *ultimatum* inglez, essa affirmação da brutalidade de um povo grande, sem generosidade no amago da sua grandeza, e elle foi dos primeiros no protesto, dos primeiros na lide santa do que julgou por um instante o renascimento da alma portugueza, dos primeiros a promover uma subscripção nacional, que é das raras cousas portuguezas em que o successo final deve corresponder ao arranque primitivo, mercê d'aquelles que tanto lidaram para a tornar proveitosa.

Já vêem que este enthusiasmo patriotico que não estava nada em moda entre os principaes da sua geração, revela o que ha de são, de singelo e de crente n'esta alma de homem de sciencia, de ordinario tão estereis no sentir. O que elle foi como filho, dava um poema. Ha traços de tão graciosa infantilidade, de tão devotada ternura n'esse Amor que á mãe consagrou como um culto, o mais puro culto da sua alma, que não são para a publicidade de um artigo, mas que fariam inveja a todas as mães e á maioria dos filhos.

Nascido em berço humilde, o mais vivo prazer que lhe deu a grande, a culminante posição que attingiu na sociedade e na sciencia, foi o de poder elevar comsigo a querida, a nobre senhora que o creou com taes extremos, e lhe suggeriu tão altos sentimentos de bondade e de altiva isempção.

Quando ella morreu partiu-se-lhe para sempre a corda do coração, que, tangida, dava o mais puro, o mais divino som. Nunca mais o seu riso teve a mesma sonoridade communicativa de alegria, nem os seus triumphos lhe deram o mesmo orgulho. Faltava aquella por quem lhe era mais doce trabalhar e merecer...

Na amisade Sousa Martins é um fanatico.

Ninguem sabe querer mais, ninguem, á cabeceira de um amigo ferido pela mão traiçoeira da morte, soffre mais tragicamente e lucta com mais heroica pertinacia.

Eu tive-o hora á hora á cabeceira de Gonçalves Crespo. O poeta dos *Nocturnos* e das *Miniaturas* amava-o como um irmão, e foi velado por elle, com extremos de carinho indizivel, na penultima noite da sua agonia, n'essa noite em que o desengano, que elle proprio me dera finalmente depois de sessenta dias de illusoria esperança, me atirou, por algumas horas, para uma especie de torpor lethargico, inutililisando-me completamente a consciencia e a razão.

Já veem por isto tudo o que Souza Martins vale moralmente, o que elle é como homem de familia, como amigo, como cidadão. Scientificamente não sei nem posso eu julgal-o. Julga-o a consciencia de um paiz inteiro, e julgam-no as sociedades medicas do estrangeiro, em que elle é conhecido e apreciado condignamente.

Quando um clinico celebre de Pariz aqui veio ha pouco, dizia contentissimo: «Dou por bem empregada a minha viagem, pois que vi a bahia do Tejo e o meu collega Souza Martins.»

. . . .

Não admira que fosse elle a quem coubesse a honra de pronunciar na nossa *Sociedade de Sciencias Medicas* o elogio funebre de Pasteur.

Imagine-se o que seria para este enthusiasta da sciencia, tão apaixonado, tão vibratil, facil até nas illusões da admiração, quando mais nas admirações que tudo justifica, o thema que lhe deram a versar!

Foi uma torrente caudalosa e frementa de enthusiasmo, a que então jorrou impetuosamente d'essa imaginação, que o maior mestre da eloquencia e da oratoria portugueza classifica *como superiormente eloquente,* considerando a eloquencia a *faculté maitresse* de Souza Martins.

Este discurso não obedece a nenhuma praxe usada em casos taes, nem se disciplina rigorosamente a nenhuma regra de sciencia ou de esthetica.

E' a expressão de uma alma enthusiasta deante de uma grandeza mental e moral, que a assombra e delicia.

Nem na França entre os discipulos de Pasteur, entre os que familiarmente conviviam com elle, houve quem falasse do mestre com aquelle fervor de fé, com aquella acrysolada paixão. Primeiro, Pasteur apparece-lhe, na analyse do seu trabalho incessante e pacientissimo, como um sabio de primeira ordem; — depois, contemplando, no seu conjuncto magnifico, essa obra que se ramifica em tão varias direcções, e que se amplia em proporções tão incommensuraveis, que trouxe uma tal revolução á sciencia, o sabio parece-lhe um santo, o santo um semi-deus!...

Dizem os entendidos que ouviram o discurso de Souza Martins ou o leram depois, que é extraordinaria a somma de conhecimentos, de idéas, de noções, de estudo, que se incluem n'essa rapida resenha da Obra Pasteuriana. Como dentro de Souza Martins havia um mundo de idéas relativas ao seu assumpto, identificadas com elle, ou d'elle resultantes; como no seu cerebro, em frente da obra e da vida de Pasteur, se produzia uma especie de ebullição febril; como era diminuto o tempo e era infinita a quantidade de factos e de theorias que elle se propoz registrar e enunciar; como, a cada palavra pronunciada, uma suggestão nova o solicitava

para outro lado da questão que ia versando; como sem querer se fazia n'elle a evocação simultanea do trabalho feito, da descoberta realisada, do resultado provavel, ou certo, do immenso alcance já previsto, das mil hypotheses entresonhadas; e como de todos estes thesouros elle não queria perder um ceitil; como d'este enorme e precioso escrinio, elle não queria desdenhar uma gemma que fosse, a sua palavra impetuosa, corre, atropella-se, entrecorta-se de orações incidentaes, abre-se em parenthesis de idéas, reparte-se em mil caudaes, que separados correm, ou indominados se entrecruzam, tem a anciedade offegante de tudo abranger, de tudo fixar, de tudo exprimir clara e intensamente.

Como é grande a figura d'esse homem, que se consagrou ao bem da humanidade na terra, como se consagravam á sua salvação no ceu os ascetas da primitiva egreja, ebrios de fé e de amor divino!...

Que harmonia ampla e perfeita resalta da vida vivida e da obra realisada; que consolador para a nossa especie é pensar que nos seus typos superiores ella póde ascender a tamanhos prodigios de genio e de virtude! A consagração da figura e da obra de Pasteur feita na *Sociedade de Sciencias Medicas*, de Lisboa pela maneira extraordinariamente brilhante e fervorosamente enthusiasta por que Souza Martins a fez, é digna em tudo de um povo culto e intelligente.

Honra-nos honrando o eminente professor! Não tenho espaço para citar trechos d'esse discurso que mereceria ser todo trasladado para que bem claro vissem os meus leitores que nada exaggero na admiração com que o registro aqui.

Lembro apenas para concluir uma das suas passagens mais felizes.

«O seculo XIX será o seculo da França», disse Souza Martins, em um bello movimento de eloquencia.

«Napoleão, Victor Hugo e Pasteur encheram n'a de gloria — e ao mundo de pasmo — do começo ao cabo do Seculo. O primeiro foi a expressão épica da Vontade. Foi o segundo a expressão grandiloqua do Sentimento. Veio o terceiro a ser a expressãe sublimada do Pensamento.»

Se, como Souza Martins egualmente e conceituosamente affirmou, a nova sciencia creada por assim dizer de *toutes piéces* por Pasteur muito lucrou em que elle não fosse medico, eu accrescento que só um medico como é Souza Martins poderia julgal-a de tal altura de pontos de vista, com tamanha copia de conhecimentos geraes, e de lucido criterio.

E digo que só um homem como Souza Martins podia dar a palavra definitiva sobre a obra do mestre, porque ella exige o conhecimento profundo e intimo da sciencia em que Pasteur se assignalou e em que imprimiu uma revolução maravilhosa; a

noção perfeita e continuamente enriquecida de sciencias que lhe são correlativas e que caminham com velocidade de pasmar, o saber accumulado por um largo estudo da historia da chimica, da biologia e da medicina; e — pela previsão que só é dada aos grandes talentos, e, pela imaginação que poucos possuem tão ampla e tão audaciosa como a de Souza Martins — o presentimento, quasi que a visão nitida, de todas as consequencias extraordinarias que encerra dentro de si essa doutrina Pasteuriana, a qual póde comparar-se a uma luz clara e benefica illuminando subitamente os abysmos mais fundos, mais insondados, mais impenetraveis até agora, onde a Vida guardava os seus mysterios, onde a Morte tecia as suas ciladas subterraneas.

Não sei que grande auctoridade scientifica disse que, d'aqui a seculos, da medicina toda, sobrenadarião dois nomes primaciaes: Hippocrates e Pasteur.

O que hoje sabe *ver* e explicar com tamanha precisão de contornos, com tão evidente comprehensão dos minimos detalhes, uma doutrina que inclue taes prodigios e tão novas noções da vida mereceria pelo menos ficar com o seu medalhão de marmore gravado no pedestal da estatua elevada aos dois gigantes que á distancia dos seculos se dão fraternalmente a mão.

José de Sousa Monteiro

AUTO DOS ESQUECIDOS: eis o titulo, com que o poeta perfeitissimo, o terso e vernaculo prosador, que se chama José de Sousa Monteiro, denominou o drama que escreveu para o Concurso litterario, aberto por occasião do Quarto Centenario do descobrimento da India, drama que obteve, com a maior justiça, do illustradissimo jury do Concurso o premio que se creára para recompensar a obra melhor, d'entre as diversas obras alli apresentadas. São necessarias estas explicações prévias para alguns dos leitores brazileiros d'esta Revista[1]. Quanto aos portuguezes, esses sei eu com certeza que conhecem, não sómente o facto em si, mas o poeta illustre de quem venho falar-lhes.

Não póde todavia dizer-se que José de Sousa

[1] *Revista Moderna* publicada em Pariz.

Monteiro seja um artista popular, accessivel ào grande publico.

Como Stendhal e como Alfredo de Vigny, Sousa Monteiro que é, como estes dois, de uma delicadeza de sensibilidade quasi morbida, esconde sob apparente frieza, sob correcta e altiva reserva, essa susceptibilidade que dirieis femenil, de melindrosa e fina que é, essa susceptibilidade que tanto faz soffrer os que a possuem, embora os faça gozar ás vezes, em horas raras de intensa vibração nervosa, mais do que o bastante para compensar todos os tormentos interiores de uma longa vida...

Mas apezar de não ser popular no sentido restricto que eu dou a esta palavra, e de ser talvez só plenamente apreciado pelos *happy few* que sabem o que seja a angustia deliciosa da creação artistica, a sêde atormentadora e fecunda da ideal perfeição, o poeta dos *Sonetos,* dos *Entalhes e Camapheus,* do *D. Pedro Segundo,* o prosador dos *Amores de Julia* é considerado em Portugal inteiro como um dos raros que, pelo seu talento superior, pela sua intransigente probidade artistica, pelo seu trabalho preciosamente burilado, pela sua inspiração genuina, e pela cultura do seu espirito, honram o paiz que o tem por filho.

Na sua comprehensão porventura excessivamente exigente do que deve ser a Arte e, por conseguinte, do que devem ser os seus cultores sinceros, José de

Sousa Monteiro como que se furta aos louvores e aos applausos, nem sempre autorisados, nem sempre lisongeiros, que em Portugal, como em toda a parte, vão principalmente para os que teem e cultivam uma *coterie* sua, que os explica, que os commenta, que os levanta ás nuvens em certas horas de opportuna notoriedade, que disfarça a propria mediocridade, — acoitando-se sob o manto do homem superior, que se digna de emprestar-lhe assim um pouco do seu reflexo.

Isto não quer dizer, já se vê, que não haja grandes, poderosissimos artistas, que reunam á qualidade suprema do genio, a faculdade de fazer-se amar pela multidão, que sejam ao mesmo tempo a delicia da *élite* e o nome consagrado pela gloria popular, mas são esses privilegiados rarissimos que estão fóra da lei commum.

O que é frequente e logico é que os delicados artistas de uma quadra excessivamente culta, os que juntam á agudeza critica do entendimento a erudição litteraria de fina escolha, não sejam entendidos pelo vulgo nem por elle amados e preferidos.

Exigentes na eleição dos seus assumptos, tratando-os sob uma fórma requintadamente litteraria e accentuadamente pessoal, não transigindo com o gosto elementar das maiorias, com as modas ephemeras e futeis que ellas criam e applaudem, com as predilecções temporarias em que ellas por *snobismo*

se affirmam; não expandindo a sentimentalidade, que ellas tomam tanta vez por sentimento, nem a emphase que ellas tantas outras definem como paixão; estes finos artistas, de um pudor de concepção tão delicado e sensitivo, refugiam se na sua *tour d'ivoire* mysteriosa e solitaria, e felizes dos raros que elles ahi acolhem, e a quem abrem n'um sorriso d'alma — adoravel como todo o sorriso de uma bocca austera — as riquezas incognitas do seu inaccessivel ideal.

Pouco a pouco os acolhidos, os felizes, quer dizer, os que teem a faculdade de entender — bella e preciosa faculdade que de tantos prazeres é prodiga — vão creando em torno do poeta esquivo e intransigente a fama justa a que elle tem direito perante a critica superior; e então o nome vae avultando, a obra vae emergindo d'aquella penumbra deliciosa, a que por orgulho se acolhia; os que não conheciam principiam a querer conhecer; os que não entendem, percebem que alguma coisa lhes falta a elles, que no poeta ou no artista existe, por elles incomprehendida; e a justiça vagarosa, porém mais segura, pronuncia a sentença definitiva, a que ninguem, d'entre os ignorantes, os vaidosos, ou os maus, ousa oppôr a sua appellação pueril.

*

* *

E' isto, mercê de Deus, o que vae succedendo ao nosso querido poeta e amigo.

Ninguem o nega já, embora muitos não penetrassem ainda nas subtilezas tenuissimas do seu estro perfeito; na elegancia vernacula da sua forma artistica; no labor escrupuloso e raro da sua obra, atravessada por um sopro de perfeição antiga e de alevantado ideal...

Não cabe nos limites restrictos de um artigo d'esta ordem, analysar uma obra tão larga como a que elle já tem produzido.

Aos dois formosos volumes *Sonetos* e *Poemas* publicados em 1882 e 1883, que ainda antes de apparecerem á luz publica, inspiravam a Gonçalves Crespo, bom entendedor, creio, em coisas de poesia e de arte, uma admiração intensa, que tanta vez me communicou na sua phrase colorida e pittoresca; — seguiu-se o romance em prosa *Amores de Julia*, estudo da vida romana feito com todas as minucias de uma erudição profunda, com toda a pujança de um estylo vivido e brilhante, com toda a penetração intelligente da alma antiga, da alma pagã, revelada a este moderno, a este espirito ardentemente imbuido da crença christã, não sei por que milagre

de intuição critica, não sei por que maravilhosa transposição de tempo e de sentir. A estes livros juntam-se o bello e eruditissimo estudo ácerca do grande portuguez venerado na Egreja Catholica sob a invocação de *Santo Antonio de Padua;* os *Entalhos* e *Camapheus,* collecção de versos que lembram joias cinzeladas pela mão paciente e genial de um Benevenuto; o prologo escripto para acompanhar uma lindissima edição das *Georgicas,* traduzidas por Castilho; e eis, se me não engano, o que está colleccionado em volume da obra de Sousa Monteiro.

Mas além d'isto, que é muitissimo, ineditos lhe conheço eu muitos trabalhos de valia em nada inferiores a estes já publicados, e entre esses ineditos, avultam dois dramas em verso, que podem considerar-se primorosos estudos historicos da vida portugueza, do mais singular merecimento poetico, e um volume ainda incompleto sobre D. João II, o grande rei portuguez.

Não me demoro, na resenha rapida que de memoria aqui estou fazendo, com a pressa vertiginosa em que é já agora meu fadario e minha sina escrever, nos ensaios começados, nos versos ainda só lidos aos amigos mais intimos, nos contos rapidos, deliciosos mas perfeitos, que breve hão de constituir um volume para as mais escolhidas bibliothecas, e que denunciam, a par da inspiração variada e rica

do escriptor, a sua vasta cultura historica e litteraria, e até n'uma serie de cartas por elle escriptas ao querido morto que foi Sousa Martins, cartas que são das peças mais curiosas e mais preciosas n'esta collecção de coisas bellas e de coisas raras!

Vê-se por esta enumeração summaria — que obra tão vasta, obra *ondoyante et diverse* — Sousa Monteiro tem construido já para gloria do seu nome e riqueza das lettras patrias.

Se esta obra escripta tem por força de attrahir para o seu autor a attenção sympathica, o curioso interesse dos que se occupam em Portugal das coisas do espirito, ha porém uma porção mais intima do artista, do poeta, que só os seus amigos, e ninguem os tem e os merece mais extremosos — conhecem.

E' essa porção da alma de um homem que elle só revela aos intimos, na conversação de todos os dias, na bondade que aflora aos seus labios em praticas familiares, em revelações involuntarias saidas do mais delicado que ha na sua psychologia, n'estes cambiantes de sensibilidade em que uma physionomia moral se deixa adivinhar e conhecer.

A conversação de Sousa Monteiro é das mais interessantes que eu conheço. Sabendo muito e não tendo a menor vaidade do que sabe, elle toca em todos os assumptos com extrema ligeireza e extrema graça, e desde a simples brincadeira trocada com uma creança de quem seja amigo, desde a re-

ferencia rapida aos assumptos diarios, até á mais séria das controversias, travada com um espirito que esteja a par do seu, tudo tem a marca inconfundivel, a garra indelevel de uma personalidade accentuada e superior.

Em litteratura os seus grandes amores são Shakespeare, Goethe, Carlyle e Lord Byron. Vê-se por esta lista das suas preferencias intellectuaes, o eclectismo do seu alto espirito, e a faculdade feliz que elle tem de entender os mais diversos temperamentos, e de se identificar com espiritos que, a muitos respeitos, tantas differenças de pontos de vista, separam do seu. Catholico convicto, elle entende e ama esse puritano apaixonado e sombrio que foi Carlyle; de um criterio moral tão elevado e tão formalista, elle sente-se attrahido e namorado estheticamente por esse violento e voluptuoso Childe Harold, para quem a moral christã foi lettra morta quando não foi lettra ultrajada; cingindo-se ao dogma que o educou, em todos os seus pontos mais restrictos, elle deleita-se em interrogar o entendimento d'esse pantheista soberbo, em cujo vasto cerebro todos os sonhos da Humanidade — sonhos philosophicos e sonhos sentimentaes — acharam guarida e se traduziram em symbolos, e em sondar a portentosa floresta humana, que germinou e cresceu esplendidamente, como uma creação rival das creações da Natureza, no solo accidentado da In-

glaterra da Renascença, á voz milagrosa e potente do creador do *Hamlet!*...

Como se vê, a existencia inteira de Sousa Monteiro tem sido votada ao trabalho intellectual. *Crear e entender* eis as duas absorventes paixões d'este homem e quem póde affirmar que haja uma mais nobre comprehensão da vida!...

*
* *

O seu *Auto dos Esquecidos*, chamando n'este momento de festa nacional — festa no meio de apprehensões e luctos! — para o seu nome laureado a attenção do publico, dá a maior actualidade ao estudo incompleto que eu lhe consagro aqui.

N'este seu ultimo trabalho, por uma excepção que é mais uma prova de intelligencia subtilissima, Sousa Monteiro não denuncia nenhuma das qualidades que o tornam menos accessivel ao grande publico.

O seu drama é uma coisa ingenua, suave e simples feita sob a directa influencia de uma emoção d'arte quasi religiosa, de um impulso de piedade mystica quasi medievica. Para o entender e amar não é preciso ter gosto muito culto, erudição muito profunda, conhecimentos de historia ou de arte

muito desenvolvidos; basta ter alma, sensibilidade, coração capaz de amar e de soffrer. Pela mesma intuição estranha que o fez escrever os seus *Amores de Julia* tão *romanos* e tão *antigos*, o poeta collocou-se, não na hora dubia, incerta, analytica, em que vivemos por nosso mal, mas justamente n'aquella hora fatidica, decisiva, ainda fervorosa e já atravessada de sensações e de ambições novas, que foi *a turning-point* na vida da nossa nacionalidade, mas na qual se fundiram ainda, em amplexo dramatico, o que ella teve então, o que ella depois teria, de melhor.

Passa-se em tres jornadas: — *A Partida, A Chegada. O Regresso,* — esse drama singello que eu mais gostaria de intitular *Elegia.*

Não tem nada de complexo, nem de incomprehensivel ao espirito mais simples. Celebra docemente os que nunca foram celebrados; canta os que ninguem cantou, isto é, aquelles que são indispensaveis a cada grande obra humana, mas que, simples operarios do monumento que só guarda no frontão magnifico o nome do seu architecto supremo — são esquecidos depois da victoria, e que do enorme trabalho realisado nem tem uma parcella que seja de gloria ou de renome.

Ninguem os lembrára ainda; é justo e encantador que os lembrasse uma alma verdadeira de poeta, e que de lembral-os accrescentasse ao seu nome uma nova illustração e um novo titulo.

A alma portugueza que no *Auto dos Esquecidos* se retrata é uma alma aventurosa e mystica, que o seu destino estranho, de devassadora de continentes desconhecidos, de mergulhadora no mysterio de infindos mares, de navegadora ousada á procura de ignotos mundos, já tem feito, ora triste como a saudade, ora piedosa como a fé, ora atrevida e fatalista como os aventureiros que a tudo se affoitam rindo.

A grande obra que levámos a cabo por uma serie de arrojos e de feitos que tiveram, no supremo feito do Gama, a sua corôa épica, o seu remate supremo, tinha-nos já affeiçoado, ia finalmente moldar-nos sob a forma em que desde então crystalisamos na Historia.

Principia a penetrar-nos aquella tristeza mysteriosa, indefinivel, que se segue aos paroxismos da sensibilidade ou da vontade.

Começava a pagar-se o alto preço porque se pagam altas coisas. Nada se obtem de graça. Uma grande missão importa sempre um sacrificio grande, é porque o desinteresse supremo bafeja as almas puras, que ellas sabem dar-se todas n'uma immolação magnifica, em que se exhaurem.

Ha raça mais sacrificada do que a de Israel, — a que nos deu Moysés e Christo?

Só triumpham as idéas ou os actos pelos quaes alguem morreu! Só são immortaes as causas que custam á alma do homem toda a seiva, ás suas

veias todo o sangue, ao seu coração toda a energia, á sua consciencia toda a fé. E quando digo a alma do homem, digo a alma de uma nação ou de uma raça.

Se o *Auto dos Esquecidos* celebra em versos adoravelmente feitos, sob uma dôce e delicada inspiração, o sacrificio ignoto dos qùe na epopeia não tiveram uma estancia, dos que na conquista não tiveram uma palma, dos que não desembarcaram com o Gama na portentosa India, dos que não voltaram com elle na Apotheose portentosa, não poderá tambem d'esta obra, tão genuinamente portugueza, em que se abraça á pallida musa elegiaca de Bernardim, e á triumphante e rude musa de Gil Vicente, o estro galante de Garcia de Rezende e seus amigos; — não poderá tambem d'esta obra extrahir-se a essencia de um vago symbolismo, talvez ao proprio poeta despercebido no instante febril da inspiração e do trabalho?...

Auto dos Esquecidos! Titulo adoravel, titulo que é um *achado!*

Elle, a meu ver, traduz mais do que o appello eloquente contra a injustiça do mundo para os que morreram na aventura immortal sem d'ella colherem nome; elle diz alguma coisa das nossas proprias dôres; n'elle transparecem como que as queixas indistinctas da alma portugueza, que, enriquecendo o mundo, foi pelo mundo esquecida, que exhaurindo a

seiva juvenil na empreza heroica, na empreza immorredoura, cujos fructos hoje colhem estranhos, foi dos estranhos desdenhada, justamente pela inercia em que se deixou cair, pela extenuação doentia em que se ficou, pasmada, esteril, silenciosa...

Inercia após uma expansão quasi sobrehumana de energia e vontade. Silencio, após o grande pregão que se ouviu por dilatados mundos.

*

* *

O amor da patria e das suas glorias, e o mysticismo ingenuo: eis as duas fontes puras d'onde promana o drama inteiro.

E não é o amor da patria e a devoção mystica a dupla inspiração do nosso passado?

Pelo amor da patria se abalançou a raça portugueza aos vastos mares, e d'aqui lhe proveiu aquella nota intraduzivel de melancolia e de saudade, que ha no fundo e na raiz de toda a poesia e de toda a musica nacional.

Cantam, chorando, no mar alto os marinheiros, que relembram os carinhos femenis de que se apartaram, a terra florida e dôce que porventura não verão mais; e das amuradas das caravellas aventurosas, levanta-se a melopeia triste e vaga dos nossos

cantos maritimos, das nossas balladas e chacaras, e as trovas maliciosas dos que riem disfarçando a vontade de chorar.

E a saudade, a flôr do nosso rude jardim, que embalsama todo o trovar portuguez. Saudade da *terra;* da mulher; das amendoeiras em flôr; do adro soalheiro onde se armam danças; dos fraguêdos da serra onde se matam javalis; dos serões da côrte ou da cidade onde se trovam galanteios; das festas de Egreja onde se cantam hymnos e se desfolham flôres, e o incenso se evola dos thuribulos de oiro fino, e a luz arde nos cyrios de benta cera, que a abelha fabricou do rosmaninho silvestre e das balseiras affestoadas de madresilva e rosas bravas.

E em terra, nas longas solidões monotonas da viuvez e da orphandade, cantam as mães, e as esposas, as ladainhas infindaveis, á Virgem *Mãe dos Navegantes,* á Virgem *Estrella dos Mares,* e cantam raparigas dôces cantigas de amor chamando pelo Ausente que partiu e que tarda em voltar...

E' d'estes elementos tão simples que a linda Elegia dramatica de Sousa Monteiro se fez, e é por isso que, ou se extinguiu de todo a delicadeza e a sensibilidade nos peitos portuguezes, ou ella ha de ser de todos comprehendida e amada, como uma joia rara da nossa litteratura nacional.

Não é uma obra triumphal como talvez devêra ser celebrando festivamente uma triumphal empresa?

Não é; e é isso que lhe dá a secreta significação e o secreto encanto, que faz d'ella alguma coisa de pathetico que vae direito ao coração de todos nós.

Se fosse um canto de victoriosa alegria soltado agora — agora! — seria um artificio e não uma obra de arte; seria um echo apagado e sem alma propria de hymnos de gloria que outros entoaram já; e não sairia como uma nota sincera e palpitante, uma nota de amor, de piedade, de melancolia e dôr, a ultima da vasta, da opulenta symphonia, que a alma da nossa raça tem cantado desde que o sol do Oriente a aqueceu e a estonteou com a sua luz fulgurante que é tão bella e lhe foi tão fatal!

No *Aviso prévio* que precede o drama, Sousa Monteiro assegura, com fina critica, que os dois livros mais genuinamente portuguezes que possuimos são os *Autos de Gil Vicente* e o *Cancioneiro* de Garcia de Rezende; tudo o mais que é ainda tão portuguez, já tem reflexos de outra luz estranha, echos de outra musica triumphante.

Portanto, querendo fazer obra bem portugueza, justamente na hora em que, na maioria das coisas, de portuguezes só temos o nome, Sousa Monteiro foi buscar ao *Romanceiro* de Garcia, e aos Autos de Gil Vicente a redondilha portugueza, tão viva e tão ladina; tão queixosa e tão meiga; tão feita para risos e lagrimas; para gemidos de alma dolorida; para invocações de mystica piedade.

Só o *Prologo* é feito n'outra rima, no largo e musical hendecassyllabo, a que a poesia portugueza deve tambem obras tão bellas.

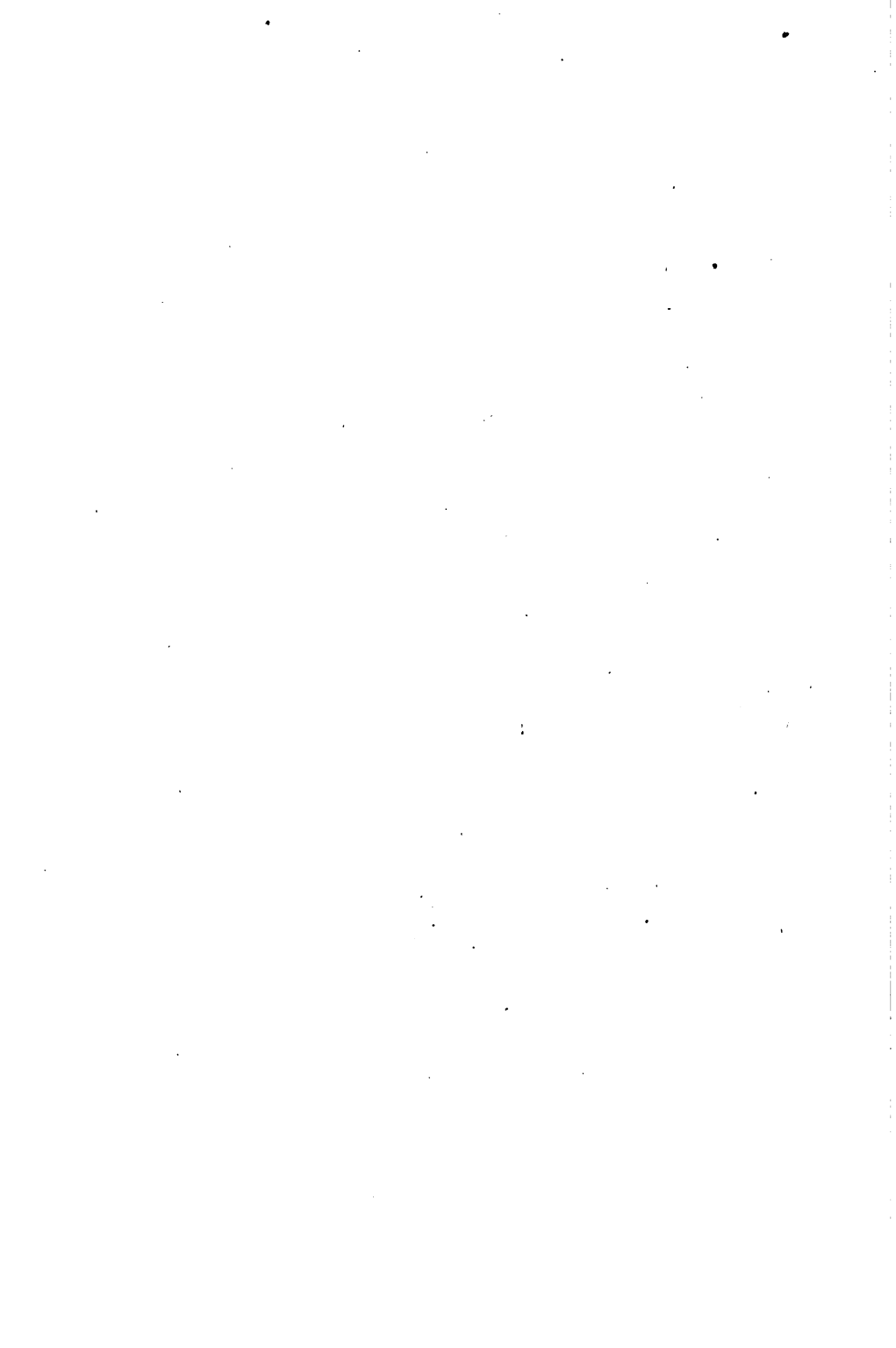
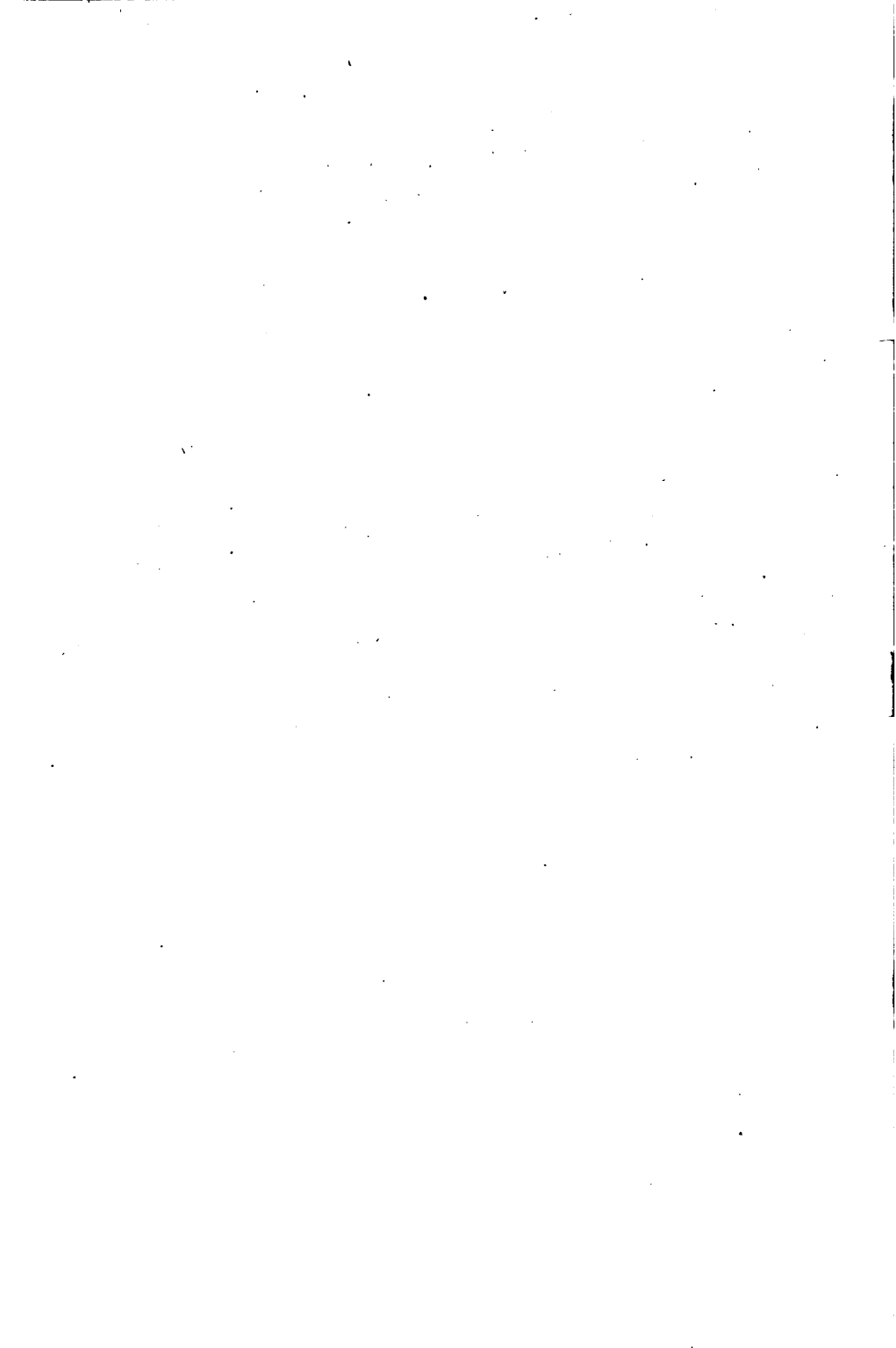
E o Prologo que vem, á moda dos antigos *Autos*, contar ao Auditorio o argumento do drama, diz-nos que o poeta pensando nos grandes, cuja empresa sublime Portugal vae celebrar, não teve mão no proprio coração que não sentisse, que:

> «A par d'esses grandes ha pequenos
> «No nome que esqueceu,
> «Na gloria que os deslembra, cuja vida,
> «Prantiva como os thrênos
> «Que immensa dôr chorou no immenso Hebreu,
> «Se tecem de amargura dolorida
> «De angustia e luto, de trabalho e pranto;
> «Que finados sem lustre, tristemente
> «Se sumiram no mar fundo e fremente,
> «Ou na mudez sem luz d'um Campo Santo!!

Ao fundo do drama em que se desdobra a historia melancolica, o mallogrado destino de um d'esses pequenos, que pela alma, pelo arrojo, pelo sacrificio valeram os grandes — entrevê-se e como que se entre-ouve o clamor retumbante, o soberbo esplendor da scena victoriosa.

A descoberta do Gama penetra como uma luz invisivel, pelos intersticios da tela em que o drama singelo se desenha. E' esta tambem uma das bel-

lezas subtis d'esta obra, na sua simplicidade voluntaria, tão perfeita na intenção e na forma.

Auto dos Esquecidos! Lavremol-o nós deante das outras nações desattentas e ingratas dizendo-lhes bem alto ás opulentas, ás orgulhosas, para quem descobrimos mundos, que se já não ha nos nossos musculos a rijeza herculea que os fazia invenciveis, que se já não ha na nossa alma o impeto juvenil que nos fez obrar prodigios, nem na nossa consciencia collectiva aquella fé magnifica que nos guiou por tenebrosos mares, que nos fez arcar com perigos e tormentas, ainda o nosso coração sabe vibrar ao impulso de sentimentos grandes, ainda sabemos *comprehender*, se já não sabemos *sentir;* ainda ha entre os nossos poetas, quem possa genuinamente e religiosamente traduzir o candido mysticismo, a fervorosa paixão de gloria, o puro amor das coisas bellas, que um dia fez da raça portugueza uma raça privilegiada e grande entre as nações.

Portugal visto pelos estrangeiros

I

MA das leituras mais curiosas que póde haver é a de *viagens* feitas por estrangeiros de diversas nações na nossa terra.

Obrigada por um estudo critico e historico que emprehendi a lêr muitas d'essas obras, tenho-me divertido extraordinariamente com as vivas e pittorescas impressões, colhidas em flagrante pela maior parte d'esses viajantes, nos nossos costumes, na nossa vida exterior.

Quanto á vida domestica de um povo nunca a póde perceber quem não tiver vivido com esse povo longos annos ou antes quem de nascimento lhe não pertença.

Um dos viajantes que eu li primeiro tinha visitado Lisboa, logo depois do terremoto de 1755.

São por isso altamente interessantes, de um interesse vivo e intensissimo, todas as descripções que

8

elle faz da cidade revolvida e desmoronada pelo medonho cataclysmo. Não tenho á mão, n'este momento a citada obra.

Lembro-me porém que é escripta por um italiano chamado Baretti — muito conhecido na sociedade litteraria e musical do seculo XVIII em Inglaterra, amigo do dr. Burney e de Jonhson, retratado por Sir Joshua, etc., etc., — o qual escreve as suas impressões em inglez genuino e as intitula *Journey through England, Portugal, Spain, and France.*

A sua primeira exclamação ao entrar a barra de Lisboa é esta: «Nada póde ser egual a esta belleza esplendida a não ser Genova e os seus suburbios.» Em breve porém, este enthusiasmo desfaz-se e o maledicente estrangeiro em tudo encontra materia de critica acerba.

Uma das coisas que elle não póde levar á paciencia é a quantidade de mulas, de frades e de pretos, que se encontra nas ruas da Lisboa meio arabe do tempo do terremoto. Diz elle que esta mesma impressão a teve igualmente um compatriota seu, piemontez tambem, que exclamava ao percorrer as ruas ingremes e atulhadas de ruinas da velha cidade: *quanti preti! quanti frati! quanti muli!*

O terror do horrivel desastre ficára de tal maneira impresso na alma dos lisboetas que uma tourada a que Baretti assiste — e na qual tem o gosto de ver o Sr. D. José vestido de azul celeste e reça-

mado de pedrarias custosas tendo a seu lado o irmão D. Pedro, e defronte no outro camarote a Rainha e as princezas, todas adereçadas com asiatica opulencia ou antes com opulencia que vinha do Brazil, — foi subitamente e pavorosamente interrompida por estridentes gritos da mais desesperada agonia em que a palavra terremoto! terremoto! — écoava como um clamor terrivel...

Este brado tinham-n'o soltado alguns gatunos para poderem, na tremenda desordem que immediatamente se fez em toda aquella multidão festiva, roubar á vontade relogios, trancelins de ouro, bolsas, etc.

Este episodio relatado de relance dá perfeita idéa do terror que ficou entenebrecendo durante muito tempo a alma dos nossos desgraçados avós.

Baretti não acredita na reconstrucção rapida da Lisboa cahotica que elle conheceu.

Affigura-se-lhe totalmente impossivel que d'aquelle montão colossal de ruinas e de escombros possa surgir rapidamente uma nova cidade! Que faria se elle podesse ver d'alli a pouco a symetrica Lisboa pombalina, contra a qual nós nos fartamos de atirar desdens, sem nos lembrarmos a que horriveis viellas, a que enxurros immundos e beccos mal afamados, ella succedeu com a rigorosa e geometrica correcção das suas formas rectilineas.

II

Antes de Baretti em 1730 viera a Portugal um anonymo a quem devemos a «Description de la ville de Lisbonne» muito minuciosa mas tambem muito pouco lisongeira. E no emtanto era a pittoresca côrte de D. João V que elle conheceu em todo o seu esplendor e em toda a sua pompa beata.

Vê-se que teve occasião de saber muitas anecdotas, das que, então como hoje, occupavam a ociosidade palreira da sociedade do tempo. Refere-se na sua obra á fuga do Marquez de Gouvêa com a sr.ª D. Maria da Penha de França, esposa de D. Lourenço de Almeida seu primo co-irmão, de que falam as chronicas do tempo, mas não diz o nome dos fugitivos, contentando-se em indicar o cargo de mordomo-mór que o marquez exercia e perdeu por esta romanesca loucura a qual teve por castigo o perpetuo exilio de um dos amantes e a eterna clausura tormentosa da outra.

O anonymo escriptor defende a Inquisição achando-a muito *mais benigna* que os tribunaes seculares e não sei se por convicção ou por ironia escreve este trecho caracteristico e que, visto pelos nossos olhos de hoje, nos parece positivamente encantador.

«De resto se o julgamento da Inquisição é funesto a muitissimos, o seu credito é muita vez favoravel aos que estão innocentes. Quando, por exemplo, a Inquisição manda prender alguem, não deixa nunca de fazer mão baixa em todos os seus haveres para ficar de posse d'elles no caso de haver confisco.

«Nomeia então um curador que pelo seu poderoso valimento termina todas as demandas que porventura estejam em litigio, infinitamente mais depressa do que o poderia fazer qualquer particular, de modo que o prisioneiro, sahindo absolvido ao cabo de um certo tempo, tem a satisfação de encontrar liquidados todos os seus negocios e de possuir muito maior rendimento dos que tinha antes de ser encarcerado.»

Esta compensação para os *autos de fé*, em que a carne dos pobres judeus rechinava nas fogueiras para maior gaudio da alma devota do senhor D. João V, parece-me um achado inteiramente feliz.

Occupou-se muito dos costumes este observador, nem sempre engenhoso, das coisas que por cá iam, e nota com malicia um tanto sarcastica o zelo immenso que os homens portuguezes têm das suas esposas e filhas, o modo por que as resguardam a ponto de fazer suspeitar quanto estas seriam capazes de usar e de abusar mesmo largamente da liberdade que tanto cuidado ha em restringir-lhes.

Não se lembrou que isto era um vestigio que muito custou a apagar dos costumes arabes e que sendo os peninsulares ardentes e arrebatados nas suas paixões, a paixão do ciume havia de imperar fatalmente n'elles com uma força irresistivel e indomavel.

A nota a respeito dos escravos negros e do descredito em que o trabalho cahira no espirito dos brancos, essa é bem observada.

A escravidão distilla um tal virus que contamina tanto os que são suas victimas como os que lhe gozam os immoraes beneficios. No paiz em que a escravidão existe é despresado o trabalho como a derradeira degradação. E quando os homens não trabalham o que é que póde arrancal-os á crueza selvagem ou á corruptora molleza dos seus instinctos?

A Biblia chama ao trabalho a condemnação do homem; a moral dos nossos dias chama-lhe o grande redemptor das suas miserias, o grande conforto das suas agonias intimas. No trabalho nos refugiamos quando soffremos e as consolações viris só elle as sabe dar; embalde as buscamos em qualquer outro poder da terra...

O portuguez do seculo XVIII desprezava o trabalho desde que o negro e o mouro se prestavam servilmente a allivial-o de todas as tarefas.

Alexandre de Gusmão, um grande espirito d'aquel-

le seculo, faz notar o pernicioso effeito que essa triste instituição teve nos costumes patrios, e attribue-lhe muita da indolencia que esterilisa tão cruelmente desde longo tempo o espirito portuguez.

*

* *

Não tenho tempo para seguir em todas as suas crueis analyses o auctor da *Description de Lisbonne.* A respeito dos medicos tem phrases terriveis e realmente, se dermos credito ao que os documentos do tempo nos revelam, a medicina não estava bem representada entre nós no tempo em que elle visitou Lisboa.

Meia duzia de sangrias — diz em portuguez o terrivel maledicente — eis o que elles inalteravelmente receitavam no principio de cada doença ou grave ou ligeira! E queixam-se então da anemia moderna, com a sua *doença de vontade* e a sua excitabilidade morbida, e todo o acompanhamento de novidades pathologicas que tanto nos irritam!...

Medicos e advogados eram então quasi todos da raça hebraica, o que os tornava caça muito apreciavel para os mastins do Santo Officio.

Nas notas preciosissimas do seu romance hoje tão raro, *A caveira da martyr,* diz Camillo Cas-

tello Branco «Raro floresceu advogado illustre sobre quem a Inquisição no seculo XVIII não pozesse a mão ardente.»

Era para lhes liquidar vantajosamente as demandas, segundo assevera com sympathico optimismo o escriptor que em 1730 veiu a Lisboa observar como aqui se pensava e vivia!

«Tão economicos são no seu particular os portuguezes quão magnificentes e generosos nas ceremonias publicas em que têm de figurar.» Para sustentarem este fausto que tanto os namora não duvidam em contrahir pesadissimas dividas accrescenta pouco mais adiante o auctor da *Descripção*.

Já se vê tambem que é balda velha e balda certa esta da nossa magnificencia apparatosa.

Em 1798 publicou-se tambem uma *Voyage à Lisbonne* sem nome de auctor e que alguns attribuem a Pedro Carrére, creado de Maria Antonietta, que veiu a Portugal logo depois da execução d'esta infeliz Rainha.

Não podemos seguir este viajante nas suas investigações e nos seus apontamentos porque nos não sobra tempo nem espaço para esse largo commentario.

III

Em todo o caso a não ser Beckford o espirituoso e voluptuoso *dilletante* que *sentiu* com uma imaginação de artista quente e comprehensiva tudo que havia de pittoresco e caracteristico no nosso viver portuguez de ha um seculo, poucos são os viajantes favoraveis a Portugal.

Beckford esse sim! Esse tem perfeitamente a imaginação sympathica de que fala Taine. Esse entrou no nosso espirito peninsular; penetrou se dos nossos gostos; saturou-se das nossas impressões; respirou o incenso dos nossos altares; comeu o dôce dos nossos conventos; deliciou-se com a fructa saborosa dos nossos pomares; viveu da nossa vida indolente e sonhadora, passada ao sol das touradas, ou na sombra tepida das ceremonias cultuaes; foi o peninsular meio poeta, que era preciso ser para nos julgar; depois, despiu os seus habitos de inglez; desfez-se das suas idéas de protestante de um paiz parlamentar; e apreciou com verdadeira intelligencia afinada e culta tudo que nos faz *ser tão diversos* dos mais povos: as nossas virtudes hospitaleiras, a nossa caridade ostentosa de fidalgos generosos embora arruinados, a nossa *pontinha* de loucura poetica, o desdem do perigo, a voluptuosa indolencia

a ociosidade emballada em descantes de melancolia e de saudade; — o que fazia emfim tão dôce para os que a saborearam, a vida do velho Portugal que desappareceu.

Conheço e li attentamente tres volumes, em inglez, d'este escriptor, de um gosto notavel e de estylo verdadeiramente encantador. São *Italy with sketches of Spain and Portugal* e *Recollection of an excursion to the monasteries of Alcobaça and Batalha!*

Beckford era filho do celebre e espirituoso inglez que, sendo *lord mayor* em Londres, dirigiu a Jorge III as queixas severissimas do povo contra o seu governo.

De uma riqueza colossal, de um trato finissimo, de um fausto asiatico no viver, a ponto de excitar invejas e emulações na côrte portugueza, Beckford viveu aqui na mais intima familiaridade dos Marialvas, dos Penalvas, dos Lafões, dos S. Lourenço, dos primeiros fidalgos da côrte de D. Maria I.

As suas *cartas* são a mais viva pintura dos costumes da época; lançam a luz mais nitida sobre os personagens e os sentimentos do tempo e revelam um delicado humorismo, um scepticismo amavel e uma sympathia pouco consentanea com a indole e o orgulho do caracter britannico.

Beckford entrou perfeitamente na nossa maneira de ver, de sentir, de viver, em fim.

As ceremonias da côrte, as festas de egreja, os cavacos *freiraticos* na sombra de frescos locutorios garridos, cheirando a madre-silva, a alfazema, a incenso e a rosa; as silhouettes perfeitamente desenhadas dos nossos personagens mais typicos, desde o arcebispo de Thessalonica, omnipotente confessor da Rainha, até João da Falperra, o bobo que tambem de vez em quando frequentava o paço; desde o Marquez de Marialva, figura encantadora de velho fidalgo portuguez, caridoso, hospitaleiro, bizarro e patriarchal, doido pela *arte* de equitação e deixando que a entrada do seu faustoso palacio se assemelhasse a um *pateo de mala-posta,* tantas eram as seges e tantos os montes de estrume que o opulento estrangeiro lá viu, até ao leigo chocarreiro e brutal que sacudia com chufas os fidalgos cortezãos das ante-camaras do régio confessor — o inquisidor-mór do reino; — as suas lindas paizagens tão atravessadas de luz peninsular, os seus gostos de artista tão elegantemente manifestados em mil quadrinhos de uma graça inimitavel, — tudo é encantador n'este livro de humorista e *dilettante*.

Mesmo que elle tratasse de um paiz estrangeiro e de costumes e personagens estranhos, daria gosto lêl-o, porque é perfeito no seu genero.

Rebello da Silva escreveu um delicioso romance *Lagrimas e thesouros,* escolhendo para heroe o opulento e fantasioso inglez. Houvera na existencia

d'elle, apparentemente tão risonha, um drama de lagrimas.

Tinha casado havia tres annos, com Margarida Gordon, filha do conde de Aboyne, par de Escossia, quando a morte lhe roubou a juvenil esposa que era bellá como um sonho de artista.

Viajou para atordoar a dôr que o dilacerava, e aqui encontrou muito mais tarde, em uma filha da casa Marialva, aquella a quem quizera por consoladora da sua alma viuva. A qualidade de estrangeiro e a religião protestante que professava, obstaram a que a sua proposta fosse acceita pelos orgulhosos e patrioticos parentes da creança que lhe fez esquecer a sua noiva morta.

Sahiu, pois, de Portugal e foi residir na sumptuosa abbadia de Fontill, morada de principes, que enriqueceu de magnificas obras no estylo da Renascença guiado por um gosto de artista que as viagens tinham aprimorado.

Beckford antes de cerrar os olhos teve ainda o gosto de receber em sua casa a neta de D. João VI, a Rainha D. Maria II, quando esta veiu a Londres aguardar que a espada dos portuguezes lhe restituisse a corôa dos avós.

A abbadia de Fontill depois da morte do proprietario vendeu-se em hasta publica. Um capitalista inglez, Mr. Farqnhar arremátou-a por tresentas e quarenta mil libras sterlinas.

Diz Rebello da Silva de quem tiramos todas estas noticias que no meio dos primores de arte que ennobreciam magnificamente essa abbadia, os objectos que recordavam a Beckford a sua longa residencia em Portugal occupavam o primeiro plano; e que na sua instructiva conversação appareciam frequentemente as saudades com que o faustoso inglez confessava ter sido constrangido a separar-se do nosso brando clima e dos lindos olhos que o levariam a esquecer todo o passado.

*

* *

Uma das coisas que mais encanta Beckford tanto no livro das primeiras impressões como no segundo volume consagrado a Alcobaça é a fructa deliciosa dos nossos pomares. A uva das nossas verdes latadas, os pecegos, alperches e ameixas das hortas de Collares, regadas de aguas cantantes, as nossas laranjas côr de ouro, toda a riqueza vegetal com que a Providencia nos regalou, á falta de melhores thesouros, delicia o gosto rural, e o paladar do fastiento saxonio acostumado aos productos da Arte e aos rigores da Natureza. O clima portuguez é o seu encanto.

Nem Byron soube amar, gosar, *saborear* as bel-

lezas de Cintra como Beckford que era menos poeta do que Byron, mas muito mais justo do que elle.

Sem querermos entrar nas descripções variadissimas que Beckford faz no seu ultimo livro da sua excursão á Batalha, porque tal ambição não cabe nos modestos limites do nosso artigo, transladaremos para aqui as linhas consagradas á cosinha do convento de Alcobaça:

«Os meus olhos nunca viram em nenhum convento moderno de França, da Italia ou da Allemanha tão enorme espaço consagrado ao rito das coisas culinarias. Pelo centro da espaçosa mansão, de tectos nobremente lançados, e de um diametro não inferior ao de sessenta pés, corre um largo ribeiro da mais fresca e pura agua que contém toda a casta de peixe d'agua dôce, das mais variadas dimensões. Ha a um lado montes de peça de caça; a outro lado hortaliças e fructas de todas as especies imaginaveis. Para além de uma fileira de estufas, estendia-se outra longa fileira de fornos, e perto, montes de farinha mais alva do que a neve e de assucar refinado, jarras do mais puro azeite, massas em enormissima abundancia, que uma tribu numerosa de leigos e de serventes estava voltando e amoldando em varias maneiras, emquanto cantavam como cotovias em um campo de trigo.»

«Os meus criados, continúa elle e os de suas reverendissimas (o grão-prior de Aviz e o prior de S.

Vicente que tinham acompanhado Beckford na sua excursão por ordem do principe Regente depois D. João VI) contemplavam com uma expressão de attonito prazer estes preparativos hospitaleiros e tão contentes e sobresaltados pareciam como se tivessem justamente chegado de assistir ás bodas de Cannaan em Galiléa.

«Aqui, disse o D. Abbade, não hão de morrer de fome pelo que vêem! A bondade de Deus é grande e cumpre-nos não deixar de aproveital-a.»

Que bello quadro de genero o d'esta cosinha em que se prepara uma ceia de Gargantua e no meio d'ella, attentos á grande faina culinaria os altos dignatarios da egreja e o espirituoso e extra-civilisado inglez, emquanto no segundo plano a criadagem se refocila na perspectiva da proxima bambochata!...

IV

Stephane Mallarmé (um dos poetas que iniciaram em França a escola, de que sahiram os *nephelibatas* portuguezes), poeta a que se devem algumas das mais bellas, subtilmente requintadas e delicadas estrophes de que a poesia d'este seculo póde ufanar-se com justo orgulho — Stephane Mallarmé

acaba n'este momento de reeditar em França um conto oriental, devido á penna de Beckford, e intitulado *Vatheck.*

Ora, este fidalgo inglez póde quasi dizer-se que nos pertence tanto a nós como á Inglaterra, sua patria.

Os tres volumes que elle publicou, occultando-se sempre sob a meia mascara de *Autor de Vatheck,* são todos, ou quasi todos, a respeito de coisas nossas. Um d'elles intitula-se *Recollections of an excursion to the monasteries of Alcobaça e Batalha;* os outros dois são *Sketches of Spain and Portugal.*

Embora um leve toque de benevola ironia como que tempere e acidule as suas observações a nosso respeito, a verdade é que Beckford nos viu bem, nos observou com sagacidade e criterio lucido, e sympathisou, o que é raro em um temperamento insular — com a nossa alma, com os nossos costumes, com a nossa, então pittoresca, concepção da vida.

Vale, pois, a pena, agora que a excentricidade de gosto de um poeta francez, inimigo da banalidade do seu tempo, vae desenterrar o conto oriental de *Vatheck,* para o reimprimir e o fazer lêr aos nossos contemporaneos, vale pois a pena tornar um pouco mais conhecido o autor d'esse conto.

Vatheck é feito no genero d'aquelles apologos e contos orientaes que desde Montesquieu e Voltaire enxamearam na litteratura franceza do seculo XVIII.

Beckford, que é mais um cosmopolita *dilettante*, como foi o seu contemporaneo Horacio Walpole, do que propriamente um inglez, escreveu esse conto em francez, para ser lido pelos leitores do *Zadig*, das *Cartas Persas* e de outras producções d'este genero, mas foi na sua lingua natal e em um estylo delicioso de simplicidade e de *humour* que elle escreveu os outros livros a nosso respeito.

Como Horacio Walpole, elle desdenhava o officio de *autor*, então mais desacreditado no mundo que no tempo de Bacon, de Diego de Mendoza, do cardeal Bembo, e de outros escriptores que foram ao mesmo tempo grandes estadistas, grandes personagens, grandes homens de acção.

O seculo XVIII tinha degenerado d'aquelle tempo erudito, em que a imitação da antiguidade se reflectia até n'isto; em que a lembrança de Cicero e de Cesar levava homens de alta estatura politica a cultivar as lettras; e ainda não tinha attingido o gráo de alta civilisação intellectual a que chegámos hoje, e que dá ao escriptor de talento fóros de nobreza incontestaveis.

Voltaire, o grande Voltaire, que se correspondia com reis e imperatrizes, fôra *bâtonné*, espancado, sem piedade, sem receio de castigo e sem desaggravo possivel, por um gentilhomem descontente; a profissão das lettras era tida pela fidalguia, que pela maior parte cahira na ignorancia e na inercia,

por uma profissão senão deshonrosa pelo menos humilhantemente dependente do favor dos grandes.

Os livros d'esse tempo, até os escriptos pelos maiores, são todos acompanhados de dedicatorias que a lisonja mais descarada macúla vilmente.

Por isso Walpole, escrevendo a um amigo que o cumprimentava, em consequencia do seu nome ter apparecido no catalogo dos *autores nobres*, se defendia d'este modo de ser considerado como *autor*.

— «Eu não sei nada. Como hei de eu ser instruido, não me dirá? Eu que tenho sempre vivido no tumulto da sociedade, que fico na cama toda a manhã, e prolongue a manhã quanto queira que ainda é pouco; que ceio todas as noites em numerosa companhia; que tenho jogado toda a minha vida até altas horas da madrugada; que sempre adorei o prazer e o movimento... O que eu ri quando um periodico qualquer me chamou o erudito *gentleman!*... pelo amor de Deus, deixe-me em paz e não seja como o tal periodico...»

Ora, esta repugnancia em fazer parte do que os inglezes chamam *Grub Street*, levou Beckford a assignar todos os seus livros com o nome de *Author of Vatheck*.

Hoje, qualquer homem de alto nascimento que os houvesse escripto teria o mais vivo prazer em que o mundo inteiro lhe soubesse o nome.

Por duas vezes Beckford esteve em Portugal. Na

primeira vez comprou em Cintra, a dois passos da casa em que estou escrevendo este artigo,[1] a quinta e propriedade de Monserrate, hoje tambem de um inglez, o riquissimo fabricante Cook, que nós, portuguezes, com a mania de nobilitarmos e *titularmos* tudo, chamamos Visconde de Monserrate, mas que não usa em Inglaterra do seu titulo, o qual é para elle, como quem diz, não um titulo de *trazer por casa* mas sim de trazer por fóra...[2]

A mania oriental de Beckford creio que já n'essa casa de Monserrate se deu livre expansão; o sr. Cook hoje fez d'ella uma copia, reduzida, da Alhambra, e, apesar de imprevista e de não inteiramente liberta do labéo de extravagante, é de um effeito adoravel, na verdura, de uma abundancia e de uma variedade quasi tropical que a envolve, a vista d'aquelles torreões e minaretes que emergem como que por effeito magico da paisagem da serra.

D'essa casa, onde Beckford se installou, rodeado de quadros e de estatuas que trouxera da Italia, de louças da China e da India que descobrira desprezadas em Portugal pelo mau gosto crescente da nossa aristocracia, de edições raras dos grandes impressores da Renascença, de colchas, de armas, de

[1] Em Collares, no anno de 1893. Estes artigos sahiram no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro n'esse anno.

[2] Hoje o Visconde de Monserrate foi *Knighted* pela Rainha e é *Sir* Edward Cook.

tapeçarias, sahia elle continuamente para se misturar no que mais alto tinha então a nossa vida da côrte ainda tumultuaria, ainda rica e ainda brilhante.

A habilidade manual, mas sem invenção propria dos nossos canteiros lavradores de pedra, encantava-o; lamentava que não houvesse entre nós artistas que dirigissem essa faculdade rara de imitação que descobria em nós, e que tão mal applicada tem sido: o nosso geito para a musica tambem lhe causava uma admiração immensa.

As *modinhas brazileiras,* que então eram a grande moda tanto na aristocrácia como na classe burgueza, arrancaram-lhe phrases de verdadeiro enthusiasmo que vamos copiar aqui:

«Os que nunca ouviram este genero original de musica ficarão ignorando o sortilegio mais perturbante que ainda, desde o tempo dos Sybaritas, uma melodia exhalou... Consistem as *modinhas* em compassos languidos e entrecortados, como se o excesso do extase interceptasse a respiração de quem canta, e se a alma toda palpitasse no arroubo, na aspiração que a leva para um amado ser...

«Penetram ellas no coração como que insinuando-se infantilmente, antes que elle tenha tempo para defender-se da sua influencia enervante; julgarieis beber um dôce leite, e é o veneno da voluptuosidade que penetra até aos mais intimos reces-

sos do vosso organismo. E' isto que ellas produzem pelo menos n'aquelles entes que se deleitam no poder da harmonia como eu; não falo, já se vê, no effeito que produziriam em animaes do Norte fleugmaticos e duros de ouvido...»

Vê-se bem por esta citação que Beckford ao deixar o seu brumoso paiz deixára tambem aquella faculdade tão ingleza que consiste em atravessar todas as influencias de varios *meios* sem jámais se deixar penetrar por ellas. E' isto que faz grande, a meu ver, o inglez: esta impossibilidade de se *desnacionalisar* que o acompanha, através do vasto mundo trilhado por elle em todos os sentidos.

Para o inglez genuino, como para o antigo romano, não existem senão *barbaros* fóra do recinto sagrado da *ilha* de um e da *cidade* do outro. Impermeavel a tudo que não seja a sua educação nativa, a sua concepção insular do Universo e da vida, o inglez conquista o mundo lendo o *Times*, comendo carne meio crua, guardando o domingo com severa e orthodoxa fidelidade, e desprezando tudo que não seja elle proprio e a sua gloriosa nação.

Elle *ingléza* a Africa, a India, a Australia e a America; quanto a deixar-se transformar pelo *meio*, pelo clima, pelos costumes circumdantes, isso é bom para raças menos fortes, menos bem dotadas, menos orgulhosas da sua propria energia e do seu proprio poder.

Esta singularidade, que faz do inglez um ser unico na humanidade, não a tinha, porém, o viajante cosmopolita que apresentamos ao leitor.

E senão vejam como elle se aclimou no nosso Portugal e lhe soube gosar as particularidades e os costumes tão diversos dos seus.

Entre a sociedade mais elevada e mais selecta que Beckford frequentava, a casa dos Marquezes de Marialva era a sua favorita. O Marquez tinha uma filha, tão extraordinariamente parecida com a esposa que elle perdera na flôr dos annos, (e cuja perda tanto o sensibilisára, que fizera d'elle uma especie de *judeu errante* pela face da terra,) que Beckford decidiu-se por fim a pedir-lh'a em casamento.

A differença de cultos não permittiu ao devoto fidalgo portuguez acceder ao pedido do orgulhoso insular.

Beckford não se refere nos seus livros a este duro desapontamento encontrado aqui. Pelo contrario, o seu culto, a sua devoção pelo velho Marquez de Marialva não se desmentem nem por um só momento. Fala d'elle como falaria de um pae, achando infinita graça a todas as idysioncrasias do velho fidalgo, ás singularidades pittorescas do seu modo de viver, tão diverso do modo de viver da fidalguia de hoje.

A vasta *clientella* do marquez, uma verdadeira clientella á romana; centenares de esmolas que elle

dava por dia; as rações que sahiam todas as tardes da sua vasta cosinha semelhante á de um convento; as pittorescas romarias de que elle fazia parte, ora indo visitar a capella de algum santo milagroso, ora indo regalar a sua vista nas festas populares que então tinham ainda o cunho nacionalmente caracteristico entre nós; as suas façanhas de *picador* tão famoso; — tudo isto encanta o observador inglez, tudo isto elle descreve com verdadeira sympathia.

A Familia Real que na primeira visita de Beckford a Portugal estava ainda completa, pois nem a rainha D. Maria I tinha enlouquecido, nem morrera ainda o sympathico principe do Brazil, recebe, com muita cordialidade, o riquissimo fidalgo de Inglaterra. Nem sempre são demasiadamente lisongeiras algumas das pinturas que Beckford faz d'esta pobre familia condemnada pela etiqueta a arrostar a mais descolorida, a mais estupida existencia, sem dotes pessoaes que a libertem das garras do tedio, sem distracções violentas que a arranquem de si mesma, victima d'aquella devoção estreita e formalista que foi positivamente a peste esterilisante da côrte de D. Maria I. A figura desenhada com tintas mais agradaveis e mais brilhante por Beckford é a figura do principe do Brazil D. José.

Pobre moço! ambicioso de gloria, intelligente, tendo a consciencia do muito que faltava a este

reino infeliz para se approximar em civilisação dos outros paizes da Europa, povoada a mente de chimeras e de sonhos, imaginando que havia de continuar mais tarde a obra do grande ministro de seu avô, já meio desfeita pelos conselheiros fanaticos de sua mãe! Pobre moço! morreu cêdo deixando em aberto mais uma esperança ao triste Portugal, que de esperanças e decepções tem vivido ha quasi quatro seculos!

Já n'outro logar traçámos o retrato do arcebispo confessor da rainha tal qual Beckford nol-o deixou. Como pintura de frade portuguez, ignorante, sem ser analphabeto, como muitos querem, bonacheirão, malicioso, alegre e glutão, o retrato é de primeira ordem. E, o que é mais, a gente fica amiga do bom do frade, que ao menos tem as qualidades excellentes de não ser fanatico em um *meio* de fanatismo violento e morbido, de não ser vingativo em um *meio* de crueldade ferina, de ser ironicamente sagaz e esperto em um *meio* de ignorancia e de relaxação absoluta.

A visita de Beckford aos mosteiros de Alcobaça e da Batalha é descripta com admiravel elegancia de estylo e com aquella especie de graça *humoristica* que nunca abandona o observador inglez.

Foi na sua segunda vinda a Portugal que elle visitou os dois celebres mosteiros. Tudo estava bem mudado aqui!

A rainha enlouquecera, e os seus uivos de agonia ouviam-se ecoar lugubremente pelos corredores da Ajuda e de Queluz. O primogenito de Bragança morrera. D. João VI era então o Principe Regente de Portugal.

Tambem d'este principe infeliz, tão mal julgado pela historia e pela chronica, que tão picarescas anecdotas têm inventado a seu respeito, d'este principe, que viveu em um dos periodos mais nefastos á realeza hereditaria que ainda o mundo conheceu, Beckford nos traça um retrato sympathico.

Em contraste com os jardins de Queluz, soberbamente tratados e exuberantes de vegetação,— em que a princeza D. Carlota Joaquina dera audiencia, entre risos, corridinhas das alegres açafatas, chistes e gracejos de toda a ordem, ao fidalgo inglez,— abre-se a longa e solitaria galeria, onde o Principe Regente o espera sósinho.

D. João achava se de pé, na vasta sala adornada de gigantescos jarrões da India e pomposos damascos. Parecia profundamente abstracto, embora um sorriso de affectuosa benevolencia lhe pairasse nos labios ao avistar o antigo hospede da sua côrte.

«Comquanto elle fosse o perfeito reverso da belleza, accrescenta Beckford, havia uma expressão de agudeza e ao mesmo tempo de benignidade na sua physionomia singularissima, que dava gosto a contemplar; feriu-me a extraordinaria semelhança das

suas feições, principalmente da bocca, com os maternos antepassados de seu pae. D. João V fôra casado com uma archiduqueza, filha do Imperador Carlos VI, o que dava a este principe o direito hereditario aos grossos labios dominadores da casa de Austria.»

Beckford depois narra a conversação que teve com o Principe, o qual, entre outras coisas, lhe disse estas palavras de prophetico sentido:

— «Cada communicação que recebo de França traz-me tão assustadoras noticias que me sinto perdido de espanto e horror; o navio do Estado (já pelo que vejo a estafada metaphora andava em uso e abuso) de todos os paizes da Europa está navegando sob temerosa tempestade; só Deus sabe a que praia nós iremos aportar!»

E Beckford accrescenta ainda estes toques de amoravel sympathia.

«Deixem-me observar emquanto se me não desluzem da memoria as recordações de entrevista que tive com este amavel soberano, que não havia um unico de entre os seus vassallos que falasse a sua lingua — essa formosa e harmoniosa lingua portugueza — com maior pureza e maior eloquencia do que elle. Quando estava em momentos de gravidade, havia na sua palavra uma facilidade e uma rapidez de elocução verdadeiramente notaveis; cada termo cahia a proposito, e tinha a maxima

força. Quando brincava — o que não raro lhe succedia — um geito especial de graça, muito nativa, dava tal sabor aos seus chistes, que para uma pessoa que entrára, como eu, de alma e coração nas particularidades da lingua, esse genero de gracejo tinha especialissimo prazer. Ninguem sabia conquistar a affeição do povo, á sua moda, com mais feliz exito do que este Principe bem intencionado e simples. Se não houvesse existido a funesta influencia da sua despotica mulher, as suas incessantes intrigas de toda a ordem, politicas e pessoaes, os seus impulsos de devasso favoritismo, e os seus actos de atroz crueldade, o reino de D. João VI seria para sempre lembrado nos annaes de sua patria e para sempre cercado de um comoque resplendor de gratidão publica».

O Brazil que tem pela memoria maltratada do pobre D. João VI uma tão affectuosa veneração, folgará de saber que um imparcial e intelligente estrangeiro lhe fazia assim justiça e o pinta sob este aspecto novo para olhos acostumados ás cruezas da historia.

Em Alcobaça, Beckford corre a ver os tumulos de Pedro e de Ignez, que lhe relembram o monumento de Beauchamp, em Warwick, assim como a sombria nave lhe dá a impressão de «uma espaçosa, macissa e austera egreja saxonia».

Ao convento chama elle «o mais distincto templo da gulodice, que existia em toda a Europa.»

O banquete que os frades lhe deram é digno da fabrica em que foi manipulado. Raridades, *primeurs*, productos das nações mais afastadas, sopas de ninhos de passaros feitas á moda da China por um frade macaista, lampreias, manjares extravagantes do Brazil, emfim alguma coisa digna de maravilhar um viajante que conhecia a fundo não só a luxuosa existencia da aristocracia da Inglaterra, mas ainda o viver das côrtes mais esplendidas da Europa continental.

A Batalha impressiona Beckford por bem diversa maneira. Artista como é, artista requintado e cultivadissimo, a joia gothica da nossa architectura não póde deixal-o indifferente.

A longa serie dos vitraes coloridos, as arcarias magestosas, as soberbas esculpturas, tudo o encanta, tudo lhe arranca comparações enthusiasticas de entendedor. Os tumulos de João I e sobretudo de Philippa de Lencastre, a ingleza rainha, que tanto do seu integro e austero caracter communicou aos filhos gloriosos, faz vibrar em Beckford essa corda que nunca emmudece em um coração de inglez.

Não nos permitte o espaço de que dispomos seguir por mais tempo o viajante insular através das suas jornadas e impressões, mas repetimos que elle é o estrangeiro que mais intimamente penetrou a nossa indole nacional, aquelle que sympathisou mais comnosco, que mais fraquezas nos perdoou,

que nos descobriu mais qualidades e cuja leitura menos desconsola os nossos brios patrioticos, que a satyra estrangeira sempre excita e revigora.

IV

O viajante que em seguida me occorre é allemão. Chama-se Linck. E' muito mais scientifico e muito menos alegre do que Beckford.

Percorreu Portugal no anno de 1797 e no prefacio da sua obra declara o motivo por que veiu aqui.

Desejando o Conde de Hoffmanseg, um distincto e instruido amador de historia natural, fazer uma viagem em Portugal, pediu-lhe a elle que o acompanhasse, pois queria ser auxiliado por um homem de lettras, versado ao mesmo tempo em mineralogia e botanica.

Nenhum companheiro mais proprio do que Linck, o qual regeu até á morte, na Universidade de Berlim, a cadeira de botanica, exercendo ao mesmo tempo o logar de director do Jardim das Plantas, na mesma capital.

A viagem de Linck é principalmente a de um botanico apaixonado.

De nós o que mais o interessa são... as nossas

plantas! Ainda assim é sympathica e benevola a impressão que Portugal lhe inspira.

Levado pelo genero especial dos seus estudos, percorreu as nossas serras, as nossas mattas, as nossas provincias mais remotas.

Esteve na Serra da Estrella, no Marão, no Gerez, em Monchique. Fez o que pouquissimos portuguezes têm feito; isto é, conheceu o paiz nos seus multiplos aspectos geographicos e ethnographicos, estudou a nossa variada flóra, conviveu com o nosso rude mas bondoso camponez.

«Só voltando da minha longa excursão — diz elle no seu prefacio — é que percebi pela leitura de viajantes que nenhum conhecia o paiz, nem tão minuciosamente o percorrera, como nós fizemos.

«Vi, além d'isso, que nenhum tinha a menor noção da lingua portugueza; que as suas observações eram em parte falsissimas; ou pelo menos apenas verdadeiras em relação aos habitantes da capital, mas que as não tinham ampliado a todo o paiz.

«... Vi com desgosto que ninguem descrevera ainda os valles deliciosos do Minho, *onde a cultura das terras rivalisa com a da propria Inglaterra;* e que esses mesmos viajantes não tinham prestado justiça ao caracter dos portuguezes, que em toda a parte me offereceram mil provas de rectidão, de tolerancia e de bondade; emfim, que se tinham esquecido de falar de um ponto essencial, isto é, da

segurança que se gosa n'esse paiz, pois que nas minhas excursões botanicas não tive nunca a minima razão de queixa, apesar de me internar nas regiões mais desconhecidas, onde me abalançava sem medo e sem perigo.»

Linck sympathisa extraordinariamente com o nosso camponez. Encontrou-o sempre hospitaleiro, affavel, gostando muito de prestar os seus serviços ao sabio viajante, que via tão interessado pelos productos da terra e pela variedade da sua vegetação.

Não ha um ponto em Portugal que escapasse ao minucioso estudo do botanico allemão.

Entrou em Portugal pela Estremadura. E depois de visitar as fortificações militares da cidade de Elvas, pronuncia-se muito agradavelmente a respeito dos nossos soldados, a cujos exercicios assistiu.

«As tropas portuguezas são muito boas. Conheço muitos regimentos que manobram superiormente e que podem comparar se aos corpos de exercito mais disciplinados;» diz elle mais tarde a respeito do nosso exercito:

«O tempo *em que os officiaes serviam á mesa* já felizmente passou, o exercito portuguez conta alguns officiaes muito instruidos e valentes; mas não gosam ainda de toda a consideração que lhes é devida em um paiz que deve a existencia á sua gloria e á energia dos seus militares.»

Quanto isto era justo e finamente observado,

viu-se mais tarde durante a epopéa guerreira que deu a Portugal a liberdade.

E n'este momento em que escrevo, quando os echos repercutem a cada momento os *vivas* freneticos dados ao nosso exercito que voltou da Africa, por uma população inteira, ebria de enthusiasmo, percebe-se ainda melhor que tudo que se diga a respeito do soldado e do official portuguez fica muitissimo aquem do que elle merece.

O soldado portuguez é sublime sobretudo pela resignação passiva com que aceita o dever que se lhe impõe, acompanhado muito embora de todas as dôres, de todas as agonias que tornem esse dever uma heroicidade.

Em Africa, o que foi verdadeiramente extraordinario, o que enche o meu coração de portugueza e de mulher de uma piedade enternecida que m'o dilue em lagrimas, é a idéa do que o nosso troço de expedicionarios soffreu, não em frente do inimigo, que isso, emfim, é uma violenta excitação que agrada ao militar, mas sob a influencia de um clima atroz, nos tres mezes de paragem em Chicomo, que devem ficar consagrados na Historia como exemplo do que póde a idéa da disciplina e do dever profissional na alma do soldado portuguez, o mais obscuro e anonymo...

Nem uma queixa! nem uma irritação! nem um symptoma de indisciplina ou de desfallecimento!

Cahiam dia a dia fulminados pela febre dos paludosos terrenos em que acampavam, os companheiros e os amigos — e no emtanto emquanto a ordem superior alli os reteve, officiaes e soldados conservaram-se firmes, e firmes, depois de prolongado martyrio de tres mezes, marcharam para o inimigo, sem que a longa e deprimente pausa os houvesse enfraquecido no valor heroico e incomparavel, entibiado na disciplina ferrea e salvadora!

Linck, o viajante allemão, fez justiça aos soldados portuguezes.

*

* *

De Elvas a Montemór-o-Novo, e depois atravez das charnecas do Alemtejo, Linck vem sempre estudando o sólo e a população.

Vê com sagacidade; observa com attenção; e tem sempre uma palavra de sympathico interesse pela gente do campo que vae interrogando e com quem conversa.

Até a nossa desolada charneca alemtejana lhe agrada.

«Entramos n'ella na estação mais amena do anno, no principio da primavera; a urze da mais bella especie — o *cistus* encantador da Europa meridional — estava todo em flôr, o ar sereno e dôce im-

pregnava-se do mais suave cheiro. Se de um salto podessemos ser transportados da Allemanha para o seio d'aquellas charnecas, de tal modo ficariamos encantados com o seu aspecto, que ninguem se lembraria de as julgar inferiores ás mais famosas e ás mais conhecidas.»

A variedade dos nossos arbustos, a belleza tenra dá nossa verdura, os nossos fetos magnificos, encantam o naturalista que se esquece da falta de commodidade que as paragens inhospitas offerecem ao viajante. Não acompanharemos o botanico nas longas paginas consagradas á flóra alemtejana.

Comparando-a á dos paizes do Norte achou a elle muito mais rica de aspecto e de colorido.

Lamenta porém, a falta de vida d'esses vastos terrenos abandonados de toda a cultura humana e que hoje, um seculo depois da viagem de Linck, se encontram pouco mais ou menos no mesmo estado de desolação.

*

* *

Linck entra em Lisboa, mas tantas descripções ha da cidade de Lisboa feitas por estrangeiros, que esta pouco tem que particularmente possa interessar-nos.

O viajante allemão não é mais benevolo para a

nossa capital do que outros têm sido antes e depois d'elle.

Diz por exemplo que «em toda Lisboa não ha um trecho de architectura notavel nem nos edificios publicos nem nas casas particulares.»

Chama *ridicula* á egreja de Belem. O gothico florido do nosso lindo edificio dos Jeronymos não parece ter sido comprehendido pelo sabio botanico.

Tambem não se póde ser universal.

Vê-se que Linck não é forte em architectura.

De resto os olhos d'elle são principalmente attrahidos pelas arvores, pelos arbustos, pelas flôres.

Até as nossas piteiras bravas, as tristes piteiras dos vallados de que não fazemos o mais leve caso o encantam a elle. Chama-lhes *Aloes Americano* e diz que em Allemanha quando aquella especie de *Aloes* está em flôr o facto é annunciado nos jornaes como uma noticia rara.

De Lisboa vae para Setubal. Percorre Alcacer do Sal, Grandola, a Serra da Arrabida e d'ahi parte para as provincias do norte. Não ha pequena aldeia que elle não nomeie e não visite.

Passa pelas Caldas, visita Alcobaça e a Batalha, descreve Coimbra, o Mondego, todos os arredores encantadores, verdadeiramente paradisiacos, que fazem d'esta região um dos pontos mais bellos de Portugal.

Não se esquece da «Quinta das Lagrimas» e

conta a triste odysséa da linda Ignez, da gentil «*Collo de Garça*, a que tantos poetas inspirou com o seu amor e com a sua tragica morte.»

Depois de conhecer Coimbra, de se relacionar com alguns dos homens mais importantes da sua Universidade, Linck continúa para o norte. Vae ao Porto, a Braga, a Amarante, explora o Marão, a Estrella e o Gerez então quasi desconhecido para os proprios portuguezes e volta a Lisboa de onde parte de novo para o Algarve.

O nosso paiz é tão variado nos seus aspectos, ha uma tal diversidade entre o Minho e o Alemtejo, entre a Extremadura e o Algarve; dentro da mesma nação encontram-se tão estranhos contrastes, que um viajante erudito não póde deixar de se deliciar com elle.

Aqui o pinheiro e o carvalho do norte, acolá a larangeira, a romeira; a figueira e a vinha; a flóra dos mais estranhos climas, a vegetação das mais oppostas latitudes medrando com milagrosa pujança.

Linck não vinha estudar nem uma civilisação nem uma sociedade; vinha estudar a natureza e esta satisfez completamente o seu apaixonado gosto e a sua intensa curiosidade.

Rios caudalosos e espraiados, fraguedos e costas de uma magestosa grandeza; montanhas coroadas de espesso árvoredo secular; azinhagas em flôr como um

ramilhete enorme; charnecas onde a urze roxa desabrocha e onde o cardo amarello abre ao vento a sua flôr de ouro vivo; vallados de madresilva, de amora silvestre, de congossa, de um azul do céo que desponta entre a verdura densa e avelludada da sua folhagem lustrosa: — encantam por toda a parte o viajante allemão.

A nossa laranjeira em fructo e em flôr; — o nosso verde limoeiro tão cheiroso; os pinheiraes extensos, erguendo para o céo a crista aguda ou arredondando-se elegantemente em verde parasol; o carvalho, o cypreste, o cedro altivo crescendo ao pé da amendoeira que se veste garridamente de branco ao despontar da primavera; da olaia de flôr rubra e mimosa; da accacia amarella e branca de tão gentil e arredondada folhagem; — tudo isto compensa de muita outra riqueza artificial que se não possue.

Linck estimou e conheceu principalmente a população rural que lhe pareceu ingenua, sincera e boa.

Não descreveu os nossos salões dourados, mas tambem não calumniou os nossos costumes nem as nossas instituições. Viu a Natureza e desdenhou tudo que era arte.

E' a viagem de um botanico, de um naturalista mas que nos faz conhecer o paiz em que nascemos melhor do que até aqui o conheciamos.

Vemos ao percorrer os dois interessantes volumes do sabio allemão, como é variado e pittoresco e

cheio de surprezas imprevistas este cantinho do mundo que habitamos inconscientes do seu valor e só sensiveis aos defeitos graves que elle tem.

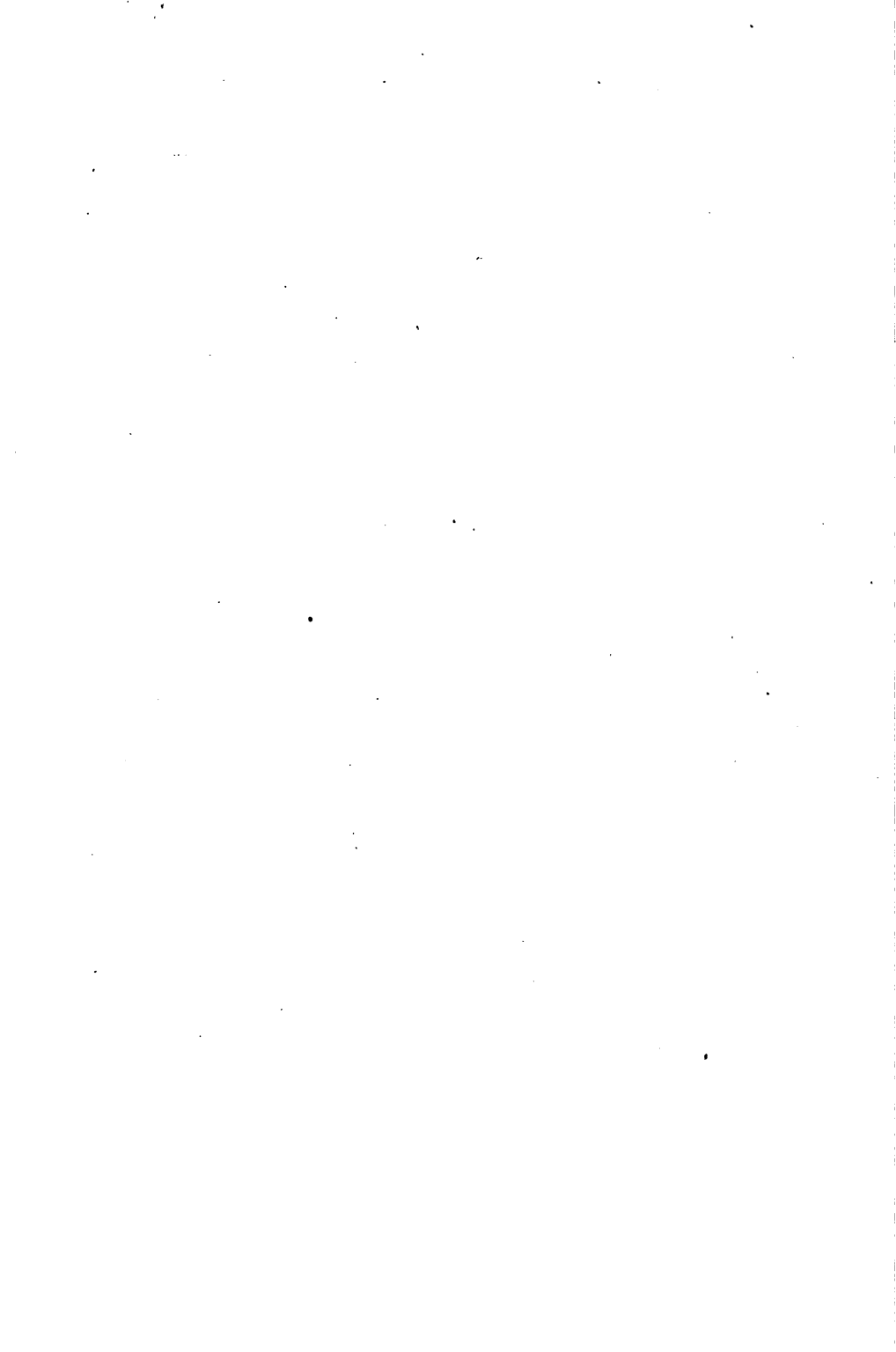
E temos vontade de concluir como o corregedor de Vizeu que Linck encontrou e de quem elle proprio nos conta o dicto final no remate da sua obra:

Portugal é pequeno mas é um torrãosinho de assucar.

Por muito tempo, até os mais cultivados d'entre os nossos escriptores foram insensiveis á estranha belleza e aos contrastes admiraveis e raros que o nosso paiz offerece aos que lhe estudam o aspecto exterior.

Felizmente a geração actual e a que immediatamente a precedeu são n'este ponto melhores observadoras do que as anteriores. Até ao seculo XVIII foi necessario que viajantes estrangeiros nos viessem revelar as maravilhas da nossa flora rica e varia, a magestade dos nossos montes altissimos, a graça das nossas collinas que se arredondam em curvas tão suaves, o mysterio umbroso dos nossos valles tão frescos, a braveza indomita do mar que se quebra nos fraguedos das nossas amplissimas costas, a doçura das ondas que vêm espraiar-se voluptuosamente e desdobrar-se em lençóes de alva espuma nas areias fulvas das nossas praias risonhas.

Hoje não. Algumas das paginas mais bellas de

Oliveira Martins na sua Historia de Portugal são as que elle consagrou á descripção geographica do paiz em que nasceu e o amor que esse grande portuguez sentiu pela sua patria e que esse artista soube exprimir pela Natureza em todos os seus aspectos, muito contribuiu para que uma geração de espiritos juvenis se apaixonasse pela nossa paizagem, estudasse os nossos costumes nacionaes, interrogasse as fontes tradicionaes da nossa poesia e dos nossos mythos risonhos, fixasse no papel o nosso *folk-lore* tão variado e bello, iniciasse emfim uma arte nacional de que temos a esperar um futuro glorioso.

Paulo Bourget

Viagem aos Estados Unidos

I

A America do Norte foi por muitos annos desconhecida na Europa.

A litteratura fantasista tinha, é verdade, tomado conta de alguns dos seus aspectos mais pittorescos e produzido esse fructo exotico, cujos exemplares mais conhecidos são os romances de Cooper e os *Natchez* de Chateaubriand.

Póde comtudo affirmar-se que a primeira obra verdadeiramente notavel e prófunda, dedicada por um europeu ao estudo da vida americana nas suas formas politicas e sociaes é a *Democracia na America,* escripta ha cincoenta annos por Alexis Tocqueville.

Essa obra consagrou o escriptor. O assumpto era dos que mais deviam attrahir a attenção dos pensadores; o ponto de vista, em que Tocqueville se collocou, deu-lhe direito a ser considerado o primeiro

publicista da França depois de Mirabeau, e com certeza um dos primeiros d'este seculo.

Tocqueville não tratou de saber nem de analysar se a democracia era um bem, se era um mal.

Considerou-a um facto consummado o *facto capital da historia moderna,* que tem de derivar inteiramente d'elle; um facto contra o qual é inutil luctar; que deve acceitar-se tal como é: com todas as suas consequencias, com todas as transformações radicaes que em si inclue.

Regulal-o e aproveital-o incumbe, sim, aos dirigentes do mundo moderno; negal-o, ou desconhecer-lhe a importancia absoluta, não passa de um absurdo de espiritos estreitos, os quaes julgam que negando a verdade têm o poder de a eliminar.

O fim de Tocqueville foi dar ao mundo moderno a consciencia do movimento accelerado que o arrasta, quer elle queira, quer não; dos perigos que o ameaçam; dos deveres que se lhe impõem.

N'este ponto a *Democracia na America* interessa-nos a todos.

Não é um livro escripto no ponto de vista exclusivamente historico, nem exclusivamente nacional. E' uma obra de alta sciencia politica em que todas as nações têm de aprender, e que todos os estadistas, verdadeiramente dignos d'este nome têm de meditar.

Logo que Tocqueville abriu o caminho com um

estudo tão fundamental e tão perfeito, era de ver que muitos espiritos curiosos o seguiriam. A obra de Mr. Brice publicada ha alguns annos é, depois da *Democracia na America*, o mais bello e documentado estudo que os Estados Unidos suggeriram.

Ultimamente tem havido um enxame de livros consagrados ao mesmo assumpto. *As mulheres nos Estados Unidos*, de Mr. Varigny. *O papel da mulher nos Estados Unidos*, série de estudos publicados na *Revista dos Dois Mundos*, por Th. Bentzon. *A Egreja Catholica* e a *Liberdade nos Estados Unidos*, pelo Visconde de Meaux, e finalmente o ultimo que, pela deliciosa graça e pela observação cuidadosa com que está escripto, merece ser o primeiro n'esta minha nomenclatura rapida — *Outremer*, de Paul Bourget. E' d'este livro que venho tratar, não me referindo mesmo a tantos outros de que não me é possivel dar uma noticia rapida.

O que todavia deve accrescentar-se é que apesar da enorme abundancia de trabalhos consagrados todos ao mesmo grandioso assumpto: a civilisação americana — a verdade é que a America continúa a ser desconhecida para nós.

Dos ultimos viajantes que alli passaram, Bourget, o fino psychologo, o viajante que não se cança de ver aspectos novos e de interrogar almas diversas, exprime-se d'este modo a respeito da vida americana:

«Seria necessario passar aqui annos e não mezes, — munindo-se préviamente dos conhecimentos especiaes do politico, do economista, do engenheiro, do geologo, do anthropologista,—para levantar a planta exacta d'esta enorme civilisação que está tratando de installar os seus cincoenta Estados ou territorios em uma extensão de sólo quasi tão vasta como a Europa inteira e em condições extraordinariamente complexas, de climas e raças.»

E por causa d'isto é que o estudo da sociedade americana do Norte e da vida americana é mais difficil que nenhum outro do passado ou do presente.

Se se tratasse de estudar uma civilisação, uma sociedade homogenea, a França do seculo XVIII, por exemplo, a Italia da Renascença, a Europa na Idade-média, etc., — o fim a alcançar seria mais realisavel.

Cada sociedade é composta por uns tantos milhões de vidas de homens, de mulheres, de crianças, que formam milhões de fios entrecruzados de uma téla enorme.

Nenhuma imaginação, por mais vasta que seja, é capaz de representar no seu conjunto esta trama tão variada e tão grande.

Mas como as sociedades já organisadas se dividem em agrupamentos distinctos, e como cada um d'estes tem dois ou tres individuos que podem ser estudados como typos representativos do seu grupo; como

os homens da mesma condição, educados com a mesma cultura intellectual, sujeitos á mesma disciplina de trabalho ou á mesma influencia de ociosidade, têm no fundo as mesmas idéas, os mesmos habitos, as mesmas noções da vida e da morte, as mesmas necessidades, os mesmos preconceitos, os mesmos gostos,— é possivel por uma série de estudos biographicos ou de monographias reconstruir a vida intima d'essa sociedade, que á primeira vista parece tão mysteriosa, tão inattingivel.

Quem quizer, por exemplo, conhecer a França no seculo XVIII vae procurar a cada uma das classes que a constituem a amostra mais significativa que ella tenha, as suas figuras principaes e as que pela sua banalidade ou pelo seu relevo podem servir de média ou de typo.

E assim, desde o principe de sangue até ao mendigo, estudando um *specimen* de cada grupo, recompõe a téla inteira. Mas a America do Norte é uma enorme sociedade em via de formação, e por ora em ebulição violenta e constante. N'ella ajuntam-se em contrastes extraordinarios, e em mais extraordinarias approximações, os representantes mais distinctos da barbaria extrema e da extrema civilisação. Desde a deliciosa e fina habitante da *quinta avenida* em Nova-York, cujos habitos quotidianos são mais requintados, luxuosos e estheticos do que a vida de uma pallida princeza exangue das velhas Casas

Reaes da Europa; até ao *cowboy* das campinas sem fim do *Far West*, que immensa distancia, que distancia que parece feita de seculos! e no emtanto são contemporaneos, vivem, nutrem-se, formam-se de uma seiva egual, podem ser irmãos, se um capricho do pae, que a lei aliás auctorisa, quiz dar á filha centenas de milhões e exilou o filho para a existencia dura, primitiva e selvagem da campina infindavel e do *ranch* tão inhospito e barbaro.

Depois o augmento prodigiosissimo de população, que na America do Norte se tem dado, e que tanto receio começa a inspirar aos que se preoccupam com esta ordem de problemas economicos e sociaes, este prodigioso augmento é devido principalmente á immigração.

Se não fosse tão vigorosa a seiva de que a planta humana nos Estados Unidos se alimenta, é muito possivel que a America fosse absorvida pelo elemento europeu que a assoberba. Mas, por um phenomeno que necessita ser explicado e estudado, a verdade é esta: poucos annos depois de expatriado o europeu *americanisa-se* e nada faz prever que antes, elle tenha a mais leve influencia nos costumes da sua segunda patria, affeiçoada por moldes especiaes que são só d'ella, que ninguem seria capaz de modificar.

Mas de que estranhos elementos, de que heterogeneas influencias, de que varios materiaes se não

compõe essa civilisação brutal e admiravel!... Que assombro não é seguir o viajante intelligente, de uma tão fina sensibilidade, de uma plasticidade de impressões tão maravilhosa, que dia a dia, no seu *carnet* de viagem, vae notando o que vê, o que observa, o que adivinha, o que receia!

Pintar em uma téla unica a civilisação mais prodigiosa, mais complexa, mais energica, mais rica de virtualidades de toda a especie que ainda existiu no mundo, é tão impossivel que Bourget renunciou á tarefa irrealisavel. Só cada um dos assumptos que elle toca ao de leve demandaria um volume de escripta e uns poucos de annos de investigação paciente. Mas o que ninguem seria capaz de nos dar como elle dá é a impressão de esmagadora grandeza sem grandiosidade, de força sem delicadeza, de artificio sem ideal, de vontade ferrea sem limite e sem moderador, de energia indomavel, sobrehumana, sem mysterio e sem poesia, de que essa cyclopica civilisação, que não tem passado, se compõe e se constitue!...

A palavra *enorme*, a que mais vezes se encontra debaixo da sua penna de impressionista, é a que nos escapa diante de cada pagina dos dois volumes onde se reflectem, como em um espelho de moldura primorosamente cinzelada por um dos melhores estylistas modernos, os aspectos rapidamente observados da vida americana, desde o seu mundo de ar-

chi-millionarias reunidas na estação elegante de Newport e gastando em festas phantasticas e em luxo quasi doido, os milhões adquiridos pelos paes e maridos na feroz labutação de todas as horas do dia; até á existencia accidentada dos creadores de gado, que, de escopeta ao hombro e de faca de matto á cinta, disputam a vida em rixas sangrentas e matam para não morrerem, em recontros selvagens e infinitamente multiplicados.

Para darmos aos leitores idéa do livro de Bourget vamos rapidamente dar-lhes conta de alguns dos seus capitulos principaes.

II

O que levou Bourget á America, segundo elle assevera no seu *Primeiro capitulo,* foi a inquietação que os problemas do futuro, do futuro da Europa e do futuro da França, inspiram a todos os que pensam e se julgam investidos da missão de fazer pensar os outros.

Ha tres forças em acção para moldarem esse futuro assustador, tres forças que elle não tenta saber — como Tocqueville não tentou — se são benevolas ou maleficas, que elle se limita a verificar que

existem, e que é inutil e vão desconhecer ou negar.

Essas tres forças que começam por fazer *taboa-raza* de todo o passado, são a Democracia, a Sciencia, a Idéa de Raça.

Para todos os lados que a gente se volte, de S. Petersburgo até Londres, ou de Roma até Paris, vemos essas forças em acção tratando de edificar um mundo novo.

Não é difficil aos adversarios d'esse futuro inevitavel provar quanto é sinistro e tremendo o que d'elle antevemos; que differença entre a cruel realidade e aquella radiosa utopia para a realisação da qual combateram e morreram nossos paes!...

O suffragio universal com a tyrannia estupida do numero, com a victoria da força bruta sob o aspecto mais injusto e mais cego: eis o que a Democracia estabeleceu no mundo moderno. Sob essa tyrannia irracional sente-se uivar, latir sinistramente, a feroz matilha de todos os instinctos baixos do animal humano.

A Inveja; o appetite insaciavel do Goso; a Cubiça do ouro levada ao phrenesi, ao delirio, á epilepsia; o Odio, a tudo que se levanta pelo genio ou pela virtude ou pelo labôr feliz, acima do nivel commum; um descontentamento, um mal-estar universal que é feito de todas essas invejas insaciadas, de todas essas cubiças que se não satisfazem, de todos es-

ses gosos que se não alcançam, de todas essas ambições que se não podem realisar...

A ameaça constante de uma revolta tremenda do quarto Estado da miseria e do odio, contra uma civilisação que lhe prometteu tanta cousa e que nada lhe deu — perdão — que lhe deu a comprehensão dolorosa do que lhe faltava, e uma chave falsa do paraizo, onde elle queria penetrar: eis a obra da Democracia na Europa até este momento.

A submissão da Natureza, emfim, comprehendida e estudada, ás forças disciplinadas é a intelligencia dominadora do Homem: eis por outro lado a acquisição mais evidente e clara d'essa Sciencia decantada, que até agora tem feito pagar o beneficio alcançado, produzindo em redor da sua obra ainda incompleta e ainda mal comprehendida o nihilismo philosophico do maior numero.

Hoje, face a face com o problema do Incognoscivel, vendo se obrigada a confessar que é impotente o seu methodo para averiguar as causas que originam os phenomenos e a substancia que ha por detraz dos accidentes, essa sciencia não póde alimentar a nossa alma senão com um pão feito de cinzas amargas, um pão que mata e não nutre.

Desenvolvendo em excesso na humanidade o espirito critico, o espirito de analyse fundado na experiencia dos factos, ella tornou impossivel a fé no mundo sobrenatural, mesmo a essa legião innu-

mera das consciencias mediocres que, sommadas, formam a consciencia de uma epoca.

D'ahi, que diminuição de Ideal em todo o mundo moderno! Que fraqueza, que incoherencia de vontades! Que rebaixamento de caracteres! Que desvios da energia! Que absoluta banca-rôta de tudo que era o thesouro moral da nossa especie!

A idéa da Raça, finalmente, que parecera tão generosa e tão logica ao troar dos canhões de Solferino, em que ameaça de barbaria se não resolveu, desde que essa Europa do progresso e das luzes humanitarias se transformou em uma série de acampamentos fortificados, nos quaes milhões de homens, de sentinella, ao pé da peça de artilharia carregada, esperam a hora estupidamente criminosa de uma carnificina como a Historia ainda não viu!...

Esta é a obra evidente, no momento actual, d'esses tres operarios tremendos, que é vão, que é ocioso maldizer ou negar.

Todas as grandes forças sociaes têm, como as da Natureza, um caracter sagrado e fatal. São porque são. Ultrapassam as previsões do homem, apparecem-lhe como emanações mysteriosas d'esse principio uno, de que derivam todas as realidades.

São irresistiveis e illimitadas e impõem-se-nos como o nascimento e a morte, como o dia e a noite, como o mar com as suas procellas, como o firmamento com os seus milhões de planetas.

Em presença d'este caracter de *necessidade* que revestem, não nos é permittido desesperar d'ellas, emquanto não tivermos esgotado todos os meios de as conhecermos em seus varios aspectos, emquanto não nos houvermos certificado de que se perderam todas as esperanças de um futuro melhor, produzido por essas mesmas causas que, por ora, nos apparecem sómente destruidoras e implacaveis.

Ora, ha um paiz em que essas tres forças, tão maleficas para o velho mundo, foram chamadas a construir, em um accordo simultaneo, um universo inteiramente novo; ha um paiz que logo ao nascer foi uma *democracia* e que teve de ser uma *democracia scientifica,* porque foi obrigado a empregar, para domar e affeiçoar uma terra inteiramente virgem, o mais moderno apparelho de machinas e de industrias; um paiz em frente do qual o problema das raças está posto desde a sua origem, e cujos elementos ahi se debatem continuamente, porque é elle proprio um terreno de alluvião para todas as nações da Europa, da Asia e da Africa e porque ahi se trata de fazer viver juntos e em relativa paz social os Inglezes com os Irlandezes, os Allemães com os Francezes, os amarellos e os negros com os brancos, isto é, as raças mais inimigas uma das outras, mais irreductiveis umas ás outras, mais incomprehensiveis umas para as outras.

Até ao presente vê-se que esta empreza, tão impossivel á primeira vista é inteiramente realisavel e até póde ser levada a cabo com effeitos felicissimos.

Cada anno a população da America augmenta em porporções verdadeiramente fantasticas; a sua riqueza cresce do mesmo modo prodigioso, as suas cidades desabrocham com a energia da flora tropical.

Ha quarenta annos apenas o que eram S. Luiz? S. Paulo? Minneapolis? Que era a propria Chicago?

Hoje é por centenas de milhares que se contam os habitantes d'essas cidades nascidas de hontem.

Vinte e cinco mil homens armados bastam como exercito a esse povo no qual não fallecem as energias militares [1], e que ha menos de trinta annos provou o que era, o que podia como combatente, voltando, alcançado o seu fim, para os trabalhos da paz e da industria, com a mesma força de vontade maravilhosa com que rapidamente preparára o seu tremendo arsenal de guerra.

[1] Os recentes acontecimentos veem dar maior relevo a estas opiniões de Bourget. Vê-se o que pode ser, applicada ás sciencias militares, a energia americana.

*

* *

E Bourget accrescenta: Como saber que um tal edificio social existe, sem experimentar o desejo de conhecer directamente, visualmente, as condições da sua existencia?

Como perder a occasião de conhecer por experiencia propria o valor d'essa sociedade que pretende ser a sociedade do futuro, que é em todos os casos uma *possibilidade do futuro?*

Com certeza que a um artista europeu, educado nos requintes da mais fina cultura occidental, nutrido pela essencia artistica e mental d'esses paizes que parecem feitos da poeira dos mortos e dos seculos, d'esses paizes que se chamam a Syria, a Grecia, a Italia,— essa nação enorme cujo mais remoto passado mal conta dois seculos de existencia, havia de escandalisar, de quasi repugnar em muitos dos seus quadros mais salientes e caracteristicos, mas tambem só alli se póde readquirir um boccadinho de fé no futuro d'essa civilisação que, na nossa velha e exgotada Europa, parece estar em vesperas de afundar-se no abysmo insondavel de onde se não resurge mais!

III

Os dois volumes de *Outre-mer* dividem-se em nove capitulos, assim intitulados: *No mar; Primeira semana; A alta sociedade; Pessoas e paizagens de negocios; Os de baixo, Operarios, fazendeiros Cowboys; A educação; Divertimentos americanos; No sul: A Georgia, A Florida; A volta.*

E' impossivel dar uma idéa d'estes capitulos todos, em espaço tão restricto como o dos presentes artigos; tentarei apenas esboçar rapidamente a idéa fundamental de alguns d'elles.

A primeira sensação clara que destaca para nós da leitura d'estes dois volumes, tão ricos de factos e de idéas, é que a civilisação americana é enorme e complexa de mais para ser julgada em um só livro, mesmo em centenas de livros; e que não póde bem formar-se idéa d'ella, no seu conjunto extraordinario, senão conhecendo todos os seus Estados, tão afastados uns dos outros e tão diversos uns dos outros, o espirito do Norte e o espirito do Sul, os costumes tão oppostos d'estes dois extremos, as idéas que dominam os seus centros dirigentes, etc., etc.

A America do Norte é um termo abstracto que não significa nada. Ninguem fica conhecendo a

Europa só porque conhece a Russia ou só porque conhece a Hespanha.

Ambos estes paizes pertencem á collectividade de nações que geographicamente formam o continente europeu, mas que radicaes differenças entre ellas!

Assim tambem Chicago ou New-York differem incomparavelmente da Florida ou da Georgia, e quem conhecer um d'estes Estados não fica formando a mais leve idéa do que seja, na sua variedade de typos, idéas e costumes, na sua complexidade de actividades e de aspectos, a immensa Republica Norte-Americana.

*

*   *

A primeira semana passada por Bourget em New-York deu-lhe um estonteamento e uma angustia especiaes, que elle exprime admiravelmente, n'aquelle seu estylo feito de todas as subtilezas e de todos os cambiantes da lingua franceza.

A enormidade de tudo; a actividade febril de todos; a complicação quesilenta de artificios pelos quaes o homem se poupa trabalho e ao mesmo tempo torna a existencia intoleravel e quasi escrava de milhares de machinas; os predios de vinte andares; os tramways de cabo e os tramways electricos; os caminhos de ferro aereos (*elevated* chamam-

lhes elles); os milhões de figuras que transitam em todas essas locomotivas multiplas que se entrecruzam no chão e no espaço; o *affollement* d'essa multidão de trabalhadores infatigaveis, arquejantes, ao pé dos quaes os frequentadores da City em Londres parecem devaneadores preguiçosos; este espectaculo novo para um homem da velha Europa, esmagador á força de cyclopico, e que faz parecer New-York uma Babel mais grandiosa e mais audaz que a da Biblia: tudo isto é perfeitamente traduzido pela prosa de Bourget, que, de analytica e subtil, se faz ás vezes *haletante* como o seu assumpto.

Os requintes maximos e as mais inauditas brutalidades; uma actividade louca, e de vez em quando no *bar*, no botequim, no proprio wagon do caminho de ferro, uma indolencia de negro; os extremos mais oppostos; um trabalho de forçado para descobrir um machinismo que poupa simplesmente um passo ou que poupa um pequeno esforço; egrejas que parecem hoteis, hoteis que parecem palacios de fadas; a riqueza mais desenfreada, o esforço mais inaudito e mais extenuante, tudo amalgamado, tudo estonteador...

*

* *

A esta especie de vertigem dolorosa da *Primeira Semana*, em que Bourget torna sensivel ao leitor a

enormidade d'essa civilisação materialista e industrial, devida ao trabalho e ao esforço humano na sua expressão mais concentrada e mais febril, seguem-se os aspectos lindissimos, embora sujeitos á mesma tensão nervosa de que toda a vida americana participa, do mundo feminino archi-millionario.

Bourget, depois de passar oito dias em New-York sem ver nenhuma das pessôas para quem trazia apresentações, mette-se no caminho de ferro, ou antes no *palace-car*, mobilado de *peluches*, de tapetes, de moveis de mogno entalhado, que faz o serviço entre essa cidade e Newport e chega á estação de estio de que um americano lhe faz a descripção seguinte:

«Ha mais milhões de *dollars* representados na pequena extremidade d'essa pequena ilha do que em todo Londres e todo Paris reunidos.»

*

* *

E' em Newport que Bourget trava conhecimento, — logo intimo, porque não ha hospitalidade e franqueza comparaveis com a hospitalidade e a franqueza americanas, — com a sociedade elegante do novo Mundo altamente representada na sua estação de verão mais famosa e mais rica.

O que é a existencia mundana de uma mulher

norte-americana chega a ultrapassar os limites a que a nossa imaginação europea ou brazileira é capaz de attingir.

O excesso que se nota alli em todas as manifestações da actividade, nota-se no mesmo grau insolito no seu luxo, no seu movimento mundano, no seu modo de empregar as horas de prazer.

Newport não é uma *Cosmopolis* como Roma ou Cannes, ou Deauville, ou Florença; é uma estação puramente americana onde não penetra nem se acclima nenhum elemento estrangeiro. Tem por isso mesmo um caracter seu, de originalidade nacional.

Não é talvez a America, mas é a sua flôr de luxo mais perfeita e bella. E' a orchydea ideal, cuja raiz se alimenta do succo dos seus milhares de milhões.

Para conhecer essa porção da sociedade que a si mesma em toda a parte se appellida por excellencia *a sociedade* — e que na America tem por funcção restricta gastar á grande, gastar brutalmente o que o trabalho, egualmente brutal, das minas, dos negocios, dos caminhos de ferro, das emprezas gigantes, adquire em uma aspiração incessante de todas as forças vivas do paiz, — é necessario frequentar um d'estes centros de ociosidade, mais extenuadora que o mais duro trabalho, em que principalmente a mulher desenvolve a sua *fraqueza herculea* de um modo a espantar os mais experimentados physiologistas.

Bourget, portanto, descreve-nos as casas que elles habitam, as mobilias que os cercam, o modo por que se recrutam, os seus divertimentos, o genero da sua conversação.

Este capitulo, escripto pelo subtil analysta de *Cosmopolis*, de *Mensonges*, de tantos outros romances de costumes admiraveis, é talvez para os leitores o mais encantador dos dois volumes. Que pena tenho de o não poder transplantar para aqui!

Bourget descreve as habitações riquissimas de Newport em que se podem notar vinte, trinta, quarenta typos diversos de construcção, desde a abbadia ingleza no estylo da Rainha Isabel, desde o Castello da Renascença franceza, lembrando Azay ou Chenonceaux, desde o palacio de marmore á semelhança de Trianon, com pilastras e capiteis corinthios largos como os do templo do Sol em Baalbeck, até ás complicações de architectura *yankee* mais arrojadas de mau gosto.

E' uma riqueza esmagadora que espanta, acompanhando um requinte nos detalhes, um *bem acabado* nas reconstituições historicas, que dá os dois caracteristicos singulares d'este povo, em que duas qualidades oppostas se reunem e se entrelaçam de um modo até aqui inteiramente inedito: a cultura da intelligencia e a tensão enorme do esforço physico.

E ainda outro contraste extraordinario que n'elle se póde observar.

Esse grande paiz, fundado por puritanos exaltados, — por catholicos fugidos á perseguição protestante e por protestantes fugidos á perseguição catholica, — conserva-se profundamente espiritualista atravez da expansão da sua formidavel civilisação industrial e scientifica; conserva se religioso, através da sua crença quasi illimitada no poder, na vontade, na independencia individual do homem.

Vão lá entender e amalgamar tantos elementos contradictorios, tantas forças heterogeneas!

A mobilia d'essas casas opulentissimas accusa, tal como o seu aspecto exterior, a ausencia da moderação na escolha, o abuso da riqueza, a elegancia á *outrance.*

Em uma d'ellas, por exemplo, entre *bibelots* variadissimos e todos authenticamente preciosos, entre tapeçarias antigas, tapetes da Persia, flôres de estufa prodigiosas como monstros vegetaes, orchydeas que lembram insectos mythicos, coisas que têm o valor de centenas de milhares de *dollars,* Bourget encontra um biombo feito com um quadro do Carraccio cortado em tres boccados.

Isto dá a nota da maneira americana; não é preciso recorrer a mais exemplos. Luxo, luxo de loucos, luxo de prodigos, mas a ausencia d'aquelle *sexto sentido* que nós, os filhos de uma civilisação velha de quarenta seculos, herdámos no sangue e que faz parte da nossa essencia mais intima.

O talento é para elles uma cousa decorativa que se compra como tudo o mais. Para nós é alguma cousa de mysterioso, de sagrado, de intangivel que seria blasphemia violar com uma mutilação d'esta ordem, subordinar a um desejo infrene de luxo sem alma e sem gosto delicado...

A descripção *féerique* feita por Bourget dos interiores americanos, dos seus *yachts* de recreio, dos seus jantares, das suas festas não é para se copiar, é para se lêr.

IV

N'este scenario que é uma maravilha de intelligencia, de senso critico, de erudição, composto do que a arte Europea tem de mais precioso e para formar o qual têm sido transplantadas, a poder de milhões de *dollars*, as collecções mais ricas da Italia e da Hollanda, as preciosidades e os *bibelots* mais raros do extremo Oriente, os productos mais deliciosos da pintura e da estatuaria moderna da França, as estatuetas de Tanagra embebidas de uma tão mysteriosa graça; em que as estufas cuidadas por jardineiros geniaes produzem uma flora complicada que está em harmonia com elle; para cuja decoração *improvisada* concorreram seculos de Arte, seculos de Historia, e o dinheiro arrancado ás entra-

nhas da terra, ganho em batalhas de Bolsa mais arrojadas que as de Napoleão, adquirido em trabalhos mais duros do que o das galés; n'este scenario para descrever o qual é necessaria a penna de Bourget, tão flexivel e tão magistral, levanta-se uma flôr humana que tem toda a seducção, todo o encanto e tambem todo o illimitado poder de uma verdadeira fada!

Esta flôr com alma é a Mulher americana!

Nem na Europa nem nas Republicas Americanas do Sul, a mulher tem esta realeza incontestada. Mas ainda é necessario accrescentar: a mulher que assim reina absolutamente, faustosamente na vida social, dominando os proprios elementos e arrancando e inspirando prodigios de arrojo e de trabalho á fertil invenção do Americano, não é propriamente a sua esposa; é a sua filha, é a sua irmã, é a flôr virginal que o casamento ainda não desformisou levemente.

Os prazeres em que se divide a existencia d'estas juvenis rainhas da moda e da sociedade são mais laboriosos do que o trabalho mais duro da mulher europea.

Os jogos mais difficeis, o tennis, a equitação, a arte de guiar duas e quatro parelhas, a dança, o baile, as visitas, as *garden parties*, tudo emfim de que na Europa já se faz um abuso odiosissimo, alli tem o caracter de exagero e de tensão excessiva que é proprio da raça.

Ao cabo de um d'estes dias em que todas as horas são votadas ao divertimento, e em que o divertimento é apenas cortado com refeições de uma abundancia e de uma succulencia pantagruelica, ha raparigas que, emquanto esperam pela carruagem no *hall* de um dos grandes palacios da finança, ao acabar um baile esplendido, cahem extenuadas a dormir pelos bancos ou pelas escadas!

Ainda isto, como o biombo feito por tres pedaços de um quadro de grande auctor, dá uma nota caracteristica da concepção da vida social e da vida artistica que o americano professa.

*

* *

A realeza da mulher é, n'aquella sociedade tão brutal, um facto adquirido e representa um d'esses contrastes tão frequentes que lá se encontram a cada passo. O cuidado, a protecção que a mulher alli inspira provém comtudo de uma causa historica.

Quando os primeiros *pionneiros* se estabeleceram na longiqua America levando comsigo as suas intrepidas e dedicadas companheiras, cujo auxilio lhes foi tão precioso e inestimavel, elles tiveram de ter para ellas o carinho mais protector, a mais desvelada ternura, para que em *meio* tão inhospito e desusado ellas não succumbissem todas, privando-os

de um elemento que lhes era indispensavel e queridissimo. Esse germen produziu a flôr de veneração e de ternura que a mulher hoje respira em todo o extenso territorio da America do Norte.

Mas esse amor, esse respeito, essa poesia adoravel de que o Americano reveste a mulher, paga-lho ella com thesouros que é bom não deixar em esquecimento.

O papel social da mulher é verdade que é alli preponderante, o seu poder é despotico, a sua soberania excede quanto a nossa imaginação possa idear; mas n'essa vida, tão agradavel e tão lisonjeira, a mulher tem desenvolvido prodigios de vontade e de intelligencia; tem executado verdadeiros milagres de virtude; tem manifestado aptidões variadissimas; tem adquirido uma cultura inexcedivel e rara.

A obra philanthropica da mulher nos Estados Unidos tem inspirado já dezenas de volumes. O principio de associação que alli se applica na maior escala conhecida, posto pelo sexo feminino ao ser viço da miseria, da ignorancia, da doença, da or phandade, realisa maravilhas.

Ha associações para combater o vicio dominante da embriaguez; para combater a miseria em todos os seus baluartes predilectos; para auxiliar o proletario do berço á sepultura; para o amparar, para o corrigir, para o tratar na doença, para o fazer

trabalhar na saude, para o divertir nos momentos de descanço, para o ensinar mentalmente e profissionalmente, e n'essa cruzada do bem, *enorme* como tudo que é americano, a mulher é a mais laboriosa, a mais intrepida, a mais perseverante, a mais energica, a mais devotada combatente.

Diverte-se como nenhuma de nós; instrue-se, conversa, viaja, aprende e comprehende tudo; mas applica a mesma actividade e a mesma força a cumprir o dever social da assistencia de um modo que é realmente fertil em milagres!

Concluindo o esplendido capitulo — talvez de todos os da obra inteira o melhor, por ser aquelle em que as qualidades de romancista e de psychologo de Bourget estavam mais á vontade — concluindo o esplendido capitulo que elle denominou *Le monde,* o admiravel escriptor descreve este quadro do pintor americano John Sargent, que é como a corôa, remate e synthese das suas anteriores observações.

*

* *

Ouçamol-o, porque estas paginas devem ser citadas por inteiro!

«Um grande artista, um dos primeiros d'este tempo pelo ardor da sua investigação incontestavel, pela consciencia do seu estudo e pela sinceridade

da sua visão, John Sargent, realisou o que eu tento exprimir de balde, no retrato de uma d'essas mulheres cujo nome ignoro, e que vi em uma exposição — um d'esses retratos como os pintaram os mestres do seculo XV e no qual por detraz do individuo se percebe a nação a que elle pertence, e por detraz do modelo um mundo inteiro de idéas que o produziu!

«Esta téla e de tal modo representativa, que bem podia intitular-se *O Idolo Americano*. A mulher está de pé em uma attitude quasi hieratica. O corpo, flexibilisado pelo exercicio, ergue-se direito, apertado, como que cingido em uma tunica estreita.

«Nos seus sapatos negros luzem rubis, lembrando gottas de sangue vivo. Aperta lhe a cinta estreita um fio de grossas perolas, e d'aquelle vestido, que dá um fundo immensamente sombrio ao fulgor mineral das joias, os braços e as espaduas emergem com uma outra especie de brilho, o de uma carne de flôr, uma carne alva e delicada, sob a qual gyra um sangue rico, incessantemente fustigado pelo ar do campo ou pelo vento do mar. A cabeça intelligente e audaciosa, com uma expressão propria de quem comprehende tudo, tem como fundo, e como aureola o desenho vagamente dourado de um d'esses estofos da Renascença, que os Venezianos chamam *soprarisso*. Os braços arredondados, em que os musculos se adivinham apenas, juntam-

se pelas mãos unidas, mãos energicas de pollegar bastante longo e que devem conduzir quatro cavallos com a precisão de um cocheiro inglez.

«E' a imagem de uma energia a um tempo invencivel e delicada que repousa n'aquelle instante, e ha um não sei quê de Madonna bysantina n'esse rosto de grandes olhos bem abertos.

«Sim; é um idolo para servir o qual o homem trabalha; que elle adornou com essas joias de rainha; por detraz de cada fantasia do qual ha dias e noites passados em Wall Street em pleno combate, em lucta acerba e infrene.

«O frenesi das especulações de terrenos; as cidades construidas a golpes de milhões de *dollars;* os trens lançados a todo vapor por sobre pontes de uma envergadura de Babel; o gemer dos carros de grosso cabo; o fremito dos carros electricos que correm ao longo de fios em uma crepitação, em um faiscar continuos; o subir vertiginoso dos ascensores em predios de vinte andares; as immensas culturas de trigo do West, os seus *ranchs,* as suas minas, os seus matadouros colossaes; — o formidavel trabalho d'esse paiz de esforço e lucta, o seu trabalho inteiro: eis o que tornou possivel essa mulher, essa orchydea viva, obra prima inesperada surgindo de uma civilisação tal.

«E o proprio pintor não lhe dedicou tambem a ella o thesouro do seu longo, do seu incansavel trabalho?

«Para ser capaz de pintar aquelle quadro, teve elle de assimilar um pouco da força dos mestres hespanhoes; de surprehender o segredo da finura dos grandes italianos; de conhecer e praticar as curiosidades do impressionismo; de sonhar deante das imagens das basilicas de Ravenna; e de lêr e de pensar, e de digerir toda essa complèxa cultura.

«Quanta reflexão para penetrar até ao mais intimo segredo da sua propria raça!

«Por isso poude exprimir d'essa raça um dos traços mais essenciaes: a divinisação da mulher!

«Esta mulher não é a Beatrix que Florença evocou em visões inolvidaveis; não é a corteză de Veneza que o Ticiano cingiu de purpura e ouro fulvo; não é o Enigma eterno de Milão; é outra cousa bem diversa de todas essas cousas; é a representação suprema da gloria e da energia nacionaes!

«Póde não ser amada; não precisa mesmo de o ser. Não é a ternura nem a voluptuosidade o que symbolisa. Ella é um objecto de arte vivo. E' uma sábia e suprema composição humana e attesta que o *yankee,* o desesperado de hontem, o refugo, o vencido do Velho Mundo, soube arrancar ao universo selvagem para onde o atirou o destino, uma civilisação nova incarnada n'essa mulher, seu luxo e seu orgulho!

«O que vem a ser essa civilisação dil-o melhor do que ninguem a luz d'esses olhos profundos em que

o pintor concentrou todo o idealismo de uma nação sem ideal; essa fé que será talvez a sua perdição, mas que até aqui tem feito a sua grandeza, a fé unica, systematica, indomavel, n'esse poder humano que se chama *Vontade...*»

V

Resumir em alguns artigos setecentas paginas primorosamente escriptas e condensadas já de si, pela intelligencia aguda e penetrante de Paulo Bourget, é empreza tão impossivel como lhe seria a elle resumir em dois volumes toda a vida americana, de que não dá senão os aspectos exteriores.

Comtudo, não ha problema, dos mais graves n'este momento, de que o auctor d'*Outre-mer* desconheça a existencia e a importancia.

O problema do socialismo é um dos que mais o preoccupa. Conversando com os dois apostolos do catholicismo na America — Sua Eminencia o Cardeal Gibbons, e Monsenhor Ireland — a impressão colhida pelo escriptor francez é que ambos têm um ponto de vista demasiado optimista em relação ao futuro da grande Republica.

Sabe se que a propaganda catholica nos Estados Unidos é muitissimo energica e efficaz; o bello

livro que já aqui apontei do Visconde de Meaux, intitulado a *Egreja Catholica* e a *Liberdade nos Estados Unidos*, dá conta d'esse movimento magnifico e faz um quadro animador dos esforços empregados pelo clero catholico no sentido da moralisação do operario e da educação das massas inferiores.

Para o Cardeal Gibbons, para o arcebispo Ireland a revolução socialista nos Estados Unidos é impossivel, porque o americano é uma intelligencia eminentemente pratica e sabe que, tocando na propriedade individual, justa ou injustamente adquirida, elle derrubaria a pedra fundamental de todo esse grandioso edificio a cuja sombra se abriga, a cuja sombra lhe é dado enriquecer tambem.

As grandes *grèves* de Chicago e da California, as formidaveis desordens do *labour movement*, as publicações de desenfreado anarchismo: todo esse terrivel fermentar de forças que talvez tenham de explodir um dia em desastres irreparaveis, não são, portanto, obra do americano, do *yankee* propriamente dito; os allemães, os russos, os italianos, os desesperados do Velho Mundo que affluem continuamente para o Novo em uma maré assustadora e formidavel é que levam comsigo idéas absolutamente incompativeis com o passado dos Estados Unidos, com todas as suas tendencias, com a sua Constituição, com o desenvolvimento progressivo

d'essa Democracia, em que as forças individuaes podem absolutamente expandir-se, em que a ingerencia do Estado é minima, em que a iniciativa particular, o direito de associação, a noção pratica das cousas, a energia e a vontade, operam prodigios e alcançam dia a dia vantagens para as classes operarias que ellas em mais parte nenhuma encontram.

*

* *

Bourget, depois do longo e paciente inquerito que o levou a interrogar homens como o Cardeal Gibbons e como o arcebispo Ireland, de quem traça dois bellos retratos intellectuaes; homens como os dirigentes de grandes emprezas, de grandes jornaes, de grandes matadouros, de caminhos de ferro importantes; homens como os criadores de gado da Campina e escriptores e caricaturistas e *reporters* e politicos e advogados, etc., etc., conclue melancolicamente que os problemas que elle vê postos na Europa, e cuja resolução ia pedir á livre America, não se resolvem tão facilmente como isso. Não ha a menor analogia entre a Democracia franceza e a americana; não ha a menor semelhança entre a noção metaphysica e generalisadora que nós na Europa temos da Sciencia, e a somma de dados positivos, de acquisições praticas, de conhecimentos

technicos e applicaveis, a que os americanos dão esse nome generico. E quanto á idéa de raça, lá como entre nós, é prenhe de perigos o futuro, pois estão face á face duas raças terriveis e antagonicas, a anglo-saxonia e a germanica, e á inspiração da segunda, transplantada para os Estados Unidos, se deve a ameaça de desordens impendentes sobre a paz social da grande Republica. Além d'isso, entre o Sul e o Norte ha tambem fortes antagonismos, que talvez se resolvam bem cedo por uma separação completa, que não se realisará sem luctas sangrentas e sem dolorosos transes.

A raça americana, fortemente religiosa, tem uma energia, uma tensão de vontade, uma fé em si mesma capaz de obrar prodigios; o seu espirito emprehendedor é tão audaz, desafia de tal modo a realidade, que se devem a essa potencia quasi milagrosa cousas que á nossa imaginação europea se affiguram impossiveis.

O desenvolvimento do individuo, na sua expressão maxima, a diminuição, a suppressão, se possivel fôr, da ingerencia do Estado no governo da collectividade, — que estas poderosissimas energias individuaes constituem livre e espontaneamente, por uma especie de fatalidade organica, comparavel á que produz na Natureza a vida; eis o supremo objectivo da democracia americana.

Esta concepção da sociedade tem inherente um

defeito que é como que o seu complemento obrigado: o abuso, a exageração das forças, o excesso, a brutalidade de acção desmedida e continua.

Concebida e praticada por este modo, a democracia não tende como na Europa a rebaixar e a nivelar todas as individualidades constituindo por assim dizer uma verdadeira *mediocracia*. Pelo contrario. A desigualdade entre os individuos manifesta-se lá com uma evidencia extraordinaria. A lei da concorrencia vital opera alli como na Natureza.

O homem vale pelo que é, e é necessario que seja muito para valer em tão largo conflicto de forças, de interesses e de energias.

Os Estados Unidos — se eliminarmos a agitação socialista produzida pelos operarios allemães, que lá são legião — apparecem ao viajante como o paiz menos revolucionario do mundo. A sua constituição, organisada sobre o alicerce da energia individual, está de accordo com a indole e as tendencias do povo que rege. Formularam-na proscriptos e revoltados, que se refugiaram n'essa terra virgem para alli crearem uma existencia nova, á força de vontade e de intrepidez moral e physica. O que lhes era necessario? Um pacto social bastante fixo para que essas vontades se não transformassem em outros tantos elementos de desordem, bastante largo e flexivel, para que nada do que ellas tinham de salu-

tar e de energico fosse mutilado pela lei restrictiva que se lhes impunha.

Resulta d'ahi o genero de liberdade que na America do Norte se gosa largamente, que se coaduna com os costumes e com as aspirações da collectividade.

Não ha leis de combate, não ha rancores civis; reina uma larga cordialidade patriotica do norte até ao sul, apesar da terrivel guerra que ha pouco convulsionava este territorio.

As nações regidas por leis que derivam naturalmente da sua origem, que foram feitas na logica da sua indole e dos seus habitos, têm esta unidade profunda e esta plasticidade preciosa, seja qual fôr o genero do governo que as subordine. A aristocratica Inglaterra e a livre America são tanto uma como a outra exemplos d'esta verdade.

Uma nação não é um edificio geometricamente e symetricamente construido; é um organismo complexo que cresce e se desenvolve segundo as condições que lhe são proprias. A base racionalista que o mundo moderno, o mundo latino, deu ás suas Constituições, têm em si mesma o principio da ruina que a breve trecho as ha de destruir.

A noção da vida social sahida da Revolução está eivada d'esse defeito fundamental; isto, porém, não auctorisa a reacção que se pressente em muitos es-

piritos contra essa obra apesar de tudo benefica e redemptora.

Essa liquidação suprema era necessaria, era fatal. Desde que ella se deu, os povos por onde a tempestade passou directamente e aquelles que lhe padeceram a influencia indirecta soffrem e estão soffrendo muito. Esse mal-estar tem uma causa: a implantação de um regimen novo em nações modeladas, affeiçoadas por uma tradição velhissima.

O periodo de angustia estará destinado a passar? a nova democracia encontrará meio de ajustar se e de accommodar-se entre as ruinas mal esboroadas ainda de monarchias caducas? Ninguem sabe.

Mas se na Europa a civilisação entrou na sua phase final, é consoladora a idéa de que a raça humana póde deslocar os seus centros de actividade, mas não se dá ainda por vencida na obra que levanta para o bem, para Deus...

Das varias civilisações que se têm succedido no mundo, não se perdeu ainda senão aquillo que de sua natureza era destinado a perder-se e a acabar!

Quem sabe se a obra immensa elaborada pelo catholicismo desde a queda do Imperio Romano, até ao advento da Revolução, não está atravessando o seu ultimo periodo de vitalidade e de força? quem sabe que futuro nos preparam os novos elementos que vemos fermentar ao longe e ao perto,

em uma elaboração de vida tão mysteriosa e tão intensa!

E quem sabe se n'esse colossal campo de experiencia, chamado a America, a humanidade não continúará sob outro nome e sob a influencia de outros ideaes a sua obra enorme, immortal, a sua obra impenetravel até para ella propria, obra em que se vão accumulando e concentrando as ricas e immorredouras essencias de tudo que *foi*, e os germens divinamente fecundos de tudo que *será!*

*

* *

A essa obra falta por ora, é certo, um grande ideal. Esse ideal ha de apparecer um dia em phase mais avançada que ainda não sabemos prenunciar. Desde que vive, a raça humana tem caminhado sempre e tem sempre adquirido riquezas novas, sem perder o que havia de mais valioso nos antigos thesouros que laboriosamente conquistára.

Não foi em vão que os pastores da Chaldéa interrogaram os mudos astros; que a Assyria construiu a sua civilisação babylonica; que o Egypto ergueu para o espaço as suas pyramides collossaes; que a Grecia amou o bello sob as suas fórmas mais simples e na sua harmonia mais perfeita. Não foi em vão que Alexandre devassou os mysterios do

Oriente; que Roma unificou o mundo sob o imperio do Direito: e que a Theocracia medievica cingiu a Europa na sua pesada armadura escolastica e guerreira! não foi em vão que as grandes monarchias européas ultrapassaram em tyrannia e abusos as peiores satrapias do Oriente, e que a Revonlção passou no mundo como um cyclone ao mesmo tempo devastador e fecundante, e que do Tejo ao Neva, e de Paris até Moscow, um grande nome encheu a terra: o nome de Napoleão!

Por que ha de ser então vã a obra do nosso seculo, o maior de todos, porque sabe o que todos os outros ignoraram e tudo que elles souberam? Por que ha de ser inutil este immenso labutar de tantas energias e de tantas intelligencias? Esperemos no futuro!...

A semente lançada aos quatro ventos do Céo pelo sonhador da Montanha, pelo amoroso apostolo Galilêo, ainda não desabrochou toda em fructos abençoados, em colheitas abundantes e sãs. Na Europa catholica a palavra de Christo anda muito deturpada, quando não anda muito esquecida. Póde ser que a America, dividida em tantas seitas que accusam uma vida moral em constante ebulição, nos dê, em um christianismo futuro mais viril e mais puro, a palavra do grande Martyr traduzida em obras melhores. É bom confiar que o destino dos que têm de vir ha de ser melhor do que foi o nosso,

que as incertezas se hão de dissipar, que a luz se ha de fazer.

Não é possivel que a Natureza, desvendada e domada, importe a abolição do mundo ideal; não é possivel que tamanha antinomia exista para o Homem entre o conhecimento da Verdade sem véos, e o cumprimento da Virtude sem interesse; não é possivel que o futuro seja peior que o presente. Quando tal receiamos, desconhecemos a Historia e calumniamos a nossa especie!

As amigas de Balzac

I

STA personalidade de Balzac, tão extraordinariamente moderna, e tão inconfundivel, está dando todos os dias ensejo a novos estudos criticos e a novas analyses moraes.

Balzac é, de todos os romancistas d'este seculo, aquelle que mais viva e profundamente interessa o moralista e o critico.

A sua vida está em harmonia com a sua obra, a sua escandecente imaginação, que todos os dias edificava e destruia um milhão de *castellos de Hespanha,* explica logicamente as maravilhas da *Comedia Humana.*

Em Zola, por exemplo, seu herdeiro e seu continuador, mas em quem faltam muitas qualidades geniaes de Balzac, não ha nada que attraia para a sua pessoa a attenção dos que o lêrem.

E' um burguez que faz livros. Balzac é o artista que *viveu* magnificamente a sua obra.

Se aos cincoenta e um annos elle morre, devorado por essa doença do coração que tão cruelmente o fez soffrer, é que elle gastára o coração e a vida em commoções violentas, em aspirações phreneticas de gloria e de fortuna, em sonhos de fantastica ambição.

Ha pouco tempo publicou-se em Paris um livro intitulado *Balzac et ses amies.*

O auctor da *Comedia Humana* não tinha a orgulhosa idéa de que a mulher, sendo um *animal inferior,* não merece a enorme importancia de que n'este imperfeito mundo tem sempre gosado!

Elle sabia que prodigios de graça, que thesouros de bondade, que delicadeza de pontos de vista, ha no coração e na intelligencia feminina, por isso o grande desejo da sua vida foi conhecer bem a mulher e agradar-lhe, sem deixar de a estudar com a crueza do anatomico.

Ambas as cousas conseguiu.

Sem querer falar aqui, no limitadissimo espaço de que disponho, das creações adoraveis da imaginação do grande romancista, sem evocar as deliciosas figuras das suas duquezas pallidas e altivas, que uma grande paixão occulta consome e devora lentamente, das suas peccadoras diabolicamente espirituosas, que um raio de graça illumina ou que

um sonho de amor rehabilita e depura; das suas mulheres de sacrificio e de dever, ou das suas amantes exaltadas pela violencia enthusiastica do sentimento que as desvaira; — sem me referir ás filhas do seu genio, falarei apenas nas mulheres cuja intimidade elle procurou, e que lhe suggeriram tanto das observações, profundamente femininas, de que a sua obra se esmalta e se illumina.

Além da irmã, aquella Laura de que elle traça a figura idealisada no seu romance *Les illusions perdues,* houve uma mulher obscura que durante doze annos exerceu na mocidade de Balzac a mais decisiva e edificante missão.

Chama se esta occulta musa, madame de Berny, e foi ella que involuntariamente passou perante a lente do escriptor para a deliciosa creação de madame de Morsauf do *Lys dans la Vallée.*

O affecto que esta mulher consagrou a Balzac — que nenhum dos seus biographos póde classificar de criminoso, pois que nada denuncia que elle excedesse os limites de um exaltado *platonismo,* — era ao mesmo tempo apaixonado e maternal.

Foi á constancia d'esta affeição que o moço escriptor deveu o não ter desanimado nas suas primeiras e graves difficuldades financeiras.

Balzac, quando ella morre, exprime-se a seu respeito d'este modo:

«A pessoa que eu perdi era mais do que a minha

mãe, mais do que a minha amiga, mais do que uma creatura humana póde ser para outra. Só o nome de divindade a explica bem. Amparou-me com a sua dedicação completa no meio das mais terriveis tempestades. Se alguma cousa valho é por amor d'ella. Era o meu *sol moral. Madame de Morsauf* é tão sómente uma pallida expressão das qualidades menos eminentes d'essa mulher, lembra-a só vagamente porque eu tenho horror de prostituir ao olhar do publico as minhas commoções intimas, e nunca se saberá ao certo o que tenha succedido commigo.»

A intimidade d'essa mulher de grande coração e de grande caracter, teve uma influencia salutar na formação da complexa individualidade de Balzac; foi atravez da dedicação e do amor de uma mulher superior, que elle, pela primeira vez, conheceu o *eterno feminino,* que tão bem descreveu e analysou depois...

Sem dar as honras de amizade á *camaraderie* litteraria, que durante algum tempo relacionou Balzac e a Duqueza de Abrantes, passemos á sincera affeição que o auctor da *Comedia Humana* teve pela auctora da *Indiana.*

Era no momento em que a voga d'este romance dava um começo de celebridade a *Georges Sand,* que ella, interessada profundamente pela leitura de alguns romances de Balzac, o procurou em pessoa

na casa da rua Cassini, em que elle então vivia em Paris.

«Querido mestre, aqui venho eu ter comsigo, sem me dar ares de *musa de provincia,* mas como uma boa pessoa muito simples e muito encantada com o seu talento.»

Logo n'esta primeira entrevista, Balzac falou de si com aquella exuberancia de vida e de seiva, que, á força de ser ingenua e sincera, se fazia perdoar pelos mesmos que tinham a tentação de o julgar excessivamente vaidoso.

George Sand, ao sahir de casa d'elle dizia:

«Balzac ha de ter o futuro que sonha. Comprehende tão bem tudo que não é *elle* proprio, que é impossivel que não consiga fazer de si uma grande individualidade.»

Desde esse dia estabeleceu-se entre os dois grandes romancistas uma intimidade de coração e de espirito que só teve por fim a morte do primeiro.

E' a Balzac que se deve a definição dos seus dois talentos tão diversos.

«A minha amiga procura o homem tal como elle deveria ser, eu tomo-o como elle é. Creia que ambos temos razão. Os dois caminhos levam ao mesmo fim. Tambem a mim me agradam os seres excepcionaes; *sou um d'elles.* Preciso-os de resto para fazer destacar as minhas creaturas vulgares, e nunca, sem necessidade, os sacrifico. Mas essas

creaturas vulgares interessam-me mais do que a si. Amplifico-os, idealiso-as em sentido inverso, na sua feialdade ou na sua tolice. Dou ás suas disformidades proporções aterradoras ou grotescas. O seu talento não se presta a isso; portanto, faz bem em não olhar para as cousas ou para as pessoas que lhe produziriam pesadellos. *Idealise no bonito e no bello;* é um trabalho proprio de mulher.»

E Balzac sem dar por isso, teve a formula da moderna escola n'esta phrase: *idealisar no feio.*

Comquanto Balzac conhecesse a auctora de *Lelia* no tempo em que ella seduzia Musset e inspirava Delacroix, a verdade é que o seu coração não sentia por ella senão a franca e viril amizade que póde ter-se por um amigo do mesmo sexo.

Nunca, ao olhar para a *femme à l'œil sombre,* que lançára ao poeta das *Noites* uma tão terrivel *Jettatura,* elle viu n'ella a mulher.

E no emtanto, mais tarde, doze annos depois d'este primeiro encontro, Balzac traçava em um dos seus livros o magnifico, o inolvidavel retrato physico de Georges Sand «com os seus olhos impenetraveis, com a sua belleza de Isis, mais séria do que graciosa e como que assombrada pela tristeza de uma meditação constante; com os seus longos cabellos negros cahindo em tranças sobre o collo como o toucado das estatuas de Memphis; com a sua fronte alta e larga illuminada pelas fontes lisas

onde a luz se demorava, e vincada como a da Diana caçadora; com a pelle morena de dia e branca ás luzes da noite, sobre a qual destacava a viva purpura de uma bocca admiravel de formosura.»

A magnifica physionomia de Camille Maupin no romance *Beatriz,* foi copiada feição por feição, do bello rosto enygmatico da Georges Sand aos trinta annos!

Percebe-se que Balzac a viu como artista, embora como homem passasse fraternalmente pacifico ao lado d'essa inquietadora e perturbante figura feminina que então enlouquecia de curiosidade e de paixão os grandes artistas e os grandes poetas da França litteraria de 1840.

II

Depois de Laura, de madame de Berny, de Georges Sand, é madame Carraud a mulher cuja amizade, que durou trinta annos, e cujo delicado espirito teve em Balzac mais decisiva influencia.

Madame Carraud é o modelo d'aquelle typo que na litteratura se póde dizer foi descoberto por Balzac.

Ella é a mulher *incomprise* de profundos olhos melancolicos, de gestos lentos e cançados, de alma

insondavel e mysteriosa, que atravessa sob diversos nomes e disfarçada por diversas hierarchias sociaes a *Comedia Humana* do genial romancista.

Desappareceu inteiramente da litteratura positivista dos nossos dias esse typo delicadamente poetico. Diversos *contrafactores* litterarios tiveram a habilidade de o tornar ridiculo, á força de o desenharem piegas e falso. A gente quando o evoca hoje, não póde *vêl-o* senão sob o vestuario de 1830; as largas mangas, o chale ponteagudo, o chapeu desgracioso, a cintura monstruosamente comprida e estreita.

Seria perfeitamente comico o escriptor que tentasse resuscitar esta visão *impossivel.* E no emtanto, a verdade é que ella presta um encanto delicioso, um encanto inolvidavel a toda a obra de Balzac.

Lembrem-se da *Femme de trente ans,* de *Madame de Bargeton,* de *Julia d'Aiglemont,* da Viscondessa de *Beauseant,* das heroinas apaixonadas e melancolicas, para quem a vida era um fardo fastidioso; para quem o dever — que não cumpriam ainda assim! — era uma cruz penosamente arrastada; e que atravez da vulgaridade da vida quotidiana passavam, levando o coração atravessado pelas sete espadas de uma dôr implacavel ou de uma paixão secreta e fatal!...

Como os que hoje têem quarenta annos amavam na sua mocidade essas mulheres!

Como era capitoso e irresistivel o filtro que bebiam, na leitura d'esses livros, os unicos em toda a obra romantica de Balzac, que envelheceram já a ponto de pouca gente os lêr ainda.

Como ellas eram captivantes e fataes, essas sereias de negros olhos, de fronte pallida e triste, de voz queixosa e dolente, de alma ardente e concentrada; que tinham sonhado uma felicidade irrealisavel, que tinham entrevisto a imagem de paradisiacos deleites, e que haviam ao cabo de tudo isto cahido: — cysnes desplumados — n'um mundo que as não comprehendia e que as fazia incuravelmente soffrer!...

A flecha subtil do *sonho* havia ferido ao passar a alma d'estes seres de eleição! a aza fulva da *chymera* roçára-lhes a face, empallidecendo-lh'a para sempre!...

Confessemos que, á parte o grãozinho de ridiculo, que é elemento indispensavel na composição de toda a heroina de romance, estas figuras eram ainda assim bem mais sympathicas que as da litteratura de hoje!

Pois foi uma simples mulher obscura, quem suggeriu a Balzac a primeira idéa de que germinou e desabrochou mais tarde a branca e aristocratica legião das suas mulheres desdenhosas e *incomprehendidas*...

Madame Carraud, obrigada pelas circumstancias

especiaes da sua vida a uma existencia obscura e monotona, tinha os mais ardentes desejos de ver victorioso e celebre o seu grande amigo.

Foi ella quem o tentou a entrar na politica, a propôr-se deputado, imaginando que a politica daria ao superior espirito de Balzac glorias preferiveis á gloria que o seu genio de artista lhe daria. Este engano é, apesar de tudo, bem *feminino!*

Graças á proverbial *sagacidade* dos eleitores, Balzac não foi eleito, o que lhe deu ensejo a elle de voltar para os seus romances, e a nós de não vermos desfeita em pedaços a nossa admiração.

A duqueza de Castries, — que na arte ficou immortal sob o nome de *Duqueza de Langeais* — é ainda, não direi uma das *amigas*, mas uma das involuntarias inspiradoras do grande romancista.

A deliciosa e pallida *coquette* de cabellos fulvos a coroarem um rosto que dirieis esculpido em marfim, de nobre perfil altivamente aristocratico, de gosto delicado, como os de uma patricia do seculo XVI, concebeu o capricho perigoso de apaixonar e de render esse plebeu de instinctos principescos, para quem a fidalguia era um sonho de voluptuosidade e da ambição.

O resultado final d'esse jogo em que a duqueza de Castries ostentou e desenvolveu todas as graças felinas do seu corpo de serpente, onduloso e flexivel, todos os encantos do seu espirito de *coquette*,

falso, perturbante e cruel, foi o episodio admiravel da *historia dos treze*, que tem por titulo a *Duqueza de Langeais.*

Ne touchez pas à la hache! E' a epigraphe d'esse bello estudo.

Ne touchez pas au génie, dizemos nós agora ao lêl-o. E' perigoso brincar com um homem da potencia creadora d'esse artista, que tinha em si seiva bastante para injectar e galvanisar uma litteratura inteira.

Sem falarmos agora de madame de Girardin, uma das amigas mais dedicadas e mais enthusiasticas de Balzac, e em casa de quem o grande escriptor conheceu intimamente a Lamartine, a Victor Hugo, a muitos dos seus gloriosos contemporaneos; sem nos demorarmos em contar o fresco e gracioso idyllio do seu amor platonico com uma desconhecida, que se assignava Luiza, nas cartas de amor que durante algum tempo lhe escreveu, cheguemos ao affecto culminante, á grande e decisiva crise da vida de Balzac, ao seu sentimento por madame Hanscka, a fidalga russa, a quem elle conseguiu, nos dias ultimos da sua febricitante existencia, dar o nome de esposa.

Em setembro de 1833 fez Balzac uma viagem á Suissa, e ahi, por acaso e no mesmo hotel em que pernoitava, teve logar o seu primeiro encontro com madame Hanscka. Esta senhora, então casada, per-

tencia á mais alta aristocracia russa, e viajava com seu marido e sua filha. Grande admiradora de Balzac, e sabendo que elle estava no hotel, a aristocratica viajante desejou que o grande escriptor lhe fossé apresentado.

A condessa Hanscka tinha n'esse tempo trinta annos. De estatura mediana, sem ser bella tinha um rosto agradavel, uma grande distincção, a distincção especial das mulheres do Norte, vaporosas e idealmente delicadas.

O orgulho, a dignidade de raça, a elegancia aristocratica do porte, eram temperados pela doçura da expressão physionomica. Curiosa de espirito, cultivada e intelligente, estava em dia com todas as manifestações do talento contemporaneo. Polyglotta, como quasi todas as mulheres slavas, era o francez a sua lingua predilecta.

O defeito principal d'esta mulher era o exagero das idéas aristocraticas. Mas que importava este *senão* a Balzac, em que o mesmo preconceito tinha tão decisiva influencia?

A verdade é que tudo isto formava o complexo mais proprio para seduzir e estontear o escriptor francez.

Tendo vivido mais pela imaginação do que pelos sentidos e tendo aquella maravilhosa, gigante e phantastica imaginação que os seus biographos são unanimes em reconhecer-lhe, elle no fundo era uma alma ingenua e infantil.

Durante dezesete annos esta ligação, assim banalmente começada, passou pelas phases mais variadas, pelos aspectos mais dolorosos, pelos lances mais tragicos, até rematar em um casamento tardio e logo cortado pela morte!

Emquanto a Condessa Hanscka foi casada, as suas relações com Balzac foram na forma de simples e cordial amizade.

Enviuvando mais tarde, essa amizade que era já da parte d'elle o mais louco e apaixonado amor que a um poeta de vinte annos seja dado sonhar, fez-se da parte d'ella um sentimento que não póde definir-se bem, e que é menos o amor sentido do que a passiva e fatal resignação ao amor que se inspira.

Foi medonha essa phase da vida de Balzac.

O grande artista só tinha para dar á orgulhosa russa o seu genio e o seu coração! Ella, educada no respeito das tradições de raça, opulenta como uma princeza oriental, cercada por uma familia numerosa que pezava sobre as suas determinações com toda a força da sua influencia adquirida, mãe de uma filha, já mulher, que lhe supplicava que a não deixasse, sem ter no coração essa poderosa alavanca que ergue o peso das montanhas e que se chama um grande amor, ella que se envaidecia da paixão que inspirava, sem comtudo lhe saber corresponder devidamente, ora promettia ora recuava, hoje aban-

donava-se ao encanto d'aquella ternura ineffavelmente doce, logo esquivava-se arrependida de se lhe ter submettido...

E, entretanto, Balzac trabalhava, trabalhava como um negro, como um escravo, como um doido!... Trabalhava dezoito horas por dia, exaltando-se artificialmente com café como polvora, trabalhava para pagar a sua enorme divida, para encher de moveis riquissimos e artisticamente bellos o ninho luxuoso em que queria receber a *sua rainha*, trabalhava para a vencer á força de genio, de perseverança, de gloria, de amor infinito e sublime!...

Este esforço permanente, esta tensão miraculosa de uma vontade, este prodigio assombroso de um genio teve dois resultados simultaneos.

Derrancou o organismo valente do Mestre com uma doença de coração, verdadeiramente horrivel; venceu o coração hesitante, indeciso, *covarde de orgulho,* da Condessa Hanscka!

Balzac sempre que podia deixava Paris, voava a S. Petersburgo passar alguns mezes com a adorada mulher do seu coração. A filha de madame Hanscka já então casada e o marido d'esta recebiam e agasalhavam principescamente o hospede glorioso.

Em uma d'estas occasiões elle foi alli quasi mortalmente ferido por um ataque da doença organica que o estava devorando, e tambem pelo effeito atroz do clima glacial do Norte.

Foi então que, depois de dezesete annos de lucta com intermittencias curtissimas, a aristocratica senhora se decidiu. Tinha 47 annos!... Madame Hanscka cedia á sua filha e a seu genro toda a sua enorme fortuna patrimonial, mediante uma pensão que pelos dois lhe seria outhorgada. Era o unico meio de casar com o escriptor francez, apezar da recusa do Czar, que se oppunha formalmente a esta união considerada pela aristocracia russa uma *mésalliance.*

Seis mezes depois de celebrado o casamento, Balzac, que n'estas ultimas commoções de terrivel violencia, exgotára o resto da sua pobre vida, expirava em Paris!

Morreu na casa admiravelmente adornada, quasi phantastica de luxo e de elegancia que elle arranjára com milagres de trabalho para receber n'ella a esposa estremecida. Morreu nos braços da mulher que, pela sua funesta intervenção, fizera do grande escriptor o miseravel escravo d'um labor sobre humano, do artista sublime, um desgraçado sêr entregue á desordem de uma paixão impetuosa, fatal, desorganizadora, quasi humilhante!...

Se esta mulher o não tivesse seduzido com o prestigio, omnipotente para elle, da sua nobreza de raça, da sua principesca existencia, se não fosse esse amor, suggestivo de funestas vaidades, elle teria tido uma longa velhice honrosa e bella, elle teria

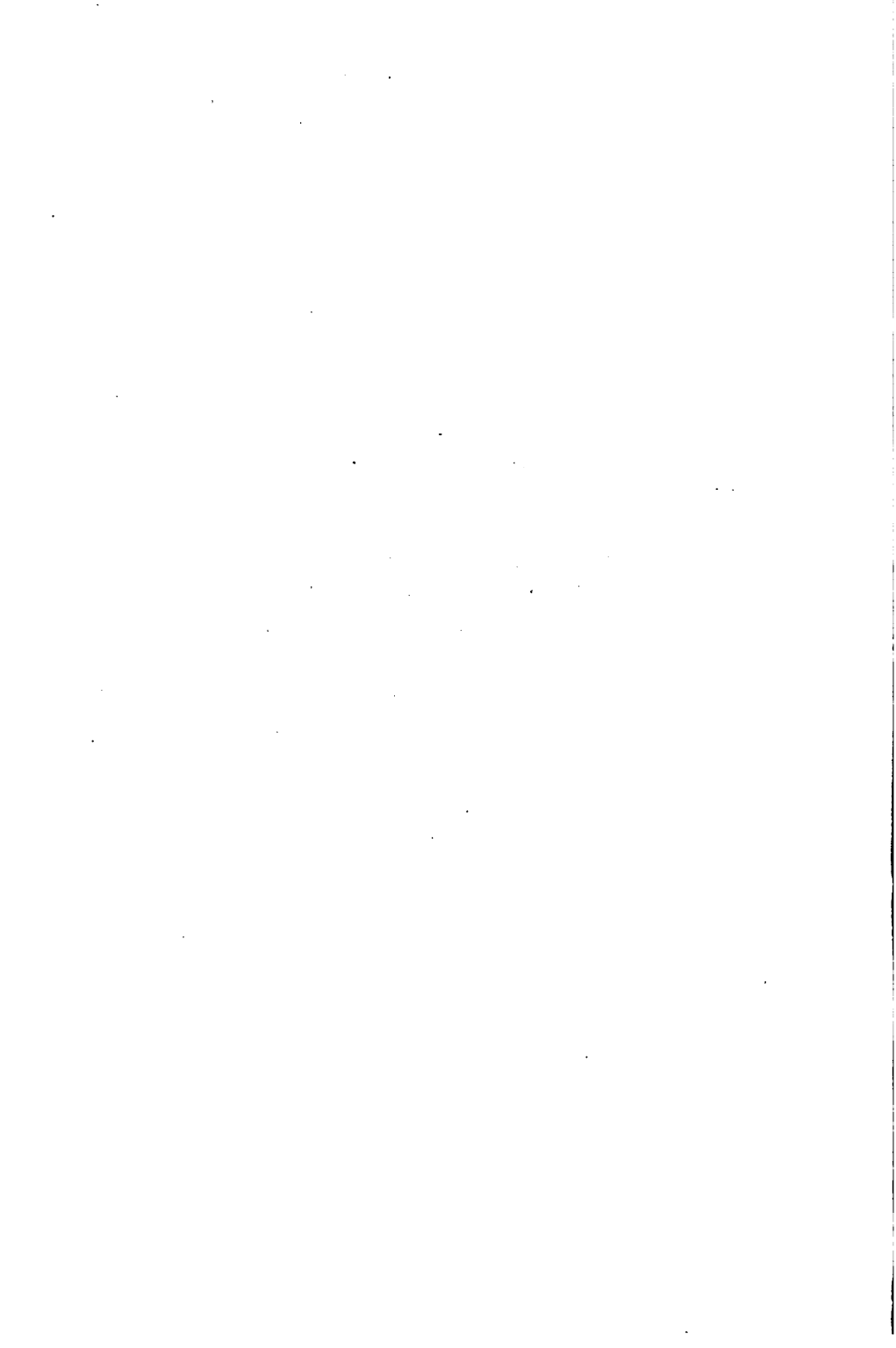
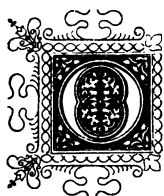
assistido á sua propria apotheose pela *élite* intellectual d'este seculo.

Perdeu-se pelo seu fraco! o amor das distincções aristocraticas!

A *princeza russa* que elle viu antes mesmo de ver a mulher, tentou-o, arrastou-o, seduziu-o e perdeu-o!

Ao tocar emfim, avido e febril o pomo que por dezesete annos appetecêra soffregamente, a morte levou-o em plena maturidade de um genio que promettia ainda inexgotaveis primores da arte! Mas d'entre as mais bellas cousas que o genial romancista produzio, destaca como relêvo soberbissimo a sua longa correspondencia com a mulher que veiu a ser sua esposa. Não ha cartas mais bellas em todo o mundo! O genio de Balzac apparece ahi com toda a sua energia, com toda a sua grandeza. São cartas que não se podem lêr sem lagrimas!

Benjamin Constant

I

O *Diario intimo* de Benjamin Constant, publicado ha poucos mezes e acompanhado de uma *Introducção* excellente sobre a vida e o caracter d'este homem singular, despertando em todo o mundo litterario uma grande attenção, trouxe novamente a lume mil episodios esquecidos do tempo em que Benjamin Constant viveu, e poz em fóco muitas das figuras que com elle estiveram em mais intimo contacto.

E' talvez restricto o numero de leitores que se interessem por estes acontecimentos de ordem puramente litteraria; mas em todo o caso não ha nenhum que não goste de conhecer os factos principaes da biographia de um homem interessante, e Benjamin Constant é das figuras mais interessantes que conhecemos. Dá-se na historia d'esta per-

sonalidade singular um caso extranho. A maioria attribue a celebridade de que elle gosa aos seus famosos amores e todavia são justamente esses amores que lhe eclipsam levemente o nome de escriptor e de pensador de primeira ordem a que elle tem direito.

Uma mulher de genio tão brilhante e espectaculosa, como foi a Staël, havia de fatalmente pôr na sombra os homens que a cercassem, por maior vulto que elles tivessem. Da *côrte* de Coppet de que fizeram parte figuras tão notaveis, só ella pareceu ter ficado de pé ante os olhos da posteridade. Já se vê que são terriveis as mulheres de genio e que n'este ponto o odio que ellas inspiram ao homem é plenamente justificado.

Se amam absorvem, como parece ter sido aqui o caso; se detestam, perseguem com a sua verbosidade incansavel, ao pé da qual a rhetorica masculina tem de abater armas!

Benjamin Constant, coitado! cahiu na tolice de amar uma alguns mezes e de procurar fugir-lhe em vão durante alguns annos, e pagou este delicto por todos os modos. Em primeiro logar soffreu muito, soffreu immensamente, soffreu quasi grotescamente, por causa d'ella; em segundo, deixou-se eclipsar, mais do que devia, pelo astro esplendido em cuja orbita gravitou por largos annos modestamente.

No emtanto a sua personalidade é tão extranha

complexa e captivante que só a respeito d'ella têm escripto admiraveis estudos todos os criticos famosos da França.

Parece que tudo estava dito a seu respeito pois que, desde Sainte Beuve até Bourget, todos os amadores de psychologia se sentiram attrahidos por essa figura typica em que tiveram extranho relevo e dolorosa intensidade os defeitos mais caracteristicos do nosso tempo.

O que faltou principalmente a Benjamin Constant?

Faltou-lhe a *vontade* e as doenças da vontade são as doenças de que todos, os cerebraes de hoje, soffrem mais cruelmente.

Dotado de uma grande intelligencia critica, e de uma lucidez maravilhosa de comprehensão, Benjamin Constant poz sempre a mira em um alto ideal que não foi, em momento algum da sua vida, capaz de realisar. Pelo contrario! Cada uma das suas acções mais decisivas está em contradicção absoluta com o que elle se propuzera fazer.

A sua existencia *inteira* é n'este absurdo e triste antagonismo que se resume.

Mas para esclarecimento dos que só muito vagamente conhecem esta grande figura de publicista, esta complexa e seductora figura de homem, vamos dar alguns traços mais salientes da sua biographia.

Benjamin Constant nasceu em Lausanne, no anno

de 1767. Morreu-lhe a mãe ao dal-o á luz; com o pae viveu sempre em antagonismo de caracter e de idéas, sacrificando-se-lhe permanentemente sem conseguir ter-lhe amor.

Duas cousas d'aqui resultam já: é que Benjamin Constant não teve propriamente patria sua, nunca soube bem se era suisso, se era francez; e não teve familia, isto é, o carinhoso interior em que uma sensibilidade morbida como a d'elle se expanderia sem o corroer por dentro. Faltou-lhe, com a patria, a disciplina de uma carreira pratica ou a imposição de positivos deveres civicos; faltou-lhe, com a mãe, a lição insinuante e cariciosa que modifica lentamente os defeitos de um temperamento e modera os excessos de uma impressionabilidade exagerada.

Educou-se na Hollanda, em Oxford, em Erlanger, em Edimburgo, adquirindo assim gostos, idéas, costumes de cosmopolita.

Em Inglaterra relacionou-se estreitamente com alguns membros do partido «whig» a cuja influencia se devem n'elle o gosto e o instincto da liberdade politica que nunca, nem nas maiores vacillações da sua vida, o abandonaram.

Quando em 1787 concluiu os seus estudos foi para Paris, recommendado a Suard, em cuja casa encontrou alguns dos espiritos mais fortemente impregnados pela philosophia do seculo XVIII, taes

como La Harpe, Lacretelle, Marmontel. Ao germanismo e á escola liberal ingleza que lhe tinham por assim dizer modelado e affeiçoado a intelligencia veio juntar-se então a influencia decisiva de Voltaire.

Houve quem definisse Benjamin Constant «uma alma primitivamente desenraizada do solo natal». Os seus parentes de origem franceza eram suissos de facto, mas serviam em paizes estrangeiros; Lausanne tinha perdido todo o caracter nacional, tornando se o *rendez-vous* da sociedade elegante da Europa inteira; todas as raças de que elle assimilára a cultura complicaram ainda a sua natureza já complexa de si.

Póde chamar-se a Benjamin Constant o primeiro dos cosmopolitas. Grammont, Horacio Walpole, o abbade Galiani foram-n'o talvez antes d'elle, mas de um modo menos completo, sem que a essencia dos seus espiritos fosse fundamentalmente modificada pelo contacto com o genio de outras raças.

Foi em Paris durante esse anno de 1787 que Benjamin Constant conheceu madame de Charrière. Tinha vinte annos, ella quarenta e sete, e no emtanto a attracção intellectual que essa espirituosa mulher exerceu n'elle foi das mais profundas e duradouras. Madame de Charrière forneceu, segundo muitos criticos asseveram, bastantes traços á *Eleonora* do celebre romance de Benjamin Constant

intitulado *Adolphe.* Em todo o caso foi ella a «madrinha» d'este «Cherubim» de nova especie, e é ella quem inicia a série de influencias femininas que tão profundamente perturbáram este coração sem equilibrio.

Madame de Charrière, hoje lembrada apenas por alguns curiosos, por alguns delicados da litteratura, foi no seu tempo uma celebridade; escreveu romances que mereceram a Sainte-Beuve um longo e primoroso estudo. Houdon esculpiu-a n'um marmore encantador, e Constant retratou-a moralmente n'estas linhas do *Adolphe!*

«Esta mulher atirára-se, como tantas outras no alvorecer da juventude, ao meio da sociedade que não conhecia, com a consciencia de uma grande força e de faculdades verdadeiramente poderosas. Tambem como tantas outras, por se não ter querido sujeitar a conveniencias ficticias, mas necessarias, vira frustrarem-se as suas esperanças, esvair-se-lhe sem prazer a mocidade, e a velhice attingil-a sem a subjugar.»

O espirito de madame de Charrière, sceptico e fino, concorreu em todo o caso para aguçar mais ainda a intelligencia critica, excessivamente critica de Benjamin.

As relações entre os dois foram principalmente epistolares, e as cartas de Constant a madame de Charrière são as confidencias feitas dia a dia, das

amarguras e das tristezas de uma alma de moço em perenne lucta comsigo proprio e com o seu meio.

«Cançado de tudo, aborrecido de tudo, amargamente egoista, com uma fórma de sensibilidade que só serve para me torturar, voluvel a ponto de parecer fatuo, sujeito, a accessos de melancolia que cortam ao meio todos os meus projectos... como quer a minha amiga que eu consiga alguma cousa, que eu agrade a alguem, que eu viva de algum modo?...»

N'este grito de amargura inconsolada quantas almas de hoje se não estarão reconhecendo?

Devorado pelo tedio prematuro, que foi o seu grande algoz, avido de mudança, fosse ella qual fosse, impellido pelos que o cercavam, Benjamin deixou-se casar na idade de vinte e dois annos com Guilhermina, baroneza de Cram, dama camarista da grã-duqueza de Brunswick.

Foi desgraçadissimo esse casamento por indignidade da mulher e, quem sabe, se por fraqueza do marido.

O caso é que foi decretado o divorcio entre esses dois infelizes que mutuamente se haviam torturado.

Benjamin Constant escrevia no seu *Diario intimo* estas palavras bem caracteristicas.

«Estão quebradas emfim todas as minhas cadeias, as que me tornavam desgraçadissimo e tambem as

que me serviam de consolo!... Tudo, tudo desfeito! Extranha fragilidade a minha! Ha mais de um anno que eu anciava por este instante, que eu suspirava pela completa independencia que veiu finalmente. E no emtanto estremeço, sinto-me aterrado da solidão que me cerca; assusta-me esta idéa de que não pertenço a ninguem, de que ninguem me pertence a mim, eu que tanto soffri por pertencer a outrem!...»

Ainda aqui, está em *raccourci* a existencia intima, atormentada e inquieta de Benjamin Constant. O seu coração inconstante e avido não podia viver sem fortes affectos, e todavia nenhum dos seus affectos foi profundo bastante para durar, nem bastante espontaneo para escapar ao acido corrosivo de uma permanente analyse.

Logo que tinha amado deixava de amar, e a piedade natural aos apaixonados e aos fracos inhibia-o completamente de ser franco.

A hypocrisia era um resultado da sua propria commiseração e era ao mesmo tempo a permanente angustia do seu viver. Nem podia querer longamente o mesmo objecto, nem tinha coragem sufficiente de o repellir de si.

Este «estado de alma,» complicado e subtil, descreveu-o elle n'um livro immortal, n'esse *Adolphe* que nunca envelhecerá, ao passo que tantos romances do mesmo tempo se têm tornado illegiveis;

n'esse livro doloroso e extranho, em que elle conta os transes de uma alma que nem ama nem póde deixar de amar, á qual é intoleravel a idéa de suppliciar outro ser e que o supplicia continuamente por uma lei mais forte do que a sua vontade, mais forte do que o seu destino. As grandes tragedias sentimentaes que se passam entre duas creaturas, são principalmente atrozes, quando nem uma nem outra se querem ferir, quando ambas soffrem das torturas que mutuamente se infligem, quando o mal que um a outro se fazem é involuntario e é inevitavel, tem uma origem sobre a qual nem a vontade nem a razão podem ter o minimo imperio.

Que culpa têm os que amam de amar? que culpa têm os que esquecem, de esquecer? E quem póde dizer ao coração humano que minta eternamente, quem póde satisfazer-se com essa mentira, approva-la, sujeitar-se á tremenda humilhação de a acceitar? O eterno analysta, o critico implacavel que era Benjamin Constant, nunca amou durante uma hora sem perceber a ephemera cousa que é o amar, e nunca trahiu, por um pensamento que fosse, que não sentisse a degradante vileza que é trahir!..

II

Foi em 15 de Setembro de 1794 que entre Benjamin Constant e a mulher do seu destino se deu o primeiro encontro. Ella tinha 29 annos, elle 27. Estavam ambos na flôr da mocidade e do talento. Elle era um dos mais bellos homens do seu tempo; ella possuia aquella triumphante feialdade a que nenhum homem resistia. Eram de flamma candente os seus grandes olhos negros; eram de azeviche os seus fartos cabellos; o genio transbordava da sua physionomia expressiva e apaixonada e «para a sua alma de fogo, era pequeno este mundo», na phrase do seu admirador Bonstetten.

Houve um momento em que a lucidez critica da razão se annullou completamente em Benjamim Constant.

A sua imaginação transfigurou-se e fez-se enthusiasmo, e n'essa união de duas almas tão violentas, Corinna representou a força viril e Benjamin a felina e subtil complexidade feminina.

«*Madame de Staël c'est le mâle de Benjamin Constant,* dizia Saint-Beuve.»

Transpostos anti-naturalmente os papeis, como haviam elles de encontrar no amor a felicidade?

encontráram, e para elucidação dos curiosos

em taes assumptos de complicada psychologia basta ler as cartas escriptas por Benjamin Constant á sua prima Rosalia, publicadas ha annos por J. H. Menos, e esse *Diario intimo* que acaba justamente de apparecer.

Foi uma longa tempestade dolorosa, terrivel, comica ás vezes, essa ligação entre o critico subtil e a poetisa inflammada, entre o homem de vontade caprichosa e morbida e a impetuosa e ardente creatura que do seu sexo tinha principalmente a capacidade de soffrer levada aos paroxismos extremos.

Porque em madame de Staël, apezar dos seus grandes defeitos, havia uma bondade encantadora, uma bondade ineffavel, capaz dos sacrificios maximos, e uma necessidade de se dilacerar a si propria, uma sensibilidade ardente, uma ancia voluptuosa de lagrimas, uma impossibilidade de viver sem torturas, que lhe iam fazer d'esta grande paixão um calvario! Por este lado, quer queiram, quer não, era ella fundamentalmente *mulher!*

Mas fosse qual fosse interiormente a tragedia d'estes dois corações, o que o mundo viu foi a submissão extranha com que Benjamin Constant se tornou o satellite de madame de Staël. Acompanhou-a a Paris, seguiu-a em todas as suas evoluções politicas; e no salão d'ella, frequentado por tudo quanto então era illustre, elle relacionou-se com Talleyrand, Narbonne, Montmorency, Barante,

de Jaucourt e com os homens do novo regimen, Daunon, Lanjuinais, Boissy d'Ang'as, etc.

A belleza incontestavel d'este moço desconhecido, a sua palavra incisiva e brilhante, os seus longos cabellos louros annelados, aquelle seu juvenil aspecto de estudante allemão,—que tão vivo contraste offerecia com as physionomias finas, scepticas, cansadas, ou com os rostos devastados d'este grupo notabilissimo em que dois regimens sociaes se confundiam e se acotovellavam — tudo que n'elle havia de *differente* e tambem de sympathico, lhe deu em pouco tempo um logar distincto e notavel em *meio* tão vibrantemente intellectual.

Foi por essa occasião que Benjamim Constant se estreiou como publicista escrevendo em favor do *Directorio* uma brochura intitulada *Da força do governo actual e da necessidade de adherir a elle.* A sua estreia correspondeu ao ideal que sempre mais ou menos serviu, isto é, á defesa da liberdade e ao desejo de a não tornar responsavel pelos excessos de que a fazem pretexto, mas de que ella não é causa.

O seu folheto era igualmente hostil aos terroristas e aos realistas; estava na opinião média que a tão poucos espiritos agrada; a unica porém que o bom senso e a fria analyse das cousas póde inspirar a um politico sagaz.

«É notavel — escrevia então o *Moniteur* — que

um extrangeiro analyse com uma sagacidade profunda os interesses do nosso paiz, juntando ao brilhantismo e ao vigor do estylo a justeza das observações.»

Em virtude d'esta noticia do *Moniteur*, Constant reclamou e obteve, depois de varias difficuldades, o ser reconhecido como cidadão francez. Durante a Restauração houve ainda uma velleidade de o considerar extrangeiro, mas no processo instaurado por essa occasião Constant sahiu novamente victorioso.

Ao seu primeiro opusculo seguiram-se outros dois: *As reacções politicas* e os *Effeitos do Terror*, cujo fim era provar que as perseguições trazem no seu cortejo as reacções inevitaveis, e que o Terror, longe de haver sido a salvação da Republica, ia sendo simplesmenta a sua perda.

Os partidos de opposição iam-se tornando cada dia mais violentos, e Constant foi eleito secretario de um *club* republicano constitucional, creado para resistir ao desbragamento raccionario do *club* realista de Clichy e do *club* republicano do *Manège*.

Nomeado pelo primeiro Consul membro do Tribunato, Benjamin tomou o seu papel muito a sério.

Bonaparte a quem a opposição por moderada que fosse incommodava e aborrecia, dirigiu-lhe uma vez para o amansar estas palavras de mal disfarçado pedido: «Venha conversar commigo no meu gabi-

nete. Ha questões que só devem tratar-se em familia.»

Não o vencêram, porém, n'esse momento as amabilidades do *tyranno,* essas amabilidades fascinadoras para tantos e ás quaes elle tinha de succumbir mais tarde com deploravel fraqueza na vespera do terremoto final, da catastrophe definitiva.

Napoleão não era homem que supportasse a contradicção e a resistencia. Entre os membros do Tribunato que o primeiro Consul fez eliminar apparece o nome de Benjamin Constant.

Com elle, sahiram Cabanis, Andrieux, etc. — *Desnataram o Tribunato* — dizia Madame de Staël com o seu irresistivel prazer dos *bons ditos* que tantos inimigos lhe havia de trazer.

Foi depois d'isso que o salão da filha de Necker se tornou aquelle asylo das victimas do Poder, e aquelle activo fóco de opposição que tanto indignava Bonaparte e que o levou a ordenar o exilio da grande mulher.

A lucta entre o homem genial que odiava todas as manifestações da *idéa,* e a mulher superior que, tendo a rara fortuna de ser contemporanea de um heroe, ou o desconheceu ou contradisse a indole do seu proprio talento grandioso e forte, detestando essa soberba personificação da grandeza e da força, — iniciou-se então n'esta primeira ordem do exilio.

Benjamin seguiu a sua grande amiga até á Alle-

manha e fixou residencia em Weimar, emquanto ella mudava continuamente de terra; hoje em Leipzig, amanhã em Berlim, durante os verões em Coppet, sempre anciosa de movimento, de brilho, de vida social, de conversações scintillantes de que ella tomava intrepidamente a direcção, sempre saudosa d'esse Paris deslumbrador, que a repellia, e lembrando-se, em face do celeste azul do lago de Genebra, do *ruisseau* da *rue du Bac,* que por signal eu procurei avidamente, sem d'elle encontrar o minimo vestigio no Paris transfigurado do nosso tempo.

Benjamin relacionou-se na Allemanha com Schiller, Gœthe, Müller, Wieland; e entregou-se com a mais meritoria assiduidade ao grande trabalho de reunir materiaes e subsidios para um livro fundamental sobre as «Religiões», que chegou quasi no final da vida a publicar, que elle — tal é a illusão que a respeito de si proprios elaboram os mais lucidos espiritos — que elle julgava uma d'estas obras que dão a immortalidade a um escriptor, que o classificam definitivamente entre os maiores, e que no emtanto é de todos os seus escriptos o unico ignorado, o unico de que ninguem falla e ninguem se chega a preoccupar.

Foi durante estes annos de exilio que o drama dos amores de Benjamin e de Corinna attingiu a sua crise de maxima intensidade, se interrompeu al-

gum tempo por uma ruptura retumbante[1] e teve finalmente o seu doloroso e cruel epilogo no casamento de Benjamin.

Nas cartas de Sismondi a Madame de Albany que Saint-Beuve cita largamente (e que elle acompanhou de um d'aquelles primorosos estudos em que a sua penna, penetrante como um bisturi, sabe disseccar e desfibrar um coração humano até ao mais indivisivel fragmento dos seus tecidos intimos), o historiador das *Republicas intalianas,* amigo e commensal de Madame de Staël, exprime-se assim — «Constant era tal qual «Adolphe», e com a mesma ausencia completa de amor, nada menos tempestuoso, nada menos amargo, nada menos capaz de lisonjear agora e de enganar logo, por sentimento de bondade, aquella a quem havia esphacelado e torturado. É fóra de duvida que o retrato de Eleonora não tem parecenças com o de madame de Staël... mas a gente não póde deixar de a reconhecer na impetuosidade e nas exigencias do amor.

«Esta intimidade apparente, esta mutua dominação apaixonada, durante a qual elles se esfarrapavam com tudo que o odio e a colera podem dictar de mais cruel, é exactamente a historia d'elles dois.»

[1] Foi justamente no tempo a que nos referimos que houve na vida sentimental de madame de Staël o episodio interessantissimo narrado por nós na *Vida do Duque de Palmella, D. Pedro de Souza Holstein.*

III

O *Diario intimo* de Benjamin Constant vem hoje confirmar tudo que tinha sido adivinhado atravez do seu *Adolphe*, tudo que tinha sido observado por amigos communs, tudo que a familia de Constant divulgava, pelas scenas que mau grado seu tinha de presenciar a cada instante.

Ha cartas de mademoiselle Rosalie Constant escriptas a uma cunhada e publicadas por J. H. Menos, que são n'este ponto de um realismo e de uma eloquencia incomparaveis.

Não se trata aqui do facto vulgar de inconstancia de um homem para com uma mulher que amou, trata-se de um problema de coração muito mais intrincado e muito mais difficil. Elles não se amavam já, mas não podiam separar-se.

Se a mulher violenta, viril, excessivamente apaixonada, repellia tudo que havia de feminino e delicado e subtil no organismo complicado de Benjamin, o seu espirito é que não podia passar sem o espirito da Staël; o mesmo lhe succedia a ella.

«Desde sempre os dois espiritos de Benjamin Constant e de madame de Staël se tinham combinado muito melhor que os dois corações. Aqui está o motivo por que elles depois de cada ruptura rea-

tavam outra vez as relações.» Isto diz ainda Sainte-Beuve.

«Com todos os seus defeitos, diz Benjamin no seu *Diario intimo,* ella é para mim superior a tudo... De coração, de espirito, de abandono de pensar, não estou bem senão perto d'ella.»

E volta, para fugir d'alli a nada, furioso com a cadeia apertada que lhe cinge e arroxeia os pulsos, furioso da tyrannia que ella exerce, dos seus gritos, das suas violencias, das suas impetuosas e phantasticas scenas, e no meio d'este drama intimo em que dois destinos se jogam, ha em Coppet uma série de representações dramáticas a que assistem superioridades intellectuaes da Europa inteira, e Corinna representa de *Phedra* e de *Andromaca* e entre dois ensaios cahe desmaiada, e grita e implora e exhorta; e o barulho, a alegria de Coppet não afrouxam um momento, comquanto nada haja mais cruel do que o que se está passando, nos entre-actos de duas tragedias classicas, na vida de madame de Staël e de Benjamin Constant.

A conversação em Coppet é um verdadeiro encanto. De Constant se disse que era o homem de mais espirito depois de Voltaire. Quanto a madame de Staël, sabe-se que extraordinaria conversadora ella não era! Juntos, os dois faziam-se mutuamente valer.

Nem de um nem de outro ficaria fazendo uma

idéa verdadeira quem os não visse juntos, n'uma d'essas justas da palavra, em que ambos punham o que de melhor havia no seu espirito. Uma, a eloquencia extraordinaria, o fogo, a inspiração; outro, a finura, o brilhantismo, a graça incisiva e mordente.

Em torno de Corinna agrupava-se uma parte e a mais brilhante da Europa intellectual e mundana, e quando depois dos dois terem deslumbrado, quasi que fatigado á força de tensão cerebral, o seu brilhante auditorio, elles se encontravam em particular, a tortura recomeçava, as recriminações accendiam-se faiscantes, as scenas tragicas desenrolavam-se com uma desesperante e incuravel violencia.

Parecia que ao cabo de uma d'estas crises medonhas o logico era separarem-se os dois. Não podiam! Sentiam ambos que ao contacto espiritual um do outro, a chamma dos seus dois cerebros se accendia em scintillações vivas, que nenhum d'elles era completo e grande quando o outro estava ausente. E apezar de tudo, e mesmo depois da ruptura definitiva do amor, foi assim até á morte d'ella.

Ouçamos ainda Sismondi, testemunha ocular e insuspeita: «Não conheceu madame de Staël quem a não viu ao pé de Benjamin Constant. Só elle tinha a faculdade, em virtude de um espirito igual ao d'ella, de pôr em movimento todo o seu genio, de a fazer crescer na lucta, de acordar uma eloquen-

cia, uma profundidade de alma e de pensamento, que nunca se manifestaram em todo o seu brilho senão nos momentos em que os dois discutiam juntos. Tambem elle nunca mais foi o que era em Coppet. Quando depois de madame de Staël ter morrido o tornei a encontrar, não me pareceu o mesmo homem, tão apagado e tão triste estava.»

*

* *

Mas infelizmente e apesar das verdades que este juizo inclue, uma ligação chegada á crise aguda a que esta chegára não podia subsistir sem que os dois perdessem muito da sua dignidade já bem abalada. Benjamin Constant resolveu cortar o nó gordio d'esta vida incomportavel, prendendo-se em novos laços.

Segue-se no *Diario intimo* a historia do seu casamento, historia deploravel, historia inexplicavel, que dá bem a medida da fraqueza irreductivel d'este caracter de homem, da sua falta de senso moral, da permanente hesitação em que a vida se lhe consumiu.

Benjamin conhecêra e cortejára em tempos Carlota de Hardenberg, e foi n'esta mulher que pensou, ao querer sacudir as cadeias que o prendiam á outra.

Ella era boa, mansa, pacifica, quasi estupida; o

perfeito constraste com a sua brilhante rival. Tinha, é verdade, casado duas vezes, e duas vezes se havia divorciado e ambos os maridos estavam vivos. Paciencia! Nada d'isto fez recuar Benjamin.

Antes de tomar a definitiva resolução de casar com Carlota, Benjamin propoz a madame de Staël o desposal-a. Ella porém recusou-se a mudar o seu nome para o de madame Constant «com receio de desorientar a Europa.»

Desde esse dia, Benjamin entendeu que não tinha mais conveniencias a guardar e pediu em casamento a boa e mansa allemã.

Levou muito tempo a realisar-se e sobretudo a publicar-se este casamento um tanto ridiculo. Para o fazer acceitar a Corinna, que de esforços não foi preciso empregar; e a principio, que de esforços vãos!...

Benjamin ora resistia, ora se sujeitava vencido. Hoje deixava-a para ir ter com a sua noiva, amanhã abandon va a noiva doente e desesperada, para se atirar de novo ao abysmo da sua desordenada paixão.

Entre as duas mulheres, o papel de Constant é tragico e comico a um tempo. Não consegue desligar-se de uma, nem consegue viver em paz com a outra. Finalmente realiza-se o casamento, e depois de novos episodios dramaticos, Benjamin separa-se definitivamente de madame de Staël!

*

* *

O *Diario intimo* interrompe-se n'esta data e recomeça mais tarde em 1811. Para encher esta lacuna importante ouçamos Saint-Beuve:

«Constant casa secretamente com Carlota, chega com ella a Secheron, ao pé de Coppet e manda chamar madame de Staël sem lhe dizer para quê.

«Esta chega á hospedaria, e é recebida por madame Constant, a quem trata muito mal. O que mais a impacienta n'esta absurda entrevista é a semsaboria allemã da pobre creatura sentimental, que não faz senão dizer-lhe:

«Benjamin é tão bom, bem vê, elle é tão bom!...

«Casado ou não, madame de Staël reapossa-se d'elle e parte para Lyão, levando-o atraz de si.

«Constant leva tambem comsigo a mulher, mas deixa-a continuamente só, para estar ao pé de madame de Staël.»

Carlota resolve finalmente suicidar-se; toma uma poção venenosa, e consegue d'este modo o que não teria conseguido nunca, sem uma d'estas scenas tragicas em que o pobre Constant era sempre vencido.

Os quatro annos que se seguiram a esta crise tão aguda são de um tedio insupportavel para Benjamin.

Torturam-no, perseguem-no dia a dia as saudades d'aquella vida que tanto tinha odiado.

Lembra-se d'ella, do seu *bel orage,* como no *Adolphe* lhe chamou, e não ha meio de esquecer o bem perdido, esse bem que tantas agonias amarguravam, mas que era tão intenso e o fazia viver tanto.

Antes «a torrente que o arrastava, então» que o fardo «a cujo peso hoje succumbe.»

No emtanto o seu pensamento dominante é não tornar infeliz a pobre mulher que lhe confiou o seu destino, accidentado já por tantas aventuras. Fraco e bom, «não fazer mal,» é sempre o seu desejo, e comtudo elle passa na vida «fazendo mal» a todos que se approximam do seu coração inconstante e dolorido!

Em 1814 Constant regressou a Paris.

O seu opusculo intitulado *Do espirito de conquista e de usurpação,* tinha feito uma sensação profunda na Europa cançada de guerra e despotismo.

O talento de Benjamin attrahe, como sempre, as attenções dos que dominam.

O Imperador Alexandre deseja conhecel-o; Talleyrand faz-lhe a côrte; os seus artigos dos *Debates* em favor da Constituição e da liberdade de imprensa excitam o mais benevolo interesse no publico.

O estado da alma de Constant é todavia o de um abatimento absoluto, e é n'estas horas de tristeza

sem consolo e sem esperança que um temperamento como o d'elle é accessivel a toda a especie de tentações.

Tentou-o a *coquetterie* fria e implacavel de uma mulher tão bella como antipathica!

As cartas publicadas em volume, de Benjamin Constant a Julieta Récamier, descrevem melhor do que eu podia fazel-o a crise imprevista e aguda que então se abriu na sua vida um tanto desorientada.

Foram dezoito mezes de loucura durante os quaes elle commetteu o acto mais reprehensivel e um dos mais celebres da sua vida.

Na vespera da entrada de Napoleão em Paris, durante os «cem dias» Benjamin publicára nos *Debates* o famoso artigo cujas palavras finaes denotam uma coragem violenta e rara.

«Não irei, miseravel transfuga, arrastar-me de um para outro poder, cobrir com o sophisma a infamia, e balbuciar palavras profanadas para salvar uma vida de vergonha.»

Depois de ter escripto estas phrases imprudentes, os amigos que julgavam a sua segurança ameaçada, pediram-lhe para não esperar pela chegada de Napoleão. Constant resolve-se a partir para Inglaterra, via de Nantes, mas a idéa de não vêr madame Récamier é mais forte do que todos os terrores.

Alguns dias depois, o Imperador, longe de lhe pedir a cabeça reclama d'elle... uma entrevista.

Benjamin vê-o, ouve-o, deixa-se fascinar, e acceita o encargo de redigir para o Imperador um projecto de Constituição, acceita um lugar de membro do Senado, constitue-se n'um dos defensores do Imperio...

Quando depois de Waterloo os Bourbons entraram novamente em França, a posição de Benjamin Constant era tão melindrosa que resolveu emfim retirar-se para Inglaterra, onde publicou o *Adolphe* e d'onde sahiu em 1816 assignalando a sua chegada a Paris por um novo tractado — Da «Doutrina politica e dos meios de harmonisar os partidos em França.»

Foi este o momento da sua maior actividade de publicista; succedem-se as brochuras politicas por elle publicadas e é finalmente eleito deputado em 1819.

Os discursos pronunciados por Benjamin Constant desde 1819 até 1827 constituem dois volumes. Poder, flexibilidade e força de argumentação, todas as qualidades intellectuaes do eminente escriptor se condensam n'esses discursos notabilissimos, falta-lhes porém a flamma interna, a crença em alguem ou em alguma cousa. A sua vida politica durante a Restauração foi ao mesmo tempo gloriosa e triste!

Passava o dia na tribuna, a tarde á banca de escrever, a noite, á banca de jogo.

Quanto áquelle grande livro em que elle passou a existencia a trabalhar, a ponto de considerar *perdidos* os dias que lhe não consagrava; quanto á sua obra fundamental sobre as Religiões, essa é rara a pessoa que chegue a saber que ella existio!

Concluindo estes artigos que já vão longos, citemos como remate este juizo de Sismondi que me parece justo e definitivo:

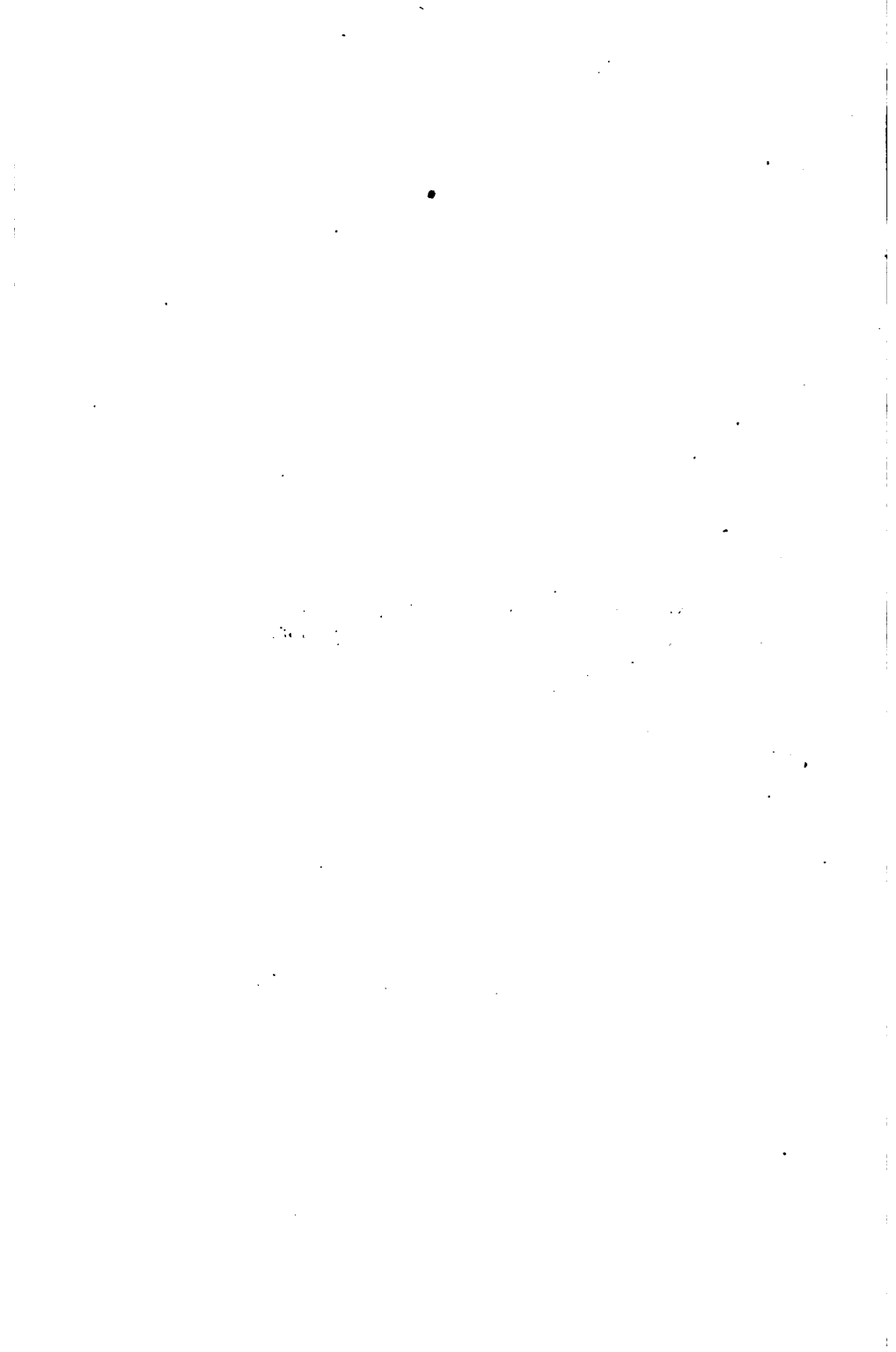
— «Benjamin Constant conservou-se inferior áquillo que promettèra e que podia ter sido, mas elevou-se ainda assim muito acima dos seus contemporaneos todos.

«Em politica fundou mais doutrinas que os que deram a si mesmos o nome de Doutrinarios; em philosophia o seu trabalho sobre as «Religiões» contém mais verdades ineditas do que nenhuma das tres escolas oppostas de Lamennais, de Cousin e de Tracy.

«Em litteratura mesmo (é hoje para nós aquillo em que elle vale mais) parece bem superior a toda a Academia que o julgava.

«E' só comparando-o a si proprio que a gente percebe tudo quanto lhe faltou.»

Madame de La Fayette

I

Na collecção dos *Grandes escriptores francezes*, publicada pela livraria Hachette, e que já conta valiosissimos estudos biographicos — taes como *Victor Cousin*, por Julio Simon; *George Sand*, por Caro; *Turgot*, por Léon Say; a madame de Staël, de Albert Sorel; e ainda uma encantadora e espirituosa biographia de *Bernardin de Saint Pierre*, o auctor de *Paulo e Virginia*, pela intelligente e bem informada escriptora que se assigna com o pseudonymo de Arvéde Barine, — na notavel collecção acima mencionada, publicou-se ha pouco um volume consagrado a madame de La Fayette pelo academico orléanista o conde de Haussonville, já bastante conhecido dos portuguezes pelas visitas que têm feito a Lisboa, em companhia do conde de Paris, e ainda mais conhecido nas lettras francezas, por varias

obras de critica e de biographia bastante apreciaveis.

A figura de madame de La Fayette não é realmente d'estas que destaquem com relevo extremamente vigoroso, ou que se tornem populares a todas as classes sociaes, pelo prestigio de um talento brilhante e accessivel; mas não ha ninguem, medianamente cultivado, que a não conheça mais ou menos, já pelas suas cartas, publicadas entre as da encantadora marqueza de Sevigné, que tão affectuosamente se referem tambem a ella com frequencia muito lisonjeira, já pelas suas obras litterarias de uma graça e de uma belleza singular para o tempo em que foram escriptas.

Póde affirmar-se, sem receio de errar, que a primeira creadora do romance psychologico de que tão lamentavelmente tem usado e abusado o nosso tempo, e do qual possuimos comtudo alguns admiraveis exemplares — foi madame de La Fayette. A *princeza de Clèves*, foi a avó de *Cruelle Énigme;* de *Cœur de Femme,* de *Crime d'amour*, etc., etc.

A sua encantadora penetração feminina creou um genero adoravel, ou quesilento, conforme o gráu em que tenha de ser applicado e o talento que o realizar litterariamente...

Ainda outra circumstancia torna interessante a figura velada e senhoril de madame de La Fayette.

Ella teve a gloria de ser amiga de madame de Sevigné durante quarenta annos e amiga de Henriqueta de Inglaterra, até aquelle seu ultimo suspiro que Bossuet fez immortal. Teve tambem o supremo dom de inspirar a La Rochefoucauld, o auctor das *Maximas* mais pessimistas que ainda se escreveram, um d'estes profundos e mysteriosos affectos, que se impõem ao respeito do mundo irreverente, pela intensidade religiosa que, atravez da sua discreta expressão, elle adivinha, e que mesmo, mau grado seu, o enternecem e lhe desarmam a malicia cruel.

O conde de Haussonville não procura sondar, nem delimitar rigorosamente a profundidade e o espaço que esse grande affecto occupou na vida de madame de la Fayette. Se foi um amor absoluto até ao esquecimento de todos os deveres, ou uma amisade apaixonada até ao desdem soberbo de todas as convenções. O caso é que o alto mundo Jansenista, devoto, escrupuloso, que cercava a grande figura de La Rochefoucauld e a graciosa e fragil figura de madame de La Fayette o acceitou, o absolveu, o sanccionou nobremente. Não nos compete agora a nós, n'este cahotico periodo, em que todas as transigencias se alliam com todos os cynismos, pedir contas á nobre senhora de cousas de que lhe não pediram explicações os seus amigos, que pertenceram á mais distincta *elite* intellectual, moral e aristocratica da França de Luiz XIV.

Seria demais a mais tão extemporaneo este ataque de rigor, que sob pena de ridiculo, o conde de Haussonville teve de eximir-se á sua tardia manifestação. Esta especie de crimes prescreve para a posteridade que tem de os julgar, dois seculos depois de perpetrados. Pondo portanto de parte, como no fim de contas a puzeram os contemporaneos de madame de La Fayette, a parte melindrosa e delicada d'esta questão de psychologia, o que não póde deixar de confessar-se é que devia possuir um singular encanto a mulher que desarmou, com a sua graça melancolica e o seu sorriso pallido e doentio, a terrivel ironia d'esse antecessor de Schopenhauer, em quem o odio do homem e o despreso da mulher se complicavam da profunda experiencia com que a Vida, — a vida de cortezão, de guerreiro, de politico e de amante — o enriquecêra com respeito aos dois sexos.

Emquanto que o philosopho de Francfort não tem da vida humana senão a noção abstracta e o conhecimento a *priori* que a sua modesta existencia de burguez allemão, puerilmente maniaco, lhe podia fornecer, e tudo tira do seu potente cerebro, La Rochefoucauld para conhecer e julgar os homens e as mulheres, para lhes sondar o egoismo, o interesse, a hypocrisia, o vicio, a maldade ingenita, a *coquetterie* cruel, póde dizer que foi amante de madame de Longueville e que viveu em plena intriga

frondista na côrte mais civilisada e mais corrupta do seculo...

E no emtanto elle, que despiu o amor de todos os ouropeis com que o veste a cubiça humana, para tornal-o menos brutal; a amisade de todas as côres com que se disfarça o nosso egoismo; o interesse de todas as desculpas de que a nossa astucia o enfeita; a verdade, emfim, de todas as periphrases lisonjeiras de que ella se sobrecarrega para nos parecer menos dura; elle amou, vencido, seduzido, com uma ternura fiel, com a insaciavel sêde da sua presença permanente, essa delicada mulherzinha, de alma tão fina, de coração tão leal, de tão penetrante e subtil encanto, que se insinuava sem esforço, e se conservava sem coquetismo, dentro da alma em que um dia lhe aprazia escolher guarida.

Amou-a, até o momento em que expirou nos braços de Bossuet...

As cartas de madame de Sevigné revelam aos amadores d'este genero de resurreições historicas qual a vida que madame de La Fayette levava em Paris, n'aquelle periodo do seu outono, de todos o mais interessante para o biographo, em que La Rochefoucauld a visitava quotidianamente. *Nossa Senhora de Livry*— como á Marqueza de Sevigné chamava Horacio Walpole, entrava, não raro, como um terceiro bem escolhido, na pratica e na conversa dos dois amigos. Conversava-se em mil assumptos

de requintada psychologia ao sabor do tempo, mas havia tardes de verão, em que reunidos no jardim, os tres se deixavam pouco a pouco penetrar da melancolia que distilava naturalmente d'essa alma sombria de La Rochefoucauld, e então a conversa era triste, tão triste «que d'alli a enterrar-se a gente não ia muito» segundo a propria Sevigné affirma.

A mocidade de madame La Fayette fôra passada em pleno meio *precioso* e littterario.

Aprendêra latim com Ménage; correspondêra-se com Segrais; fôra intima de mademoiselle de Scudéry; tivera um nome arcadico como todas as celebridades do seu tempo, etc. Na côrte onde *Madame,* a cunhada de Luiz XIV, a distinguiu com intimo affecto, madame de La Fayette encontrou sempre, mesmo da parte do rei, o acolhimento mais favoravel e mais affectuoso. Quando muitos annos depois da morte d'essa juvenil princeza de quem ella contou, em um delicado livro, a vida infeliz e a morte tragica, madame de La Fayette procurou um dia em Versailles o monarcha, então no apogêo da sua grandeza semi-olympica, o acolhimento singular que este lhe fez, provou aos cortezãos perspicazes do tempo, quanto a lembrança de *Madame* estava ainda viva no coração do rei.

Na amiga de Henriqueta, elle viu ou julgou vêr resurgida a morta encantadora, diante de cuja agonia os seus olhos tinham chorado talvez pela ultima

vez, e com cujo corpo gracil se enterrára a sua mocidade...

Madame de La Fayette tem em Paris,—não um salão, n'esse tempo não se dizia *salão,* — um *réduit* onde se reuniam os illustres do tempo. N'esse *réduit* encontram-se alternadamente todos os personagens que então figuravam ou na scena litteraria ou na scena do mundo. Racine, Boileau, Lafontaine, Huet, Ménage, Segrais, parece terem tido mais ou menos entrada na familiaridade d'essa mulher em quem os dotes da intelligencia e do coração se entrelaçavam tão singularmente.

Do marido pouco ou quasi nada podemos dizer. E' um personagem mudo. Sabe-se que existiu pelos dois filhos que deixou e pelo nome que deu.

Mais nada. Mas taes eram os costumes do seculo. Tambem n'este ponto não temos o direito de ser mais rigorosos do que o proprio Bossuet.

O conde de Haussonville segue com viva attenção e contagiosa sympathia todas as phases d'esta vida de mulher, bastante accidentada, que d'um berço modesto e d'uma esphera humilde se eleva até á plena luz da Historia, atravessando *meios* diversos, todos interessantissimos, conhecendo e tratando de perto os personagens mais notaveis do tempo, desde essa gentil Henriqueta de Inglaterra, tão poetica e tão attrahente, até ao acre moralista das *Maximas,* desde madame de Sevigné, a mais

encantadora de quantas mulheres celebres deixaram as suas garatujas ao mundo, até ao rigoroso director da consciencia dos ultimos dez annos, Du-Guet — que á pobre alma que conhecêra a plenitude do amor terrestre, e se não podia consolar de o haver perdido, apontou como objectivo supremo a posse de outro amor, o unico que todos resume e todos funde em si, o unico que póde consolar orphandades de coração iguaes á que levou madame de La Fayette aos pés do altar, o unico que a poderia fazer esquecer, e quem sabe se renegar, essa felicidade, essa delicia, que uma affeição humana lhe tinha feito beber a longos tragos...

Dir-se-hia que uma existencia tão cheia, tão povoada e ainda em cima torturada infatigavelmente pela doença physica, não teria um momento que dar ao trabalho litterario. Madame de La Fayette não foi nunca uma mulher de lettras, mas foi uma escriptora. Hoje é uma escriptora classica. E' sob este aspecto que menos avultou na sua vida, que ella merece viver na memoria dos homens.

II

O verdadeiro titulo de gloria de madame de La Fayette, perante a posteridade, é o seu livro — a *Princeza de Clèves*. Este romance foi, como dissemos, novamente e luxuosamente impresso ha pouco

tempo, e não faltaram commentarios á sua elegante apparição, assignados pelos nomes mais notaveis da critica contemporanea.

Anatole France foi um dos que applicaram á analyse d'este livro todo o encanto capitoso e perturbante da sua prosa.

A *Princeza de Clèves* não é o primeiro nem o unico romance de madame de La Fayette.

Antes d'isso já ella publicára *Mademoiselle de Montpensier* e *Zaïde,* mas nenhum attrahira a sympathia e a attenção que este pequeno volume encantador excitou entre os delicados.

O romance move, realmente, um dos problemas mais melindrosos e mais obscuros do coração humano. Não é uma d'estas questões que resolve seguramente quem tenha principios firmes e idéas assentes sobre moral, mas uma cousa muito mais complexa, e para a resolução da qual não basta o bom senso vulgar, nem mesmo a intelligencia esclarecida e culta.

E' o seguinte o enredo do livro:

Mademoiselle de Chartres é uma das mais formosas e opulentas herdeiras da França. Tem todos os encantos e todas as perfeições que no seculo XVII precisam de ter as heroinas do romance, a quem hoje, entre parenthesis, basta, por exemplo, um olhar perverso, um nariz espirituoso, uma toilette de Worth.

Esta não.

Tem uma pelle, uma alvura, uns olhos e uns cabellos como não ha.

O principe de Clèves encontra-a — por signal que em casa de um joalheiro, cousa que mereceu os reparos da critica no tempo em que o livro appareceu, —namora-se violentamente de tantas perfeições incomparàveis, e casa com ella, sem lhe haver inspirado um affecto excessivo.

Levada pelo marido a um baile da côrte, a princeza encontra alli o Duque de Nemours, de quem ouvira fallar a toda a gente, como do homem mais gentil, mais bem feito, mais seductor emfim, que então brilhava n'aquellas altas regiões mundanas. Approxima-os o acaso, dansam juntos, entre o murmurio dos louvores. O duque fica perdido por ella, e a princeza sente-se perturbada, inquieta, quasi rendida...

Esta commoção cresce, aggrava-se em todas as vezes que se encontram; o duque, sem se declarar abertamente, deixa adivinhar o que sente. A mãe da princeza morre-lhe justamente quando ella tinha mais necessidade de quem a amparasse moralmente n'essa lucta intima que se prenuncia e se accentua. A princeza tem medo de si, medo do que sente tumultuar confusamente no seu coração de mulher. Refugia-se então no campo, e lá, tendo posto entre ella e o homem a quem sente que ama

ou que vai amar, como primeiro obstaculo, a distancia, chama o marido e faz-lhe a impetuosa confissão de tudo que sente, de tudo que soffre, de tudo que receia...

A delicada penetração que madame de La Fayette tem dos mysterios do coração humano torna de uma verdade pungitiva e sublime todo este lance.

O marido perdôa, mas allucinado de dôr. Como o ciume é o mais brutal dos instinctos no homem, e como este, por muito bom e nobre que seja, não póde escapar á lei commum, em breve esta suprema abnegação, que se traduz primeiro em accrescimo de confiança e de ternura, perverte-se a ponto de se transformar na mais vil e incomportavel suspeita.

Dizem-lhe falsamente que a mulher recebe em segredo o Duque de Nemours, e o desgraçado acredita. O ciume acredita em tudo. Para o homem ciumento até a propria vista se torna um orgão ou pervertido ou inutil. *Vendo* a innocencia da mulher amada, o homem duvida mil vezes d'ella, como outras vezes *vendo* o seu crime, elle é capaz, — nas revira-voltas subitas que n'esta paixão são habituaes, — de duvidar de si proprio e de render-se á palavra mentida que por momentos, rapidos muito embora, o arrancar do infernal supplicio.

Este acreditou que o enganava, que o trahia, a mulher que para o não trahir fazia a maxima he-

roicidade e lhe confessava a sua fraqueza e o seu medo.

Este desengano é tão cruel que o mata em pouco tempo. Então, quando á hora da morte elle lança em rosto á esposa a imaginaria traição, esta consegue ainda justificar-se, provar a sua innocencia, que a lealdade heroica d'aquella primeira confissão devia garantir aos olhos de um homem menos apaixonado e menos doente!

O moribundo, n'este momento, por um impulso de egoismo bem humano, e que abona em favor da penetrante observação de madame de La Fayette, tem uma suprema supplica, que vai interpôr eternamente a sua imagem entre a mulher por quem morre e a felicidade que ella talvez sonha... Pede-lhe que em paga da sua vida perdida lhe fique fiel, como se elle ainda vivesse. Que não case com o outro!

E ella não casa!

O remorso punge-a com espinhos agudos; sente-se responsavel por essa morte. Embora goste loucamente do outro, tão loucamente que só na sua temeraria franqueza achou o segredo de lhe resistir, embora seja moça e tenha todos os direitos á felicidade, ao amor, ás delicias que a vida ainda porventura lhe guardava, a princeza de Clèves consagra o resto da vida á penitencia austera, e morre ainda em plena mocidade, consumida pela dupla

agonia em que duas imagens se entrelaçam para mais atrozmente a torturarem.

Por esta rapida descripção mal se percebe quanto interesse, que paixão intensa, a viva sensibilidade doentia de uma mulher podia prestar ás paginas do celebrado livro.

Pois foi n'este tecido aereo que madame de La Fayette bordou, com o applauso de dois seculos, os arabescos e as graças da mais encantadora fantasia; que ella entrelaçou os fios tenues da mais penetrante e delicada analyse; que ella desenhou as mais sympathicas figuras, e affirmou a sua originalidade e o seu talento de modo a conquistar-lhe um lugar distincto entre os primeiros romancistas.

O livro fez logo immensa bulha e o echo da sua fama foi-se prolongando e repercutindo-se até hoje. Apezar de apparecer sem nome de auctor e de madame de La Fayette negar teimosamente que o houvesse escripto, todos o attribuiram logo a ella ou a La Rochefoucauld.

Mas se todos concordavam em descobrir a origem do romance, não tinham fim as questões, as disputas que em torno d'elle se travavam.

Madame de Sevigné acha-o encantador, Bussy, cynico e brutal como foi sempre, acha extravagante a confissão da esposa, e mais extravagante ainda a resistencia da mulher! Appareceram varios folhetos, trocaram-se cartas; cada um apresentava a sua

opinião, o seu alvitre acerca do problema de sentimento que alli tão subtilmente se debatia.

Esta controversia, de uma extrema vivacidade, revela a importancia extraordinaria que perante a critica do tempo o pequeno volume conquistára. Multiplicaram-se as edições, appareceu uma traducção ingleza e uma parodia tambem ingleza que se representou em Londres.

Fontenelle confessava mais tarde que o tinha lido quatro vezes; Bayle criticou-o com certa aspereza, achando que o auctor se tinha afastado, n'aquellas complicações de sentimento e n'aquelles extremos de generosidade que punha em acção, das boas leis naturaes que devem ser sempre respeitadas, mesmo na sua grosseira realidade.

Não tem havido nm unico critico em França, desde que madame de La Fayette escreveu o seu admiravel romance, que se não tenha occupado d'elle.

Já citámos no seculo XVIII Fontenelle e Bayle. Citemos ainda Marmontel, Voltaire, La Harpe e no nosso tempo, Sainte-Beuve e Taine, que collocaram o livro na verdadeira altura de onde mais ninguem ousará deslocal-o, e onde a critica de France, de Lemaitre, etc., etc., se apraz em confirmar que elle se manterá, emquanto no mundo houver cultura e gosto.

Distingue-se o formoso romance pela sua fórma

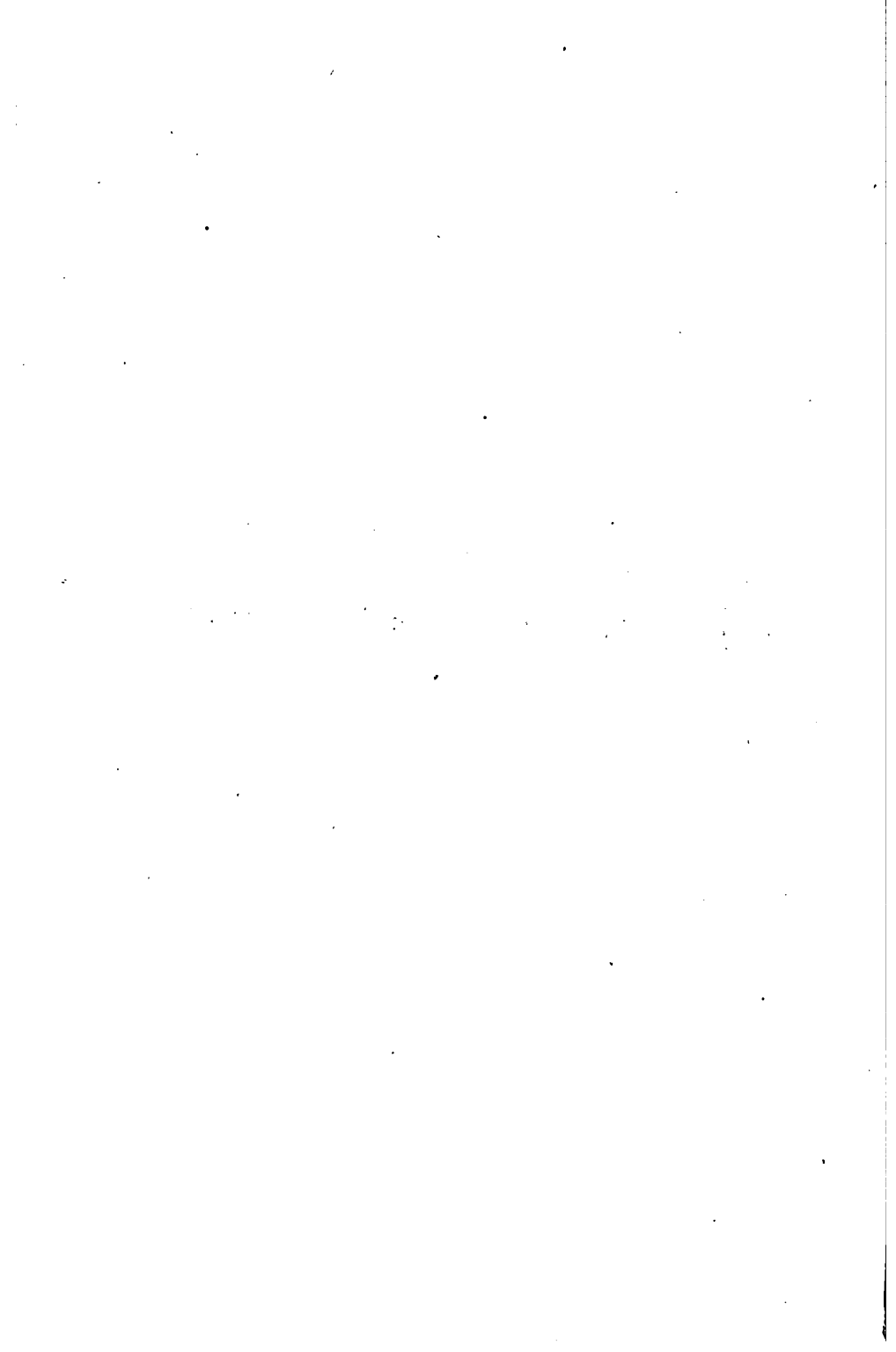
requintada de uma graça, de uma elegancia, de uma delicadeza puramente, essencialmente femininas, e que não tinham ainda sido assim realisadas em uma ficção romanesca; pela novidade dos sentimentos e dos personagens que põe em scena; pela analyse fina e cuidadosa dos mil segredos do coração humano e pela sensibilidade que acompanha e como que enternece e suavisa essa analyse penetrante e sagaz.

Madame de La Fayette fez *psychologia* sem o saber; nem o processo nem a palavra estavam ainda na litteratura e no diccionario.

Mas, fel-a como poucos romancistas, porque pára estudar um coração de mulher tinha a superioridade de ser mulher e de saber analysar-se, estudar-se, disseccar-se a si propria.

O *marido,* que na litteratura dos *fabliaux,* das novellas, dos contos e das comedias era o personagem sacrificado e ridiculisado, é n'este livro um dos mais interessantes; póde mesmo dizer-se que Madame de La Fayette fez á litteratura um preciosissimo dom, n'esta figura que ella inventou e idealisou.

É-nos agradavel concordar aqui com muitos escriptores notaveis, dizendo que a *uma mulher* se deve a creação do romance de analyse, o unico que póde interessar como documento para a historia do nosso indecifravel coração.

Renan, Ma Soeur Henriette

I

DEPOIS de alguns annos passados sobre o momento da sua morte, que para a litteratura universal constituiu uma perda enorme, Renan acaba de ter em França e, portanto, na Europa, um *renouveau* de actualidade e de celebridade bem sympathica.

Ambas as cousas se devem á publicação simultanea do opusculo intitulado: *Ma sœur Henriette,* e das cartas trocadas entre Renan e esta adoravel irmã nos dias da sua bem longingua mocidade.

Ma sœur Henriette não era uma obra inedita quando agora appareceu impressa em milheiros de exemplares. Essa dôce confidencia de um affecto sublime, essa biographia de uma mulher que, obscura embora, tinha sido admiravel, já Renan a publicára em 1862 sob o titulo: *Henriette Renan (Souvenirs pour ceux qui l'ont connue),* mas

essas paginas não eram destinadas ao publico, e foram dadas por Ernesto Renan unicamente aos amigos de sua irmã e d'elle.

Esses que então a lêram sentiram uma profunda impressão, mas puderam talvez pensar que o modo porque Renan fallava da sua querida irmã morta, era mais depressa a inspiração de um grande affecto amplificador e apaixonado, do que a real expressão de uma verdade. Seria ella grande como elle a descreve n'essas paginas, de certo das mais bellas que esse magico do estylo, que esse encantador da palavra escripta, gravou em lettras immortaes? Seria realmente aquella musa austera, aquella santa inspiradora de tudo que foi abnegação, sacrificio, heroico desprendimento dos bens terrestres, renunciamento por amor da verdade ás commodas transigencias e aos artificios jesuiticos com que o entendimento se dobra á vontade e a razão se submette ao calculo; de todas estas virtudes emfim que no caracter de Renan tão admiravelmente contradizem o apregoado *dilettantismo* da sua philosophia?

A estas perguntas que tantos tenham direito de fazer, responde hoje a publicação feita na *Revista de Paris* da longa correspondencia trocada entre Henriqueta Renan, que por amor dos seus se fizera preceptora nas mais inhospitas regiões da Polonia, e Ernesto Renan, então seminarista em Saint Ni-

colas, o pequeno seminario de Monsenhor Dupanloup.

Fôra por abnegação e para pagar as dividas que o pae tinha deixado, e para que a mãe conservasse a pequena casa familiar de Tréguier onde Renan tinha nascido, que Henriqueta se sujeitou á triste e dependente vida de preceptora e de preceptora em terra extranha e remotissima.

Um dia, a pobre e doce rapariga bretã, arrancava-se á sua patria querida, atravessava a Floresta Negra e toda a Allemanha do Sul coberta de gelo, atravessava os Carpathos e internava-se no triste castello de Clemensow, nas margens do Bug, residencia sombria e gelida onde consumiu dez annos de sua vida, e d'onde, ao cabo d'elles, voltou envelhecida e para sempre marcada pela doença e por uma incuravel melancolia, mais devoradora ainda do que ella.

É verdade tambem que a intervallos, durante esses dez annos de exilio, Henriqueta Renan residiu temporariamente com a familia principesca, cujos filhos educava, em Varsovia, em Dresde, em Veneza, Florença e Roma; Roma principalmente, a que ella chamava a *cidade das almas,* e que na sua mente naturalmente religiosa, mas liberta desde muito de qualquer dogma particular, fez em todo o caso uma impressão profunda, inolvidavel...

Mas são da Polonia as cartas que a *Revista de*

Paris publica nos seus numeros de Agosto e Setembro ultimo, e essas cartas são, como lhes chama um eminente critico moderno, o mais bello, o mais interessante romance que essa *Revista* publicou desde o seu começo.

Indispensaveis para todos aquelles que desejam conhecer minuciosa e profundamente a vida intellectual de Renan, que é, guardadas as devidas proporções, a vida intellectual da sua geração; preciosisimas para os que mais tarde escreverem a historia philosophica d'este seculo em que um mundo conclue e outro começa, essas cartas serão lidas até pelos profanos com um encantamento, uma delicia, uma admiração sem mistura.

Os que sabem quanto foi casta, alheia ás paixões terrenas e ás experiencias sentimentaes, a vida de Renan, mais cerebral do que outra cousa, invejal-a-hão agora, ao lerem essas cartas e ao perceberem a que profundezas ignoradas, desconhecidas para tantos, foi amado esse homem, que por muitos era talvez considerado com um desdem compassivo, como um homem incompleto, ignorante do amor e dos seus mysterios.

Não foram amores tempestuosos nem romanescas aventuras ephemeras as que lhe povoaram a vida, toda occupada na contemplação dos mais altos problemas, toda absorta na investigação das verdades mais sublimes; mas a irmã que o acompanhou, con-

fortou e guiou durante a mocidade, era uma mulher superior e de tão alta consciencia que não sei dizer se, excluida ella da existencia de Renan, elle teria sido o que foi; e todos sabem que o grande amor de uma mulher é um thesouro sem preço, e a divina ternura que a esta mulher *d'elite* Renan inspirou, é bastante para glorificar e preencher o destino de um homem, por mais ambicioso e exigente que esse homem fosse.

Note-se que mais tarde a esposa de Renan, filha do pintor Ary Scheffer continuou a obra de amor de Henriqueta, accrescentando-a, completando-a, e que, portanto, a idéa em que por largo tempo se esteve de que Renan não conhecia senão o mundo do pensamento, e não tivera a experiencia que outros homens têm da mulher e da sua graça melindrosa, e do seu encanto alliciador e supremo, é uma idéa inteiramente erronea.

Não conheceu talvez mulheres más; boas, ninguem as conheceu como elle.

Se o feitio de Renan se conservou um poucochinho clerical, se houve n'elle até o fim, não sei que stygma com que a vida sacerdotal marca os seus predestinados, não é que não conhecesse, pela intimidade e pela apaixonada ternura de duas mulheres raras, o que a sensibilidade tem de mais exquisitamente delicioso, o que a vida de coração tem de mais puro, delicado e fino.

E como, sem isso, seria elle o grande e subtil artista que foi?

Na biographia da irmã, n'esse opusculo que é hoje afinal de contas *une primeur*, porque ninguem o conhecia e era já absolutamente impossivel de encontrar, Renan narra as delicias incomparaveis e até os finos e subtis espinhos d'essa intimidade, quando allude aos annos de estudo e recolhimento passados com a irmã na pequenina casa ao pé do *Val de Grâce*, casa cujas janellas davam sobre o jardim das Carmelitas da rua d'Enfer, e onde sósinhos, separados absolutamente do mundo que os não conhecia, elles viviam em uma tão perfeita união de espirito e de vontade.

Elle estudava, trabalhava, amadurecia, fazia a sua iniciação soberba no mundo das idéas em que finalmente foi um rei; ella auxiliava-o, copiando os seus manuscriptos, classificando as suas notas, dando-lhe os commodos todos de uma vida modesta e simples, vivendo só d'elle e para elle, mãe, irmã, amiga, conselheira incomparavel mas que aspirava a ser *unica.*

Quando a mulher que havia de vir a ser a esposa de Renan surgiu no horisonte, a lucta que se passou na alma apaixonada e exclusiva de Henriqueta foi dilacerante, e fez soffrer bastante o irmão; mas habituada a vencer-se em tudo, venceu-se mais uma vez, e d'ahi a pouco eram duas mulheres adoraveis,

em vez de ser uma só, as que enchiam de bençãos, de alegrias intimas a vida do calmo trabalhador!

Ó mulheres, o que vós podeis fazer quando *quereis!* Não ha nenhum destino de homem verdadeiramente grande, ou pela belleza poetica e artistica da sua obra, ou pela grandeza efficaz das suas descobertas ou pela utilidade positiva dos seus trabalhos, que não tenha por fundo uma verdadeira dedicação de mulher previdente, amoravel, vigilante e fiel...

E' ella que faz o silencio, a paz, a ordem, a confortavel poesia em torno do cançado obreiro: é ella que ampara as vacillações da alma viril nos seus momentos maus; é ella que consola os desalentos do artista; é ella que affirma o bem e a verdade na hora da duvida; é ella que admira e que alenta na hora da injustiça; é ella que chora abraçada aos pés da cruz na hora do Calvario! O' mulheres, mulheres, porque é que vós não quereis sempre ser boas, quando sois na terra os unicos seres que sabeis ser divinos!...

II

Para provar o que na primeira parte do meu artigo deixei dito, só posso recorrer ás cartas de Henriqueta e citar trechos d'ellas que me parecem admiraveis.

Renan, educado no collegio de Tréguier, por veneraveis ecclesiasticos, que lhe ensinavam a virtude menos por palavras do que por obras, suggerindo-lhe, só por elle assistir á vida que levavam, o amor da verdade, o respeito da razão, a seriedade da vida — caminhava com passo seguro e firme para um fim desde muitos annos previsto.

Na sua Bretanha, em que a poesia aflora como um fructo natural do solo; creado por uma mãe adoravel e crente; embalado por deliciosas lendas de que elle melhor que ninguem penetrou e descreveu o divino symbolismo; tudo o predispunha para a vida sacerdotal, onde encontraria alimento para a sua alma delicada e sonhadora, e pão para o seu corpo fragil a que o trabalho manual repugnava instinctivamente. Em 1838 o joven discipulo do collegio de Tréguier alcançára todos os premios da sua classe, e Henriqueta, que já tinha deixado a Bretanha e que era mestra n'um collegio de Paris, mandou fallar por um amigo seu em favor do irmão a monsenhor Dupauloup, que então dirigia um brilhanttssimo e pequenino seminario em *Saint Nicolas de Chardonneret.*

Eoi concedido um lugar gratuito no seminario ao neophyto de Tréguier, e Renan viu-se transplantado repentinamente para Paris.

Ninguem, depois d'elle as ter contado, ousará narrar as angustias da sua nostalgia, as saudades

que o dilaceravam, da mãe, da casa paterna, dos seus velhos amigos que lhe haviam ensinado a amar desinteressadamente o bem, a procurar infatigavelmente a verdade...

São perolas da litteratura franceza esses *Souvenirs d'Enfance* em que elle conta as emoções da sua triste e cogitadora alma de quinze annos.

Mas não foi só de saudade que Renan soffreu em S. Nicolas. A religião dos velhos mestres de Tréguier não era positivamente a religião de monsenhor Dupanloup. Uma, grave, silenciosa toda em actos, desprendida de todos os interesses; a outra, amavel, eloquente, habilmente ligada ás cousas e aos assumptos da terra...

Dentro da alma do futuro artista, de futuro critico, ia surdamente surgindo uma vaga inquietação que o torturava...

Depois de ter completado a rethorica em São Nicolau, Renan, seguindo a praxe, entra em São Sulpicio.

Os sulpicianos de quem Renan conservou sempre as reminiscencias mais gratas traziam lhe á lembrança os velhos mestres de Tréguier, mas a missão d'estes não era já como foram a d'aquelles, dar-lhe o exemplo contagioso das mais puras virtudes: Elles tinhãm de lhe provar que os dogmas que lhe ensinavam eram, conformes com a razão, impostos pela Historia.

Começa aqui lentamente a accentuar-se a crise que tem como remate a sahida de Renan do Seminario, e a sua renuncia á vida sacerdotal, a que fôra destinado desde a infancia, a que a sua pobreza, a vontada da familia, as circumstancias externas e as interiores o predestinavam, com extraordinaria, quasi invencivel força.

O que elle soffreu, e luctou n'essa quadra decisiva da sua existencia nem elle mesmo o soube ou quiz descrever, mais tarde, ao publico tão avido d'esta especie de confidencias.

Esta *correspondencia intima* é que vem agora desvendar esse mysterioso drama de lagrimas.

De longe, dos confins da Polonia, amparava-o porém uma força enorme, a força de uma alma de mulher verdadeiramente heroica, verdadeiramente sublime!

Renan hesitava, tremia diante do obscuro problema do seu futuro, feria-o mortalmente a idéa de desgostar a mãe querida, de causar um desapontamento profundo aos mestres que desde a infancia o guiavam no caminho de uma supposta vocaçâo ecclesiastica.

A sua tendencia, que já n'esta hora se entrevê, era mais para a duvida, para a hesitação, para o addiamento de resoluções, que pela seriedade e pela irrevocabilidade se lhe impunham, atterrando-o.

Henriqueta não hesita um instante. Com uma

alta consciencia moral que a torna n'esse periodo da vida bem maior do que o irmão, é ella, que lhe aponta a verdade, que o fortalece, que lhe faz sentir quanto é preferivel o sacrificio da vida ao sacrificio da consciencia!

Renan chega a entrever o suicidio como a resolução mais facil do atroz dilemma que lhe põem diante dos olhos.

Ella, com a ternura ineffavel de um coração maternal, ampara-o, consola-o, enche-o de meigas e carinhosas bênçãos e com a austeridade de um director de consciencia faz-lhe ver onde está a verdade e como é indispensavel, para que o homem siga uma vida, que elle creia na legitimidade da sua vocação e que tenha fé na efficacia do seu trabalho...

A elevação moral a transcendente cultura, a seriedade, a nobreza, das cartas de Henriqueta Renan fazem d'ellas um thesoiro litterario e moral, ao mesmo tempo, que não póde deixar de ser altamente apreciado por todas as almas capazes de comprehender o seu alto valor.

Emquanto ella julgava que o irmão tinha a fé que salva, a fé absoluta, no seio da qual reside a unica felicidade que ao pobre coração mortal é dado conceber e possuir, Henriqueta não diz nma palavra, não suggere uma duvida que possa empanar o espelho de crystal que é a consciencia de um joven crente...

Mas quando os estudos philologicos a que Renan se tem entregado com phrenesi, suscitam a crise de consciencia, em que a sua fé tinha de sossobrar, o que seria d'elle se Henriqueta o não amparasse moralmente como só uma mulher póde amparar aquelle que ama!

Esse suicidio que apparece então ao desgraçado moço como um desfecho plausivel á luta que o atormenta, teria aniquilado em flôr o talento de um dos mais deliciosos artistas que a litteratura do occidente ainda produzio!...

Do que tão laboriosamente ganhava, Henriqueta reparte com o filho querido da sua adopção, com esse irmão que aos 12 annos de edade ella vira nascer entre lagrimas, no lar que a pobreza havia tanto sombreava e entristecia.

E assim como em pequenino, nos crepusculos chuvosos da sua triste Bretanha, ella o levava á egreja envolto na propria capa em que se abafava, tambem n'este lance da vida ella o envolve no manto da sua ternura mais conchegado, mais amplo e mais quente que o outro. Manda-lhe dinheiro para que elle possa sahir do seminario em que o teem já quasi que á força as circumstancias, e implora-lhe que se sonde, que se ausculte em liberdade, em plena independencia moral e physica, antes de pronunciar votos, que mais tarde tenha de trahir, antes de ligar-se indissoluvelmente a um altar que

mais tarde se veja forçado pela consciencia a desertar.

«Todos os meus recursos te pertencem e a minha maior felicidade, é consagra-los a levar alguma tranquillidade ao teu coração, em que eu leio cá do fundo da minha solidão e em que eu vejo tanta perturbação, tanto soffrer...

«Despedaçou-se-me a alma ao ler na tua carta que o pensamento da morte atravessava o teu espirito sem o entristecer.

«Ah! meu pobre filho, quem quereria viver se pensasse sómente em si?... Mas não valerá realmente alguma cousa uma ternura como a que eu tenho por ti? Quando te comprazes em idéas d'estas, pensas nos dois seres de quem és a primeira, a mais viva affeição?...

«A uma das *tuas mães* conseguês tu persuadir que és feliz, mas aquella que n'este instante chora tão dolorosamente comtigo, não merecerá ella por ventura que reanimes a coragem, dando-lhe ao menos um pensamento de saudade!...

«Não, meu amigo, a opinião publica, comquanto seja injusta e cega não é bastante cruel para impôr a uma creança a responsabilidade que arrancava ao teu coração tão doloroso brado. Conheci homens honrados e respeitadissimos, que tinham recuado deante das prisões em que pretendem enleiar-te, e ninguem os accusava por terem tido uma delica-

deza de consciencia, que infelizmente é bem rara.»

E n'esta nota Henriqueta, alem de inexgotavel, é admiravel.

Com que delicada ternura ella maneja e toca essa consciencia dolorida que tudo faz vibrar!

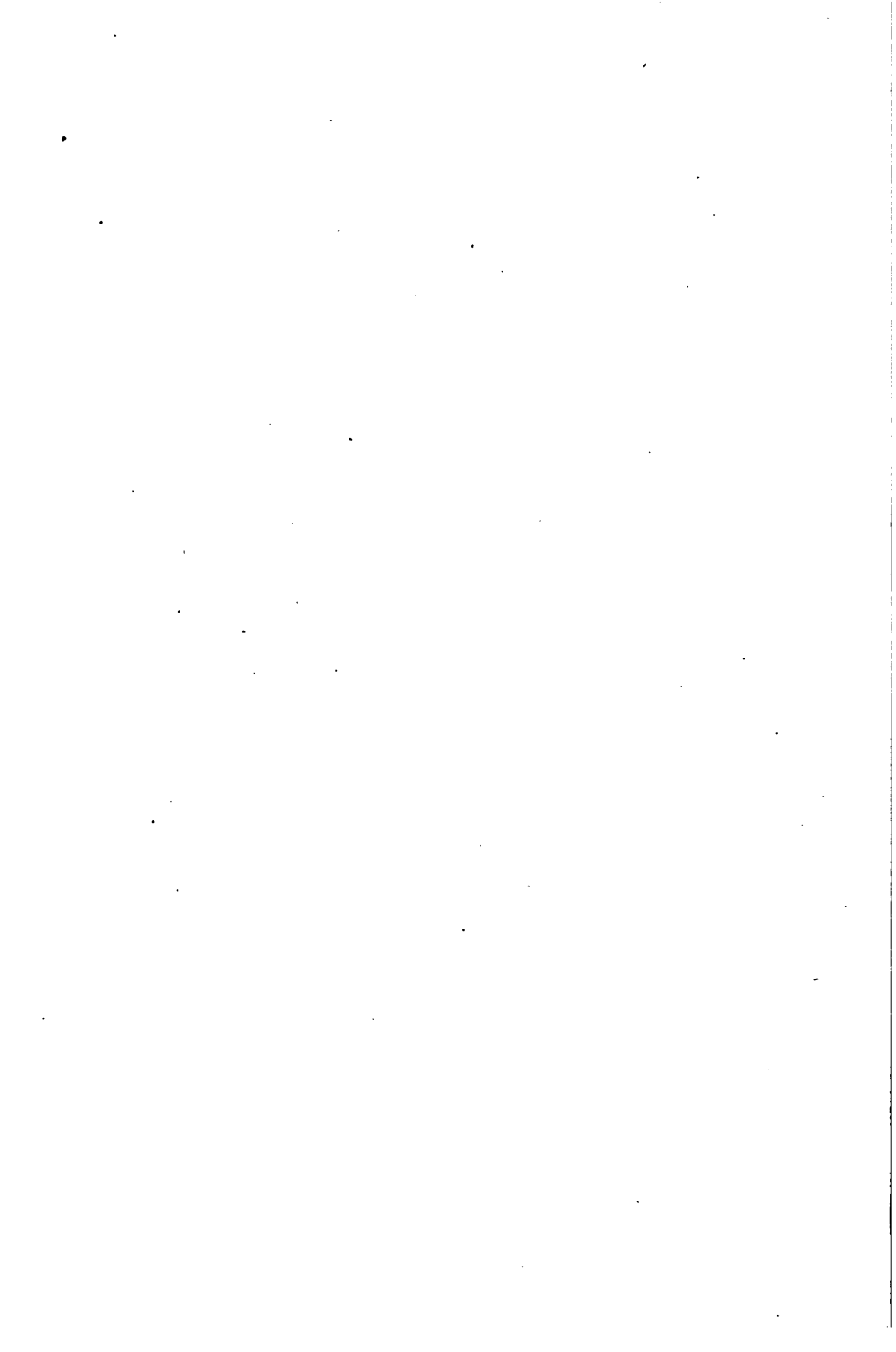
Renan sente atacado, assediado, quasi rendido o baluarte da sua fé, mas como desembaraçar-se das cadeias multiplas que o prendem, que o enleiam, que o paralysam?

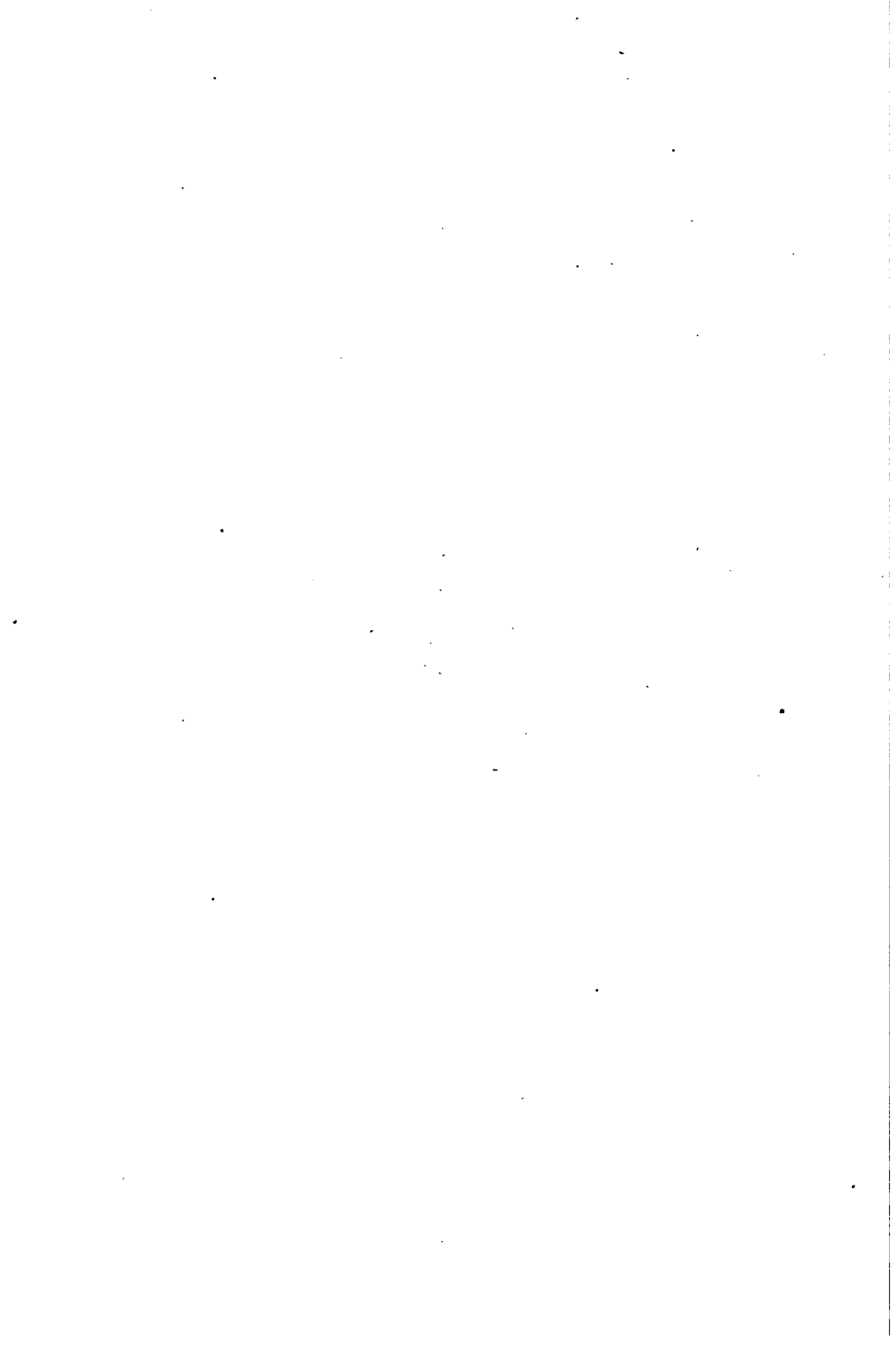
E' a mãe que chora, e cujo coração elle não quer ferir; são os mestres que tem sobre a sua vida uma influencia profunda, e que nem de leve *querem suspeitar* a tempestade que lhe vae na alma! E' a difficuldade de refazer toda uma educação que o preparava para a vida ecclesiastica, e como que lhe difficultava a vida civil; é a propria aristocracia dos seus instinctos a que repugna o trabalho servil aturado; é o preconceito que não conseguiu destruir nunca em si, de que a casta sacerdotal é a eleita de Deus, e a superior por isso mesmo aos vis interesses da terra...

Sim, tudo assim será, responde com intraduzivel e inimitavel eloquencia a voz doce e austera de Henriqueta; mas póde um homem conservar-se puro e nobre interiormente, ensinando aquillo de que a sua razão e até a sua consciencia lhe não consentem admittir, impondo aos outros aquillo que está longe de merecer-lhe incondicional submissão?

Quando a verdade, ou o que tomamos por verdade, penetra a nossa alma podemos fechar os olhos a essa luz sem mentir a nós proprios? E não será essa especie de mentira aquelle peccado sem remissão possivel de que fallam os livros santos?

Lendo as cartas em que taes problemas de consciencia se debatem a uma luz moral tão pura, ouvindo essa mulher que, para salvar de uma lamentavel contradição comsigo propria a alma do seu querido, emprega tão nobres argumentos, uma ternura tão persuasiva, um amor da verdade tão absoluto e tão firme, uma persuasão tão unctuosa e ao mesmo tempo tão grave, a gente sente-se orgulhosa de pertencer ao mesmo sexo, e de ser capaz de comprehender essa doutrina moral altissima, perante a qual não ha sacrificios duros, nem renunciamentos impossiveis...

A *Correspondencia intima* merecia ser toda citada. E' d'uma montanha ideal que partem as palavras de Henriqueta Renan. Salvou seu irmão de uma abjuração ruidosa, que seria ainda assim a maior das desgraças, ou de uma immolação completa, que o levaria ao suicidio! Deu-lhe pelo exemplo da sua força a coragem absoluta, preparou-lhe pelos seus conselhos e pelo seu Amor um futuro em que a felicidade e a gloria se entrelaçáram na mais feliz e completa união. Felizes, pois, dos homens que na vida encontram mulheres assim!...

Sophia Kovalewsky

Memorias da infancia — Biographia

I

Em Dezembro de 1888, *a Academia das Sciencias* de Paris, reunida em sessão solemne, conferia a uma mulher, discipula querida do grande mathematico Weierstrass, e professora da Universidade de Stockolmo, o premio Bordin, cujo programma de concurso fôra proposto debalde, durante seis annos consecutivos, pela Academia de Berlim.

Este programma consistia no seguinte problema de alta mathematica: aperfeiçoar em um ponto importante a theoria do movimento de um corpo solido.

Sophia Kovalewsky, a mulher que o resolvêra, e que por isso merecia a maxima distincção que ainda se concedeu a uma pessoa do seu sexo, e uma das maiores a que um homem possa aspirar na vida, era já sobejamente conhecida no mundo

scientifico pelos seus trabalhos, pelas suas conferencias mathematicas e ainda pelo cargo elevadissimo que occupava: o de professora em uma das melhores Universidades da Europa.

Moça ainda, de aspecto infantil, quasi timido, excessivamente myope, mas tendo um olhar quente, magnetico, penetrante, d'estes que vão até o fundo do coração, labios grossos e respirando bondade, mãos de creança, talhe elegante e esbelto, cabellos castanhos, Sophia não era uma mulher bonita, mas era sem duvida uma das physionomias mais interessantes, uma das creaturas mais dignas de attenção e de estudo, com que um observador fino dos homens e das cousas, póde ter a fortuna de topar no seu caminho.

Russa de nacionalidade, o que é já de si um elemento de interesse e de mysterio, ella pertencia, pelo nascimento, á casta mais aristocratica.

A sua vida fôra cheia de incidentes extraordinarios. Nobre, tinha renunciado á nobreza da sua origem, tinha-se propositadamente *emburguezado* pelo casamento, para poder livremente seguir uma vida de estudo, arida e dura. O casamento d'ella fôra um dos mil romances que então se faziam na Russia, onde raparigas da classe nobre contrahiam casamentos ficticios, para se libertarem de jugo da familia, e, logo que sahiam da egreja, se separavam dos maridos, indo cada um para seu lado, *en tout*

bien tout honneur, trabalhar, estudar, sacrificar-se por um ideal humanitario ou scientifico, politico ou simplesmente philantropico, sem mais saberem ou quererem saber um do outro. Depois d'este casamento, Sophia tinha estudado em differentes capitaes da Europa, tinha vivido umas vezes só, outras com o marido, com quem mantinha relações puramente fraternaes; tinha, em uma hora de enternecimento, de fraqueza, de indecifravel contradicção, cedido finalmente ao amor paciente que o bom Kovalewsky não cessára de ter pela sua extranha e mysteriosa pseudo-mulher. D'esta hora nascêra uma pobre pequenina, uma Sophiazinha que nunca teve na vida da mãe senão um papel muito secundario, quasi nullo; finalmente, d'ahi a tempos e depois de varios incidentes em que Sophia e o marido foram, ora muito ricos, ora muito pôbres, em que ella foi ora mundana e sociavel, ora sábia, mettida nas suas eternas abstracções mathematicas, em que se deram ora bem, ora mal, em que se separaram e tornaram a juntar-se, o marido de Sophia morre, e ella vê-se obrigada, depois de uma passageira opulencia, a trabalhar para viver, e é nomeada, com grave espanto da maioria do publico, professora da Universidade na Suecia.

Tudo isto que se contava da extraordinaria extrangeira, encantou e seduziu Paris. Durante dias ella foi a heroina, a *leôa* em que todos fallavam,

que todos queriam ver; correu de festa em festa, acclamada, festejada, recebendo e fazendo *toasts*, apparecendo em banquetes de honra, cercada de visitas de *interviwers*, cumprimentada por todos os sabios, invejada por todos os profanos.

Mas, como todas as mulheres que o sôpro inebriante e venenoso da gloria bafejou, era justamente n'esse momento em que todos a julgavam mais feliz, mais ebria de orgulho e de vaidade, que no seu coração se travava o verdadeiro drama da sua vida, o drama que tarde ou cedo tem de surgir no coração da mulher, mesmo quando a mulher julgou abdicar os attributos do seu sexo, *masculinisar-se* pelo trabalho e pela sciencia.

Sophia amára pela primeira vez, e o homem que ella amou até á morte, até ao desespero, pedia-lhe uma cousa bem simples, para a desposar. Pedia-lhe que se fundisse n'elle, que renunciasse á gloria, ao ruido, ás vâs agitações da fama e do renome, pedia-lhe que fosse uma simples e submissa mulher: a sua mulher! Ella não soube fazer o sacrificio supremo da sua individualidade; — russa, agitada por todos os confusos ideaes da sua patria, mulher do Norte alimentada pela litteratura scandinava, individualista até a revolta aberta contra todas as pêas sociaes, — Sophia soube morrer pelo seu amor, não soube viver d'elle. Sujeitar-se ás condições que lhe impunham era mutilar-se da melhor parte de

seu *eu* interior. Morreu á vista do Eden, não teve forças em si que a levassem a entrar n'elle.

Dois annos depois d'este triumpho ruidoso em que ella foi arrastada, coroada de rosas, como as victimas dos antigos sacrificios, Sophia expirava, esquecida de quasi todos, abandonada por muitos dos que mais tinha amado, olhos postos, com ternura infinita, nos olhos vagamente espantados da sua pequena Sonia, da sua filha, a quem tambem não soubera amar, e que no emtanto amava com paixão.

Muitos dos que a viram em Paris, no anno de 1888, lembram-se do olhar de Sophia, d'esse olhar brilhante e genial, onde se lia no emtanto a sêde de alguma cousa que ninguem lhe tinha dado ainda, a sêde de um affecto como o que ella sonhára, de um affecto como ella não tinha sabido inspirar nunca. Muito genuinamente mulher para ser só *sábia*, muito sábia e muito superior ao nivel do seu sexo para ser só mulher, Sophia Kovalewsky foi uma das victimas, mais interessantes e mais genialmente dotadas, d'essa dualidade que nunca se dá na mulher sem a victimar cruelmente.

A sua sensibilidade extrema; a sua impossibilidade de passar sem protecção, sem carinho, sem ternura desvelada e exclusiva; a sua dependencia absoluta da força e do amparo do homem, brigavam n'ella com a independencia e o arrojo de uma

intelligencia que valia por umas poucas de intelligencias masculinas. E' por isso que ella nunca soube ser nem um cerebro nem um coração. A morte levou-a, dando-lhe emfim o descanço a que ella aspirava debalde, e que nunca poderia ter gosado.

Hoje, a publicação da sua bella biographia, traçada pela Duqueza de Cajanello, e as suas *Memorias da Infancia,* escriptas por ella mesma, vêm revelar-nos esta deliciosa personalidade feminina.

Não a deixaremos passar despercebida sem dar d'ella conta ás nossas leitoras do Brazil.

*

* *

As *Memorias da Infancia* são uma das leituras mais agradaveis que podem fazer-se; ha muito mesmo que me não passa pelas mãos um livro que tanto me interesse, como este que a livraria Hachette acaba justamente de publicar e que tem alcançado o exito mais extraordinario.

A primeira infancia de Sophia passa-se no interior da Russia, em uma propriedade rustica, regida áquella maneira patriarchal que, na Russia de ha 40 annos, se podia observar ainda. Essa vida tão diversa da nossa é descripta com um sabor e um encanto unicos.

A gente penetra, levada pela memoria feliz da

sábia profunda, que foi tambem uma escriptora de primeira ordem, n'aquella casa de velho proprietario rural, e tudo que n'ella se vê nos entretem extranhamente.

Ha tres creanças em casa, Anna a mais velha, Sophia a nossa heroina, e Fedia, o mais pequeno.

Sobre esses tres personagens importantissimos domina despoticamente *Niania*, a velha ama que os creou a todos. *Mademoiselle,* a pobre mestra franceza exilada na casa de Palibino, cheia de servos, e governada á moda antiga tradicional, — procura em vão apossar-se ao menos de Anna, da mais velha, da que já tem mais de 13 annos. Anna, porém, revolta-se. Quer continuar a dormir no quarto de *Niania,* ao pé dos irmãos, em um dos pequenos leitos que nunca se fazem, no meio de nuvens de poeira que ninguem limpa, no cheiro extranho e nauseabundo que se compõe de azeite, de incenso, de bafio, de balsamo tranquillo e de fumo de vélas de sebo.

E' alli, n'aquelle quarto, que se discutem e se sabem todos os *can-cans* da casa, cheia de criados, e da aldeia, cheia de servos; é alli que se brinca de manhã até cahir cançada por cima dos grandes colchões de pennas e das almofadas de *édredon* de *Niania,* que tem a maior presumpção na sua bella cama macia e monumental; é alli que se bebe o bello café com leite e que se comem os bons pãezi-

nhos quentes com manteiga, ainda na cama, sem a gente se lavar nem se pentear, e em que se adormece outra vez, muito besuntada, mas muito feliz!

Anna não quer sahir d'aquelle quarto, onde a *Niania* trata tão bem os seus *meninos* e os protege efficazmente contra as iras e os apuros de *Mademoiselle.*

A toilette dos tres pequenos é verdade que é muito summaria. Uma toalha molhada pelo rosto e pelas mãos; duas escovadellas rapidas no cabello um tanto emmaranhado; postos os vestidinhos ás vezes sem botões mas quê! é-se tão feliz, apezar d'isso, que não vale a pena preoccupar-se uma pessoa com asseios, nem com esmeros tolos...

Mademoiselle nunca penetra no quarto de *Niania* sem levar ao nariz arrebitado o lenço embebido em agua de Colonia.

— Você nunca abre esta janella! diz ella em pessimo russo e em voz lamentosa.

Niania considera esta simples observação como uma injuria pessoal.

— Olhem o que o demo da musulmana queria agora inventar! Que eu abrisse as janellas para constipar as creanças!

— Onze horas, e tu ainda na cama, Annica! Deixa estar que hei de fazer queixa ao general! Isto não póde ser assim!

— Pois vae fazer queixa! Vae fazer queixa, vi-

bora! Agora esta importante personagem já não quer que os filhos da casa durmam á sua vontade!...

E a escaramuça entre ama e preceptora continúa sem treguas.

II

A *Niania,* pelo que se vê, não é realmente um modelo de asseio, de hygiene e de boas maneiras; mas que carinho maternal, que encantadora protecção ella extende pela pequenada que criou! que figura adoravel de velha aia autoritaria, rabugenta, contradictoria, apegada ás barbaras tradições nacionaes, regendo tudo e todos com o mesmo despotismo irracional, ora exigindo dos amos que castiguem o servo que delinquiu, ora insurgindo-se furiosamente contra os mesmos amos, se, obedecendo-lhe ás imposições, elles deram o castigo que ella peremptoriamente exigia; absurda e deliciosa, em uma palavra: uma figura bem viva e que merece viver!

Eu não conheço a vida domestica do Brazil, mas não hesitaria em apostar, que, no fundo de antigas roças, onde a tradição não morreu de todo sob o influxo das idéas novas, ha hoje ainda, como tem havido sempre, velhas aias negras, que lembram a *Niania* da propriedade rural da Russia onde Sophia se creou. E quem sabe se uma ou outra leitora

n'este momento se sorri, evocando a imagem humilde e querida da ama que a embalou nos braços; que lhe balouçou a rêde elegante; que lhe ouviu as queixas entrecortadas de soluços infantis, das suas primeiras tristezas; que a protegeu contra as travessuras ruidosas do irmão mais velho, contra o justo rigor da mamã, contra todas as penas da infancia, com o seu rude amor desinteressado e absurdo, rabugento e meigo, amor sem recompensa, amor a que Deus sorri, porque é feito da mais pura essencia de um pobre coração que nada espera...

*

* *

A outra personagem encantadora e pintada por mão de mestre, que figura nas paginas do livro a que me estou referindo, é a de Annica, a irmã mais velha de Sophia.

«— De todas as influencias que exerceram acção sobre a minha mocidade, diz Sophia Kovalewsky, a mais forte foi sem duvida a de minha irmã.»

O sentimento que esta bella creatura inspirava á irmã mais nova, muito superior pela intelligencia, mas perfeitamente inconsciente do seu valor, era de ordem muito complexa. Só a subtileza de uma mulher seria capaz de o analysar bem, e Sophia analysa-o superiormente. É um mixto de

de admiração apaixonada e de involuntaria inveja. Acha-a linda, de uma essencia mais preciosa do que a sua, lisonjeia-se quando ella a faz sua confidente e sua socia, e, no emtanto, no mais intimo do seu coração, tem um não sei quê de amargo e triste contra ella, que a desespera e que não póde vencer.

Annica é no emtanto, bem inferior á sua celebre irmã.

A familia educou-a para brilhar nas salas, mas tem, por circumstancias pecuniarias que se deram, de se fixar no campo, justamente quando Annica sahia da infancia.

Era na época da insurreição da Polonia. Como as propriedades do pae de Sophia fossem situadas na fronteira da Lithuania, succedeu que aquellas regiões se despovoaram completamente do elemento juvenil que podia constituir para as raparigas uma sociedade agradavel, porque tudo que era moço partiu para combater a favor ou contra a Polonia.

Annica pertencia á classe das romanticas que a vida sem heroismos e sem lances dramaticos não satisfaz.

Desagradava-lhe o *terra á terra* da existencia quotidiana; queria alguma cousa que saciasse a sua sêde inextinguivel de emoções.

E' esse sentimento o que Bourget com tanta felicidade de expressão denomina *egoismo emotivo*, no seu discurso de recepção na Academia Franceza.

A descripção das successivas paixões com que Annica illudiu, durante annos, o seu amor do extraordinario, constitue algumas das pagimas mais admiraveis do livro de Sophia.

Durante uma estação inteira, a equitação foi o gosto principal de Annica. Não tendo, porém, quem a acompanhasse nos passeios fantasticos e romanescos que dava através dos campos, cançou-se depressa do genero. O cavallo, que épicamente baptisára com o nome de Fridà, desceu á humilde condição de se chamar Galoubka e ao humilde mister de levar quotidianamente o feitor aos trabalhos da lavoura.

Depois da equitação, a leitura. Annica devorou todos os romances mediocres que constituiam a bibliotheca da casa, romances cujos lances se passavam todos na Idade Média e no tempo da Cavallaria.

A casa de Palibino, construcção espessa e de dimensões enormes, com um torreão e janellas gothicas, tinha um falso ar de castello medievico; portanto, durante esse periodo cavalleiresco, Annica datou todas as suas cartas, mesmo aquellas que escrevia aos fornecedores e ás modistas, do *Castello de Palibino.*

No alto do torreão havia um quarto deshabitado, para o qual se subia por uma velha escada carunchosa e esburacada. Annica mandou concertar a

escada, limpar as teias de aranha do quarto, atapetal-o, pendurando-lhe nas paredes velhas armas que tinha desencantado nas arrecadações, e escolheu aquelle recinto estrambotico para sua habitação particular.

«—Vejo-a ainda, diz Sophia, delgada e flexivel, estreitamente cingida por um vestido branco, duas pesadas tranças louras cahidas até á cintura, sentada em frente do bastidor onde borda a perolas finas as armas e brazões do rei Mathias Corvino — os da nossa familia. De vez em quando, deita um relance de olhos para a estrada real, para vêr se avista algum cavalleiro andante.»

Em vez do cavalleiro sonhado pela solitaria e romanesca rapariga, é o correio que passa, ou o empregado de fazenda, ou os judeus que vêem comprar bois ou aguardente...

Cançada de esperar em vão, o cavalleiro que não chega, Annica recebe de um livro, que por acaso lhe chega ás mãos, o *Harald* de Bulwer Lytton, a suggestão de um novo enthusiasmo.

Pela primeira vez ella entrevê problemas que lhe ferem violentemente a imaginação e sem resolver os quaes a vida se lhe affigura impossivel. Ha outra vida além d'esta? Acaba tudo com a morte? Dois entes que se amaram na terra tornam porventura a encontrar-se em outro mundo?

Deante d'estas questões tremendas e insoluveis

inflamma-se ardentemente a imaginação da pobre Annica.

Um dia, a irmã vae encontral-a extendida em um divan, cabellos soltos, olhos desvairados, chorando como uma Magdalena.

«— Que tens tu, filha? Que é isto? Que te fizeram? Que é que te succedeu?...»

Anna não responde. Com um signal desdenhoso indica á irmã que se retire, que a deixe em paz...

Por fim de instancias apaixonadas da irmã que está afflictissima, Annica resolve-se finalmente a responder:

«— Tu não pódes entender isto, não pódes. Não choro por mim, choro por nós todos. Tu és uma creança, tens o direito de viver sem pensar, eu tambem já fui assim. Mas esse livro maravilhoso e cruel — e apontava para o innocente romance de Bulwer — forçou-me a encarar com o enygma da Vida. Comprehendi a illusão de tudo que nos attrahe.

«A felicidade mais viva, o amor mais ardente — tudo acaba com a morte! O que é que nos espera depois? Sabemos sequer se nos espera alguma cousa? Não sabemos nada, nunca saberemos nada!... E' horrivel! E' horrivel!...»

E desatou novamente a soluçar, com a cabeça occulta pelos lindos cabellos soltos!

A esta crise, de duvida philosophica, de desespero, de renunciamento aos bens da terra, e em que

as unicas leituras são a *Imitação* e mais alguns livros asceticos, seguiu-se um periodo de mundanismo *enragé*.

Representam-se comedias em Palibino, fazem-se comedias, ninguem pensa durante algum tempo senão em litteratura theatral.

Mas ai! As idéas novas começam a penetrar lentamente nas tranquillas regiões de Palibino; a separação entre as gerações velhas e as moças, que em toda a Russia se manifesta por verdadeiras tragedias e que Tourguenef, Tolstoï, Dostoiévsky, souberam traduzir em obras immortaes, accentua-se até n'aquelle obscuro recanto do mundo, e Annica enthusiasma-se, como sempre, ao ver surgir deante dos seus olhos o fulgor de uma theoria nova.

Entre o pae e Annica começa uma lucta terrivel que teria resultado bem mais funesto, se o pae não fosse um fraco, e se a filha não fosse uma inconstante.

A ultima das suas paixões é a litteraria. Annica escreve contos ás escondidas dos paes, corresponde-se com Dostoiévsky causando por esse motivo ao pae tal desespero e tal raiva que por pouco não teve uma congestão ao interceptar a furtiva correspondencia; em S. Petersburgo trava intimo conhecimento com o romancista admiravel, e estas relações com Dostoiévsky, inspiram a Sophia o retrato do grande escriptor e as paginas de uma frescura

deliciosa que lhe são consagradas. Annica admira Dostoiévsky mas não acceita a côrte que este lhe faz. Sophia pelo contrario apaixona-se por elle, pelo seu genio incomparavel, por aquella physionomia extranha e devastada que á maior parte das raparigas só inspiraria pavor.

A pequenina Russa de 14 annos sente pela primeira vez palpitar o seu coração, que tanto ha de vir a soffrer na terra, ao contacto do genio de Dostoievsky. São talvez das mais bellas paginas dos *Souvenirs* estas que se referem ao episodio mais extraordinario da sua infancia. E é com este que a parte interessantissima do livro, a que foi escripta pela propria mão de Sophia, conclue abruptamente.

E' pena que a illustre mulher não completasse a sua historia, contando-nos a sua mocidade com a graça, a vivacidade, o relevo incomparavel com que nos relata *As Memorias da Infancia.*

O resto da sua biographia, a que rapidamente me vou referir, foi traçado pela escriptora sueca Anna Carlota Leffler, Duqueza de Cajanello.

III

A eminente escriptora sueca Anna Carlota Leffler, referindo-se á magoa que lhe causa o não ter Sophia Kovalewsky completado as suas extraordi-

narias *Memorias,* diz que ellas ficariam como uma das auto-biographias mais notaveis do mundo, se tivessem continuado na altura em que foram começadas. De feito poucos escriptos, n'este genero hoje tão querido do publico, serão mais interessantes do que este trecho de uma vida de criança. Nada lhe falta para o tornar adoravel: nem a frescura do estylo, nem a variedade das descripções, nem o encanto das figuras retratadas, nem a verdade objectiva do *meio,* nem a penetração psychologica dos caracteres.

A *biographia* é menos artistica, mas como ella relata os factos principaes da vida de Sophia tenho de a resumir n'este ultimo artigo.

Depois da estada em S. Petersburgo em que a familia de Sophia, ou antes a mãe e as duas filhas travaram conhecimento com Dostoiévsky, deu-se novamente o regresso a Palibino onde se demoraram todos mais tres annos.

Sophia tinha 17 annos quando, depois de outras temporadas em S. Petersburgo, casou do modo o mais extranho.

Reinava n'essa época entre a mocidade intelligente da Russia uma grandissima agitação. As filhas queriam instruir-se, sacudindo as pêas seculares de uma tradição barbara. Os paes não consentiam n'esta emancipação intellectual.

Para vencerem a resistencia paterna, as raparigas

recorriam então a um meio extravagante, o dos casamentos ficticios a que já me referi no começo d'este estudo.

Um d'esses casamentos libertou Sophia. O modo porque ella realisou este plano arrojado, affrontando a colera e a dôr do pae, revelam já na alma d'essa creatura de sensibilidade e de timidez, que um olhar severo ou uma palavra dura tornavam desgraçada, uma faculdade extranha: a de ser implacavel, inflexivel de vontade nas crises decisivas do seu destino. Era uma d'estas teimosas que o mundo tem por doceis, uma d'estas inflexiveis energias que, ao contacto da vida quotidiana, se dobram facilmente, mas que na hora suprema ninguem é capaz de quebrar.

Feito o casamento, que finalmente se realisou em Palibino, combinada esta associação em que o marido não tinha mais direitos do que teria um irmão, Sophia e elle partiram para S. Petersburgo, e foram introduzidos na mais agitada sociedade politica do tempo.

«No meio d'essas mulheres ou d'essas raparigas que se occupavam de politica, e todas mais ou menos devastadas pela vida, Sophia produzia realmente um effeito extranho, com o seu aspecto juvenil que lhe mereceu o nome de *pardalinho.*» — Isto diz a respeito d'ella, n'essa occasião, uma testemunha ocular que a observou bem.

Tinha dezoito annos e parecia ainda menos; pequenina, magrinha, o rosto redondinho, os cabellos curtos e frisados, a physionomia expressiva e singularmente animada, os olhos sobretudo que passavam com mobilidade extranha da alegria para a seriedade, da candidez quasi infantil para a cogitação profunda.

Depois de seis mezes passados em S. Petersburgo, o par juvenil e *fraternalmente* associado, partiu para Heidelberg, ella com o fim de estudar mathematica, elle para estudar geologia.

Depois de se matricularem na Universidade, passaram todo o periodo das ferias de verão viajando. Na Inglaterra, travaram conhecimento com varios personagens celebres taes como: George Elliot, Darwin, Spencer, Huxley, etc., etc.

No *Diario* de George Elliot ha a seguinte referencia á nossa heroina, com a data de 5 de Outubro de 1869.

«Tivemos no domingo a visita de um par russo, muito interessante, Mr. e Madame Kovalewsky: ella, uma creatura modesta e encantadora, attrahente pelas maneiras e pela conversação, estuda mathematica em Heidelberg, com licença especial que lhe alcançou Kirchhof; elle, um homem sympathico e intelligente, especialmente devotado á geologia, dirige-se para Vienna onde passará seis mezes, depois de deixar a mulher em Heidelberg.»

Este plano não se realisou. O marido demorou-se todos os seis mezes com Sophia. Uma amiga, que durante esse tempo habitou com ella, falla d'esse periodo de mocidade e de estudo como de uma época de felicidade completa, pelo menos considerada externamente. Sophia attrahiu desde o seu *début* na Universidade a attenção de todos os estudiosos. O celebre professor de Königsberg, Kirchhof, cujo curso de physica pratica ella seguia, considerava-a um engenho excepcional. Na rua, quando ella passava, paravam todos, para contemplar a celebre Russa.

O marido amava-a com aquelle poetico amor todo ideal a que ella aspirava; tudo parecia realisar o seu plano de vida preconcebido. E no emtanto, Sophia não era feliz. Nenhuma mulher o póde ser em condições anti-naturaes.

Emquanto a sociedade não estiver constituida em outros moldes, e não obedecer na sua generalidade a outros ideaes, a mulher só póde ser feliz sendo esposa e mãe, cumprindo a funcção a que, no organismo social tal qual é hoje, a destina a sua natureza affeiçoada por seculos de preparação n'este unico sentido.

Além de que, a pobre Sophia era ambiciosa! O seu desejo mais ardente, póde dizer-se o seu desejo exclusivo, era *ser amada*. Queria o amor do marido sem fazer nada para o alcançar; queria mais tarde,

o amor da filha sem saber ser mãe; queria ser para cada uma das amigas o objecto de affeição unica; e no emtanto não sacrificava a sua accentuada e original individualidade a nenhum affecto. Que extranha contradicção!

Depois de dois semestres passados em Heidelberg, Sophia partiu para Berlim, onde estudou um anno sob a direcção de Weierstrass.

A vida em Berlim foi ainda mais monotona que a de Heidelberg.

O estudo da mathematica absorvia-a completamente; sempre de mau humor, indifferente a tudo, só a confortavam um pouco, no dizer da amiga que a acompanhou em ambas estas cidades, as visitas frequentes do marido. A paz porém, tal qual nós as humildes mulheres a entendemos, não existia para aquelle espirito.

Podiam os dois ser felizes, mas não o eram porque entre ambos havia esse equivoco anti-natural de um casamento que não tinha por missão sagrada e querida o fundar uma familia, o dedicar-se á felicidade e ao futuro de um filho.

O trabalho excessivo a que Sophia Kovalewsky se votou durante este anno de estudos, se lhe proporcionou o grau de *doutora* no outono de 1874, tambem a deixou para muito tempo incapaz de qualquer esforço intellectual, perfeitamente exgotada de cerebro.

Em Sophia Kovalewsky dava-se este triste facto: o seu trabalho era doloroso, nenhuma emoção grata o alegrava. O pensamento era o seu tyranno; dominava-a, arrancava-a por assim dizer á vida exterior, fazia d'ella uma somnambula.

A alegria de crear, de produzir, essa robusta e sã alegria que acompanha os grandes entendimentos, não existia para ella. Pelo contrario. O trabalho era o seu martyrio imprescindivel e cruel.

*
* *

Não me é possivel acompanhar todos os incidentes da existencia anormal de Sophia Kovalewsky.

Sabe-se que em Palibino, no velho ninho familiar onde a sua pittoresca infancia se passára, ella consentiu finalmente em ser a mulher, a esposa verdadeira do seu marido.

Viveram os dois algum tempo em S. Petersburgo. Voldemar Kovalewsky chegou a alcançar uma fortuna que perdeu outra vez; os conjuges separaram-se de novo, e Sophia partiu para a Suecia, onde a sua vida de professora vae começar, e onde concluirá, embora com intermittencias.

Nas férias, o seu espirito inquieto leva-a a fazer constantes digressões, ora em Paris, ora na Italia, ora na Russia; sempre diversa das outras; sempre

fascinadora e interessante; attrahindo affectos e não sabendo conserval-os; absolutamente inapta para a vida; ignorando o que sabem ás mulheres mais vulgares; não sabendo vestir-se, nem governar a casa, nem escolher os criados; deixando-se roubar; permittindo á força de imprevidencia e de imprudencia que pensem mal d'ella, apesar de ser impeccavel o seu comportamento: emfim um mundo de contradicções em um pequeno corpo, esbelto e magro de mulher!

Para ganhar o seu pão e o da filhinha pequenina, que ainda assim andava sempre confiada a mãos cuidadosas mas extranhas, Sophia tinha por força de ser professora de mathematica em Stockolmo. Ora, o seu odio a esta cidade, ao meio em que alli vivia, era invencivel.

Por ultimo, encontrou um homem, um Polaco, por quem se apaixonou, e que lhe propoz casar com ella. Mais uma vez a sua má estrella a desvairou. Escrupulos de ordem sentimental, impossibilidade de sacrificar a sua personalidade á vontade superior de outro, defeitos irreductiveis de caracter, duvidas, contradições, equivocos de varias ordens, obstaram a que ella acceitasse esta solução prosaica e normal do seu destino.

E foi justamente quando se exgotava a trabalhar para ganhar o premio Bordin dado pela Academia de Paris, que este drama da sua vida attingiu a

maxima, a culminante intensidade. O trabalho era n'esta occasião para ella uma questão de honra.

Todos os mathematicos do mundo, alguns seus grandes amigos, seus professores outros, sabiam que ella concorria ao *Premio Bordin,* e era n'essa hora extenuante e suprema, que se travava uma lucta terrivel entre as suas aspirações de mulher e as suas ambições de sábia.

Não se sabe ao certo o que entre Sophia e o homem que ella adorava se passou de mysterioso. Sabe-se que, os que então a viram, nunca mais puderam esquecer o seu brilhante olhar ancioso, o olhar de quem pensa e soffre muito!

Jonas Lie, convidando-a a jantar em Paris, na sua hora de consagração gloriosa, na hora fugitiva em que o mundo a proclamou como a uma das suas celebridades mais brilhantes, fez-lhe uma saude em que toda a existencia de Sophia está resumida por uma especie de genial intuição dos seus segredos mais intimos.

Não saudou n'ella a mulher sábia e illustre, saudou a pequena *Sonia* das *Memorias da Infancia,* a rapariguinha sedenta de affecto, que ninguem tinha entendido, que ninguem tinha satisfeito. — «A vida, disse elle, dera-lhe tudo, tudo que ella dispensaria bem! Dera-lhe o *successo,* a celebridade, a gloria, e ella ficava sempre á espera, de mãosinhas estendidas, de mãosinhas vasias. Que quer ella, a ambi-

ciosa rapariguinha que nada d'isto contenta? Queria que uma mão amiga lhe matasse a sêde dando-lhe... uma laranja!...»

«– Obrigada! obrigada! exclamou Sophia Kovalewsky, quando elle concluiu. Fizeram-me muitas saudes em toda a minha vida. Nenhuma foi tão linda como a sua!»—E sentou-se bebendo um copo de agua para esconder as lagrimas que a inundavam.

Essa laranja humilde era muito, era tudo, para o ambicioso coração de Sophia. Mas se lh'a déssem ella quereria outra cousa! Estava-lhe no destino!...

*

* *

Sophia Kovalewsky morreu com quarenta annos, em plena mocidade de coração e de cerebro, tendo sido sempre infeliz, sempre agitada, tendo comprado a fatal superioridade sobre as outras mulheres com o preço de sua propria felicidade, tendo aspirado eternamente a alguma cousa que nunca chegou a conhecer.

O seu ardente sonho de ser amada com exclusão de tudo, nunca o realisou, porque ella amou acima de tudo a sciencia e as acres delicias da vida intellectual.

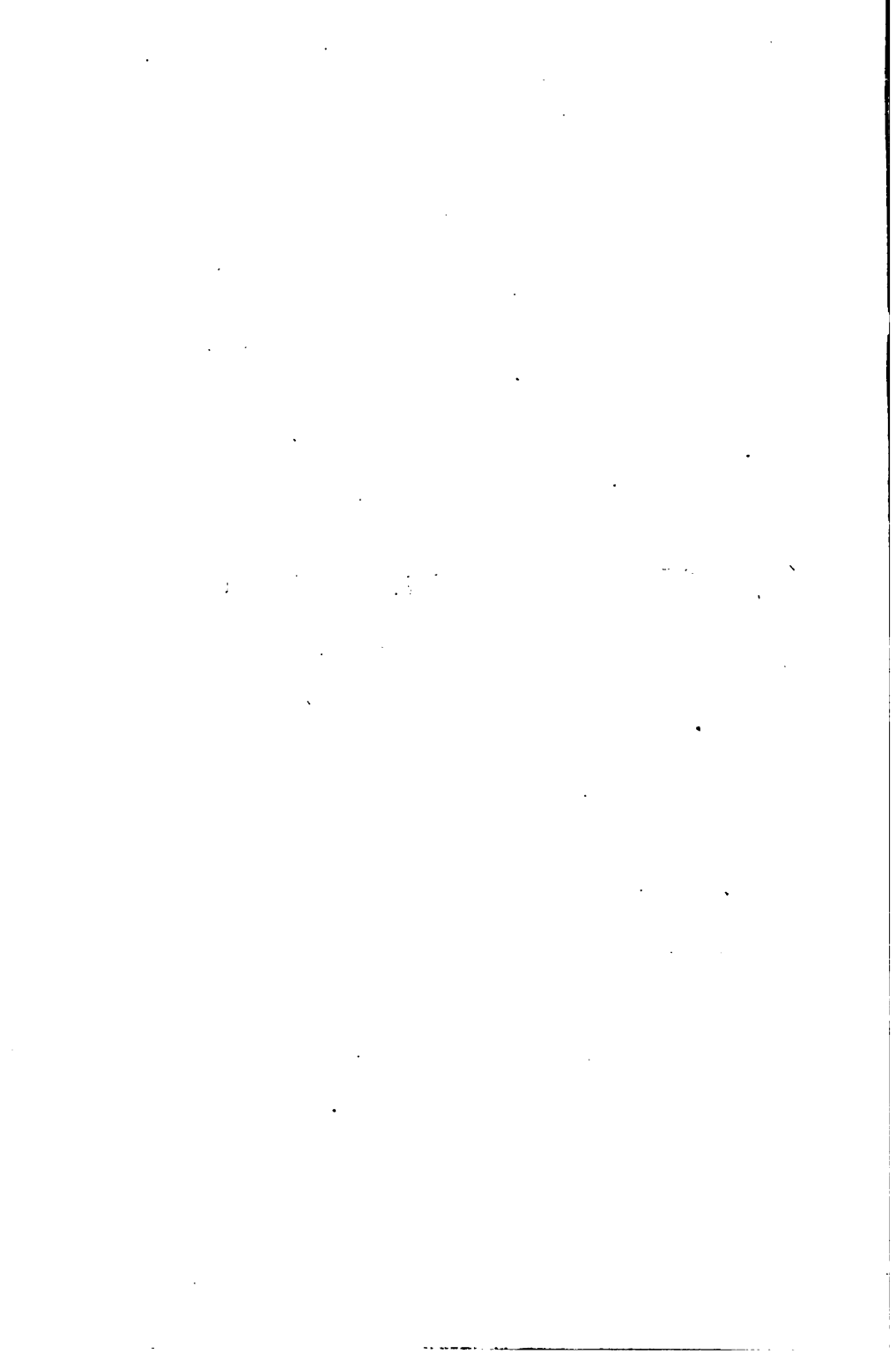
*

* *

Poucas mortes femininas terão sido mais sentidas que a sua.

A Universidade de cujo corpo docente ella fazia parte recebeu telegrammas e mensagens de pezames de todas as partes, do mundo civilisado, desde a Academia ultra-conservadora de S. Petersburgo, que a tinha acabado de nomear socia correspondente, até á escola primaria de Tiflis de e Kharkof.

As mulheres russas resolveram levantar-lhe um monumento em Stockolmo; todos os jornaes e revistas lhe consagraram estudos necrologicos. O mundo scientifico soffreu com a sua morte uma grande perda. O sexo feminino deve consideral-a como uma das suas mais puras glorias...

Henrik Ibsen e a sua obra

I

MOCIDADE, EDUCAÇÃO, MEIO SOCIAL

Os que pretenderem, hoje em dia, conservar-se ao corrente do movimento intellectual do mundo, têm de voltar os seus olhos para o Norte, estudar nas litteraturas scandinava e germanica a traducção poetica ou dramatica da philosophia dos dois ultimos seculos, quer dizer da que vem de Kant a Nietzsche passando por Hartmann e Schopenhauer.

Sem falarmos na Russia, cuja collaboração no movimento litterario do presente seculo tem sido bastante importante, sem analysarmos agora nem os estranhos livros de uma piedade ardente e de um mysticismo, por assim dizer *sem Deus,* de Tolstoï, nem as morbidas e suggestivas allucinações de Doestoievsky, temos toda uma serie de poetas e de artistas, que transformaram completamente a esthetica até aqui conhecida, que revolucionaram a littera-

tura, a poesia, a musica do mundo inteiro. Já, em longos artigos falamos ao publico (que esta ordem de estudo interessa) em Wagner, o revolucionario, o creador de uma nova fórma de *Arte*, em que todas as artes se harmonisam para um fim commum.

Ao lado d'esse, pela genial pujança do talento e pelos instinctos profundamente revolucionarios do temperamento, temos de pôr Henrik Ibsen.

A Europa latina conhecia até ha pouco Ibsen tão superficialmente que é mais simples assegurar que o não conhecia de todo.

Em Inglaterra o poeta scandinavo, porém, é desde muitos annos traduzido, commentado, criticado, e Edmundo Gosse, um dos seis ou sete espiritos contemporaneos que sabem julgar de alto o movimento das idéas, não hesita em chamar a Ibsen um dos maiores poetas do seculo XIX, um dos raros poetas grandes que têm havido no mundo.

Esta asserção á primeira vista surprehende e desnorteia um pouco aquelles que só conhecem do escriptor norueguez a *Casa de Boneca* ou o *Pato Bravo*, *Hedda Gabler* ou *Os sustentaculos da sociedade.*

E se lermos o que a respeito de Ibsen e do *Ibsenianismo* (tem já fóros de fidalguia este termo um tanto barbaro, significa uma comprehensão nova e completa de vida e de moral) se lermos, digo, o que

a respeito d'elle escreveu Max Nordau, na sua famosa obra a *Degenerescencia*, subirá de ponto o nosso espanto, porque esse julga simplesmente Ibsen um allucinado perigoso, com intermittentes ataques de demencia senil.

Mas nem o severo e absurdo juizo de Nordau, que significa mais uma limitação do seu senso esthetico do que uma apreciação do poeta, nem o conhecimento superficial e incompletissimo que ha na maioria do publico da obra de Ibsen, podem obstar a que o culto do grande poeta se vá generalisando pelo mundo, prégado por iniciadores que, embora raros, estão plenamente *convencidos;* nem que a intensidade de admiração que elle inspira a esses raros se vá accentuando e *communicando* dia a dia por effeito das intelligentes criticas publicadas, e das traducções que já começam a espalhar-se pela França, pela Italia e principalmente pela intelligente Inglaterra, que hoje nos apparece, como que a redimir os seus crimes politicos de ambiciosa conquistadora, tão curiosa de arte, tão avida de assimilar ao menos pela comprehensão a alma de outras nações e de outras raças.

Que n'este caso não seria de outra raça a alma que ella tenta comprehender.

A Inglaterra de hoje tem a sua remota origem na velha Scandinavia barbara e cruel.

Foi d'entre as calliginosas tristezas do seu ceu

nublado e baixo, foi do mysterio esmagador das suas longas noites sem fim, bruscamente atravessadas pelo rubro incendio das auroras boreaes, que partiram os antigos reis do mar, athleticos e brancos, de olhos azues com scentelhas de aço, e braços musculosos e possantissimos, os terriveis *wikings* que conquistaram, desembarcando das suas barcas de couro, a longiqua Bretanha e fundaram os tres reinos, em um dos quaes Ibsen nasceu.

Por isso ha entre a raça a que o poeta pertence e aquella a que Byron pertenceu, intimas affinidades que explicam a facil aceitação que achou nas classes educadas da Inglaterra a obra um tanto desnorteadora do poeta norueguez.

O *Pequeno Eyolf* é o ultimo drama publicado por Ibsen e já representado em Paris n'este anno de 1895.

E' a proposito d'elle que eu venho de novo conversar com os leitores a respeito do seu auctor.

Mas, como entre a primeira vez que lhes falei d'elle e o presente momento medeia um largo periodo, e, como durante elle, eu tratei de penetrar, quanto á minha intelligencia fosse possivel, na obra do escriptor, sabendo as particularidades da sua vida, estudando os commentadores que tentam explical-o, informando-me atravez dos seus livros, das idéas fundamentaes, a que elles obedecem, parece-me que trago hoje uma colheita de factos di-

gna de attrahir novamente a attenção dos que me lêem.

No *Pequeno Eyolf*, objecto ou antes pretexto dos presentes artigos, ha todas as qualidades e todos os defeitos dos dramas Ibsenianos.

Os personagens *são mais vivos do que se fossem vivos* no dizer suggestivo de Jules Lemaitre.

Ha n'elles uma extranha qualidade que assombra. Movem-se, falam, dizem cousas banaes, parece pertencerem á média humana, fatalmente mediocre, mas ao mesmo tempo ha, dentro d'elles mesmos, um mysterio intimo, indecifravel, um *au delà* assustador, que corresponde não sei a quê, e se relaciona com o mundo sobrenatural, que participa do somnambulismo e da hypnotisação.

Porque existirá esta particularidade nos personagens de Ibsen que os faz dizer cousas vagas e ás vezes estravagantes, mas cousas que têem uma relação mysteriosa com o *desconhecido?*

Por que ha n'elles todos uma especie de automatismo? porque se afigura a quem os vê e ouve, que elles obedecem a um certo e determinado *imperativo*, que vem do seu intimo, ou do mundo, invisivel para nós, e d'elles conhecido?

E' porque elles são filhos de um cerebro de allucinado embora genial.

E tambem porque quasi todos estão encarregados pelo poeta de representarem idéas e abstracções,

de defenderem uma these, de atacarem uma instituição, de corresponderem a um symbolo, de traduzirem uma theoria preconcebida.

Tambem succede o mesmo aos personagens de Dumas filho, dirão os leitores, e esse não tem nada nos seus dramas de *ibseniano:* é um physiologista, um moralista acre e feroz, não é vaporoso nem nebuloso, e portanto, faz-se entender perfeitamente, mesmo nas suas theses mais arrojadas e mais cruas como as de *Denise* ou a das *Idéas* de *Madame Aubray*.

Mas, meus senhores, Dumas não é um homem do Norte, não foi nado e creado entre os *fjords* da Noruega, não tem vivido a existencia allucinante de Ibsen, não tem, atraz dos seus dramas de vida moderna, todo um longo periodo em que no seu cerebro se elaboraram as idéas mais arrojadas e mais revolucionarias, traduzidas em poemas philosophicos, que assegurem e garantam ao poeta uma gloria muito superior á do dramaturgo, ao pensador, um alcance muito mais largo que ao *moralista.*

Por isso para entender os dramas de Ibsen é, antes de mais nada, preciso conhecer toda a obra anterior, que explica e justifica as suas estranhas contradicções e a sua desnorteadora apparencia.

II

DRAMAS E TRAGEDIAS HISTORICAS

Foi em 1829 que Ibsen nasceu em uma d'essas pequenas cidades das costas da Noruega, em que a vida se escôa monotona, silenciosa e triste sob a neve que cahe, em longos, interminaveis invernos de uma influencia deprimente e esmagadora!

Quem lêr com attenção os livros de Ibsen perceberá qual foi a indelevel impressão que no seu infantil espirito produziram essas paysagens de uma rudeza e de uma melancolia tragicas, cujo reflexo se vê sempre a pairar sobre tudo que elle escreveu, sobre tudo que elle creou, e que põe um calefrio de pavor em cada um dos seus pallidos personagens; essas paysagens, que têm em si um não sei que de espectral, com aquelles soes que se demoram na beira do horizonte longas semanas, com aquellas noites que parece não terem fim, com aquelle fundo de mar procelloso e mudavel, que parece fazer da vida uma cousa ainda mais ephemera, uma cousa ainda mais fragil do que ella já é de si.

A familia de Ibsen era lutherana; tinha da sua religião a rigidez de principios, a estreiteza das vistas, a intolerancia secca e dura, a aceitação passiva da *Regra* e da *Autoridade.*

Toda a obra de Ibsen é uma revolta aberta con-

tra estes dois inimigos. Mas não é em vão que se nasce e é educado em um determinado *meio*, e se descende de uma série de gerações de que esse mesmo *meio* é a resultante logica. Ibsen revoltou-se mas conservou-se sempre como n'este ponto, lucidamente, observa Nordau, sob a influencia das idéas que bebeu com o leite; isto mesmo nas horas em que mais abertamente se revolta contra ellas. Carlyle, diz ainda o escriptor allemão, conservou-se sem o querer, sem o saber talvez, segundo Spencer observa, um calvinista escossez.

Ibsen conserva-se atravez das contradicções, dos desvios, do labyrinto illogico e inextrincavel da sua obra, protestante com um violento mysticismo á Jacob Boehm, á Sewedenborg, ou á Pusey.

Este mysticismo tem affinidades com o catholicismo de Santa Thereza.

«Tres idéas fundamentaes do christianismo estão continuamente presentes ao seu espirito, e em torno d'ellas, como de outros tantos eixos, gravita toda a actividade da sua imaginação poetica. Estas tres ideias centraes, immutaveis, verdadeiras obsessões que surgem do inconsciente na sua vida intellectual, são o *peccado original, a confissão, o sacrificio de si proprio ou a redempção.*

Por aqui se vê que imperiosa influencia teve n'este homem que sempre que obedeceu conscientemente ás suas idéas adquiridas é um anti-chris-

tão, um revoltado, um revolucionario terrivel, a primitiva educação e a hereditariedade secular.

A primeira parte da vida de Ibsen é de uma melancolia incolor que não vale a pena ser descripta miudamente. O moço poeta, opprimido pelo seu meio, soffreu muito. A cidadesinha na extremidade de um fjord, cheia de casas de madeira pintada, e de figuras caricaturaes, em que nunca brilhava a scentelha rapida de uma idéa, foi mais uma prisão do que outra cousa para a imaginação alada do poeta.

De Skien passou elle para Grimstad e foi em Grimstad, que emquanto preparava os seus exames, Ibsen escreveu a sua primeira obra em 1850. *Catilina*, tragedia historica, em que se traduzia já a tendencia de Ibsen para a analyse das almas e para o estudo da psychologia, mas que não passa de um ensaio de principiante.

N'este mesmo anno parte elle para Christiania, onde tenta estudar e trabalhar litterariamente. E pela primeira vez a alma do moço, esmagada até aqui pela mediocridade do que o cercava, sitios e gente, dilata-se de gozo contemplando a formosa cidade.

Christiania é lindissima; tem dois portos frequentados; tem caes monumentaes, palacios faustosos, largas avenidas cheias de movimento e luxo; ergue-se no meio de uma natureza de encanto com

um céo puro de uma côr levemente violeta, que lembra um céo de sonho...

Foi em Christiania que a 26 de Setembro de 1860 se representou pela primeira vez uma longa tragedia de Ibsen: o *Tumulo dos Gigantes*. Mas ainda d'esta vez o successo não correspondeu ás esperanças que n'esta tragedia, de um classicismo do Norte e sem originalidade alguma, Ibsen edificára, e a miseria e o desanimo, a dôr de se vêr sem amigos e sem pão, continuam a roer a alma sombria do moço. Christiania não lhe fôra hospitaleira. Ibsen parte para Bergen, em cujo theatro lhe é offerecido um logar de ensaiador e de poeta.

Continuou ahi a escrever e em 1855 representava no theatro de Ceyen a *Castellã de Destrot*, primeiro grande drama historico de Ibsen, cujo assumpto é tirado da historia da Noruega no seculo XVI e cuja peripecia fundamental é a seguinte: A Castellã, norueguezа pelo sangue, pelo dever e pelo interesse, mas dinamarqueza pelo coração, manda degollar debaixo dos seus olhos, por assim dizer, e por um engano atroz, o filho do unico amor da sua vida, o filho por quem queria perder-se e perder a patria.

E' esplendida esta scena que lamento não poder transplantar para aqui.

N'ella se revelam já as qualidades de grandeza e as aptidões de profundo psychologo que ha no moço Henrik Ibsen.

Depois da *Castellã* representou-se uma especie de lenda popular transformada em comedia e de uma poesia deliciosa.

Finalmente em 1857 *Olaf o da Corôa de Lys*, que Ibsen não imprimiu nunca, segundo dizem muitos acertadamente.

Como se vê, estes cinco annos de actividade sem darem fama ao escriptor, são-lhe no emtanto de grande utilidade mental. Ibsen sabe, depois d'elles, a technica da sua arte, tem a facilidade, a primorosa correcção do verso que é, dizem, de uma harmonia inexcedivel, e está preparado para entrar em uma phase superior da sua ascenção intellectual.

Mas, inquieto como sempre de temperamento e de imaginação, não se demora na pequena cidade onde a vida fôra para elle toleravel senão feliz.

Em 1857 parte novamente para Christiania, onde o mesmo logar de ensaiador lhe era offerecido no *Theatro Norueguez.*

Nunca mais voltou a Bergen, senão uma vez, um anno depois, para lá ir buscar a mulher do seu coração e da sua escolha; a que tem sido depois a companheira doce e serena, fiel e dedicada, do poeta; a *Ignez* d'aquelle severo Brand; a *Solveig* d'aquelle fantasioso Peer Gynt.

A ella tem Ibsen dedicado versos adoraveis, é ella a que se fere com todos os espinhos que rasgam os pés do esposo, e se illumina de todos os

raios de luz que lhe aureoleiam a cabeça de apostolo, austera e triste.

A patria d'elle tem sido a sua patria; o seu mundo o mundo do poeta errante e solitario. Se a vida o revolta e nauseia, nunca achou perto d'ella senão conforto e paz. Se os inimigos o teem chasqueado, lapidado, escarnecido e negado, ella sempre o applaudio, sempre o louvou, e sempre teve fé no seu genio e submissão á sua vontade. N'isto ao menos o grande e melancolico Vencido da vida, que é Ibsen, se póde considerar um vencedor glorioso.

III

EXILIO. TRANSIÇÃO MENTAL. A ITALIA

Ao chegar a Christiania pela segunda vez, Ibsen levava na sua pobre bagagem de poeta uma tragedia quasi completa: *Os guerreiros de Helgoland*, que são a dramatisação realista, mas grandiosa da lenda dos *Niebelungen*, segundo a tradição scandinava que differe da germanica em alguns pontos importantes.

A esta tragedia, que só mais tarde foi representada depois de já impressa em livro, segue-se a *Comedia do Amor*, obra em que o nihilismo fundamental de Ibsen já se deixa claramente presentir. Ibsen ri-se do Amor, tal qual o vê sentido pelos

manequins, seus contemporaneos. Esta comedia tem-se prestado aos mais varios e mais contradictorios commentarios. Uns criticos dizem que n'ella Ibsen «quiz estabelecer o contraste entre o Amor, essa força mysteriosa e eterna, e a caricatura que d'elle nos offerece o casamento contemporaneo» — outros que — «ella contém uma tal satyra ao casamento, tão dura e tão cruel, que a gente fica sentindo bem pouca sympathia pela instituição accusada como pelo poeta accusador!»

Edmond Gosse julga que atravez d'ella Ibsen quiz simplesmente dizer que o sonho do Amor se tornaria cada vez mais irrealisavel e mais raro na sociedade actual.

Como quer que fosse, a verdade é que Ibsen escandalisou furiosamente os compatriotas com a concepção pessimista do sentimento fundamental da nossa especie, com a conclusão á Schopenhaeur de que o Amor, sob todas as fórmas, é sempre um engano de que a natureza se serve temporariamente para subsistir eterna, que tudo n'elle é ridiculo quando não é mentiroso, e mentiroso e ridiculo, quando não é só uma das cousas.

Depois da *Comedia do Amor* e dos *Pretendentes da Corôa*, que logo se lhe seguiram, mas que não tiveram o menor successo, apezar de serem uma das obras superiores do poeta, Ibsen teve de deixar o seu paiz onde a vida se lhe tornára impossivel, onde

todos o detestavam e onde não contava talvez um amigo.

. . . .

Tinha 36 annos. Não o discutiram sequer, como a esse tempo faziam ao seu contemporaneo Bjornson; negavam-no ferozmente. Consideravam-no um utopista perigoso, cheio de idéas subversivas e destruidoras do existente.

Na sua patria elle é como o *propheta* do Evangelho lapidado e despresado. E Ibsen no mysterioso symbolismo da sua poesia compara-se ao *eider*, cujo ninho os homens por duas vezes assaltaram e roubaram e que duas vezes foi pela ave dos *fjords* reconstruido, arrancando para elle as finas plumas das suas azas.

Mas os caçadores tentam pela terceira vez voltar e o eider vôa *d'entre as brumas do Norte para o Sul*, onde o *claro ceu sorri*...

Foi em 1864 que, mercê de um subsidio alcançado não sei por que milagre, Ibsen deixa Christiania. Vae primeiro a Berlim, onde pouco se demora, e dirige-se em seguida para Trieste, depois para Roma, para a luz, para o sol. O sol, que é o seu encanto, a sua aspiração nostalgica, o symbolo a que a sua alma prende tudo que é bello, a que aspiram na vida e na hora suprema da morte, as figuras mais caracteristicas da sua imaginação de sonhador.

Era tarde, porém, para a cura de sua alma insondavelmente triste.

O seu povo tinha-lhe dado como dadiva significativa o bordão do eterno peregrino; Ibsen seria um grande poeta, não seria nunca uma alma tranquilla e feliz.

Se n'este momento quizermos fazer o *bilan* do escriptor e do poeta, achamos em Ibsen um observador pouco penetrante dos factos, um *intellectual*, tendo o culto das idéas no sentido platonico da palavra, interessando-se cada vez menos pelas fórmas das cousas e cada vez mais pelo modo de ser das almas. Pessimista de constituição—como um lutherano que era—a respeito dos homens e da sociedade, mas tendo clara, atravez de mil hesitações e das mil experiencias das suas obras anteriores, a consciencia de um destino intellectual a cumprir.

N'este instante da sua vida, Ibsen considera-se menos um escriptor, um dramaturgo mais ou menos influenciado pela cultura exterior, do que uma especie de propheta, crente na voz interior que lhe falava, no apostolado a que fôra superiormente impellido.

Ha n'elle um pouco, ha n'elle muito, digamos, d'esse Brand que elle traz ainda mal distincto, embryonario e confuso no mundo do inconsciente e a que pouco e pouco irá dando fórmas magistraes.

Os seus personagens ideaes tinham todos á voz

d'elle cumprido uma missão. A missão d'elle poeta que os creára, que os sentira *viver em si*, que os arrancára ao seu mundo interior para os fazer existir da existencia palpitante e intensa da poesia e da arte, era d'alli avante sondar, esclarecer, descobrir o mysterio dos mais dolorosos problemas da nossa vida mortal.

O segundo periodo de existencia de Ibsen, para mim desde que conheço a sua obra completa, o mais fecundo, interessante e poderoso começa aqui.

Depois de uma mocidade sem alegria, consumida na lucta acerba para alcançar o pão quotidiano, depois de tanto esforço vão para traduzir por uma fórma plastica os sonhos tumultuosos da sua imaginação, calcule-se o que seria o encantamento da pobre ave aquatica dos *f-j-ords* norueguezes ao dar de frente com o voluptuoso azul das ondas do Adriatico, com o sortilegio de Veneza, com a magestade suggestiva e dominadora de Roma.

Como longe dos pallidos céos, das cidades mortas, das paysagens tristes da Scandinavia, a alma de Ibsen se sentiria renascer ao contacto fecundante d'essa Italia, que é para todos os que a têm conhecido a sensação unica, o goso inolvidavel e supremo!...

Foi na Italia que a grande imaginação poetica de Ibsen se desentranhou nas tres obras fundamentaes que lhe garantem um nome immortal —

Brand, Peer Gynt, Imperador e Galileo. Tudo o que elle tinha feito antes não é mais que a lenta preparação do genio para chegar a produzir a sua obra definitiva; tudo o que elle fez depois — não é senão o aproveitamento de mil *residuos* de idéas, que lhe ficaram no cerebro, depois de ter movido nos seus tres poemas philosophicos e dramaticos um mundo de pensamentos e de doutrinas, um mundo verdadeiramente assombroso e não inferior ao de Gœthe.

IV

BRAND

Chegando a este momento da vida de Ibsen, e falando de *Brand,* o primeiro dos seus poemas philosophicos, e uma das obras mais grandiosas e mais significativas d'este seculo, tenho de abrir um parenthesis longo na resenha rapida que venho fazendo da obra do poeta, para dar aos leitores uma idéa do que seja este livro.

E' muito difficil a empreza. Custa sempre a concentrar em alguns periodos a idéa de um livro; mas sobe de ponto a difficuldade a vencer, quando esse livro, em vez de pertencer á clara, harmoniosa, ordenada litteratura latina, simplista por sua natureza, pertence ás litteraturas do Norte, e é producto de uma raça para a qual a complexidade em-

maranhada e confusa da vida, se traduz necessariamente em fórmas tão complexas, tão desordenadas, ás vezes tão indecifraveis como ella.

Brand precisa de commentadores, como a segunda parte do *Fausto* e apezar de varios criticos terem tomado o encargo de explicar e commentar o sentido occulto do poema, a verdade é que elles se não entendem entre si, e se contradizem nas conclusões.

Uns assevéram que *Brand* é um pamphleto, poderosamente escripto, contra a concepção da Vida, acanhada, deshumana e estreita que o protestantismo orthodoxo préga, exemplifica e propaga na Noruega; e que, em face d'essa doutrina exaltada e anti-humana, Ibsen quiz dramatisar com relevo e pujante ironia a doutrina contraria, a que perde os seus compatriotas — quer dizer o espirito de contemporisação, de transigencia, de conciliação das idéas mais diversas e mais contradictorias, — pondo na bôca de todos os que cercam o terrivel apostolo as palavras que melhor possam caracterisar e revelar esses defeitos nacionaes... Vê-se que Ibsen detesta igualmente *Brand*, o intransigente, e os seus conciliadores companheiros. *Brand* póde pois, ser isso que querem os seus criticos... não é, em todo o caso, só isso.

Seria desconhecer gravemente o genio inventivo e grandioso do poeta, para quem os problemas da

consciencia e os da alma sobrelevam a todos, affirmar que a tão pouco se reduz no fim de contas a these fundamental do poema extraordinario.

Dizem outros que *Brand*, assim como *Peer Gynt*, assim como *Imperador e Galliléo*, constitue parte de um hymno esplendido entoado em honra da *Vontade* humana. As palavras de *Brand* que se repetem mil vezes atravéz da longa obra monotona mas sublime parece darem razão a estes. «E' necessario *querer*, querer sempre, querer o impossivel, querer até a morte !»

E é por uma energia que nem em face do abandono de todos, da traição, da desgraça e da morte, se desmente, que Brand affirma esta crença absoluta no poder, na virtude suprema da vontade, contra tudo, atravez de tudo, em meio dos maiores obstaculos que se lhe anteponham e a dobrem.

Sao tantas as idéas que, no poema de Ibsen se movem, se debatem, se contrariam, se entrelaçam que não me parece realmente que ellas tendam todas a estabelecer uma affirmação tão simples.

O que me parecia mais razoavel seria ler o livro sem nos preoccuparmos extremamente com o que o poeta quiz provar.

Ha alli paginas de uma eloquencia soberba que nos elevam a alma até ao extase; ha scenas doces patheticas, familiares, cuja melancolia intima nos dissolve o coração em lagrimas; ha longos dialo-

gos, fastidiosissimos que só servem para revelar a mesquinhez de espirito e o acanhado de idéas e de noções dos que constituem n'este mundo a maioria triumphante e vencedora; ha interrogações terriveis perante as quaes todo o nosso sêr hesita em responder...

Mas, se a gente se limita a ler o livro, sem tentar adivinhar o sentido occulto que elle contém, o segredo que, semelhante a uma pavorosa esphynge, elle guarda em si, ficamos como que sedentos de alguma cousa inexplicada, abre-se dentro do nosso espirito um vacuo desconsolador, que é mister a todo o custo preencher, seja embora com uma hypothese vaga...

Bem; pela minha parte eu vou dar uma idéa rapida do que é o poema e direi depois a conclusão que d'elle tirou o meu espirito.

Brand é o apostolo de uma religião terrivel, sim, mas que elle não inventou. Não ha uma só das suas theorias sobre a vida que não tenha por base a palavra dos livros santos. A Biblia inspirou-o e nutriu-o. Elle julga-se chamado por Deus a cumprir na terra uma missão sublime: a de ensinar aos corações duros e avaros que a riqueza verdadeira não é a d'este mundo; que só realmente é *possuido* pelo homem aquillo que póde acompanhal-o á sepultura; a de ensinar aos corações sensuaes que as alegrias são futeis, ephemeras e vãs, que o prazer é uma illu-

são irritante, o amor um sonho fugaz, que as bellezas da Natureza e da Arte são uma cilada armada por Satanaz aos appetites vis da nossa especie; a de ensinar aos corações transviados o perigo do Erro e as delicias profundas da Verdade!

Antes de corrigir os outros, *Brand* pensa em corrigir-se a si, e para se identificar com o modelo ideal que a Religião affeiçoou para uso da Humanidade, elle propõe despir a sua alma de tudo que, florescendo nas outras almas, as torna aptas para os gostos e para as dôres da vida commum...

Para salvar uma alma arrependida, dando-lhe a absolvição extrema, *Brand* impõe silencio ao natural terror que inspira o mar em furia, e corre os maximos perigos para cumprir o seu dever. O arrojo sublime com que elle, mettido n'uma barca, atravessa o mar tempestuoso, presenceado por uma mulher pura e sonhadora dá-lhe essa mulher por esposa. Ella, que tinha nascido para as alegrias humildes que a vida dá aos que não querem da vida o impossivel, dedica-se-lhe toda, encerra-se com elle na estreita, e triste e glacial paisagem sem um raio de sol, em que elle, vencendo as naturaes ambições que o levavam para um mundo mais vasto, restringe e agrilhôa o seu destino, vingando-se assim de si proprio por ter sonhado um theatro mais amplo, uma multidão mais interessante a alimentar do Verbo infinito...

A mãe de *Brand* é uma avarenta que na hora da morte pede ao filho a absolvição, sem comtudo conseguir arrepender-se da avareza que fôra a sua paixão suprema; *Brand* nega á mãe expirante, mas não arrependida, os sacramentos da Igreja. Está na Lei escripta.

O filho, a mulher que elle ama com o seu duro coração de forte, agonisam no clima glacial da Noruega. O sol seria para ambos a salvação.

Mas ir para fóra da povoação modesta onde elle tinha aceitado a sua missão de regenerador das almas, seria faltar ao promettido, seria rasgar o contracto que fizera com a propria consciencia. *Brand* deixa morrer o filho...

A mulher consome-se nas saudades do seu pequenino amor que o frio tinha gelado e morto... *Brand* exige d'ella, em nome do Deus implacavel, que ambos servem, o sacrificio total d'essa saudade, d'esse culto que lhe parece pagão...

O filho que Deus lhes dera, foi Deus, na sua infinita sabedoria que o retirou aos paes submissos perante os mysterios d'esta suprema vontade...

Chorar, lembrar-se do doce cherubim louro, que sorria entre as flôres e luzes da arvore do Natal, era uma revolta contra Deus...

Ignez teve de renunciar até a essa voluptuosidade intima das lagrimas, a unica que resta ás mães que perdem os filhos.

V

BRAND

Fazendo este ultimo sacrificio á Vontade implacavel e energica do seu Senhor, que ella adora sem chegar a comprehendel-o, o coração de Ignez, o seu fragil coração de mulher, feito para a doçura, para o amor, para os sentimentos suaves e moderados, estala como a corda de uma harpa a que mão brutal imprimiu tensão demasiada.

Brand todavia não succumbe!

Ha um momento em que, como Jesus, elle pede a Deus que affaste dos seus labios o calix da amargura.

Mas a rapida tentação esvae-se. Os labios do heroe tragam, até as fezes, o absyntho da incomportavel dôr. A alma despida de todas as fraquezas, sôlta dos laços do amor terreno, que o prendiam sem o subjugarem, eleva-se mais e mais para um Deus inattingivel.

O povo que elle quer converter — e que ao principio submette e exalta pela suggestão poderosa da sua apaixonada eloquencia, — não conseguindo acompanhal-o na ascensão symbolica a que o obriga, abandona-o, a pouco e pouco, acaba por escarnecêl-o e lapidal-o...

O meio cada vez mais hostil dos que o cercavam,—

os magistrados, os padres, os professores, os proprietarios, todos os que representam os bens d'este mundo, os interesses d'este mundo, as instituições d'este mundo, – vão-n'o illaqueando em uma rêde cada vez mais inextrincavel de intrigas, de mentiras, de protestos, de contrariedades. Elle caminha sempre para o alto da montanha ideal cujo cimo se vae distanciando mais e mais, á proporção que mais e mais pensa em approximar-se-lhe, e por fim, nas brumas e entre as geleiras da montanha, *Brand* morre, vencido pelas cousas exteriores, mas indomavel na sua vontade, inabalavel na sua crença fanatica no Bem absoluto, no Absoluto renunciamento e no absoluto Sacrificio!...

— «Nunca, nunca chegarás a ser igual a Deus, tu que és feito de barro vil. Ou cumpras a sua lei ou a sophismes — és homem e condemnado á perdição. Verme da terra!

— «Nunca serás semelhante a Deus, tu, predestinado á morte! Ou o sigas ou o abandones, a tua obra está irremissivelmente condemnada.

— «Sonhador, nunca serás qual Elle foi! Perdeste a tua herança e a tua progenitura, os teus mil sacrificios não o enriqueceram a Elle. Tinhas sido formado para a vida da terra e aspiraste áquillo a que não tinhas jús.»

E' isto que lhe dizem, nos transes da sua suprema agonia, as vozes tentadoras que na montanha ge-

lada e brumosa o cercam, e tentam baldadamente vencel-o...

Baldadamente, digo eu. A verdade é que *Brand* morre vencido, embora na morte grandiosa e sombria como a vida, elle nem a si proprio o confesse em palavras.

*

* *

Dei o esqueleto do poema grandioso. Deixei perceber de longe que altos problemas se agitam dentro das suas paginas, que um sopro violento de poesia agita e move e faz sublimemente palpitar.

O que não poude nem soube indicar de longe, foi a belleza de algumas scenas inolvidaveis, que ficarão entre as obras primas da litteratura universal.

A noite de Natal, em que Ignez pensa e fala no filhinho morto, enfeitando de luzes e flores a sala onde elle nunca mais brincará, é uma das mais bellas do longo e triste poema.

Da casa sombria onde *Brand* e a mulher habitam, avista-se o pequeno cemiterio em que Alf dorme... Ignez não pronuncia nunca a sinistra palavra.

Enfeita a sala de flores, accende a véla symbolica do Natal, e, a furto, vae correr os *stores* cerrados da janella baixa, em uma d'aquellas doces illusões que teem as mães, a quem a Morte, a sinistra ladra, despojou do seu melhor thesouro.

«Talvez que *elle* venha devagarinho, muito devagarinho, espreitar atravez dos vidros, vêr a clara luz da nossa sala enfeitada... Mas os vidros estão embaciados, parece que em cima d'elles cahiram lagrimas... Espera... vou limpal-os para que *elle* possa vêr.»

N'isto o marido entra e exproba á sua fragil companheira essa dôr que é uma revolta contra Deus. *Tudo* ou *nada* é a divisa de *Brand* e quando se não dá *tudo* Áquelle que tudo exige, o que se lhe dê, muito, muitissimo embora, é sempre *nada.* Ignez chora sem cessar. O seu holocausto não tem pois nem a valia de um atomo.

E ella impellida pelo duro senhor que acceitára, fecha a janella para que Alf não espreite a salinha illuminada por sua intenção...

Na gaveta da commoda, perfumado, dobradinho, envolvido em delicados papeis de côr, está o enxoval do pequenino morto... A cada objecto se prende uma visão de amor — com esta touquinha bordada pelas mãos diligentes da mãe é que Alf se baptisou. «— Como elle ia lindo e fresco n'esse dia! que doces eram os seus olhos e que tenra e avelludada a sua pelle de flôr!...» Esta capinha fez-lh'a a mãe, forrada de pelles macias, para o abrigar das duras inclemencias do clima que o matou!! «E o capuz de seda que lhe enquadrava o rosto branco...» E o vestido que cingia o seu corpinho roliço e

quente...» Sobre o que resta do thesouro que foi, scisma, agonisa, debulhada em lagrimas a mãe dolorosa.

Mas *Brand* implacavel fez-lhe dar um a um, a uma cigana que passava na noite, levando nos braços o filho, os pequeninos objectos que tinham para Ignez o poder de uma evoçação de encanto...

«*Tudo*, *tudo* ou *nada*—repete o dominador austero de todas as fraquezas da paixão terrena, exigindo da mulher do seu amor, o mesmo esforço ardente para o ideal que a elle o impelle em direcção ignota..

E Ignez dá tudo, vencida, subjugada pela grandeza do Apostolo.

Ignorada de todos, uma ultima reliquia lhe restava. Era a touquinha, embebida ainda no suor da morte do filho estremecido, que ao seu cadaver a mãe arrancou e que desde então nunca mais lhe tinha largado o seio.

Em um extase que precede a sua morte, essa mesma reliquia Ignez a entrega á cigana errante.

Mas é já voluntariamente que o faz. A dôr, a dôr que vence, acrisola e depura!... Os céos abrem-se Ignez vê a... Deus!

E foge para Elle deixando *Brand* para sempre só!

Esta scena é adoravel de commoção e de grandeza.

E' familiar como um cantinho da vida a mais

humilde; é épica como uma revelação do mundo interior, o mais grandioso.

A ultima scena na Montanha, em que o heroe vencido ou vencedor falla na allucinação da agonia com as sombras que o cercam e alliciam e tentam e escarnecem, pertence igualmente á mais elevada esphera da poesia e da arte.

Ha muita gente entre a *élite* cultivada do mundo, que tem aprendido norueguez sómente para se iniciar nas bellezas superiores e realmente originaes de *Brand* e de *Peer-Gynt.*

Pois d'entre essas bellezas, a meu vêr, são essas que deixo indicadas as mais maravilhosas.

VI

A PHILOSOPHIA DE IBSEN

E' curto, é incompleto o escorço que eu dei do poema de Ibsen, cuja monotona grandeza se não traduz, e cuja infinidade de idéas subjacentes se não analysa em tão curto espaço.

Mas, rapido como é, deixa de certo entrever que esta obra grandiosa e de multiplas interpretações se não limita a ser uma simples... satyra nacional.

Brand, não é da Noruega, nem de nenhuma nação determinada, *Brand* é uma grande figura cujo symbolismo é universal.

Se o poeta a individualisou fortemente, foi por que é um artista de primeira ordem e o proprio do artista é imprimir *vida*, vida pessoal, ás abstracções do seu cerebro ou ás creações da sua alma.

N'essa figura Ibsen quiz encarnar — não lhe diminuindo a grandeza subjugadora — as imposições tyrannicas, as exigencias implacaveis e anti-naturaes com que o christianismo, na sua fórma mais absoluta, agrilhôa a humanidade.

O dogma christão para Ibsen,—com pena o digo, porque antipathiso fortemente com esta noção cruel e destructiva, com esta noção immoral, — foi uma reacção funesta contra o naturalismo da philosophia grega e pagã e *Brand* obedecendo a este credo do poeta é uma satyra pungente, embora superiormente imaginada, contra o que elle julga, não uma religião de origem divina — mas um vão esforço do Homem para alcançar o inaccessivel Ideal.

E' pelo ataque, feito com premeditação e, sob o ponto de vista artistico e litterario, admiravelmente executado, ao que no homem ha de mais essencial e de mais fundamental, que Ibsen, chegando ao periodo da sua completa maturidade intellectual, iniciou a obra de *nihilista*, em que desde então nunca mais deixou de trabalhar, incansavelmento, com uma pertinacia de allucinado... Ibsen é essencialmente um iconoclasta, um destruidor.

Diante do seu olhar, da obra da civilisação christã

nada fica de pé. O philosopho está em erro, influenciado provavelmente pelas doutrinas falsas e exaggeradas de Nietzche e do seu antecessor Schopenhauer. O poeta tem uma grandeza sombria, a que ninguem póde negar a mais alta admiração.

Declamar contra a religião· tantos o tem feito com mais ou menos eloquencia, que nenhuma originalidade haveria em fazêl-o uma vez mais...

O caminho porém seguido pelo poeta norueguez é que differe absolutamente do que todos os outros seguiram.

Elle não procurou os pontos fracos ou contradictorios do christianismo para os atacar ou ironisar; pelo contrario. Elle encarna em uma figura de grande, de superior belleza moral todas as idéas absolutas, anti-humanas e irrealisaveis do codigo christão; e que consegue?... Crear um ser impossivel, quasi monstruoso pela dureza para comsigo proprio e para com os outros: implacavel na sua aspiração do Bem; modelando esta fragil argilla, de que somos feitos, pela sua concepção abstracta da perfeição e da belleza, e espalhando em torno de si a aridez, a descrença, a desgraça, o desespero, a morte!

Mas a religião não faz senão raramente um *Brand*, assim como as forças da Natureza não fazem senão raramente um Hymalaia ou uma *Yung Frau*. De certo. Mas se a religião póde conciliar-se

com a fraqueza, com a hypocrisia, com a fraude, com a sensualidade satisfeita, com o vicio em todas as suas fórmas, com o Peccado em todas as suas realisações; se a humanidade, depois de receber na alma o fermento espiritual do christianismo, se compõe na sua quasi totalidade de figuras como as do Baillio, do Deão, do Professor, do Estudante, de todos emfim que cercam *Brand* e lhe contrariam á sua obra ideal, ou não teve elle o alcance que lhe attribuem os seus defensores, ou foi errada a fórma por que tentou avassallar e dominar o mundo. Seguidos *litteralmente*, obedecidos *absolutamente*, comprehendidos e penetrados até *ao seu amago mais intimo*, o dogma, e portanto a moral do christianismo, produzem um *Brand* ou um Ignacio de Loyola, ou um Francisco de Assis, quer dizer um homem que passando ephemera e rapidamente na terra, que é para elle um exilio, só tem por fim a sua perfeição e a perfeição dos outros, e tenta realisar este duplo objecto, despindo a alma de todos os sentimentos que a consolam, arrancando ao corpo todas as delicias que o embriagam, roubando aos olhos todos os espectaculos em que elles se embebem, matando na mulher o amor, até o amor materno, no homem toda a ambição terrestre quer seja a do mando, quer a da riqueza, quer a da Arte; intransigente com todas as fraquezas, cruel para todos os sophismas, implacavel para com todas as paixões...

Sopro esterilisante que passa na terra, e cuja influencia só póde ser attenuada por meio de interpretações que lhe sophismem a lettra ou que lhe modifiquem o espirito. Eis como Ibsen classifica, logo que o levem até as suas consequencias logicas, o Verbo que tão intimamente, e até aos seus fundamentos, revolucionou a alma humana, creando-a em moldes novos.

Os outros que contradizem *Brand* e o combatem tambem são christãos, dirá o leitor. E houve um momento em que esse argumento, confesso, me fez hesitar na interpretação que ia dando á obra do poeta. D'esse argumento porém, é que Ibsen sahe com mais incontestavel vantagem.

São christãos, em que? Interesseiros, avidos, mentirosos, só occupados nos mesquinhos interesses materiaes, pondo no que dizem uma lambugem de ideal para melhor enganarem os incautos e distrahidos,—em que é que elles apparecem influenciados, ao de leve que seja, pelo dogma christão, tão absoluto nas suas affirmações, pela moral christã tão definitiva nas suas exigencias, tão cathegorica nos seus ensinamentos, tão logica na conformidade das suas doutrinas.

Que concluir d'aqui? Não sei, nem eu tento concluir cousa alguma.

Quiz dizer o que me parece ser o sentido occulto do poema de Ibsen, e parece-me ter acertado.

Não julgo que o poeta tenha razão; se bem que a muitos se affigura hoje um problema insoluvel este de conservar o mundo sob o jugo nominal de uma doutrina que está em contradicção continua, persistente, invencivel, com todas as tendencias que o arrastam, com todos os interesses que o movem com todas as paixões que o convulsionam, com todas as noções que se lhe vão, dia, a dia, desvendando.

O dogma, qne é immutavel, não se modifica; a moral, que é o seu fructo mais bello, mais perfeito, que representa o mais sublime impulso que a alma humana sentiu para o Idéal intangivel, não se alarga nem amplia; a antinomia do mundo com Deus, da pratica com a doutrina, do que se préga com o que se faz, cada dia se torna mais accentuada e mais flagrante.

Que se seguirá d'aqui?

Talvez que Ibsen o presinta, pois que os poetas estão no segredo dos Deuses, mas elle proprio diz, em um dos seus livros mais celebres: — «Não reclameis de mim uma solução. Não sou medico. Não sei curar ninguem.»

A incuravel miseria continuará a torturar as almas que sentem; o indecifravel mysterio continuará a irritar dolorosamente os espiriios que cogitam, a triste contradicção que prende o homem; ao mesmo tempo, ao lodo da terra e ás nuvens do céo, cada vez

parecerá mais irreductivel e mais cruel. E na contemplação de tantos problemas indecifraveis e insoluveis o ambicioso entendimento humano continuará a encontrar o seu gosto mais acre, a sua delicia mais pungitiva, a unica emoção de que elle não póde saciar-se nunca...

VII

PEER GYNT

Tanto espaço consagrei á analyse de Brand, que não posso agora senão referir-me rapidamente ao resto da obra do poeta. *Peer Gynt*, publicado dois annos depois de *Brand*, é, por assim dizer, a antithese d'este poema. *Brand* fôra a inflexivel Logica, *Peer Gynt* é á desordenada e desconnexa fantasia. *Brand* faz tudo quanto quer, e só quer o que é coherente com o seu alto ideal; *Peer Gynt* faz tudo quanto imagina, e só imagina o que é louco, inesperado e estravagante.

Ao primeiro poema caracterisa-o a grandiosidade monotona; ao segundo o estranho e imprevisto capricho. A musica do verso em *Peer Gynt* é, segundo dizem, deliciosa. E os tres primeiros cantos ou actos e o ultimo, são adoraveis de graça sugestiva e original. Mas *Peer Gynt* é ainda mais desnorteador para os não iniciados do que *Brand*.

O heroe dizem ser o noruegucz typico. Mentiroso como Ulysses; gabarola como Falstaff; caprichoso como Fantasio; tendo bebido, na inexgotavel fonte do *folk lore* scandinavo, um mundo inteiro de mythos, de ficções, de fabulas, umas risonhas, outras lugubres, umas graciosas outras macabras, e fazendo d'esse pabulo phantastico o seu alimento quotidiano; confundindo na vida a realidade e o sonho; confundindo na palavra a verdade com a mentira; sem personalidade sua; encarnando-se em mais de mil *avatares,* com a ductilidade da cêra mais molle; doido e brigão na terra natal; seductor e roubador de raparigas, espancador de homens; prodigo e ebrio como o pae; maltratando a mãe e acariciando-a simultaneameute; contando-lhe contos de fadas, em que ella e elle, egualmente doidos, acabam por acreditar em uma suggestão mutua que é um achado psychologico; embalando-a até na hora da morte por uma série de sonhos e de visões, em que figuram o Padre Eterno e o S. Pedro do doce paganismo catholico, os espiritos e os animaes encantados, e os gnomos da extranha mythologia scandinava; creatura feita de tudo que ha de imprevisto na natureza; alma perdida, que depois de mil aventuras inverosimeis e algumas verdadeiramente indigestas ao paladar latino, se salva pelo amor constante e *immerecido* de uma mulher: — *Peer Gynt* é um poema phantastico em

que ha paginas deliciosas e paginas de loucura phrenetica, scenas frescas, alegres, movimentadas, idylicas, como uma kermesse dos mestres flamengos; scenas de um tetrico *macabre* como a morte de Aase (a mãe de *Peer Gynt*); scenas em que palpita o mysterio insondavel das cousas, como as que precedem a morte de *Peer Gynt*, em que para elle as cousas inanimadas se animam, as cousas mudas teem falla, em que os musgos da montanha, as folhas seccas do arvoredo, as perolas do orvalho, as pedras e as flores, lhe fallam do seu passado irreparavel, lhe exprobam a sua vida perdida e o condemnam pela sua alma sem ideal...

Peer Gynt não foi nem grande nem pequeno; nem mau nem bom; matou o tempo sem construir n'elle alguma cousa perduravel; dispersou a sua alma aos quatro ventos sem abrigar n'ella um pensamento de justiça ou um sentimento de amor; não conseguiu ser *alguem* no bem ou no mal, no sentir ou no pensar. A odysséa de *uma alma perdida*, é como definitivamente póde considerar-se este extraordinario livro, sem paridade com outro nenhum conhecido; que não diz nada de real, mas que suggere tudo; onde se encontram lampejos de Gœthe, sonhos infantis dos povos da Scandinavia, influencia da moderna litteratura e da moderna sciencia, ironias pessimistas: a complexidade, a desordem de um cerebro do Norte em violenta ebulição. As fi-

guras de mulher, em Ibsen, teem sempre um interesse secundario. N'este poema ha uma, aquella cujo constante amor salva finalmente o heroe, que lembra a *Gretchen* do poeta allemão, antes da culpa.

Tambem ella atravessa a primeira parte do poema, branca, esbelta, modesta, de olhos baixos, com um livro de missa nas longas mãos lyriaes, evocando a imagem da candura ineffavel, da innocencia sem macula...

Peer contempla-a enlevado, sem ousar colher o seu amor, e quando, quarenta annos mais tarde, depois de uma longa odysséa passada no Mexico, em Marrocos, no Sahara, nos sitios mais extravagantemente remotos, elle volta á terra natal, onde ninguem o conhece, é ella ainda, envelhecida, mas constante, que o acolhe e que elle encontra erecta, digna, encanecida, de livro de missa nas longas mãos de cêra, no limiar da pequena choupana, entre arvores, onde tão longa e fielmente o tem esperado...

Ha toda uma litteratura de commentadores consagrada a *Peer Gynt* e a *Brand. Ondoyant et divers* como o espirito de Montaigne, chama-lhe o traductor inglez — o unico que arcou com as obscuridades e mythicas intenções do poeta. A sua principal fascinação, accrescenta elle, consiste na multiplicidade de sentidos que sob elle se podem encontrar.

O poeta teve sem duvida um proposito mais ou menos definido em cada scena que traçou e seria interessante decifrar cada um d'esses prepositos, mas *Peer Gynt* occupa um grande logar no pincaro da litteratura moderna, justamente porque, egual n'este ponto á obra de todos os grandes poetas, elle significa muitas mais cousas do que aquellas que o seu auctor se propoz provar ou suggerir... No mundo da natureza (com quanto a natureza seja innocente de toda e qualquer intenção symbolica) cada um de nós encontra em cada phenomeno, em cada apparencia, um symbolo que se relaciona com o nosso mundo interior: é isto justatamente que succede com as obras de arte animadas por uma vida intrinseca, por uma intensa vida subjectiva; é isto que succede com *Peer Gynt.*

O Imperador e Galileu põe de pé diante dos nossos olhos um dos mais interessantes e extraordinarios periodos da vida da Humanidade: o fim do paganismo e o despontar da grande éra christã: as duas doutrinas em face uma da outra, representadas por typos caracteristicos; o naturalismo e o ascetismo no inicio da lucta ingente que ainda hoje não terminou!

N'esse periodo, as duas influencias, uma decadente, outra ainda na infancia, mas pujante de seiva, contrabalançam as suas forças, equilibram o seu poder! Durante a Idade media foi o ascetismo que venceu; desthronado, na magnifica efflorescencia do

Renascimento, elle continuou a luctar, mas perdendo sempre terreno, procurando uma conciliação, que é impossivel, que é illogica e contraproducente.

Ibsen, determinado anti-christão, põe na palavra de Julião o Apostata todas as objecções que o christianismo lhe inspira. Doutrina cuja realisação excede e transcende as forças da humanidade e que tem como objecto exclusivo dominar, mutilar, desaggregar essas forças naturaes, essas forças cuja origem para Ibsen é divina, o christianismo, segundo elle, não póde ser seguido á lettra senão por creaturas sobre-naturaes, nem deve ser sophismado e substituido por um mesquinho *à peu-près* sob pena de perverter aquelles mesmos que pretende depurar de todas as culpas. E', como vêm, a destruição de uma civilisação inteira, de uma moral, de um codigo social, o fim a que aspira toda a obra de Ibsen. Na obscuridade do seu pensamento, é, porém, difficil de ler, e por isso a sua obra está destinada a ser só conhecida por aquelles que, tendo já o seu criterio feito, não se arreceiam de leituras destructivas que lh'o modifiquem.

O artista é de primeira ordem, o pensador é muito mais perigoso que o mais valente anarchista, dos que tentam destruir o existente a explosões de dynamite.

VIII

O THEATRO MODERNO

Os que de Ibsen conhecem sómente o *theatro moderno*, começado justamente dez annos depois do periodo fecundo e maravilhoso de talento em que o poeta escreveu os seus trez poemas fundamentaes, em que tratou o problema religioso em *Brand* e *Imperador e Galiléo;* e o problema da vida em si' no *Peer Gynt*, — ficaram surprehendidos e desnorteados quando lhes appareceu este extranho dramaturgo da *Casa da Boneca* e do *Pato bravo*, da *Dama do Mar* e da *Hedda Gabler*, dos *Sustentaculos da Sociedade* e do *Inimigo do Povo.*

Quem é este homem? Que quer elle provar? Porque fez elle hoje uma cousa que desfaz amanhã? Porque assenta hoje em uma theoria que amanhã deita por terra?

Meu Deus! A chave do enigma tormentoso estava em toda a obra anterior—fundamento, base, alicerce da obra nova. Ibsen, tinha concluido da longa elaboração interior do seu espirito, pessimista além de tudo que possa imaginar-se, que a civilisação laboriosamente construida, de que nós somos filhos, era uma civilisação falsa, errada nas premissas, monstruosa nos resultados; següindo sempre lon-

gamente o seu terrivel preposito que fez elle em todo o seu theatro moderno? Mostrar as instituições, as leis, os costumes, os homens, — productos genuinos e naturaes d'essa civilisação minada por vicio de origem, — na sua perversão, na sua injustiça, na sua mentira, na sua dissimulação hypocrita, na sua cruel e multipla contradicção constante.

O seu primeiro drama *Os Espectros* atacou de frente o problema da hereditariedade. A esposa de um libertino atrocissimo, em obediencia ás leis sociaes e moraes de que a nutriram, sujeita-se a cohabitar com elle.

Nasce um filho em que revivem os vicios do pae e que é a maldição viva e palpitante de agonia a essa subserviencia conjugal a que o mundo dá o nome de virtude.

Na *Casa de Boneca*, *Nora*, victima da educação que o mundo dá á mulher, das leis a que o mundo sujeita a mulher, revolta-se abertamente, e com a sympathia de Ibsen porque assim o pratíca.

Nos *Sustentaculos da Sociedade* percebe se que todos que a sociedade respeita, são hypocritas refinadissimos; que nunca dominaram as suas más paixões, as suas cubiças, os seus vicios, mas que pondo um habil véo por cima da sua infamia ingente conseguiram adquirir o respeito e a consideração que a sociedade nega ás almas indomitas, capazes de arrastarem com a dôr, com a persegui-

ção, com o desprezo, com a morte até, para obedecerem ao imperativo cathegorico da consciencia, para conservarem a integridade do seu ser moral, para fazerem o seu proprio destino e viverem intensamente a sua propria vida.

No *Inimigo do Povo*, um homem é perseguido, reduzido quasi que ao desespero, abandonado pelos melhores amigos, porque sabendo que estão, inquinadas de um morbo envenenado as aguas thermaes que deram á cidade em que elle habita uma grande prosperidade, um grande desenvolvimento, uma riqueza incalculavel, e sempre crescente, resolve — custe o que custar a elle ou a outros—revelar essa verdade. O interesse proprio, o interesse da familia aconselhavam um prudente silencio; ninguem attribuia ás aguas a epidemia que grassava, destruida a fama das aguas, estava destruida a riqueza da cidade natal.

O *Inimigo do Povo* é aquelle que sabendo uma verdade nociva para o interesse egoista dos seus, a revela ao mundo a quem essa verdade contraria talvez, mas acaba por beneficiar fatalmente...

E' symbolico, sobre todos os dramas de Ibsen, este drama cuja architectura me parece absolutamente defeituosa, Mas em todo o caso mais uma vez elle affirma uma das cousas que parecem ser dogma fundamental da sua doutrina individualista.

Fais ce que tu dois advienne que pourra...

*

* *

Parecia pois até aqui que a mentira, que a convenção eram os inimigos de Ibsen e que para os azorragar é que elle escrevia os seus dramas de tão extranha fórma...

Eis que por uma reviravolta que é a mais desconcertante das ironias, o dramaturgo publica o *Pato Bravo*. No *Pato Bravo* todos vivem felizes na mentira; ha um segredo de infamia na familia, mas como todos o ignoram, menos a pobre mulher inconsciente, absolutamente inferior, que praticou a culpa, mas que lhe não deu valor nem significação,— porque é incapaz de theorisar os seus actos ou de analysar-lhes as consequencias — o caso é que uma paz perfeita reina entre o marido, a mulher, a filha, o cumplice da mulher no passado e que hoje protege a familia e a salvaguarda da miseria. Eis que um d'estes apostolos de *casas particulares*, que andam a metter-se com a vida do toda a gente em revelações importunas, a dar conselhos que ninguem pede, a propagar doutrinas moraes para uso dos outros — penetra na pobre casa obscura e feliz e revela a cada pessoa a abjecção moral em que socegadamente vegeta. A confusão, o desastre, a dôr mais tocante da pobre *Gina* (uma das creações mais completas de Ibsen, comparada pela critica ingleza

á creação soberba de Sancho Pansa em Cervantes) culpada mas esquecida da sua culpa, e feliz n'esse esquecimento, a morte da criança innocente que se offerece como holocausio expiatorio! eis o resultado terrivel, o resultado tragico d'essa Verdade tão apregoada até aqui pelo escriptor.

Terrivel ironia que a principio ninguem percebeu!

Mas não viam que elle partia do principio que uma civilisação que tem por base um codigo moral a cuja execução a humanidade nunca póde ascender, só consegue subsistir a poder de falsidades, de mentiras, de sophismas, de hypocrisias habilmente tecidas?

Sim; a verdade é bella, é boa e salutar, mas é necessario em primeiro logar transformar completamente o mundo para que essa verdade não seja um accidente raro e portanto perturbador da ordem que a mentira edificou e por meio da mentira unicamente subsiste...

IX

CONCLUSÃO

Rosmerholm, outro drama dos mais celebres e significativos, é a dolorosa historia de duas almas superiores, que quizeram furtar-se, uma por amor, outra por calculo, ao imperio secular do christia-

nismo, ás suas tradicções de fé, de moral e de politica, tão estreitamente entrelaçadas em todo o viver moderno, que não podem escapar-lhe mesmo aquelles que menos do coração se lhe submettem. Estas duas almas por fim vencidas por um poder mais forte, procuram no suicidio covarde, no fundo de um precipicio, a acalmação para a luta que os torturava em vão.

Ibsen n'este drama mais uma vez deixa entrever a sua idéa fixa, a sua obsessão permanente, de que o christianismo inhabilitou completamente a alma do homem para a felicidade. Parece que o poeta, christão contra a vontade, isto é, penetrado até á medula mais intima pelo espirito d'esta religião que affeiçoou a alma de dezenas de gerações e de que elle é o producto, se compraz com satanica volupia em revoltar-se contra o espirito que vive n'elle, que gira nas veias com o seu sangue, que se move com os seus musculos, que vibra com as cellulas do seu cerebro, que penetra o seu coração na hora da dôr e que a amollece na hora da ternura.

O *Pato Bravo* concluira com ironia atroz que no mundo, tal como elle está constituido nada salva, nem a mentira que preverte, nem a verdade que revoluciona e desorganisa.

Isto podia porém dar-se com almas inferiores ou ignorantes como as que figuraram no *Pato Bravo*.

Dá-se tambem com as superiores, dá-se talvez

ainda mais com ellas — responde *Rosmerholm*.

Não é debalde que, ha 20 seculos, o Christianismo reina sobre as almas e as subjuga sob o peso da sua inacessivel idéa de perfeição moral — «O espirito de Rosmer (Ibsen n'esta phrase quer manifestamente symbolisar o espirito do Christianismo), destróe para sempre n'ella a felicidade.»

«Para viver, o homem precisa de felicidade, de alegria; a *alegria é a perfeição* disse Spinoza. Actualmente a maioria póde admittir com facilidade idéas que parecem destruir este ou aquelle principio considerado até ao presente como immutavel. Mas isto é para todos nós uma noção, que se adquire, uma cousa aprendida do exterior. Portanto são esforços perdidos. *Rosmerholm* (o christianismo) quebrará a nossa vontade, roubar-nos-ha a faculdade da acção, e na perda total das nossas crenças, sem fé em nós mesmos, não seremos, segundo a phrase desesperada de Ibsen, mais do que «naufragos luctando sobre uma taboa perdida».

Isto diz definindo o drama *Rosmerholm* um dos mais intelligentes criticos de Ibsen.

E' mais longa a lista dos dramas modernos de Ibsen, mas o estudo consagrado por mim ao poeta norueguez vae já tão longo, mais longo do que eu esperava que me não atrevo a prolongal-o muito mais.

A figura d'este homem interessou-me tão fortemente; a sua desesperada noção da vida, tão mais

desoladora que a de Schopenhauer, que a de Hartman, que a Nietzche é ao mesmo tempo de um tão *empolgante* interesse para a alma moderna, a angustia com que Ibsen *tem vivido o seu proprio sonho* sempre cercado de visões allucinantes, errante de terra em terra, figura extranha e dolorosa que parece como Dante ter descido ao Inferno — de tal maneira se impõe a todos os que pensam; o seu nome é hoje tão conhecido entre as classes cultas; que me parece porém ter feito um bom serviço aos leitores falando-lhes extensamente d'elle.

Hedda Gabler é o estudo da *nevrose* feminina n'esta hóra em que acabam as raças e parece acabar uma civilisação.

Hedda suicida-se depois de uma vida de desordem intellectual (embora não seja de peccado á Bourget ou á Dumas filho), suicida-se gravida e dando uma gargalhada.

Verdadeiro symbolo da raça latina que, tendo ainda em si tantos recursos e tanta esperança de vida, se suicida pela ironia e pelo scepticismo.

A *Dama do Mar* é ainda o protesto contra o casamento feito sem a mutua intelligencia das almas e a mutua confiança dos corações. Edição nova da *Casa de Boneca*, accrescentada com uma especie de estudo sobre o hypnotismo da Escola de Nancy.

O *Pequeno Eyolf* ultimo drama de Ibsen representado ainda este anno em Paris no theatro de

L'Œuvre é um dos dramas do poeta norueguez em que os personagens - sempre traductores de um symbolo ou portadores de uma nova,— tem comtudo mais intensa vida real. Parecem vivos, parecem mais do que *vivos*.

Exercem uma fascinação profunda, e dizendo as cousas mais banaes, parecem querer significar sempre alguma cousa de occulto alguma cousa de não sonhado.

*
* *

Em resumo a obra de Ibsen tomada na sua totalidade e datando da publicação de *Brand*, obedece toda á mesma idéa profundamente desoladora e triste.

O mundo deu um passo irreparavel na hora em que acceitou o jugo de uma doutrina transcendente, feita apenas para anjos. (Eu enuncio as affirmações do poeta, para o explicar bem. É claro que não partilho as suas ideias que acho atrocissimas.)

Mas depois de pôr esta permissa subversiva, dirieis que elle pensa em impellir o mundo para traz, em restituil-o a esse naturalismo pagão, no seio do qual o homem vivia alegremente, livremente, na luz, na belleza e na força.

Não. Essa idéa salvadora sob certos pontos de vista ainda seria para Ibsen uma consolação e Ibsen não tem nenhuma. Elle não quer nem acredita em um tal retrocesso.

Nunca uma civilisação *volta atraz.*

O naturalismo grego foi uma verdade que fez o seu tempo.

E' irreparavel o caminho andado pelo Homem em sentido opposto, esse caminho que dura ha vinte seculos e durante o qual a alma humana tomou fórmas que para sempre a modelaram.

A vida de Ibsen — horrivel é pensal-o — foi um longo esforço para a verdade, mas um esforço vão. Soffreu fome e miseria, o desprezo, o abandono, trabalhou muito; errante como o Judeu da lenda, percorreu todas as estradas sem achar guarida, e ao fim de tão violento e longo trabalho, a sua conclusão final é esta, a affirmação que ressumbra da sua obra tão sombriamente bella e desesperada é a seguinte: *Tudo é inutil.* Nada salva a humanidade de passados erros e de noções ideaes que a contaminaram como um mal sagrado. Quiz ser anjo e é o animal de que Pascal nos fala...

Como um rio enorme, turvo, torrencial e desbordante ella irá seguindo a corrente dos seculos sem fim que a espera, sem conciliação possivel entre o sonho e a realidade, sem pensamento que a eleve, sem virtude que a redima da escravidão das proprias paixões, sem encontrar o grande mar magestoso e tranquillo onde finalmente se espraie na serena alegria da missão que se cumpriu.

Que o philosopho e o pensador se enganam é para mim ponto de fé. O poeta, porém, é de tal modo grande, admiravel, convicto, apaixonado; tal vida imprime ás hallucinantes obsessões do seu cerebro, que hoje é no mundo tão conhecido como Wagner. A Allemanha, a França, a Inglaterra, a Noruega, a Italia saudam-no como um Mestre. Traduzem-no, representam-no em toda a parte.

A America começa a conhecel-o e a amal-o.

Os seus trabalhos inspiram uma litteratura enorme de commentadores e criticos; os seus dramas são representados por eminencias theatraes; e a sua influencia sente-se nos escriptores modernos mais subtis, mas superioremente organisados. Gabriel d'Annunzio o admiravel artista italiano nutre-se de Ibsen e de Wagner; os francezes que lhe deram algumas das télas em que elle bordou os seus themas psychologicos, começam a receber a influencia renovadora do seu genio.

Ibsen é incontestaveimente um poeta raro, um dos maiores do seculo, E' isto que eu me propuz fazer conhecido aos meus leitores do Brazil, e isto é claro, não significa que eu faça *minhas* as ideias do poeta que analysei e commentei.

FIM

INDICE

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE